Um Lugar para Ficar

Alguns segredos
são fortes o bastante
para destruir você.

DEBCALETTI

Editora Novo Conceito

Um Lugar para Ficar

Alguns segredos são fortes o bastante para destruir você.

DEB CALETTI

Editora Novo Conceito

Capítulo 1

Pra falar a verdade, eu nunca contei esta história a ninguém. Pelo menos não a coisa toda, e nem a verdade por completo. Só estou contando agora por uma única razão: uma história não contada tem um peso muito grande que pode levar você para o fundo do abismo e deixá-lo lá como um navio naufragado no fundo do oceano. Isso eu aprendi. Esse tipo de história, de coisas que são mantidas em segredo, tem o poder de ficar escondida para sempre, principalmente de você mesma. Mas os fantasmas daquele navio naufragado vão continuar a lhe assombrar.

Então, aqui está a história. Sente-se, relaxe e prepare-se.

Eu o conheci num jogo de basquete.

Espere. Você também precisa saber que uma amiga minha, Annie Willows, havia me convidado para ir com ela e seus amigos ao El Corazón naquela noite, para ouvir uma banda, e que eu não quis ir com eles. Se tivesse ido, talvez isso nunca houvesse acontecido. O modo como duas pessoas acabam indo ao mesmo lugar, se encontram no meio de uma multidão, mudam suas vidas e as das pessoas ao seu redor para sempre... faz a gente acreditar no destino. E o destino reveste o amor de um poder maior. Como se ele tivesse sido marcado com um sinal de aprovação vindo lá de cima, se é que você acredita em algo lá em cima. Uma luz verde celestial. Algum significado predestinado.

Enfim.

Minha escola estava jogando contra a dele, e eu estava lá com minha amiga Shakti, que estava torcendo por seu namorado Luke, o número 16, que, no momento, estava sentado no banco de reservas, tamborilando os dedos no joelho como costumava fazer quando estava nervoso. Dentro da quadra havia aquela energia intensa e rápida de uma competição, os gritos estridentes dos torcedores e o rangido dos tênis brecando e deslizando pelo piso brilhante.

Ele estava com outra garota; este era um dos problemas. Percebi vagamente a sua presença enquanto ela se afastava dele, caminhando pela multidão, com a bolsa pendurada no ombro, talvez indo em direção ao banheiro. Os olhos dele a seguiram e pousaram em mim por um instante, e, quando a garota retornou, ele voltou a fixar seu olhar nela, que não percebeu nada do que havia se passado. Isso parece algo horrível de se fazer, e ainda me

sinto mal quando penso nisso. Mas alguma coisa tinha acontecido, e eu não paro de pensar como as coisas poderiam ter sido diferentes se eu tivesse deixado aquele momento passar, e nossos olhares não tivessem se cruzado. Se eu tivesse simplesmente segurado o braço da minha amiga Shakti e me afastado dali, deixando a garota voltar para o lado dele e o destino se mover em uma direção completamente oposta.

Meu pai, Bobby Oates*, disse que amor à primeira vista deveria fazer a gente sair correndo se sabemos o que é melhor para nós. É o seu lado sombrio reconhecendo, instantaneamente, o lado sombrio do outro, diz ele. Você será um idiota se achar que isso significa ter encontrado sua alma gêmea. Então, eu fui uma idiota, pois ele parecia tão legal. Ele era legal. Depois da minha experiência com Dylan Ricks, eu estava procurando por alguém legal. Dylan Ricks uma vez segurou meus braços por trás das minhas costas e os torceu com tanta força que cheguei a ouvir um estalo.

— Vou beber alguma coisa! — gritei para Shakit e ela acenou com a cabeça. Afastei-me dali e segui a linha dos olhos dele até ficar parada exatamente na sua frente. Se você me conhecesse entenderia como isso foi significativo. Eu não era o tipo de garota que ia atrás de um cara. E nunca ignoraria que a namorada dele estava no banheiro ao lado, retocando o batom. Nunca. Eu era uma pessoa legal e meus amigos também, e isso significava que nós não tínhamos aquela arrogância e autoconfiança egoísta e sádica dos garotos e garotas populares. Porém, naquele momento, eu não me importei nem um pouco com ela. É terrível admitir e eu sinto muito, mas é verdade. Eu me detestei por causa disso, no entanto era como se eu tivesse que fazer o que estava fazendo. Não sei explicar. Quem me dera soubesse. Ele era bem alto, de ombros largos e o cabelo loiro caído sobre a testa. Lindo, ah! Sim, e com aquela feição escandinava esculpida perfeitamente. E mesmo assim, não foi apenas a sua aparência que me chamou a atenção. Foi um tipo de atração.

A bola bateu com força na amurada, que estremeceu e rangeu. O apito do juiz estrilou e a multidão irrompeu em gritos de euforia e protestos.

Cobri meus ouvidos com as mãos.

— Alto — eu disse a ele.

---

*Parece um nome conhecido porque você já ouviu falar dele. É escritor de histórias de crime ou, como a crítica diz "contemporany noir". Ele escreveu Her emerald eyes, entre outros. Ah, você deve ter visto o filme também.

Ele se aproximou. Sua voz me surpreendeu. Ele tinha sotaque. Era luxuriante e ondulado, com uma melodia cadenciada e rica que fazia pensar em cidades distantes e terras longínquas, o tipo de cidade que se vê num filme estrangeiro, com as margens do rio cobertas de neve serpenteando pelo centro da cidade, com pontes de pedra levando até uma igreja toda enfeitada. Castelos de gelo, uma família real e casacos forrados de pele. Os outros caras naquela quadra, bem, eles assistiam à ESPN, se esgueiravam nas salas de suas casas de classe média e abriam e fechavam as portas das minivans das suas mães. Olha, eu já o imaginava de mil maneiras diferentes, e não tinha ideia que ele também estava fazendo a mesma coisa a meu respeito.

— Eu nem mesmo sei o que estou fazendo aqui — disse ele. — Na verdade, eu detesto esportes.

Dei uma risada.

— Quantas pessoas você acha que, secretamente, desejariam estar em outro lugar?

Ele olhou em volta. Balançou a cabeça.

— Só nós dois.

Era exatamente o que eu estava desejando. Gostaria que nós dois estivéssemos num outro lugar. Não importa onde fosse. Um calor estava começando a se espalhar e a subir pelas minhas pernas.

— Eu tenho que... — Apontei na direção de Shakit.

— Tudo bem — ele disse.

Voltei para perto da minha amiga, que estava parada na ponta dos pés, nas laterais da quadra, tentando enxergar Luke, que tinha entrado no jogo e estava driblando a bola pela quadra em seus shorts dourados brilhantes.

— Ele entrou — ela comentou animada. — Ah, por favor, meu Deus, não deixa que ele repita o que fez da última vez.

Mas eu estava distraída demais para prestar atenção na partida e ver se Luke não iria passar a bola para o jogador do outro time, acidentalmente, como ele fizera no último jogo. Meu foco tinha mudado por completo. Por um momento, perdi ele de vista. Então ele apareceu, e foi como se meu corpo e minha mente estivessem vibrando com excitação, esperança e incerteza. Você vive momentos banais, mais momentos banais e ainda mais, e então, de repente, algo monumental acontece na sua frente. Você vê o passado e o futuro

se colidindo com o presente, seu próprio e pessoal Big Bang, e nada mais será igual a partir dali.

Foi nesse momento que eu devia ter descartado esses pensamentos e me afastado. Vejo isso como uma estrada à minha frente, uma bifurcação. Deveria ter mantido minha atenção concentrada no Luke, nas suas pernas compridas e seu peito magro; deveria ter gritado quando ele passou a bola certinha, como era o esperado, para o número 24, que fez uma cesta limpa. Eu deveria ter me prendido àquele momento e continuado ali, quando Shakit agarrou meu braço e o apertou. Em vez disso, eu o observei caminhar pela multidão e vi quando ele me olhou e nossos olhares se encontraram novamente antes que ele desaparecesse.

Já era tarde demais. Praticamente, duas primaveras, dois verões, o mar e a tormenta já tinham acontecido.

Capítulo 2

Isso foi antes.

Mas depois, quando o segundo verão se aproximava, meu pai decidiu que nós precisávamos partir. Era perigoso demais ficar ali. Alugamos nossa casa para um pesquisador que estava fazendo um trabalho na universidade. Algo científico. Era difícil imaginar um cara das ciências hospedado na nossa casa, que era superlotada com os livros e papéis do meu pai, sua coleção de lanternas de navios e pesos de papel. Meu pai estava deixando para trás suas preciosas e emaranhadas parreiras, que cresciam no nosso pátio, e das quais cuidava e aparava com tanto amor e dedicação. Nós estaríamos de volta quando as uvas estivessem maduras, a tempo de ele fazer seu vinho caseiro. Por falar nisso, acho que meu pai bebia demais.

Fiquei parada no umbral do seu escritório, com as enormes portas de vidro, que davam para a varanda, totalmente escancaradas. Seus óculos de leitura estavam presos em uma corrente pendurada no seu peito.

— Tudo parece tão grande — falei baixinho.

Estávamos tentando nos apressar, mas eu não conseguia fazer nada. Meu pai estava enfiando uma série de coisas numa caixa.

— Não fica aí parada, Clara Pea. Se mexa.

— Como a gente faz a mala para três meses? — perguntei a ele. Eu nunca tinha me afastado de casa por tanto tempo. Parecia difícil de entender tudo que se relacionava a essa viagem. Ultimamente, minha mente parecia um prédio devastado por um desastre natural, onde a única coisa que eu conseguia fazer era caminhar por sobre os detritos e imaginar o que faria a seguir.

— Pegue apenas as coisas que você mais gosta. Você tem coisas boas, não tem Pea? Seus sapatos favoritos, seu suéter favorito. Camisas, camisetas. Se precisar de algo mais, Deus me livre e guarde, podemos fazer compras. — Papai detestava fazer compras. E shopping centers, telefones celulares e reality shows na televisão, melhor nem falar nisso.

— O que você está levando? — perguntei. Ele estava embrulhando um de seus pesos de papel, um dos maiores, que tinha o formato de uma velha máquina de escrever e era tão pesado quanto uma.

— Já que eu não tenho um taco de beisebol, vou guardar isso debaixo da cama.

Meu estômago se contorceu. Seus olhos estavam brilhantes e ele estava sorridente, mas também notei que estava sério. Ele percebia a mesma sombra ameaçadora que eu sentia. Uma vez, achei que estava sendo seguida e dirigi o carro com tanta velocidade que fui parar num lugar estranho. Olhando agora para meu pai me sentia culpada de repente, ou melhor, novamente, por ele ter que partir. Ele tinha que entregar um livro no final do verão e tinha todos os motivos para querer ficar onde estava.

— Pea, você sabe que eu posso escrever em qualquer lugar — papai falou adivinhando o que eu estava pensando. Ele era bom nisso. Não dava para esconder nada dele. — Eu consigo escrever até na traseira de um caminhão. Quem pode reclamar de estar indo para uma praia, Pea? Talvez eu até queira ficar por lá.

— Pelo amor de Deus, papai. — Esfreguei a mão na minha testa. — Isso é tudo tão estranho.

— Vai ser bom para nós dois — ele disse. Embora não houvesse nada de bom naquilo que estava acontecendo. Ele terminou de embrulhar o peso de papel num jornal e o guardou numa grande mala de couro. Deu para ver muitas páginas do manuscrito lá dentro e, também, um punhado de fichas presas por um elástico. — Você precisa de um lugar onde possa respirar com um pouco mais de tranquilidade. — Meu pai entendia do assunto de ter que se recuperar de uma coisa ruim que o tivesse deixado desarvorado. Há muito tempo, ele fizera uma viagem como essa. Talvez tenha sido um pouco diferente. Tinha mais a ver com tristeza do que com culpa, e só durou duas semanas, porque ele não podia ficar muito tempo longe de mim, que ainda era bem pequena e precisava dele. Eu fiquei com uma grande amiga de meu pai chamada Jojo Dean, enquanto ele chorava, sozinho, a morte da minha mãe.

— Você já fugiu para uma praia antes — eu relembrei.

— Uma praia diferente. Um lugar que eu não quero mais voltar. — Ele fechou o zíper da mala. — Se mexa, garota. — Ele me apressou.

E foi o que fiz.

**

— Ainda não. Não tem como vê-la daqui. É a ponte sobre o Desfiladeiro da Desilusão. Viemos aqui há muito tempo. Eu carreguei você até a praia.

Quando voltamos para o carro, percebemos que você tinha perdido sua sandália. Sua mãe correu de volta a trilha toda para pegá-la. Eu disse a ela para esquecer aquilo, que iríamos comprar um novo par para você, mas ela correu os dois quilômetros até lá. E voltou com a sandália — ele sorriu. — Foi um triunfo.

Sorri também. As janelas estavam abaixadas e ele estava falando alto. Meu pai não gostava do ar-condicionado quando podíamos sentir o cheiro que vinha de fora e a sensação do vento batendo nos nossos rostos.

— Tudo bem, prepare-se.

Ele estava certo. O Desfiladeiro da Desilusão: não tinha como não notar aquela ponte que se estendia por sobre as águas. Era impressionante o modo como a natureza subitamente se exibia à nossa frente com toda sua grandeza e beleza. Saímos da floresta, e então: "Uau! Simplesmente, uau!" Este despenhadeiro profundo, esta queda íngreme até as águas cintilantes do desfiladeiro e uma ponte estreita se estendendo e alcançando uma distância impossível.

— Vamos encostar o carro. Essa é uma ponte que você tem que atravessar a pé.

— Entendi. Uma metáfora, certo? — Papai era um escritor até o último fio de cabelo e adorava metáforas. Para ele, tudo era uma metáfora. Até a sua roupa suja poderia ser uma. Encontros inesperados com caca de cachorro? Com certeza que sim.

— Ahh, eu nem pensei nisso — ele disse. Ele já tinha soltado o cinto de segurança e escancarado sua porta naquele semicírculo de cascalho que formava o mirante. — Desfiladeiro da Desilusão. Como alguém faz essa travessia definitivamente?

— Você está me perguntando? — indaguei, curiosa. Nós não estaríamos parados ali se eu compreendesse como lidar com a desilusão e com as minhas próprias mentiras. Dei um passo para fora. Respirei fundo, o ar parecia intenso. As águas azuis e cinza esverdeada se estendiam à nossa frente e brilhavam sob o sol. O perfume era delicioso. — Fico achando que temos que ir. Como se tivéssemos que nos apressar.

— Podemos relaxar agora — ele disse, ao dar um suspiro dramático. — Ah! Isso é magnífico, né? Jesus, eu deveria escrever uma história centrada aqui.

Ele estava certo. A murada de pedras que despencava até a água era simples e íngreme, e quando demos um passo à frente, no caminho estreito da

ponte, meu estômago pareceu que despencaria e cairia lá embaixo, sobre as ondas furiosas. A paisagem era melancólica e perigosa.

— Não consigo olhar — murmurei. Era muito fundo. Estávamos seguros ali, nossos pés estavam no chão firme da ponte e eu segurava com força a grade de ferro que a cercava, mas meu coração ainda sentia a força daquela longa, íngreme queda.

— Olhe para isso. Vamos, eu sei que você consegue — papai falou. — Olhe de frente para o seu medo. O medo é um grande mentiroso.

Isto não era apenas uma baboseira motivacional para me ajudar a superar o que estava acontecendo naquele momento. Era assim que meu pai falava na maior parte do tempo. Suas palavras tinham camadas; elas iam a duas, três direções, enquanto as das outras pessoas iam a uma só. Ele era curioso, brincalhão, sedento por significado e sua fala refletia isso. Meus amigos diziam que ele parecia um escritor. Eu não entendia o que isso significava até passar algum tempo na casa das minhas amigas Annie, Emma e Shakit, onde seus pais ou perguntavam como tinha sido a escola ou simplesmente não diziam nada.

Tivemos que atravessar a ponte em fila indiana, e eu segui atrás dele enquanto os carros passavam rápido de um lado e, do outro, estava a queda íngreme. Chegamos ao outro lado da ponte onde algumas placas de advertência estavam colocadas ao longo do penhasco, como se alguém fosse burro o bastante para subir ali. Eu me senti um pouco enjoada e um pouco orgulhosa. Aquilo tinha certo significado, embora eu ainda não soubesse qual. Tinha que haver um, a gente não atravessa uma distância perigosa sobre a Desilusão sem que isso signifique alguma coisa.

**

Voltamos para o carro e descemos para a ilha. Dava pra sentir o ar salgado e úmido misturado com o cheiro do mar. A casa era pequena, cinza e cheia de seixos de praia e ficava na ponta da península. Apesar de tudo, eu estava animada, com vontade de correr e explorar o lugar como uma criança de férias. Meu pai tinha achado a casa na parte final da revista Seattle, onde ficam os anúncios de viagem. Um cara a estava alugando enquanto trabalhava na Califórnia. Deixamos o carro lotado, meu pai destrancou a porta da frente, e eu dei uma olhada em tudo, a pequena cozinha, os armários, o pequeno quarto branco com cortinas brancas, que seria o meu, e o quarto maior coberto de lambris, que seria o do meu pai. O dono da casa tinha bom gosto, suas camisas

eram caras e o armário da cozinha estava cheio de vinagres saborizados, azeitonas enormes e uma garrafa de Scotch.

— Tem algo a ver com a indústria cinematográfica. — Meu pai tentou adivinhar. — Califórnia, certo? Faz sentido. — Ele estava parado ao lado da prateleira de livros, o primeiro lugar em que ele ia para conhecer uma pessoa.

Dei uma olhada também.

— *The Elements of Screenwriting* de Elia Kazan: A Life; *The Making of* Citizen Kane. Mas espere aí? O livro *See You at the Top? The Art of Closing Any Deal?* Será que ele é um homem de negócios? O que você sabe sobre esse cara?

— Não sei de nada — meu pai falou satisfeito. Este era um jogo que poderia nos entreter por no mínimo três meses, fácil, fácil.

— Nós poderíamos procurá-lo na internet — eu disse.

— Isso é trapaça! — ele respondeu. — Não se atreva. Vou pegar as malas no carro. Fique à vontade para descobrir mais dicas sobre nosso anfitrião.

Em vez de reunir mais pistas, preferi me sentar na minha cama, no quarto limpo e fresco. A cama tinha aquele tipo de lençol e edredom em que a gente poderia ficar deitada por anos. Quem dera eu pudesse dormir por anos, de tão cansada que eu estava. Estava exausta por um milhão de anos. Os lençóis tinham um cheiro bom, como a primavera. Olhei para fora da minha janela emoldurada com tinta azul. Dava pra ver a praia, da minha cama, assim como o mar azul cinzento, ainda que, quando a noite chegasse, depois do jantar, lá fora ficasse terrivelmente escuro. A escuridão do oceano era sem fim.

Comecei a pensar: ninguém aqui sabia quem eu era, e ninguém sabia onde eu estava. Era uma sensação incrível de liberdade. Eu podia ser quem eu quisesse. Podia ser alguém com um passado totalmente diferente e um futuro aberto à minha frente.

Você poderia imaginar que, com esses pensamentos, uma pessoa deveria dormir com facilidade. No entanto, ficava imaginando que se alguém estivesse andando em volta da casa, bem do lado de fora da minha janela, eu não ouviria os passos na areia macia.

Capítulo 3

Claro que eu fui ao próximo jogo de basquete que nossa escola jogou contra a dele. Assim que eu cheguei em casa, naquela primeira noite, procurei no calendário dos jogos quando estaríamos jogando novamente contra o time dele. Não parei de pensar nisso nenhum dia sequer. Comecei a conversar com ele na minha imaginação, do jeito que a gente faz quando sente que essa pessoa vai ser importante na nossa vida. Contei a ele coisas sobre mim, coisas que achei que ele deveria saber. Que eu era uma pessoa muito tímida e que procurava esconder isso; e que era muito certinha também. Nunca experimentei fumar maconha e nunca tive vontade, porém fui a muitas festas e fingi beber alguma coisa quando não estava bebendo nada. Eu lia demais. Tinha medo de aranhas, mas uma vez fui picada por uma centena de abelhas e não chorei. Contei a ele que adorava fazer um caminho no meio do purê de batatas com as costas da colher, que adorava o cheiro de madeira e cachorros brincalhões, mas que eu não sabia o que queria ser quando "crescesse". Talvez fizesse algo relacionado às palavras, assim como o meu pai; contei a ele, na minha imaginação, por que as palavras são colinas e vales por onde você viaja, tão encantadoras que, às vezes, o fazem chorar. Disse a ele que eu tinha certeza de que havia um lugar certo para mim e que eu apenas não o havia encontrado ainda.

Fiquei imaginando ele me contando outras coisas. Suas primeiras lembranças. Quem o tinha machucado e quem mais o amava. Seus sonhos. Sei que isso é burrice e eu não sou assim, mas até imaginei a gente morando juntos em algum lugar. Fiquei imaginando como era o lugar de onde ele viera. Iríamos visitar museus, com pinturas em molduras douradas e pesadas, ou observar as luzes do norte com luvinhas de lã nas mãos.

Eu já tinha decidido o que usar três dias antes*, mas assim que vesti os jeans e aquela camisa, percebi que estava forçando demais, talvez porque eu estivesse de fato forçando demais, e estivesse prestes a dar início a uma crise, daquelas que as pessoas entram em pânico por não saber o que vestir, mesmo tendo um guarda-roupa cheio. As roupas se amontoavam numa pilha e eu sabia que chegaria atrasada, então decidi vestir algo que estava acostumada a usar o tempo todo: minha velha calça jeans e uma camisa verde macia. Tirei a presilha do meu cabelo e deixei-o solto.

*Tudo bem, eu tinha comprado roupa nova.

Imediatamente comecei a me senti melhor; sentir segurança num momento daqueles já era bem difícil sem ter que usar uma roupa nova também.

Peguei o carro do papai emprestado e ouvi o meu CD favorito para me preparar. Chequei minha aparência no espelho retrovisor a cada parada do semáforo. Meu estômago estava revirado. Estava passando por tudo isso e nem sabia ao certo se ele estaria lá ou não.

O estacionamento estava lotado. Acho que era uma das partidas finais da competição de basquete, eu não acompanhava com atenção os detalhes que Shakit me contava. Já estava escuro e, em todos os cantos, percebia-se a animação e a expectativa de um grande evento: faróis acesos, gritos e risadas altas, pessoas atravessando em frente aos carros em marcha lenta e correndo para o meio-fio. Shakit me encontrou em frente ao estacionamento de bicicletas, nosso lugar costumeiro. Os olhos dela estavam brilhantes sob as lâmpadas da rua.

— Chegou a hora — ela disse e deu um gritinho. Shakit não era do tipo de dar gritinhos, nem eu. Ela era inteligente e séria, e os jantares na casa dela eram meticulosos e quietos, embora as enormes travessas de comida servidas por sua mãe fossem fumegantes, deliciosas e, de certo modo, apaixonantes. Shakit sonhava em entrar na faculdade de medicina e, sem dúvida, ela conseguiria, ao contrário do amigo de Luke, Sean Pollard, que queria entrar para a faculdade de direito de Harvard, mas que achava que uma "ação" não passava de um acontecimento agitado.

— Luke está nervoso? — perguntei.

— Ah, meu Deus, Clara, ele tá quase passando mal. Tem um milhão de pessoas lá dentro.

— Pobre coitado — comentei. Mas eu não senti o "pobre coitado". O que senti era a minha própria decepção. Um milhão de pessoas. As chances de eu encontrá-lo numa multidão como essa era quase nula.

Nos misturamos à multidão. Nossa torcida estava fazendo um batuque que arranhava os ouvidos com o barulho. Era o grito de guerra tribal contemporâneo. Shakit tinha o seu lugar favorito, bem perto do banco dos jogadores, de onde ela podia prestar atenção em Luke e no treinador assistente, nosso velho professor de história, Sr. Dutton. O rosto dele revelava suas emoções e Shakit tinha certeza que entendia qual era o seu plano de jogo para Luke, por meio de suas expressões. Eu não tinha problema em ficar ali. Na

minha cabeça, eu e o garoto vindo de longe tínhamos feito um acordo e nos encontraríamos novamente no mesmo lugar. Chegaria perto dele como tinha feito da última vez. Estava tudo planejado entre nós.

O apito soou; o jogo começou. O estrondo da corrida e das batidas da bola sendo driblada na quadra explodiu. Todos estavam gritando. Mas eu parecia estar num lugar estranho, com a sensibilidade aguçada que torna você parte do ambiente e, ao mesmo tempo, distante dele. O placar estava piscando e Shakit gritava alguma coisa para mim e para nosso bom amigo Nick Jakes, que viera ficar conosco, mas eu apenas sentia aquela presença única que estaria em algum lugar daquele ginásio e que me deixava ciente de estar sendo observada. Ele estava ali, no ginásio, e ambos sabíamos disso.

Continuei a procurá-lo na multidão olhando em direção ao lugar onde o tinha visto com a garota da última vez. Ele não estava lá. Não estava em nenhum lugar. O primeiro tempo estava quase terminando. Então, estávamos indo em direção ao final do segundo. Estava começando a perder minha energia para este jogo, aquele que eu estava jogando sozinha. A decepção e a minha tolice estavam começando a se infiltrar na esperança que eu havia acumulado. Estava começando a reescrever a coisa toda. E daí que tivéssemos conversado um com o outro? Obviamente isso significara mais pra mim do que para ele. Isso acontece, certo? Não tem nada demais. Fiquei feliz de não estar usando a roupa nova. Teria sido humilhante voltar para casa com aquela roupa.

Nick comprou coca-cola para mim e para Shakit, dois refrigerantes derramando para fora dos copinhos plásticos. Seus dedos tocaram nos meus quando ele me entregou o copo. Não tinha percebido antes, mas achei que Nick gostava de mim. Nós agradecemos a ele e ficamos paradas gritando piadas sobre a mascote do outro time, que usava uma fantasia que parecia um ratinho musculoso. Eu disse alguma coisa que fez Nick dar uma risada e ele passou seus dedos no passador do meu cinto e sacudiu minha cintura. Os ponteiros estavam se movendo. Era difícil me esquecer da fantasia que eu mesma havia criado.

Senti então um toque no meu ombro, duas batidas leves com um folheto enrolado. Virei a cabeça.

— Você ainda gostaria de estar em outro lugar? — ele gritou.

Meu coração, que havia escapulido para um lugar seguro, de repente deu um salto e disparou em desabalada carreira. Algumas pessoas decepcionam quando você as vê depois de algum tempo em que elas habitam a sua imaginação. Elas podem parecer mais jovens e agir infantilmente, ou ter uma

verruga estranha ou os dentes tortos. Mas ele não foi uma decepção. De modo algum. O cabelo loiro e sedoso e os olhos azuis. E ele cheirava muito gostoso. Tão bom que o calorzinho começou a borbulhar novamente, deixando meus joelhos tremendo e minhas pernas bambas.

— Oi — cumprimentei.

— Oi.

Ficamos nos olhando e sorrindo como se tivéssemos feito algo extraordinário ou realizado um passe de mágica. Então, ele gesticulou com a cabeça em direção à porta e disse:

— Vamos.

— Volto logo — gritei para Shakit e Nick. Ainda estava segurando o refrigerante que o Nick tinha me comprado. Agora ele era um copo de emoções misturadas com gelo picado. Shakit olhou para aquele estranho e levantou as sobrancelhas, curiosa, mas também reprovadora. Não conhecíamos este cara. Não era o tipo de coisa que uma de nós faria. No entanto, nós duas conhecíamos Dylan Ricks e olha o que aconteceu.

Eu o admirei por trás, os ombros largos, a camiseta apertada e um bumbum perfeito. Era do tipo que dava vontade de beliscar, se é que você me entende. As portas do ginásio estavam abertas e, do lado de fora, havia a sensação de liberdade que vinha com o ar frio da noite misturado ao cheiro de alguém fumando a distância. Um carro deu marcha ré e gritaram alguma coisa. Alguém apertou a buzina e xingou: "Idiotas!", e deram gargalhadas.

Enquanto caminhávamos em direção à pista de atletismo, a energia vibrante e os sons da quadra ficaram para trás. Não tinha certeza de quem estava no comando, mas acho que era eu. Era eu. Eu estava no comando o tempo todo, você percebe? É isso que eu estou tentando dizer. As arquibancadas do campo eram um bom lugar para se conversar. Passamos pelos portões escuros da entrada e nos sentamos no alto das arquibancadas de metal. Depois de ter estado presente apenas na minha cabeça, durante semanas, ele agora estava ao meu lado. Era difícil de acreditar. O ar tinha cheiro de outono, folhas de laranjeiras empilhadas no chão deixavam seu perfume subir pela noite de outubro. Era surpreendente e irreal, como se eu estivesse vivendo no corpo de outra pessoa. Não era assim que eu imaginara que isso aconteceria, mas estava tudo bem. Era ainda melhor.

— Você tem um cheiro tão bom — ele murmurou. Ah, aquela voz.

— Na verdade, estava pensando o mesmo de você — falei. — Sou Clara. Nós nem sabemos nossos nomes completos ainda. Sou Clara Oates.

Ele não perguntou nada sobre meu pai, como a maioria das pessoas costumava fazer quando eu dizia quem era. Dava para perceber que ele era novo por aqui.

— Christian Nilsson. Apertamos as mãos? — Ele brincou. Seus olhos estavam sorrindo. Estendi minha mão para continuar a brincadeira e ele a pegou. Ele deslizou um dedo pela palma da minha mão antes de soltá-la.

Isso me causou um arrepio. Christian. O nome era uma surpresa. Este era o nome dele de verdade, quem ele era, uma informação sobre ele que eu ainda não possuía. Senti como se uma porta se abrisse para uma terra distante.

— Que nome lindo — murmurei. Minhas palavras soaram bobas, de repente, e percebi que estava corando. Era um lindo nome, parecia o nome de um designer estrangeiro, enquanto eu era simplesmente eu, não tinha nada de especial.

— Quem era aquele cara que estava com você? — ele perguntou.

— Nick? É só um amigo.

— Ah! — falou como se houvesse mais coisas a serem ditas, o que não havia. Ele olhou de relance para a pista vazia. Dylan Ricks tinha jogado no time de lacrosse e eu tinha me sentado naquele mesmo lugar para vê-lo jogar. — Estava torcendo para encontrá-la aqui esta noite. Eu nem ligo para este jogo.

As palavras pareciam ricas e melodiosas ao sair de sua boca. Se não houvesse mais nada, sua voz bastaria para amá-lo.

— Estava torcendo para encontrá-lo — confessei. Eu fui direta. A Lua estava grande e branca e eu não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Dylan Ricks tinha sido meu único namorado até então. Eu tinha ido ao cinema com Terrence Hiligan, tinha saído para tomar café com ele, esse tipo de coisa, mas nunca tive vontade de beijá-lo. Fui ao baile de formatura com Harrison Daily. E, uma vez, fui ao cinema com o Dean Yamaguchi só para ser legal. Parece que a minha vida estava mudando.

— Só para você saber, eu não costumo ir atrás das garotas deste modo.

Ele me olhou ansioso e eu sabia o que deveria dizer naquela hora, que eu também não fazia este tipo de coisa. O que era verdade, portanto não era difícil de dizer, mas percebi que era isso que ele queria ouvir, para se sentir seguro,

talvez, e isso me fez sentir... poderosa. De um jeito que eu nunca tinha sentido antes. Mas ele não sabia disso. Para ele, eu era alguém importante, e isso me dava uma sensação boa. Era divertido. Como se, inesperadamente, tivesse me tornado poderosa, mágica, como se pudesse voar num imenso balão. No entanto, em vez disso eu falei brincando:

— Bem, eu também não vou atrás de garotas. Mas dos caras...

— Ah, entendi — ele disse. — Você é desse tipo. — Ele me fitou com aqueles enormes olhos azuis, azuis. Olhei intensamente a sua boca. Dava vontade de morder aquele lábio carnudo. Queria fazer isso agora. Eu nunca tinha me sentido assim com Terrence Hiligan. Acho que também nunca me senti assim com Dylan.

— OK, vou fazer uma pergunta óbvia — falei. — De onde você é?

— Texas — ele respondeu, sorriu para mim e eu dei uma risada. — Não, de Copenhague. Minha mãe se casou com um americano. Ela era jornalista e eles se conheceram aqui na Califórnia. Mudamos para os Estados Unidos há três anos, mas minha mãe detestou Los Angeles.

— Uau! — repliquei. — Não consigo nem imaginar como é Copenhague. Mas meu pai também é um escritor. Ele é romancista, escreve livros de mistérios, crime...

— Nós não lemos muitos livros pocket — ele comentou.

Senti a reputação do meu pai despencar, injustamente, de um autor de best-sellers com incontáveis fãs* para um escritorzinho de brochuras com capas douradas vendidas em bancas de supermercados e nos sebos por 50 centavos. Minha atitude defensiva despertou e eu estava prestes a atacá-lo, enumerando os vários prêmios literários que meu pai recebera, quando Christian segurou minha mão. Pude perceber que ele não quis me ofender com aquele comentário. Ele segurou minha mão nas dele e isso era algo que os garotos daqui não costumavam fazer. Parecia que estava segurando algo precioso.

— Ainda bem que sua mãe não gostou de Los Angeles — comentei.

---

*Inclusive, você deve se lembrar de uma fã maluca que tentou replicar, na vida real, a trama do Fine young woman, mas que, graças a Deus, foi presa antes que machucasse alguém. Se você visse meu pai tentando cozinhar e falar ao telefone ao mesmo tempo, você ficaria chocado com o poder que ele tem sobre as pessoas. Ele pode andar com a camiseta do avesso e nem notar a etiqueta do lado de fora, recebendo uma nova visão do mundo.

Ele me olhou bem fundo nos olhos e tenho certeza que ele pôde me enxergar por inteiro através daquele olhar, como ninguém fizera antes. De repente, não me senti mais como uma garota de 17 anos, às vezes corajosa, mas ligeiramente insegura. Senti-me madura e pronta para que um homem pudesse me respeitar e desejar. Senti tudo isso enquanto estava sentada naquele assento frio da arquibancada. Ali, eu era muito mais do que costumava ser, disso tenho certeza.

E os olhos dele, tão azuis, enquanto os meus revelavam tudo, os dele eram uma enorme incógnita. Terras desconhecidas, longas viagens de avião, um país de vikings e do solstício de verão, gente loira e linda, velhos castelos reais e a sombra branca e gelada da Groenlândia. Ruas movimentadas com curvas sinuosas lotadas de pessoas e de cheiros de temperos promissores. Nossas ruas aqui eram monótonas e silenciosas, com exceção do semáforo que, atenciosamente, avisava aos cegos que eles podiam atravessar. Nós éramos um simples sorvete de creme, e o resto do mundo possuía todos os outros sabores.

Essas coisas todas pareciam um convite para uma festa que você nunca pensara em participar, mas, de repente, estava prestes a se realizar.

Ele se curvou e senti seu hálito quente. Ele ia me beijar, eu pensei. Ele esperou e, então, me aproximei dele. Eu queria aquele beijo. Ele chegou mais perto, nossas bocas se tocaram, nossas línguas se entrelaçaram e tudo ficou muito intenso. Ah, meu Deus. Eu parei.

— Tenho que voltar — falei ofegante. Minha boca tinha um gosto diferente.

— Vamos caminhar então.

Era estranha essa sensação de liberdade repentina. Minhas pernas cambalearam enquanto eu descia as arquibancadas. A noite estava tão graciosa e fluida que não combinava com o barulho que meus sapatos faziam ao tocar nos assentos de metal enquanto eu descia em direção ao campo. Antes de chegarmos à porta do ginásio ele parou.

— Prometi a mim mesmo não bancar o idiota desta vez e me esquecer de pedir o número do seu telefone.

— É mesmo, já pensou se a gente esquece? — Era tudo tão novo e tão frágil que poderia desaparecer como a neve derretida, como a palavra falada, como um sonho ao despertar. Precisávamos solidificá-lo. Com números de telefones e endereços e planos para nos encontramos novamente. Procurei na minha bolsa por um pedaço de papel, mas não encontrei nenhum. Achei o

cartão comercial de um mecânico que tinha acabado de consertar o carro do meu pai, "Jake Ritchee, Smith and Gray Auto". Risquei a parte da frente e escrevi meu nome, telefone e endereço de e-mail nas costas do cartão. Christian pegou minha caneta, virou minha mão para cima e escreveu o número dele na minha palma.

— Está marcado em você para sempre. — Ele brincou.

— Tudo bem — respondi. Tinha chegado aquele momento estranho de dizer adeus. Um beijo ou um abraço talvez fossem um pouco demais.

— OK — falou como se tivéssemos resolvido algo importante. Ele sorriu, mas sua autoconfiança parecia abalada. Parecia ligeiramente aturdido, atordoado. Algo o tinha perturbado. Perceber isso me deixou poderosa. Ele pensou por um momento antes de falar: — Você deixou que eu a beijasse.

— E eu deixaria novamente — sussurrei.

Ele se virou e foi em direção ao seu carro. Na verdade, ele nem estava se importando com o jogo, nem voltar para assisti-lo ele quis. Contudo, eu voltei com seu número de telefone escrito na palma da minha mão, e a tinta preta parecia tão permanente quanto uma tatuagem. Foi aí que me lembrei de que tinha esquecido meu copo de refrigerante no assento da arquibancada. Encontrei Shakit no mesmo lugar. Ela, agora, estava conversando com o nosso amigo de Uganda, Akello. Nick tinha ido embora.

— E então, quem era aquele? — Shakit perguntou.

— Christian. Ele é da Dinamarca.

— Humm. Tome cuidado — Akello falou. — Eles juntam um mundo de consoantes. E tem o Abba.

— Eles não eram suecos? — Shakit inquiriu.

— Dancing Queen, alta e malvada, aí vem a Dancing Queen — Akello cantou. Sua voz era estridente e ele dançou um pouco com os braços para cima.

— Abba Greatest Hits Gold — Shakit anunciou como se estivesse num alto-falante.

Revirei os olhos impaciente e Shakit me fitou como querendo dizer que aquela conversa ainda não estava terminada. Mas eu não queria dividir nada do que estava sentindo com ninguém, nem com ela. Precisava de um tempo sozinha para pensar no que tinha acontecido, para poder reviver aquele

momento delicioso e torná-lo cada vez mais real. Como se, a cada vez que eu repetisse a história para mim mesma, mais verdadeira ela se tornasse.

Nem fiquei sabendo qual foi o placar do jogo. Voltei para casa, fiquei deitada na escuridão do meu quarto e tentei repassar na minha mente tudo o que havia acontecido naquela noite, do princípio ao fim, "Você deixou que eu a beijasse". "E eu deixaria novamente". Minhas palavras tinham parecido ousadas e diretas (e tive sorte também, já que quando procuro uma palavra certa ela nunca vem), e ele pareceu agradecido e ligeiramente atordoado. Era uma sensação de poder sentir que a gente deixou alguém tão aturdido. Era uma sensação nova, e eu gostei. Tive certeza de que aquela sensação de poder me faria ser audaciosa novamente e mais atrevida também. Não que ele não fosse tão audacioso nem interessante como eu. Era assim que a gente se sentia quando tinha confiança em si mesma. Parecia haver um turbilhão girando dentro de mim, e a maior de todas as ironias foi que a sensação mais intensa que eu experimentara nessa noite fora a do meu próprio poder.

Talvez ele também tivesse notado isso. Talvez esse tenha sido o início de tudo. Meu poder o tornara, repentinamente, fraco. E, em parte, isso fora minha culpa. Fui eu que o conduzi, que o levei naquele tipo de viagem, eu assumi o gosto pelo controle e gostei da sensação. Mas talvez eu estivesse apenas inebriada com aquele beijo; meu lado sombrio indo de encontro ao lado sombrio dele, e só podia considerar sua reação como a de alguém atordoado. Não sentia que ele estivesse me fazendo uma acusação naquele momento, mas era o que estava ali desde o começo, não era? Isso significava que não importava o que eu tivesse feito, dito ou sentido? Será que não houvera, realmente, "um crescendo" que eu mesma provocara, ou ao contrário, foram as atitudes dele que se revelaram aos poucos?

Foi difícil perceber que ele estava me acusando com aquelas palavras até ouvi-las, repetidamente, na minha lembrança. E as relembrei muitas e muitas vezes, assim como acontece quando a gente está tentando entender a lógica irracional das tragédias.

Capítulo 4

Quando acordei, meu novo quarto na casa alugada estava coberto pela bruma da manhã e o sol ainda estava escondido atrás das nuvens. Tinha deixado a janela aberta e a brisa que entrava tinha um cheiro úmido e salgado. Vesti meu roupão e olhei a longa faixa de areia, que, agora que a maré estava baixa, era duas vezes maior do que na noite passada. Meu coração deu um salto e este arrebatamento significava que ainda havia coisas boas por vir. Estávamos certos ao vir para cá, nem que fosse só porque o mar nos lembrava de que coisas impossíveis eram possíveis. Quilômetros e quilômetros de águas profundas que se moviam com a precisão de um relógio eram possíveis. Criaturas como águas-vivas e ouriços-do-mar, também. Milhões e milhões de minúsculos grãos de areias que formam uma longa praia macia, sim, até isso era possível.

Ou talvez fosse o cheirinho do bacon na panela que me fazia sentir tão bem. O papai tinha ligado o rádio também, na NPR, ao que parece. Em casa ele me deixava maluca com o som da NPR, mas, aqui, eu até que gostei. Era algo familiar, mas novidade neste novo lugar. As panelas estavam fazendo barulho, o que significava que ele estava fazendo rabanadas também, e dava para ouvi-lo assobiando. Apressei-me e, pela primeira vez, depois de um longo tempo, estava ansiosa para ir ao encontro de uma coisa boa, bem diferente de me apressar para fugir de algo ruim.

— O grande dia nos espera, Sweet Pea — meu pai falou alegremente. Ele estava vestindo uma calça de pijama listrado, amarrada na cintura com um cordão, uma camiseta branca e empunhava uma espátula. Estava usando também um velho par de chinelos. Seu cabelo preto, levemente grisalho, estava um pouco mais comprido do que o normal, embora a barba e o bigode estivessem bem aparados. Ele estava usando os óculos retangulares pretos que costumava pôr de manhã ou quando as lentes de contato o estavam incomodando. Seu nariz era grande e ele tinha um jeito meio rude, e as mulheres achavam que ele era italiano devido à sua pele morena. Elas gostavam do seu jeito, e ele, frequentemente, recebia cartas delas, inspiradas pela foto que aparecia na contracapa de seus livros*.

*Que, por sinal, fui eu que tirei. Se você olhar bem de perto e vir o crédito da foto, vai ver que está escrito Photo by S.P. Clara, que é o nome que me deram. O S.P. quer dizer Sweet Pea. Bela foto, não? Minha mãe era fotógrafa e papai diz que eu puxei a ela.

— Isso parece tão bom — eu disse. — Estou morrendo de fome.

— Que bom. Você está magra demais. Isso me faz lembrar sua mãe.

Minha mãe, Rachel Fournier Oates. Era verdade, ela era muito magra. Vi isso nas fotos. Eu era muito parecida com ela e não com meu pai, com o cabelo castanho-claro dela, o rosto anguloso e seu olhar sério. Ela costumava usar o cabelo comprido e liso, ou preso num rabo de cavalo. No entanto, o do meu pai ia até os ombros.

— São todos magros do outro lado da família — argumentei.

— São os nervos — disse ele. Ele não se estendeu muito na explicação e eu não insisti. A família da minha mãe detestava meu pai e parece que o sentimento era mútuo. Apesar de tudo, eles eram nossos parentes, dela e meus. Roubei um pedaço de bacon da travessa.

— Bacon me faz acreditar em Deus.

— Acho que os porquinhos não iriam concordar. Vê se encontra um molho de pimenta por aí — papai falou, o que significava que ele iria preparar ovos também. — Você não vai acreditar no que eu encontrei na estante em cima da minha cômoda. — Ele fez um gesto em direção à mesa onde um álbum fino de fotos de couro estava colocado no lugar que deveria ser o meu.

— Sorte grande — exclamei. — Agora vamos saber como ele é.

— Não tenha tanta pressa — papai falou. — Ei, dê uma olhada nessas facas. Este cara só gosta do que há de melhor.

Sorri para o meu pai, que empunhava uma faca de prata com o cabo preto, e olhei para o álbum. Abri a capa esperando ver nosso misterioso anfitrião de corpo inteiro, mas, ao contrário, havia apenas fotos pequenas e opacas dos anos de 1970, garotos loiros com cabelos finos e desgrenhados, camisas de flanelas enfiadas nas calças jeans com cintos largos. Virei a página e lá estavam os mesmos rapazes, com seus pais, em frente a uma árvore de natal salpicada de branco. Parecia uma viagem de família para alguma capital de estado.

— Só podemos deduzir que ele é loiro — falei.

— E um pouco mais jovem do que eu. Você não acha? — meu pai falou. — Ele devia estar fazendo o colegial aí, você não acha?

Meu pai estava adorando tudo isso. Talvez ele gostasse da ideia de não saber ou talvez ele gostasse da aventura da descoberta. Uma vez, nós seguimos um holofote por quilômetros até chegarmos a um lançamento imobiliário no Fred Meyer, em Lynnwood. Meu pai nem ficou desapontado.

— Acho. Ah. Está quente aqui. — Levantei o álbum para que ele visse um casal de adolescentes na frente de um painel púrpura com uma lua dourada. Era um baile de escola. — Terno de três peças no colegial? Ele está vestindo um colete.

— Ele não é sexy, ele é um garanhão. E ela é uma gata. Eles estão prestes a sair deste baile idiota e dar uns amassos no banco de trás do carro. Já notou que ninguém mais faz isso? Ninguém é bizarro? Ninguém faz sexo? — Meu pai estava empolgado. Quebrou os ovos numa frigideira e eles começaram a fritar na manteiga derretida. Ele até tirou uma casquinha do ovo com a ponta dos dedos.

— Ninguém rebola mais... — acrescentei. Lembrei-me da mãe da minha amiga Danisha ouvindo músicas antigas no rádio, quando nos levava para a escola de manhã.

— Não tem mais lindas garotas hippies. — Meu pai suspirou. Dava para perceber que ele gostava do som das palavras, e eu também.

Comemos aquele enorme café da manhã. Papai colocou mais algumas rabanadas no meu prato, porque precisávamos estar preparados para o grande dia. Eu gemi ao ouvir isso, pois esse era o tipo da comida pesada que pedia uma soneca mais tarde. Era quase que um coma provocado pela comida. Não sei como os motoristas de caminhão conseguem fazer isso. Imaginei-me deitada na minha cama branca, no quarto branco, lendo os livros da estante do homem misterioso.

— Você não precisa trabalhar hoje? — perguntei.

— Vamos explorar a cidade — ele murmurou enquanto mastigava os ovos mexidos. — Vamos encontrar a biblioteca, o banco, o mercadinho. Ah, e um trabalho para você.

Empurrei meu prato.

— Aqui tem comida para um batalhão.

— Pelo amor de Deus papai, não...

— Se você acha que vai ficar o dia inteiro vagabundeando por aí e se lamentando pelo estado miserável em que sua vida se encontra, durante todo esse verão, pode tirar o cavalinho da chuva. Um emprego e talvez preencher algumas inscrições para a faculdade, certo? É para o seu próprio bem. Preste atenção, porque quando os pais falam que alguma coisa é para o seu próprio bem, eles querem dizer para o bem deles também. Não posso trabalhar com você jogada em seu quarto o dia inteiro.

— Tem quilômetros de praia lá fora. — Tentei argumentar.

— Esqueça isso.

— Você viu o tamanho dessa cidade? Quais são as chances de eu encontrar um emprego?

— Chance nenhuma, se você não procurar. Você não é o tipo de pessoa que fica deprimida, C.P. Quando é que você já ficou deprimida? Nós, os Oates, somos pessoas de fibra. Enquanto estivermos aqui, você tem que se preparar para o que vai fazer depois. — Ele afastou a cadeira e se levantou. Por um minuto achei que ele fosse bater com as mãos no peito como se fosse um gorila. Com certeza, o peito dele estava inflado. — Meu Deus, como o ar do oceano é energizante — ele exclamou.

**

A biblioteca foi nossa primeira parada, como era costume quando meu pai chegava a um lugar novo. Ele visitava bibliotecas como as outras pessoas visitavam museus ou igrejas históricas. A biblioteca de Bishop Rock era tão pequenina que caberia dentro da seção infantil da nossa biblioteca de Seattle. Ele bateu papo com a bibliotecária, que, eu percebi, não tirava os olhos dele. Eu já falei sobre isso antes, que as mulheres o olhavam deste modo. Ele examinou um livro enorme e pesado sobre a história dos revólveres (aquela coisa pesava uns sete quilos mais ou menos, juro) e também vários romances, e eu fiz o mesmo.

— Ela falou pra gente procurar um emprego para você nas lojas de doces — meu pai comentou quando saímos de lá e estávamos de volta à rua principal. — Sabia que os doces de Bishop Rock são conhecidos mundialmente? — Ele deu um sorrisinho de superioridade, mas dava para perceber que estava gostando da cidadezinha. Caminhamos pela calçada, passamos por um mercadinho, uma loja que vendia camisetas de recordação, e finalmente chegamos à loja de doce. A doceria tinha um toldo de tiras amarelas e um cheiro doce e amanteigado que escapava porta afora e nos atingia em cheio,

como uma avalanche de açúcar. Meu pai parou, mas se deteve apenas por um segundo. — Vamos — ele disse e seguimos em frente. Esta era uma das características incríveis do meu pai. Sem que eu precisasse falar nada, ele compreendia meus sentimentos e percebia o que se passava comigo. O toldo amarelo, as latas de doce em tom pastel, os aventais amarelos das vendedoras e o otimismo que emanava dos caramelos eram coisas surreais e estranhas, em contraste com o que eu estava passando, como uma música pop num velório, ou um bebê recém-nascido vestido de preto. Eu nunca poderia trabalhar ali, não agora, pelo menos. Alegria e desespero não ficam bem juntos.

Do outro lado da rua havia uma pequena marina, um estaleiro com barcos de pesca ancorados e um pequeno e dilapidado rebocador. Havia outro ancoradouro lotado de veleiros, cruzeiros e barcos a motor. Um enorme veleiro estava ancorado bem no final do cais, com um mastro apontado para o céu, e havia um rapaz no convés protegendo os olhos com a mão, enquanto conversava com alguém, pendurado numa correia do mastro.

— Olhe — meu pai falou.

— Lindo — respondi.

— Vamos ver.

— Papai... — Detestava quando ele fazia isso. Ele não ia apenas olhar, ele queria conversar com aqueles rapazes. Meu pai tinha necessidade de conversar com as pessoas. Qualquer pessoa, em qualquer lugar, nas filas do cinema e aeroportos, com chefes de cozinhas e motoristas de táxis. Ele aprendia muitas coisas, ótimo, mas eu morria de vergonha. As pessoas gostavam de lhe contar as histórias de suas vidas ou o funcionamento de um motor de hélice, ou quantos quilômetros eles achavam que tinham andado com o táxi ao longo dos anos. — Eu tenho que achar um emprego, lembra? — falei impaciente. Mas ele já tinha jogado a nossa sacola de livros no carro e estava atravessando a rua, indo em direção à marina e aquele veleiro deslumbrante.

Fui atrás dele. Dava para sentir o estaleiro se mexendo sob meus pés. A água se movimentava embaixo e eu podia sentir as profundezas verdes salgadas e as algas mortas que tinham sido trazidas para a terra. Havia uma pequena cabine no final da doca, uma cabine de venda de passagens. O barco era de turismo. Um casco azul majestoso com um nome escrito na lateral. Obsession.

Ele se virou e fiquei surpresa ao ver que ele não era muito mais velho do que eu. Uns 18, 19 anos. Usava shorts estilo cargo e estava sem camisa. Tinha o

cabelo desgrenhado e a barba por fazer, e o tipo de olhar que eu chamaria de cativante.

— É o nome de um perfume — disse ele. — Querem dar um passeio?

— Não entro num barco de jeito nenhum — meu pai respondeu. Ele gostava de olhar a água, mas não se aproximava muito dela. De jeito nenhum, e eu não tinha ideia do motivo. Talvez fosse um trauma de infância, ou um medo generalizado, ou sei lá o quê.

— Pode ter certeza de que se cair, será uma vez só — afirmou o cara que estava pendurado lá em cima, com as pernas balançando. Com certeza eles eram irmãos, pois eram tão parecidos. Tinham o mesmo cabelo escuro e desgrenhado, embora aquele que estava lá em cima fosse mais velho, mais magro e tivesse o cabelo mais comprido. Os óculos de sol dele estavam presos a uma correia pendurada em seu pescoço, juntamente com um par de chaves.— Obsession, hein? — meu pai gritou para o cara no convés.

— Ele é lindo — meu pai elogiou. — É a sua obsessão?

— Acho que sim — o cara no convés respondeu. — Os passeios são de uma hora, uma hora e meia dependendo se eu gostar do cliente. — E ele me olhou ao dizer isso. Meu estômago deu um pulo e eu me repreendi. E daí que ele fosse assim tão atraente?

— Acabamos de chegar da Possession Point. O vento está muito bom.

— Possession Point? — perguntei.

— Bem ali. Aquela ponta da praia que avança para o mar...

Fiz que sim com a cabeça, claro que sabia onde era. Era onde ficava a nossa casa.

— Qual a velocidade que ele faz? — Meu pai ainda estava fascinado pelo barco.

— Ah, ele faz uns 25 nós com o vento a favor e com a vela grande levantada. Num dia comum de 10 a 12 nós.

— É bem rápido para um barco desse tamanho.

— Nós participamos de corridas fora de temporada, com uma tripulação de oito a dez homens.

Papai balançou a cabeça.

— Qual o comprimento? Talvez uns 50 pés?

— 70.

Meu pai deu um assobio. Ele estava adorando tudo isso, essa conversa entre homens. Ele se encaixava no assunto e a coisa desenrolava. Você nunca imaginaria que ele era um escritor que usava uma linguagem elaborada, que era considerada quase poética.

— E o mastro?

— 90.

Papai balançou a cabeça demonstrando admiração. Fiz o mesmo, apesar de não entender muito bem aqueles números. Noventa, ótimo. Era realmente bem alto, muito alto, e aquele cara estava pendurado lá em cima como se isso não fosse nada.

— Se mudar de ideia... — o cara gritou lá do alto. Ele tirou a carteira do bolso de trás enquanto se equilibrava. Um cartão tremulou e caiu na água. Uma gaivota pousou nele para ver se era algo de comer.

— Burro — o cara do convés gritou para o alto. Ele abriu sua própria carteira e entregou um cartão para meu pai e um para mim. Estava escrito "Finn Bishop — Marinheiro".

— Bishop? — meu pai perguntou.

— O velho capitão era nosso parente, embora minha mãe sempre contasse a história de um jeito diferente.

— Foi um prazer conhecer vocês — papai respondeu.

— Para nós também. — Ele fez uma pausa e sorriu. — Espero que você venha velejar qualquer hora — ele falou olhando para mim.

Meu estômago deu um salto novamente, deixando bem claro que se sentia perturbado. Olhei para baixo e sorri, apesar de tudo; então, abanamos a mão e atravessamos de volta o estaleiro. Eu havia ficado ruborizada e esperava que meu pai não tivesse visto. Ah, meu Deus, era só o que me faltava, mas como sempre, meu pai estava no mundo da lua. Ele se virou e gritou. — Vocês sabem de algum lugar onde estão precisando de alguém para trabalhar? — E apontou com o dedo em minha direção.

— Pelo amor de Deus, papai — eu sussurrei. Que merda, ele sempre me envergonhava. Sei que ter vergonha dos pais é algo que geralmente acaba por

volta dos 15 anos, mas ele ainda me dava razões para eu me envergonhar. Puxei o braço dele e fiz um sinal para que o ignorassem. Tarde demais, um deles já estava gritando de volta.

— Tente o farol, procure Sylvie Genovese. Ela está sempre demitindo alguém.

— Obrigado. — Meu pai acenou novamente.

Ficamos parados por um longo e demorado momento num sinal de "não atravesse" apesar de não haver nenhum carro à vista. Meu pai era um puritano e respeitava as leis de trânsito ao pé da letra. Finalmente, atravessamos para o outro lado da rua e fomos para o nosso carro. — Ótimo. Está sempre demitindo alguém. Isso faz a loja de doces parecer um paraíso — eu resmunguei.

— Anime-se, você encanta qualquer um — ele disse.

Voltamos para o carro e acho que devo ter batido a porta com força. Meu bom humor estava se esvaindo. A combinação de vergonha e humilhação na frente de uns carinhas bonitinhos, misturada com a sensação de estar em um lugar estranho, fazia isso comigo.

Porém podia ser algo mais.

— Possession Point, papai? Fomos parar bem num lugar com esse nome? Ponta da loucura? Pelo amor de Deus!

— Eu não sabia — ele disse. — Como poderia saber disso?

— Obsessão? Possessão? Desilusão? Você está querendo dizer que tudo isso é por acaso? Poderíamos ter ido para tantos outros lugares.

— Juro por Deus, Pea. — Ele levantou a mão. — Teria que ser um grande cretino para alugar uma casa num lugar chamado Possession Point. — Papai ligou o motor do carro. Ele não conseguia acreditar na infeliz coincidência, e começou a dar risada.

— Papai!

— Você tem que admitir que até chega a ser divertido. — Seus ombros sacudiam de tanto dar risada.

— Não acho graça nenhuma.

É claro que isso só fez com que ele risse ainda mais.

Eu estava brava e tentei não sorrir.

— Tudo bem, também acho meio engraçado — disse.

— Deus do céu, o destino tem um senso de humor perverso. — Ele riu.

**

Fomos para o farol por uma estrada varrida pelo vento, até um penhasco alto e rochoso que descia íngreme até a praia. O farol era branco e sua coluna se erguia para o céu de um modo orgulhoso, solitário e imponente. A casa do seu guardião também era branca, dois andares com uma moldura vermelha, um telhado inclinado e janelas estreitas e retangulares. Uma enorme varanda se estendia na frente dando as boas-vindas. Havia um pequeno jardim à sua volta, com a grama verde brilhante e um canteiro de flores. Eu estava meio confusa sobre onde estávamos, depois de tantas curvas na estrada, mas assim que saí do carro percebi que não estávamos muito distantes da nossa própria casa. Do penhasco onde estávamos dava para ver a ponta de terra que era chamada de Possession Point. Dali podia ver que o farol não ficava completamente isolado. Algumas casas de pedra cinza pontilhavam a praia, assim como um barracão que parecia ter sido devastado por um vento forte.

— Clara! — meu pai me chamou. — Clara Bell, venha ver isso.

Dei uma corrida, porque aquele lugar me fazia sentir vontade de correr. Era um lugar próprio para aventuras, um velho forte militar, com uma estrebaria vermelha no meio do pasto onde a gente se sentia criança novamente. Tive vontade de entrar, fazer descobertas e brincar de piratas do Caribe.

Ele tinha um sorriso largo no rosto e apontou para uma placa. — Outro sinal significativo! Querida!

— Nem brinque — eu disse e espiei. "Farol da Ponta da Cabeça de Pombo". — Muito engraçado — falei.

— Ai que meeedo... — Ele parecia satisfeito consigo mesmo. — Pombos! Ah, ieeee!

Simplesmente o ignorei.

— Deve ter muitas "pontas" por aqui — comentei.

Meu pai começou a ler a inscrição em voz alta. — O farol é uma área elevada na ponta oeste de Bishop Rock, com 24 metros de escarpas que descem até a enseada. O primeiro farol Cabeça de Pombo (também conhecido como o Farol Red Bluff) foi construído em 1860 e...

Resolvi caminhar até a casa do zelador, porque meu pai era o tipo de pessoa que lia palavra por palavra cada placa que ele encontrava num museu, zoológico ou algum lugar histórico. Ele não era como uma pessoa comum que lia apenas uma linha ou duas. Isso significava que ele levava horas fazendo isso. Na verdade, ele continuou a ler em voz alta para eu poder ouvir, mas fingi não escutar.

Havia uma placa na porta da casa do zelador com os horários de visitas. O lugar deveria estar aberto agora para visitação, mas parecia não haver ninguém lá dentro. Outra placa na janela escrita à mão dizia: "Farol da Ponta da Cabeça do Pombo e a lojinha de presentes aceitam inscrições para emprego. Informações na parte interna." A placa estava amarelada como se a busca por empregados fosse uma condição permanente. Coloquei meu rosto no vidro e tentei enxergar lá dentro.

— Não tem ninguém em casa? — papai perguntou.

— Acho que não.

— Vamos dar a volta por trás.

Demos a volta até a parte traseira da casa, onde havia um caramanchão branco e um jardim cercado no fundo. Uma porta no segundo andar, que dava para uma varanda, estava escancarada.

— Olá? — meu pai chamou.

Sem resposta.

— Não tem importância, podemos voltar mais tarde — disse eu.

— Uvas. — Ele apontou. — Como eles conseguem plantar uva aqui?

— Legumes também. — Eu apontei.

— Alguém deve ter os dedos verdes. Vamos esperar alguns minutos.

Meu bom humor estava voltando e não havia razão para não esperar. Afinal de contas, não tínhamos nada pra fazer. Não tinha escola, nem trabalho, nem quarto para limpar. Não tinha amigos para conversar e sair para tomar um café, não havia shows e nem filmes para assistir no cinema local. E nem planos para o futuro até o momento. Tínhamos concordado que eu diria aos meus amigos que iríamos viajar pela Europa para a pesquisa do livro do meu pai, portanto estávamos sem telefone e sem mensagem de texto. Nem e-mail. Não podíamos correr o risco de alguém descobrir onde estávamos. Nem mesmo

contei a verdade para Shakit. Meus amigos estavam vivendo num outro mundo, passeando e viajando juntos e se preparando para a faculdade, enquanto eu tinha ido parar em outro planeta, onde andava sem destino no grande vazio temporário da minha nova vida. Era solitário, estranho e, ao mesmo tempo, liberador.

Caminhamos pela beira do penhasco. O oceano era amplo e se estendia à nossa volta; as ondas brancas se curvavam num arco majestoso em volta da baía, e o céu tentava competir exibindo tiras largas de nuvens brancas. O oceano rugia e as gaivotas gritavam ao voar em círculos sobre nossas cabeças. De dentro de uma casa, um cachorro latia.

Meu pai ficou silencioso por um instante, repentinamente silencioso. Seus braços estavam cruzados sobre o peito e seus pensamentos estavam perdidos a milhares de quilômetros de distância mar adentro.

— Por que você não gosta da água? — perguntei.

Ele pensou e deu uma resposta evasiva.

— Eu amo a água. É impossível não amar a água, 70% do nosso planeta é pura água. Setenta por cento do nosso corpo é composto de água. É o que nós somos.

— Não é possível não gostar daquilo que somos.

Ele ignorou o comentário.

— Você não anda de barco... — Tentei novamente.

— Fiz as minhas pazes com a água. Descobri como amar certas coisas enquanto odeio outras.

— Isso não se parece com fazer as pazes.

Este era um assunto sobre qual ele obviamente não gostava de conversar. Provavelmente, não sabia nadar e tinha vergonha de dizer. Ele olhou para seu relógio. — Se sua nova chefe não estiver de volta em quinze segundos, nós vamos embora. Estou morto de fome.

— Não acredito que você esteja com fome depois de tudo aquilo que comemos esta manhã.

Ele ficou examinando o ponteiro do relógio sem falar nada por exatos quinze segundos.

— O ar do mar dá muita fome — ele explicou.

**

Fomos até o mercadinho para comprar comida e paramos numa barraca perto da praia que vendia peixe fresco. Compramos caranguejo embrulhado em jornais e, mais tarde, o colocamos sobre a mesa quebrando as patas e mergulhando aquela carne macia e doce na manteiga derretida. As nuvens estavam se aproximando, nós ficamos olhando elas virem de bem longe. Depois do jantar, meu pai saiu para uma caminhada com as barras da calça enroladas até as canelas e a camisa solta pra fora da calça. Fui para o meu quarto, deitei na minha cama e comecei a ler um dos livros novos que havia trazido da biblioteca.

Ouvi os passos pesados do meu pai no deck quando ele voltou do passeio e escutei o barulho do solado das sandálias dele, quando ele bateu uma na outra para tirar areia. A porta se abriu e fechou e logo depois se abriu novamente. Ouvi uma das cadeiras do deck ser arrastada e ele ficou sentado lá fora, observando o mar. Coloquei meu livro na beirada da cama e me levantei.

— O que será que o dono da casa vai dizer quando descobrir que seu uísque acabou? — perguntei. Os pés dele estavam em cima da grade e os joelhos levantados. Ele mexeu ligeiramente o líquido marrom e o gelo no seu copo.

— Vou comprar uma garrafa nova. — Ele se defendeu.

— Tudo bem. Acho que não tem importância.

— Se você veio interromper minha paz com essa atitude maternal, espero que desista. Caso você não tenha notado, o pai aqui sou eu.

Sentei-me perto dele.

— O livro novo não é muito interessante — falei. — É meio fútil.

— Hummm — ele murmurou e balançou a cabeça. — Que pena. — E seu pesar era sincero.

— Vou tentar mais uma vez.

— Existem tantas tentativas que fazemos na vida...

Nós sempre discutíamos sobre isso. Eu costumava tentar ler um livro que não estava me interessando, e, às vezes, quando me dava conta, já o tinha lido

por inteiro, sempre esperando que algo diferente acontecesse no final. Talvez eu não entendesse por que me sentia assim em relação a leitura de um livro. Parece que eu tinha obrigação com o livro, com as pessoas, não importa se eram reais ou de ficção.

Ele chacoalhou os cubos de gelo naquele copo. Era a segunda vez no mesmo dia que eu via aquele olhar no rosto dele.

— Você está bem? — perguntei.

— Sim. — Ele tomou um gole. Uma vez eu experimentei aquela bebida só para sentir o gosto. Ela queimou a minha garganta como fogo. Ele moveu sua mão para cima e para baixo imitando o movimento da onda. — O oceano... ele traz e leva. Traz. Leva.

Isso me deixou incomodada. Talvez ele estivesse bêbado. Eu nunca o vira bêbado antes, apesar de ele beber frequentemente, e até demais para o seu próprio bem. Já deu para você perceber que a saúde dele era muito importante para mim, pois eu não tinha nenhuma vontade de ficar órfã. Mas, pra falar a verdade, eu sabia que não era apenas o álcool que me incomodava naquele momento. Era alguma coisa estampada no rosto dele, algo que eu havia percebido no farol. Alguma coisa escondida e pesada. Era uma porta fechada, e portas fechadas significavam que você está guardando as coisas no seu íntimo. Havia muitas razões pra guardar as coisas pra gente mesmo, e elas, geralmente, não são coisas boas, nem coisas felizes. Ainda assim, eu não queria ver por trás daquela porta. É um engano a gente pensar que quer saber tudo o que há para saber sobre todas as coisas, isso não é verdade, não mesmo. Eu já tinha tentado desvendar o lado sombrio de uma pessoa antes e tinha visto o fundo de sua alma. Enxerguei bem lá dentro, bem no fundo, e pode ter certeza, ninguém quer ver as coisas podres que estão lá dentro.

Eu o deixei lá fora meditando e voltei para o meu quarto. Meu livro tinha caído no chão e minha imaginação, imediatamente, pensou que alguém tivesse entrado ali e o tivesse tirado do lugar. Dá para perceber como minha mente estava perturbada. Olhei até mesmo dentro do armário, que continha apenas caixas com as roupas de inverno do nosso anfitrião, para checar se não havia ninguém escondido ali dentro. Isso era algo que eu costumava fazer quando era criança. Examinava o armário e embaixo da cama antes de dormir, pra ter certeza que não havia nenhum ladrão escondido. Eu não era uma criança que acreditava em monstros.

Coloquei minha camisa de pijama e escovei os dentes. De repente, estava me sentindo terrivelmente cansada. Voltei para o meu quarto, sentei na beirada

da cama e peguei aquele cartão de visita que eu estava usando como marcador de livro. “Finn Bishop — Marinheiro”. Tentei visualizar algo mais naquelas simples palavras impressas, porém elas não diziam nada. Não conseguia imaginar como era a sua vida ou quem ele era, além do fato de ter olhos gentis e mãos fortes.

E então aquele cartão de visitas me lembrou de outro cartão. “Jake Ritchee, Smith and Gray Auto”, porque é assim que as coisas funcionam depois que algo terrível aconteceu. Se algo ruim já aconteceu com você, você sabe que isso é verdade. Milhares de objetos passam a ter um novo significado. Tudo é um lembrete de alguma coisa. Um cartão de visitas nunca mais vai ser apenas um cartão de visitas. Um punhado de moedas também não será. Uma corda não será.

Capítulo 5

Christian me ligou na manhã seguinte depois do jogo de basquete, como era esperado. Eu tinha certeza de que ele o faria. Desde que ele me beijara, desde que fora embora depois do jogo de basquete, eu estava esperando. Acho que, mesmo enquanto dormia, eu estava esperando, e acredito que ele sentia a mesma coisa. Meu telefone tocou dois minutos depois das 9 horas, e acho que ele estava esperando dar 9 horas para poder me ligar.

— Isso é uma loucura, mas eu já estou com saudades de você — ele disse.

— Eu também. Quase não consegui dormir.

— Sua voz parece a de quem acabou de acordar. É rouca.

— É porque eu não conversei com ninguém ainda — falei. Eu ainda estava na cama, deitada sob as cobertas.

— É bem sensual.

Também senti isso, enquanto conversava ali na cama com ele. Senti-me quente e lânguida*. Ele estava em algum lugar, não sei onde, mas eu estava deitada na cama e isso criava uma sensação de intimidade.

— Onde você está?

— Eu estou na... — Ele fez uma pausa. Eu o imaginei procurando enxergar a placa de rua. — Na esquina da Ravenna com a 15th. Há alguns quarteirões da casa do Sr. Hooper.

— Sr. Hooper. Não é aquele da Vila Sésamo? — sorri.

— Ele é o senhor idoso para quem eu trabalho. Vou algumas vezes por semana à casa dele ver como ele está. Ele vive numa cadeira de rodas e se recusa a sair. Vou com ele fazer caminhadas, leio e o escuto reclamar da sua enfermeira.

Ah, meu Deus, ainda por cima ele é uma pessoa boa.

---

*A palavra lânguida é uma dessas palavras que têm o som perfeito que combina com o que significa. Como preguiça. Ou brilho. Vê? As palavras são mágicas assim.

— Que fofo.

— Não conte isso pra ninguém. Vão achar que sou um fracote. E isso quer dizer que eu só vou poder te encontrar mais tarde.

— Tudo bem. — Mais tarde parecia uma eternidade.

— Podemos nos encontrar? Ou seus pais a trancam no domingo à noite?

— Sim, podemos nos encontrar — respondi.

Fizemos planos e continuei deitada na cama por um longo tempo sentindo aquela expectativa deliciosa. Então, fiquei animada e levantei. Tinha muito o que fazer.

Disse ao meu pai que eu, Shakti e nossas amigas Kels e Cleo iríamos comer sushi e estudar cálculo juntas. Meu pai não gostava de sushi, ele era carnívoro. Eu não gostava de guardar segredos dele, mas sabia que não seria por muito tempo. É que quando amamos pela primeira vez queremos que essa sensação seja só nossa, não queremos dividi-la com ninguém. Seria como cortar o bolo antes de apagar as velhinhas.

O trajeto de carro pareceu ser de quilômetros e quilômetros em vez de apenas alguns quarteirões. Decidimos nos encontrar na frente do Denny Hall no campus da Universidade de Washington. O Denny é o prédio mais antigo ali, de pedras centenárias e sinos de carrilhão. Um longo caminho ladeado por olmos conduzia até ele, com bancos entalhados, colocados dos dois lados, homenageando as primeiras turmas de formandos. Havia também um gramado, lugares para caminhar, sentar e conversar. Eu tinha trazido um cobertor e também umas caixinhas de suco de framboesa e romã, para meu hálito ficar cheirando gostoso quando sentasse perto dele.

Ele chegou e também trazia um cobertor debaixo do braço. Acho que tivemos a mesma ideia. A expectativa era tão intensa e aguda que chegava a doer. Meu corpo estava ansiando por ele, e percebi isso, com mais intensidade, quando ele se curvou para me dar um beijinho no rosto e eu me senti ardente e elétrica. O cheiro dele, do desodorante almiscarado, ou xampu ou o sabonete, não faço ideia, ficou gravado para sempre no meu cérebro, de um jeito que eu me lembraria para sempre, mesmo quando fosse bem velha e não me recordasse de mais de nada.

Cobri a mão dele, que estava no meu rosto, com a minha própria mão. Meu rosto estava pegando fogo e eu aproximei a sua boca da minha. Nunca tinha sentido nada parecido, nem feito nada assim antes, e, novamente, veio

aquela sensação de poder. Christian me queria com tanta intensidade que eu podia sentir seu desejo. Ele estava tentando ir mais devagar, mas eu estava no controle de tudo e isso me fez sentir como se pudesse tocar o céu com as mãos.

O negócio é o seguinte, pode ser muito bom fazer alguém perder completamente o controle.

Estava segurando uma bola de fogo em minhas mãos, como uma feiticeira. Ele estava agarrando a minha roupa, me puxando para a grama, e eu fui com ele. Esqueça os cobertores. Línguas e bocas e mãos fazendo o que as línguas, bocas e mãos quiseram fazer desde o primeiro instante.

Afastei-me um pouco. Parece que eu havia sido abduzida e transportada para outro mundo. Por um minuto eu não sabia onde estava, nem respirar conseguia. Havia um garoto passeando com seu cachorro perto de nós, e alguns estudantes carregando suas mochilas e andando perto de nós, no entanto aquele mundo onde eu e Christian estávamos isolados, nos beijando, era nesse mundo que eu queria ficar.

Ele me olhou e eu fitei os olhos dele. Vi tanta coisa ali dentro. Eram de um azul intenso e tão claro que poderia olhar neles para todo o sempre e nunca vislumbrar o final. Todo esse sentimento tinha que significar alguma coisa. Algo imenso que a gente tem que ouvir, tem que prestar atenção, não é? E era isso que eu achava que estava fazendo e que estava ouvindo com tanta intensidade.

Ele transmitia tanto sentimento com seu olhar, e eu retribuía. Observei seu rosto, os lábios cheios e as maçãs do rosto salientes. Eram traços de que eu sentiria falta se acaso, um dia, ele fosse embora. Também sentiria falta daquela voz se não a ouvisse perto de mim para sempre. Parece surpreendente, mas pode ser que alguém também se sinta assim sobre você. É simplesmente você, a mesma pessoa de sempre, mas eles não conseguem imaginar não poder olhar para você, nem deixar de admirar seu rosto novamente. É difícil de acreditar, mas é verdade. Até o seu queixo delicado pode parecer mágico, quem poderia imaginar isso?

— Nem sei o que dizer — ele sussurrou.

— Eu quase não fui àquele jogo — comentei.

— Meu amigo Evan tinha me convidado para sair naquela noite — Christian falou. — Quase que eu não fui também.

Ficamos pensando na enormidade daquela ideia. Como eu havia dito, nosso encontro parecia obra do destino. Mas como diz meu pai, o destino tem um senso de humor maldoso. Ele muda de forma. Às vezes é uma entidade bondosa e generosa distribuindo coisas boas que as pessoas merecem e, às vezes, se encolhe, se curva e se transforma em algo grotesco. Você pensa que conhece, mas tudo se transforma.

Nós nos levantamos e Christian estendeu o cobertor, e, desta vez, nos sentamos sobre ele. Passei os braços em volta dos meus joelhos.

— Você é tão linda — ele declarou.

Senti-me maravilhosa. Pra falar a verdade, nunca tinha me sentido linda. Não que eu fosse horrorosa, mas nunca me considerei tão linda quanto a Hailey Denison ou a Zoe Faraone, que tinham cabelos loiros e longos até a cintura, usavam maquiagem perfeita e comiam apenas bolinhos de arroz e meio copo de iogurte desnatado. A gente não sabia como elas eram realmente. Eu tinha cabelos castanhos e não era magra como um palito. Almoçava sempre e gostava de comer e, geralmente, costumava dizer o que pensava.

— Você é um milhão de coisas — murmurei.

— Feliz? — ele perguntou.

Sorri.

— Completamente no mundo da lua? — ele indagou. — Então somos dois. Vem cá!

Christian se esticou e eu me estendi ao lado dele. Ele delineou, com o dedo, a curva da minha camiseta, ao longo do pescoço.

— Você vestiu isso só para mim? — Ela tinha um decote bem baixo e eu dei uma risadinha.

— Pode ser que sim, pode ser que não.

— Quando você usa isso, os caras da escola devem ficar loucos — ele falou.

Achei que isso fosse um elogio. Eu estava ali mergulhada na energia de um novo amor, naquele instante que os seus desejos se fundem com os dele, e um pozinho mágico cria um brilho ao seu redor como uma árvore de natal resplandecente, cheia de admiração e elogios, brilhos e luzes, e milhões de presentes embaixo dela. Achei que fosse um elogio, se espalhando sobre mim

como flocos de neves brilhantes, porém, tinha um sentido diferente. Era uma gota de veneno misturada na neve recém-caída. Era aquele momento do conto de fadas, quando todo mundo sabe o que aconteceu, menos a princesa.

Conversamos durante um longo tempo, até que o céu começou a se tingir daquele tom alaranjado que anuncia que a noite está chegando. Conversamos sobre tudo, sua vida em diferentes cidades da Europa, o horrível divórcio de seus pais, a mudança de seu pai para Estocolmo, e que ele quase não telefonava mais. Como sua mãe costumava deixá-los por meses a fio, até mesmo quando ele ainda era um bebê, para viajar a trabalho. E que depois que ela se casara novamente, ela desistira de trabalhar. Todos participaram da decisão de dele se mudar para a América, permanentemente, com a mãe, agora que um deles estava com a vida equilibrada. De um jeito que, quando estavam juntos, seus pais não haviam conseguido. Tomei conhecimento do acidente que aconteceu com ele e fiquei com o coração apertado e triste: o carro destruído, e os corpos presos nas ferragens. Ele não merecia que nada de mal tivesse acontecido com ele. A médica dentro de mim estava pronta para curá-lo e salvá-lo, caso fosse preciso. Segurei a mão dele.

Falamos também sobre a vida que estava levando agora nos Estados Unidos. As aulas, seu amor pela arquitetura, ciência, matemática e tudo mais que estivesse ligado às ciências exatas. E sobre mim, como eu ainda não sabia o que queria fazer na faculdade, como me sentia pressionada a escolher; falamos do meu pai, da minha mãe e de como eu sentia falta dela. E das coisas de que eu me recordava, dela me segurando e da sua voz, por exemplo. Como eu detestava cálculo e tudo que tinha a ver com as exatas. Até mesmo nossas diferenças se combinavam perfeitamente. Finalmente nos levantamos, esticamos as pernas e percebemos que estávamos doloridos de tanto ficar sentados numa única posição, exatamente como dois velhinhos. Isso é pra você ter uma ideia do tempo enorme que ficamos ali, conversando.

Fomos caminhando em direção aos nossos carros chutando as camadas de folhas de laranjeira que estavam caídas pelo chão. Tínhamos escolhido o mesmo lugar para estacionar, a pouca distância um do outro. Mais um sinal do destino, tenho certeza. Ficamos recostados no carro dele e nos beijamos até que meus lábios ficassem adormecidos. Ele pegou uma folha de laranjeira do chão e me entregou, pegou outra e a segurou cuidadosamente pelo cabo, para guardar de lembrança. Sei que isso parece brega, mas se você já se apaixonou provavelmente deve ter feito isso também, mesmo que não queira admitir. Já deve ter guardado um ticket de entrada de cinema ou show, um guardanapo de papel, ou uma folha seca que está tão velha que já está virando pó. Você

experimentou a mágica uma vez e quer ter uma pequena prova de que realmente aconteceu. Você não quer esquecer.

Claro que nunca vamos esquecer. Dissemos adeus e nossos dedos se roçaram na hora da despedida. Até as pontas dos nossos dedos estavam relutantes em se afastar.

Liguei o carro e o rádio estava com o som alto, como estava quando o desliguei. O ar-condicionado também, e isso pareceu estranho, pois a sensação que eu tinha era que haviam se passado milhões de anos. Foi um momento parecido com uma cena de *As Crônicas de Nárnia*, quando as crianças atravessavam a porta do guarda-roupa voltando de um mundo de fantasia onde havia feiticeiras, reis e rainhas. Percebi, quando entrei no carro, que estava desesperada para ir ao banheiro, além de estar morrendo de fome. Todas aquelas necessidades humanas tinham desaparecido sob o feitiço do amor, mas, agora, estavam de volta. Eu estava de volta.

Provavelmente não dirigi o carro de maneira segura, já que estava completamente embriagada. Embriagada de amor. Não estava concentrada nem na direção, nem nos espelhos e nem nos semáforos. Estacionei em frente à nossa casa e, quando saí, percebi que meu pai estava cozinhando alguma coisa deliciosa com cheiro de alho. Estava com uma fome... como nunca tinha sentido antes. Tenho certeza disso.

Ele estava sentado em sua mesa no escritório quando entrei e estava batendo a ponta da caneta numa pilha de páginas de manuscritos. Ele não trabalhava em horários normais.

— Clara Pea — ele disse. — Você gostou do peixe cru? O homem criou fogo para cozinhar coisas cruas, lembre-se disso.

Eu estava segurando a folha e a girando pelo cabo.

— Acho que estou me apaixonando — confessei.

Ele abaixou a caneta, tirou os óculos e se recostou na cadeira.

— Ahhhh.

— Não fui me encontrar com Shakit e os outros para comer sushi — expliquei. Era hora de contar a ele sobre o Christian, mas também precisava comer um pouco daquela comida deliciosa.

— Entendi. Muito bem, isso é maravilhoso. Mas me diga que ele não é nada parecido com o Senhor Gostosinho. Ah, quero dizer, Ricks.

— Nada parecido — falei. — Nada.

— Ótimo — ele exclamou.

E foi assim. Mas se o destino muda as formas, o amor muda também. Ele pode vir sob a mais perigosa das formas. É o dia mais maravilhoso e, logo em seguida, é o pior dos seus dias. É a sua esperança e o seu desespero. O claro e o escuro podem se alternar em extremos, na velocidade da luz, como um barco navegando num dia lindo, e, então, as nuvens se aproximam, o céu escurece, o mar enraivece e o barco se perde.

Capítulo 6

O cheirinho do café me acordou, assim como as gaivotas que insistiam em gritar. O café significava que meu pai já estava trabalhando. Segundo ele, suas melhores ideias vinham logo após uma boa xícara de café e sua carga de cafeína.

Levantei-me da cama e vi que estava certa. Papai tinha colocado seu laptop na mesa da cozinha, que tinha janelas por toda a volta, em um semicírculo. Ele estava cercado por dunas, o céu cinzento e a grama amarelada da praia. Os olhos dele estavam presos na tela, como se estivesse assistindo a um filme. E eu acho que era exatamente isso que estava acontecendo, exceto que o filme se passava em sua cabeça. Ele não percebeu que eu estava ali até abrir a porta da geladeira.

— Quer um pouco de café, C.P.?

— Você sabe que eu não bebo isso.

Pra mim, café tinha gosto de cigarro com um pouco de leite e açúcar.

Ele estendeu sua xícara para que eu a completasse sem nem retirar os olhos da tela. Olhei a xícara e vi o que estava escrito: "Toronto Film Festival".

— Ei, você viu isso? — perguntei e balancei a xícara. — Mais provas de que o cara trabalha na indústria de cinema?

Mas papai não respondeu.

— Qual a palavra em francês para "monotonia"? Por que não consigo achar uma?

Peguei uma caixa de cereais e o leite. Que decadência se comparado ao café da manhã do dia anterior. Isso costumava acontecer quando papai estava trabalhando.

— Não faço ideia.

— Ennui — ele digitou.

— Monotonia parece mais monótono — repliquei, mas papai não quis brincar. Só se ouvia o tec tec tec das teclas do laptop.

Comi meu cereal em silêncio, ouvindo apenas o tilintar da minha colher na beirada da tigela. O dia inteiro seria assim. Se ficasse por ali, eu ouviria cada onda no quebra-mar, cada passo meu e cada suspiro. Iria virar as páginas do meu livro e ouvir o som do papel raspando. Sentiria o grande vazio de onde estávamos. O mar sobre o mar, praias sobre praias infindáveis, os minutos se arrastando com nada para fazer a não ser lamentar o estado miserável da minha vida. Meu pai estava certo.

Aprontei-me e peguei as chaves do carro no balcão da cozinha. — Vou até o farol à procura de seres humanos — anunciei.

— Ótimo — papai respondeu. Ele levantou os olhos e me enxergou pela primeira vez. Deu um sorriso, mas era um sorriso que significava que sua escrita estava indo bem, mais do que qualquer outra coisa. — Não é bom pra você ficar sozinha aqui. Pegue algum dinheiro e almoce por lá.

— Vou trazer uns caramelos.

— Ótimo.

Perdi-me a caminho do farol e tive que dar duas voltas até encontrá-lo. Acho que o pessoal daqui não é muito fã de placas de sinalização. Finalmente, encontrei a estrada certa e vi que, desta vez, tinha gente em casa. Havia um jipe na frente, com a capota arriada. Parei o carro na entrada de cascalhos e desci. As nuvens ainda não tinham se dissipado e o céu estava manchado de branco, o nevoeiro deslizando rapidamente como fantasmas enfurecidos. Estava muito frio e não era possível enxergar a parte de cima do farol. Ela tinha desaparecido dentro da névoa.

Virei a maçaneta da porta e entrei num corredor com um piso velho de madeira. O cheiro lá dentro também era de madeira velha, com o mofo e o eco do tempo. Uma sala, à direita, era a loja de presentes. Havia uma caixa registradora com fileiras de cartões de presentes na frente e prateleiras cheias de faróis em miniatura, camisetas e potes de doces da região. À esquerda, havia uma sala enorme, decorada com gravuras do farol de muito tempo atrás e redomas de vidro que continham objetos, pareciam coisas de museu. Telescópios, mapas e sabe-se lá o que mais. Objetos antigos para as pessoas admirarem e ficarem olhando em dias chuvosos, quando os turistas não pudessem ir à praia e não haveria mais nada a fazer. Se meu pai estivesse aqui, ele leria cada cartãozinho. Tinha uma escadaria enorme bem em frente, com uma corrente. A guardiã do farol devia morar ali.

Estava tentando lembrar o nome dela, acho que era um nome parecido com o de uma família mafiosa. Começava com um S? Imaginei uma velha senhora com calça larga. Alguém que não se importava em vender globos de neve, com gaivotas dentro, pelo resto da vida. Um cachorrinho desceu correndo a escada. Ele era branco, com uma mancha preta nas costas, e lindo, com dobras nas orelhas. Ele estava latindo pra mim como se já me conhecesse.

— Oi, tudo bem — falei animada.

Ele estava saltando em cima de mim, como um cachorrinho de circo se equilibrando nas patas traseiras. Não dava para olhar sem dar uma risada. — Engraçadinho — disse pra ele.

— Roger! — Uma mulher chamou e, logo em seguida, apareceu na escadaria. Ela não era nada do que eu imaginava. Nada. Devia ter no máximo uns 30 anos, com os longos cabelos pretos e encaracolados caindo pelas costas, olhos escuros intensos e sobrancelhas grossas. Usava calça e jaqueta jeans com as mangas enroladas e uma camisa branca por baixo. — Roger, você é um menino muito, muito levado. Por que você fica pulando em cima da visita? Você não deve fazer isso, Roger.

Ela falava com sotaque, um sotaque que me fez lembrar de outro*. Italiano, talvez. Lembrei o nome dela imediatamente. Sylvie Genovese. Ela pegou o cachorro no colo e o colocou no ombro, segurando-o com uma mão só. Ele pareceu gostar de ficar ali. Acho que já estava acostumado, já que estava sorrindo.

— Senhorita Genovese?

— Senhora.

— Sou Clara Oates? Gostaria de indagar sobre o emprego? — Ela era o tipo de pessoa que fazia a gente colocar ponto de interrogação no final das frases. E me fazia usar palavras como indagar. Não porque ela fosse velha e enrugada, como eu tinha imaginado, mas porque ela era poderosa e linda.

---

*Sylvie Genovese não é a segunda pessoa nesta história que tem sotaque, mas a terceira. Minha mãe era francesa, e, embora seu sotaque tivesse diminuído com o passar do tempo, eu me lembrava da voz dela soar diferente quando estava brava ou nervosa. Sotaque é uma coisa engraçada, já que atrai as pessoas, e, apesar disso, esquecemos que temos um. Todo mundo tem um sotaque, mas o da maioria é tão sem graça quanto mingau de aveia, ao passo que o de outros parece caviar.

— Você tem que preencher o formulário, então. — Ela passou por mim e entrou na loja de presentes com o cachorro nos ombros. Quando chegou ao balcão, ela o colocou no chão com uma mão só. Ele já estava mais calmo e só cheirou a minha sandália.

— Tudo bem.

— Preciso de algumas horas pela manhã e nada mais. Gosto de sair para pescar neste horário e, às vezes, alguns ônibus com turistas param... — Ela fez um movimento com a mão para indicar que aquilo era um transtorno.

— Perfeito — respondi.

Ela deslizou o papel para a minha frente e colocou uma caneta sobre ele.

— Só para o verão — ela explicou.

— Só estamos aqui durante o verão.

— Estamos?

— Meu pai e eu.

Ela ficou andando pela loja enquanto eu preenchia o formulário. Pude perceber que ela estava me observando e eu não sabia se, realmente, queria trabalhar ali. Parecia ser um lugar tão vazio e isolado quanto a nossa casa. Sozinha aqui, sozinha lá, eu pensei, embora sozinha aqui, pelo menos, significasse receber algum dinheiro. Mas hesitei quando cheguei ao final do formulário. Não sei como não tinha pensando nisso antes. Referências.

— Aqui pede por referências... — falei, e minha voz saiu meio esganiçada.

— E isso é um problema? — Ela enfiou as mãos nos bolsos da calça e me olhou desafiadora.

— Trabalhei em uma livraria todos os verões pelos últimos três anos.

— Coloque isso no papel — disse ela.

— Você não pode ligar para eles — falei. Não sei por que eu estava lhe dizendo isso.

Eu deveria ter saído correndo dali e ter contado ao meu pai do grande erro dele quando planejou tudo isso. Eu poderia ficar em casa lendo os clássicos. Escrevendo um diário. Qualquer coisa.

Ela estava, novamente, atrás do balcão, segurando uma caneta na mão. Ela batia a ponta da caneta exatamente como o meu pai fazia. — Eu não posso ligar para eles.

— Não.

— E por que não posso ligar para eles?

— Porque meu ex-namorado trabalha lá — expliquei. — Ele não pode saber onde estou.

Ela me olhou por um longo tempo. Seus olhos eram profundos, porém, subitamente, generosos. — Sim — ela disse e pensou por um segundo. — Entendi. Você precisa ficar longe dele. Se eu ligar, vão contar pra ele.

— Ele descobre tudo — anunciei.

— Você não pode confiar em ninguém — ela afirmou.

— É assim que me sinto.

Ela concordou com a cabeça, como se, de repente, nos entendêssemos. — Venha na segunda-feira — ela disse. — Vou ensinar tudo o que precisa saber. As pessoas que vêm aqui, às vezes, gostam de um pequeno tour. Vou lhe dizer exatamente o que você terá que fazer. Como eles vão fazer muitas perguntas, você terá que ler um livro de história. — Ela se curvou para baixo do balcão. — Que droga, onde ele está? Não. Que merda. Espere um momento, aqui está. — Ela se endireitou e me entregou um livro fino que parecia bem gasto. Parecia que tinham derramado água nele — as páginas estavam grossas e amarfanhadas. *Bishop rock: história ou lenda?* — Leia o capítulo sobre a região da Cabeça de Pombo. — Ela arregalou os olhos para demonstrar o ridículo do nome, estendeu as mãos como se dissesse que não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso. — É uma maluquice.

— Eu sei — respondi. Era estranho mesmo. — De qualquer modo, eu agradeço. Vou ler o livro. — Agachei-me e fiz um carinho no cachorro. Ele estava sentado bonitinho e olhando para mim. — Ele é tão engraçadinho.

— Ele é um diabinho — ela comentou, mas dava para perceber que ele era o seu bebê. — Na verdade, ele tem algumas ótimas qualidades. Ele não me cansa com suas convicções religiosas, nem fica falando sem parar como foi sofrida a sua infância.

Olhei para Roger, e ele parecia tão simples. Ele se levantou e sacudiu o rabinho, como se soubesse que estávamos falando dele. Isso me fez sorrir.

— Muito obrigada — agradeci mais uma vez. Eu não estava bem certa ainda se devia ou não me sentir agradecida. Comecei a sair e lembrei-me de uma coisa. — Ele funciona? É um farol que funciona?

— Claro que sim — ela respondeu. — Uma construção dessas não pode servir apenas de enfeite.

— E você toma conta? — Estava pensando se ela tinha um marido, eu acho.

— Sim, sou a zeladora — ela respondeu. — Sou eu quem garante que os barcos não se arrebentem nas pedras.

Voltei para o carro. Entrei e fechei a porta, mas percebi que ainda era muito cedo. Provavelmente, meu pai estaria envolvido no seu trabalho até o final da tarde. Saí do carro novamente, esperando que ela não estivesse me observando. Sylvie Genovese não parecia ser o tipo da pessoa indecisa. Caminhei até o farol e olhei para o alto. O nevoeiro tinha se afastado e era possível enxergá-lo por completo, até o cume. Não era apenas um enfeite, mas era lindo. Lindo e protetor.

Fui até a beirada do penhasco, onde meu pai e eu tínhamos parado no dia anterior. Notei uma trilha que eu não tinha visto, que circundava até lá embaixo na praia. Era bem íngreme e minhas sandálias não eram apropriadas, mas decidi descer assim mesmo. Caminhei daquele jeito meio desengonçado que a gente costuma fazer quando desce uma ladeira escorregadia, me equilibrando pelas laterais, agarrando galhos da vegetação marinha até, finalmente, chegar lá embaixo. A praia se curvava à esquerda, por quilômetros, mas à direita ela terminava logo após o farol. As pedras se amontoavam até se tornar impossível atravessar por ali enquanto a maré não baixasse. Vi um barco a motor perto da escarpa do farol, que devia ser o de Sylvie.

Virei à esquerda. Tirei as sandálias, porque essa é uma regra invariável que a gente cumpre quando está numa praia, não importa quão frio esteja. Enrolei as barras da minha calça e caminhei na areia grossa e macia mais próxima da terra, depois passei para aquela camada onde os detritos do mar são lançados e, então, me encaminhei para a areia dura e molhada que ficava à beira da água. Se eu quisesse poderia andar ali para sempre, dava até para ir andando até nossa casa de praia. Podia enxergar nossa casa em Possession Point, pequena, mas visível a distância. Peguei um pedaço de pau e o carreguei comigo. Pus os pés na água, mas ela estava gelada. Peguei algumas conchinhas, lavei-as e as guardei no meu bolso. Passei em frente a algumas casas, imaginando qual delas eu escolheria para morar. Aquela moderna, com janelas

de vidro? Aquela pequena, mas charmosa? As casas se espalhavam por aqui, um pedaço de praia e de mar sem fim, e era óbvio que estas pessoas estavam cientes destes elementos. Uma estátua feita de restos de madeiras decorava um deck, uma fileira de boias circundava uma grade. Um barco a remo estava preso ao lado de uma casa, com os remos afundados na areia da praia.

E, então, eu cheguei em frente ao barraco que tinha visto lá de longe. Talvez alguém guardasse seus barcos ali, ou, talvez, as ferramentas de jardinagem, ou qualquer outra coisa. Era menor que uma garagem de um carro, feita de seixos e placas cinza envelhecidas. Talvez ninguém realmente morasse ali. Espere, acho que aquilo é uma chaminé. E tem uma pequena construção bem ao lado. Espera aí, não acredito. Será uma casinha? Será um banheiro fora de casa, como antigamente? Porque parecia um daqueles anexos que a agente via em filmes de caipiras, tipo família Buscapé.

Fiquei imaginando um cara banguelo, mas isso também tinha certo charme. Ou então, por que diabos eu estaria olhando para aquilo há tanto tempo. Comecei a notar algumas coisas. Lenha empilhada. Uma macieira? Será possível uma na praia? Será que nesta praia crescem coisas improváveis? Vi plantas em potes amarelos no parapeito do lado de dentro da janela. Tinha também um par de tamancos de jardim de cor laranja.

— Você não é fiscal. — Ouvi a voz de uma mulher.

Levei um susto. Atrás de mim estava uma mulher de cabelos grisalhos na altura do queixo, com o rosto cheio de rugas e uma boca severa. Ela usava jeans e um moletom de mangas curtas. Era pequena, mas seus braços eram musculosos. Estava carregando dois baldes de latão, e um deles estava transbordando com algo que parecia erva daninha.

— Não — respondi.

— Se não for para fiscalizar, não tem por que ficar olhando.

— Apenas curiosidade — repliquei.

— É um lugar interessante, não é?

— Você mora aqui? — indaguei.

— Moro. Agora moro aqui em tempo integral, se é que você acredita. Eu tinha um apartamento em Nova York, mas abri mão dele no ano passado. Você acredita nisso também? Costumávamos vir aqui nos verões, porém agora sou só eu.

— Nova York — disse. — Uau.

— Você deve estar imaginando como as coisas são diferentes por lá. E é esta a questão. Lá, você apenas consegue o que precisa com muito esforço. Não consegue colher grãos de areia, nem coisas para o jantar colhidas do seu próprio pedaço de terra. — Ela mostrou o balde e fiquei pensando que talvez ela fosse louca.

— Bem, muito obrigada por me deixar olhar — disse.

— Annabelle Aurora. — Ela se apresentou, colocou os baldes no chão e estendeu a mão.

— Clara Oates — respondi e nos cumprimentamos.

— Turistas do verão — ela falou.

— Sim.

— Você está convidada a vir jantar aqui qualquer dia. Traga seu pai.

Juro por Deus que meu coração quase parou. Ela me assustou, pode acreditar. Eu estava acostumada a que as pessoas me relacionassem com meu pai na nossa própria cidade. Não tinha esperado esse tipo de reconhecimento de uma velha desconhecida, numa casinha na praia. Parecia que ela conhecia o meu pai como eu o dela.

— Diga a ele que estou com músculos. — Ela brincou.

Agora eu tinha certeza de que ela era mesmo louca. Ela realmente tinha músculos e, apesar de ser pequena, parecia ser alguém capaz de se defender, caso alguém se pusesse no seu caminho. Mas, então, ela tocou em um dos baldes com a ponta dos sapatos. Olhei lá dentro, um punhado de conchas pretas e curvas. Mexilhões.

— Pode deixar. Obrigada — agradeci.

Sai correndo dali. Eu tinha levado um tempão para descer aquela trilha, mas não demorei nada para voltar. Sei que era burrice, mas meu coração estava disparado. Aquela mulher me apavorou. Conhecia aquela sensação de perigo em potencial, e como ele fazia a gente reagir de modo desengonçado e concentrado na necessidade de fugir. Minha mão tremeu ao tentar inserir a chave no carro. Entrei e tranquei as portas à minha volta, e fiquei sentada ali dentro até me acalmar um pouco. Como eu era idiota, porque no fundo sabia que não tinha nada a temer daquela velha que morava num barraco.

Você vê como eu sou? Toda medrosa agora. Uma velha, um galho raspando no vidro, o vento nas árvores, que era apenas o vento, qualquer coisa tinha a capacidade de me transportar para aquele lugar onde eu fiquei tão assustada, tão, tão assustada, que eu praticamente podia sentir aquela mão agarrando meu tornozelo no alto da escada. Tinha a ver com não saber o que aconteceria a seguir. Não tinha nada a ver com uma velha senhora e tamancos de jardim.

E esse era um dos motivos de estarmos aqui, eu sabia. Havia outro. De modo que um galho de árvore, o vento e estranhas velhinhas pudessem ser apenas o que simplesmente eram.

Comprei para papai caramelos das cores mais engraçadas. Cor-de-rosa com listras azuis. Amarelo com verde. Púrpura. As cores mais gritantes. Nosso misterioso anfitrião, com seu gosto sofisticado, nunca imaginaria que a sua tigela de madeira escovada, no centro da mesa de jantar, ficasse repleta com essas cores. Perfeito.

No entanto, eu estava mentindo para mim mesma. Eu não tinha ido para a cidade para comprar caramelos. Eu fui lá para ver um pouco mais do Finn Bishop.

Eu sei, porque escovei meus cabelos e chequei minha aparência antes de descer do carro, e ninguém faz isso para as mulheres da loja de doces. Depois que eu saí da loja, parei na barraca de comida perto do ancoradouro chamada A Enseada. Olhei no cardápio preso à parede atrás do balcão.

— Variações de X-burger — falou a garota atrás do balcão. Acho que ela era um pouco mais velha do que eu, com cabelos castanhos compridos amarrados atrás e olhos que não levavam desaforo para casa. Ou era alguma coisa comigo, ou o ar do oceano deixava as pessoas mais rudes por aqui.

— Quero um X-burger — falei.

— Boa escolha. Vai querer fritas?

— Tudo bem — respondi.

— Você tem que experimentar nossas fritas. Elas são fantásticas. É um brinde da casa. Mas não vá alimentar as gaivotas com elas, ok? Senão elas não saem daqui e minha vida vira um inferno. Combo Enseada número 2 — ela gritou para o cozinheiro nos fundos. — Olhe para ela. — Ela apontou uma das mesas de piquenique que ficavam lá fora. Uma gaivota estava sentada sobre ela, bicando alguma coisa debaixo de sua asa.

— Acho que ela não quer ir para lugar nenhum — falei.

— Gulliver. Esse é o nome dela. Não consigo me livrar desse pássaro, parece um cachorro vira-lata. Ela até tenta me seguir até em casa.]

Dei uma risada. Em poucos minutos meu lanche estava pronto, saí com o saco nas mãos e fui até o gramado em frente à marina. O Obsession não estava ancorado, mas eu procurei por ele na água. Pude vê-lo a uma distância não muito grande dali. Comecei a comer, vagarosamente, enquanto assistia à sua aproximação. A garota estava certa, as batatas eram fantásticas.

O barco entrou com suavidade no cais. Era tão lindo como eu me lembrava. O cara que estava no alto do mastro naquele dia, aquele que eu imaginava ser o irmão do Finn, estava manobrando uma enorme roda prateada. Ele avançou com facilidade, deu ré e ancorou com perfeição ao lado do ancoradouro, para onde Finn saltou e agarrou as cordas para amarrá-lo. Lembrei-me do meu exame de direção, em como aquelas manobras paralelas eram complicadas e como me frustrava não fazer aquilo direito. Mas esses dois caras, com este enorme veleiro, estacionaram com tanta facilidade como se não houvesse dificuldade alguma.

Observei quando Finn saltou no cais e enrolou, com rapidez, as cordas em volta dos ferros. O barco se encaixou tranquilamente perto da escada, onde Finn subiu e estendeu a mão para ajudar os passageiros que estavam a bordo a desembarcar. Observei as pessoas subirem aqueles degraus, vários casais, uma família com duas meninas, outra família com uma criança de colo usando um colete salva-vidas, e todos pareciam relaxados, felizes e despenteados pelo vento. Um cara parou na cabine de vendas de ingressos, que hoje tinha uma jovem atendendo, tirou sua carteira e entregou algumas notas. Talvez estivesse pagando por outro passeio, em outro dia. Os passageiros se espalharam pelo cais, o casal com a criança pequena foi para o A Enseada, a família com as meninas parou para tirar fotografias.

Finn pulou de volta para dentro do barco. Tudo parecia muito fácil para ele. Dava para perceber que ele estava à vontade. Observei enquanto ele brincava com outro cara, e, então, Finn desceu para a cabine inferior por um instante, mas logo depois subiu novamente. Ele trabalhou arrumando o barco para o próximo passeio. Enrolou as cordas em círculos perfeitos. Arrumou a vela e a dobrou cuidadosamente.

Eu tinha terminado meu sanduíche e amassei o papel. Estava quase terminando minha bebida. É claro que eu estava encarando-o. Foi aí que Finn finalmente percebeu que eu o observava. Eu estava a certa distância dele, mas

não tão longe assim que ele não pudesse me ver. Ele olhou em minha direção e cobriu os olhos com as mãos para ter certeza de que era eu. Finn sorriu e acenou, e eu acenei de volta.

No entanto, não fui até ele, não naquele momento. Se eu precisava de tempo para que um galho de árvore voltasse a ser, novamente, apenas um galho de árvore, então precisava de tempo para que um menino pudesse ser, novamente, apenas um menino para mim.

**

Meu pai deu uma risada alta.

— Você está brincando comigo — ele falou. — Você encontrou Annabelle Aurora? No seu primeiro dia?

— Você conhece ela?

— Muito bem. Ela foi minha professora em Nova York. Encontrei-me com ela numa festa há alguns anos e temos mantido contato. Ela é uma velha amiga, Pea. Ela ficou hospedada conosco uma vez quando veio para uma conferência de escritores na cidade. Você ainda era apenas um bebezinho. É claro que eu sabia que ela estava aqui. Nós nos comunicamos por e-mail, essa foi uma das razões pelas quais eu escolhi esse lugar.

— Ela é sua amiga.

— E é uma poeta. E bem conhecida por sinal. Eu ainda não tinha contado a ela que já havia chegado*.

— Acho que ela não deve ter nem telefone.

— O que você quer dizer com isso?

— Ela mora num barraco. E tem até uma casinha com banheiro do lado de fora. Você mesmo diz que poetas só recebem pagamento com exemplares de revistas, não com dinheiro.

Ele riu novamente. Obviamente, ele estava adorando tudo isso. Com certeza ele adorava aquela velha maluca.

---

* Três sotaques diferentes, duas pessoas famosas, se você está prestando atenção. Meu pai conhece milhares de escritores, portanto deve ter mais por aí. Ah, e o pai de Christian foi casado durante algum tempo com uma mulher que tinha sido casada com um dos Rollings Stones. Se é que isso conta.

— Annabelle é podre de rica.

— Não!

— Podre de rica. O marido dela era dono de jornal. O dono, não um simples repórter. Acho que a família dela também tinha dinheiro. Eles tinham um apartamento maravilhoso e duas filhas. Eles eram muito ligados nas meninas.

— É surpreendente ela morar sozinha naquele lugar estranho.

— Deve estar feliz como um peixe dentro da água, disso tenho certeza. Ela sempre gostou de morar em lugares isolados. Quanto mais isolado, melhor.

— Peixe dentro da água — entendi. — Ela mandou falar que tem mexilhões.

Ele bateu com as mãos na mesa. — Essa Annabelle é incrível — ele exclamou. — Que memória boa tem essa velha. — Ele tinha um sorriso largo no rosto e seus olhos estavam brilhantes. — Quando ela veio ficar conosco, nós assamos alguns mexilhões para o jantar. Você era pequena demais para se lembrar. Sua mãe estava meio deprimida e tinha ido para dentro de casa. Deprimida... não me lembro bem. Eu e Annabelle comemos os mexilhões e bebemos cerveja até ficarmos tontos. Morremos de dar risada lembrando-nos das outras pessoas nas nossas aulas e daquelas festas idiotas onde aqueles intelectuais do mundo literário tentavam parecer literatos. Usavam uma camada de superioridade para mascarar uma enorme insegurança. "Todas as vezes que eu vejo gente assim, não importa onde, não consigo deixar de pensar como elas eram quando ainda estavam no colegial, acho que se preocupando onde iriam se sentar e perto de quem." Annabelle disse isso uma vez e pensei sobre isso mais tarde. Se você enxergar uma pessoa como se ela tivesse 13 anos, ela vai lhe parecer diferente a partir daí.

— Provavelmente — falei. Mas eu estava pensando no meu pai e na velha Annabelle Aurora sentados no nosso deck numa noite de verão, e minha mãe dentro do quarto. Pensei que, se me esforçasse, talvez conseguisse me lembrar daquela noite. Imaginei o que minha mãe estaria pensando ou sentindo, e o que a tinha deixado deprimida. São nesses momentos que eu realmente sinto falta dela, quando penso que não a conheci, que não consigo nem imaginar por que ela deixaria uma convidada sozinha no meio de um jantar. Só tinha essas palavras, mau humor, depressão, e nada mais em que eu pudesse me apoiar. Havia outras palavras também. Mas palavras como francesa ou fotógrafa ou sensível, tinham milhares de significados e imagens que minhas

próprias lembranças não entendiam. Eram essas coisas que eu nunca compreenderia, e que nunca teria, que me machucavam.

— Annabelle Aurora — meu pai falou. Seus olhos ainda refletiam um brilho.

— A mãe que você nunca teve? — falei*.

— Não diria bem isso — ele replicou. — De modo algum.

— Ela sabia quem eu era e isso me assustou. Achei que ela fosse alguma fã maluca, que conhecia tudo sobre a sua vida.

— Ela conhece minha vida, e muito bem. De verdade.

Tentei ler o livro, novamente, antes de dormir. Não gostei da história, mas continuei a ler pelas mesmas razões que uma pessoa continua a fazer algo de que não gosta muito: você se sente mal por não tentar mais um pouco, afinal de contas já leu o bastante pra desistir agora, e fica achando que as coisas vão melhorar. E quando você é o tipo de pessoa para quem a vida só trouxe coisas boas, é fácil acreditar na bondade. Acreditar que tudo vai dar certo, que até mesmo as piores coisas vão dar certo. Você acredita em um final feliz.

Mas isso é ingenuidade. É o lado bom da sua vida que faz você ser assim, que torna difícil acreditar que o outro lado exista. Bem, você está errado quanto a isso.

Fechei o livro e jurei que não o abriria mais. Já era tempo de eu aprender alguma coisa.

---

*A mãe de meu pai, a vovó Oates, era uma mulher conservadora que morava em Iowa com a sua irmã, minha tia Barbara. Minha avó fazia a gente acreditar que era possível a troca de bebês em hospitais.

Capítulo 7

Ele me ligou naquela mesma noite, depois que eu voltei do parque e comi tudo o que estava na geladeira. Beijar deixa a gente com fome. Desejo deixa a gente com fome. Já estava bem tarde e eu tinha aula no dia seguinte, no entanto queria ficar um pouco mais com ele e sabia que ele queria isso também. Fui para a cozinha pegar algo para beber, falando bem baixinho e com o telefone preso entre meu ombro e a orelha, quando meu pai entrou. Ele estava desligando as luzes e fez um sinal para mim mostrando que já era tarde, franzindo as sobrancelhas, preocupado. — Eu sei! — falei sem emitir som e fiz uma careta. Estava brava porque ele não estava entendendo o que estava acontecendo, e o quanto isso era especial.

A partir de então, Christian e eu passamos a conversar por telefone todas as noites. Estávamos tendo aulas de álgebra e cálculo e tínhamos muita lição de casa, portanto não conseguíamos nos encontrar, e no final de semana seguinte, ele planejava ir para o chalé da montanha com seus pais. Era praticamente insuportável pensar como essas semanas eram longas. Sabia que se ele viesse estudar aqui em casa, nós não iríamos estudar, então passávamos um tempão falando ao telefone. Ficávamos um tempão dizendo: "Eu deveria ir até aí. Se tivesse ido até aí poderíamos passar este tempo juntos em vez de ficarmos ao telefone". E coisas desse tipo. Talvez eu estivesse ansiosa com o encontro dele com meu pai, apesar de eu não ter nenhuma razão para acreditar que eles não fossem se dar maravilhosamente bem. Christian era inteligente e culto e papai gostava de gente assim. Havia algo, no entanto, que eu sabia que poderia acontecer, que era o fato de meu pai ver as coisas longe. Ele era um bom observador e acho que eu não queria que ele ficasse olhando e observando e que achasse alguma coisa que pudesse estragar tudo. Queria que ele gostasse de Christian, que ficasse quieto e deixasse as coisas como estavam.

Finalmente, numa sexta-feira à noite, Christian veio me pegar para irmos ao cinema. Eu o apresentei ao meu pai e eles ficaram parados na porta como se tivessem receio de dar um passo a mais. Tiveram um bate-papo tenso sobre coisas banais, como o número de horas com luz do sol que havia em Copenhague durante o inverno, ou coisas deste tipo, e eu fiquei olhando para eles tentando descobrir o que estavam achando um do outro e não via a hora de sair depressa dali.

Era tão bom encontrá-lo. Ah, meu Deus, eu estava tão feliz que fosse sexta-feira, finalmente. Dava vontade de pendurar bandeirinhas com a palavra sexta-feira e enfeitá-las com balões. Era uma palavra maravilhosa.

— Adoro ver você dirigir — eu falei.

— Adoro ver você sentada ao meu lado — ele respondeu.

Eu me sentia como se fôssemos o senhor e a senhora enquanto ele dirigia o carro, mas também estava um pouco nervosa. Durante horas a fio, falamos um pouco sobre tudo, mas era tudo, ainda, tão novo; estar no carro dele era novidade, a preocupação para não deixar a maquiagem escorrer era nova, ou o medo de dizer alguma coisa errada, falar algo estúpido que podia fazer com que ele não quisesse me ver novamente. Isso acontecia muito quando eu começava a gostar de verdade de alguém, você se preocupa em saber se ele a observa para ter certeza de que, realmente, gosta de você. A questão é que, muito provavelmente, você devia estar observando também e se esquecia de que não era a única a ser observada, examinada e que tentava passar em algum teste.

Olhei em volta do carro dele para ver se encontrava alguma coisa que me deixasse conhecê-lo melhor, mas estava tudo muito limpo, não tinha papel de bala, nem sujeira, nem livros ou garrafas vazias. Dylan Ricks tinha uma bola de futebol pendurada no espelho retrovisor e equipamentos esportivos empilhados no banco traseiro, garrafas de água e embalagens vazias de barrinhas de cereais. Havia coisas espalhadas em todo lugar. Imaginei Christian passando aspirador de pó no tapete antes de me pegar, recolhendo migalhas de comida entre os assentos e deixando tudo brilhando. Na verdade, seu carro estava sempre limpo, mas eu não sabia disso até então*. Observei sua mão ajustando o botão do rádio, e elas eram limpas também. Assim como as unhas eram bem cortadas. Eu gostava disso, falei pra mim mesma. Não tinha certeza de que eu gostasse mesmo, mas fiz de conta que sim. Ele era diferente do Dylan e dos outros rapazes que eu conhecia, até mesmo do meu pai, que vivia com as camisas sujas de molho de macarrão e que tinha o banco traseiro de seu carro todo bagunçado de livros e copos de cafés vazios.

---

*Por mais estranho que pareça, ele parecia não conseguir jogar nada fora. Ele guardava, no quarto, pilhas de papéis, provas antigas, trabalhos de casa, cartões, fotos, e pilhas de roupas velhas dobradas dentro do armário. Obviamente, ele não conseguia se desfazer das coisas com facilidade. Eu deveria ter percebido que isso era um sinal de alerta.

— Você vai gostar dessa música — Christian falou. — Toda vez que a ouço eu penso em você.

"The Way She Moves" do Slow Change. Eu nunca tinha gostado muito deles. Hunter Eden parecia um idiota, mas isso não importava agora. Não via a hora de chegar em casa e ouvir a música com atenção.

— Eu ouço a TV do vizinho e penso em você — falei.

Ele não entendeu o que eu quis dizer e me olhou meio desconfiado.

— O que eu quero dizer é que qualquer coisa me faz lembrar de você — eu disse.

— Tudo bem — ele respondeu. — Entendi.

Ele pegou na minha mão, e o contato da sua pele na minha foi como se uma corrente elétrica passasse pelo meu corpo. Foi um zumbido físico. Acariciei a parte de dentro do braço dele com a ponta dos meus dedos até chegarmos a um semáforo, e ele teve que mudar a marcha. Apertei seu braço, não conseguia parar de tocá-lo. Ele tinha um cheiro tão bom que, mesmo de onde estava sentada, eu sentia no ar, como um cachorrinho na traseira de um caminhão.

Paramos na fila da bilheteria, ele colocou seus braços por trás de mim e eu me encostei bem perto dele.

— Agora estamos grudados — declarei.

— Ótimo — ele disse. E avançamos alguns passos ainda grudados um no outro. — Vai ser difícil assistir ao filme deste modo. — Ele brincou.

— Vai ser difícil dirigir até em casa — falei.

— Vamos ter que decidir na casa de quem vamos morar. Em qual escola vamos estudar. Como você está na frente, é você que vai ter que amarrar nossos sapatos.

Dei uma risada.

— Vocês americanos riem tão alto — ele falou.

Aquilo me deixou magoada, mas não falei nada. — Nós, americanos, gostamos de namorados engraçados — respondi. Aquilo escapou antes de eu pensar em nada. Meus controles estavam meio lentos. Porém, estava tudo bem e ele deu um beijo no meu pescoço.

— Gosto desse barulhinho. Por acaso isso significa que você é minha?

Coloquei nossas mãos nos bolsos da minha jaqueta e fingi pensar sobre aquilo. — Sim... — Era dele. É estranho, não é, como a ideia de pertencer a alguém pode parecer tão maravilhosa? Era algo tranquilizador, um modo de definir as coisas. Gostamos da ideia de estarmos protegidos, até que ficamos sufocados demais. Gostamos de ter segurança, até que ela signifique que não existe mais uma saída. E gostamos de pertencer a alguém, até percebermos que não somos mais nós mesmos.

Era a primeira vez que saíamos juntos, e aquela sensação de seu e meu, a percepção do nós, era algo que estávamos experimentando, estávamos exibindo para os outros para descobrir qual era a sensação. Era algo bom. Não, era ótimo. Parecia que estávamos fazendo uma declaração ao mundo, ainda que os dois caras que estavam à nossa frente e que cheiravam a maconha não estivessem nem ligando, nem a vendedora de ingresso, com seu cabelo negro e liso que nem nos olhou quando recebeu o dinheiro. Christian insistiu em pagar, ele sempre fazia isso, e eu gostava disso também. Ele estava cuidando de mim. Você cuida das pessoas que ama, mas também é verdade que você cuida das coisas que você tem.

Não estava prestando atenção ao filme, não conseguia parar de olhar para Christian sentado na poltrona ao meu lado, enquanto as luzes do cinema tremulavam passando do claro para o escuro. Ele ficava tão bem de perfil. Ele percebeu que eu o estava admirando e apertou minha mão antes de voltar sua atenção para a ação do filme. O jeito dele me fazia querer fugir dali e ir embora com ele. Não via a hora de estarmos nós dois sozinhos. Era muito bom passear, ir ao cinema, não importava o que, porém o que eu realmente queria era estar nos braços dele e beijá-lo muito. Num lugar onde só existíssemos nós dois, onde ninguém mais pudesse entrar.

O filme terminou e eu não saberia dizer do que se tratava. Só me lembrava de dois espiões. Isso é tudo. Não consigo nem me lembrar do nome do filme agora, mas, se eu tentar bastante, talvez eu lembre. Isso não importa. O que importa é a urgência que eu estava sentido. É isso que eu queria dizer: não era apenas a vontade dele, eu também queria estar com ele, tanto quanto ele queria estar comigo. Talvez ainda mais que ele.

Saímos do cinema de mãos dadas. A noite estava fresca e agradável, o estacionamento movimentado, cheio de carros entrando e saindo, e isso era agradável também. As coisas estavam acontecendo, se movimentando, e isso era muito melhor do que ficar sentado na cadeira, esperando. A noite se agitava novamente. Ele abriu a porta do carro para mim e eu o abracei.

— Beijo — murmurei. Ele me beijou, mas parecia preocupado.

— Vamos — ele falou.

Ele me levou de volta para casa. No entanto, ele não fez o que Dylan costumava fazer. Estacionar o carro a alguns quarteirões de distância para podermos ficar alguns minutos sozinhos antes de eu entrar em casa. Christian parou em frente à minha casa e saiu imediatamente do carro. Imaginei se havia alguma coisa errada. Caminhamos até a porta de frente. Eu sabia que meu pai deveria estar dormindo, portanto nem me preocupei com ele quando Christian se aproximou; puxei sua boca com força, de encontro à minha, talvez porque fosse isso que eu esperasse dele. Ou porque eu estivesse tentando ser aquela garota sexy, a quem ele não poderia resistir. Mas ele resistiu. Ele parecia estar bem longe dali. Seu corpo estava distante, mas, de repente, se aproximou novamente. E nos deixamos levar mais uma vez, com suas mãos deslizando macias pelo meu corpo, levantando minha blusa e explorando minha pele quente. As coisas ficaram, ligeiramente, fora de controle. Muito.

— Viu o que você fez? — Ele falou. Seus lábios estavam brilhantes sob a luz da rua.

— Boa-noite — falei. Eu estava provocando e era bem divertido. Christian estava com um sorriso sem graça.

— Droga — ele resmungou. — Droga.

— Acho que você poderia dizer: eu gosto de você. Gosto de você pra valer — falei.

— É mesmo? Acho que você poderia dizer "eu sinto muito".

Eu não sabia o que aquilo significava. Quis perguntar; senti a pergunta crescer dentro de mim com certo desespero e tentei me acalmar. Continuei a sorrir, pois parecia perigoso continuar o assunto. Se o fizesse, talvez fosse revelar algumas de suas dúvidas que iriam crescer incontrolavelmente quando expostas em voz alta. Fingi que estava tudo bem, que eu não tinha entendido direito o que ele dissera. Ele beijou minha testa. Beijou minha testa, como se estivesse protegendo a minha inocência. Foi para o carro e acenou sobre o ombro.

Entrei e estava ansiosa e confusa. Tive vontade de ligar para ele naquele minuto, mas eu resisti e não liguei. Senti uma sensação ruim e premente de pânico. Estava sendo irracional, falei a mim mesma, isso tudo estava indo rápido demais.

Eu pensei que meu pai já tivesse ido dormir, mas estava errada. Na verdade ele estava na sala com os pés em cima do baú que nós usávamos como mesinha de café e segurava o controle remoto nas mãos. Ele não estava assistindo à TV.

Passei pela porta e ele olhou. Observou minha camisa pra fora da calça. Tenho certeza de que meu cabelo estava desarrumado.

— TV? — perguntei.

— Estou surfando pelos canais a cabo, mas já acabei. Imagine 57 canais e nada de bom pra se assistir. — Ele estava fazendo uma de suas citações, embora eu não tivesse certeza do que ele estava citando*. Papai estava usando suas calças de pijama e uma camiseta de um show de milhões de anos atrás. — Se divertiu?

— Claro — respondi. — Você estava me esperando? — Ele nunca tinha ficado me esperando antes.

— Queria ter certeza de que você iria chegar bem. Meu dever de pai.

— Por que eu não iria chegar bem? — De repente eu estava irritada. A noite tinha acabado, mas meu pai estava sentado bem aqui, e tudo estava estranho, e era com meu pai que eu poderia ficar brava.

— Andar de carro, terremotos, rapazes, um milhão de razões. Intoxicação alimentar. Engasgar com um caroço de pipoca.

— Você não gostou dele.

— Não falei nada disso. — Mas eu percebi que estava certa. A voz dele se levantava no final da sentença.

— O que foi? Ele é um cara legal. Ótimo. E me trata muito bem.

— Maravilhoso. Fico feliz.

— O quê?

— Clara.

— O que foi?

---

*"57 Channels (And Nothing One)", de Bruce Springsteen. Do álbum Human Touch, de 1992. Acabei de procurar.

Ele desligou a TV e largou o controle remoto. — Ele me pareceu um pouco...

— O quê?

— Rígido.

— Rígido. Ótimo. — Eu estava furiosa. — Ele não é um cara americano maluco e espalhafatoso, e daí? O que há de errado com isso? Ele é um cara educado. Ser educado é uma coisa boa. Você é o único pai que eu conheço que não gosta de gente educada. Ninguém é bom demais para você.

Isso era uma mentira, eu sabia. Ele não era assim tão protetor em relação aos meus namorados, não mesmo. Nem mesmo com o Dylan, quando deveria ter sido. — Não é verdade — ele falou. — Olha, C.P., uma pessoa rígida pode ser... controladora. Quase sempre controladora. Que diabos, na maioria das vezes. Depois daquele último carinha, Pea, é algo para você prestar atenção.

— Ele não é nada parecido com o Dylan. Basta você passar cinco minutos com ele pra ver isso. — Eles eram diferentes. Christian era cortês, tinha boas maneiras, tirava boas notas e tinha um objetivo de vida. Dylan mal passava de ano, e até brigava com os professores. — A diferença é ser legal — disse ao meu pai. Ser legal era uma grande qualidade.

— Uma pessoa legal, às vezes, está escondendo alguma coisa.

— Isso é ridículo! É a coisa mais idiota que eu já escutei.

— Existe todo tipo de pessoa legal, C.P., elas podem ser pessoas normais, agradáveis e práticas. Mas existem aquelas que estão escondendo a hostilidade. São pessoas que não têm coragem de revelar seus sentimentos verdadeiros.

— Deus do céu. — Dei meia-volta para sair.

— C.P., me desculpe. Porém, não foi você mesma quem me pediu para ser honesto?

Parei. Na verdade, eu tinha feito ele me prometer, e a Shakti também. Tinha sido uma daquelas situações quando você termina um relacionamento e todo mundo fala que sabia que o cara era um mau-caráter. Você fica brava porque ninguém falou nada antes, mas como eles poderiam dizer alguma coisa? Você queria a opinião honesta deles, mas também queria seu apoio, e não existe uma mentira verdadeira.

— Você o viu por apenas cinco minutos — repliquei.

— Tudo bem — meu pai respondeu.

— Vou dormir.

— Eu nem conheço o rapaz — ele falou.

Fui para o meu quarto. O telefone tocou e era Christian. Deixei tocar. Eu tinha que me acalmar antes. Sentei na beirada da cama até que a irritação passasse. Ainda me sentia confusa, sentia a ansiedade angustiante de que as coisas pudessem dar errado, que talvez perdesse algo importante. Peguei o telefone.

— Oi — falei. Ah, eu parecia tão alegre.

— Oi — ele respondeu.

Esperei. Esperei por uma avalanche despencando em minha direção. Porém, Christian começou a falar sobre outra coisa, sobre o que o Sr. Hooper tinha feito naquele dia e ele havia esquecido de me contar. Tudo estava normal novamente, e a ideia de perdê-lo foi se distanciando, como uma luzinha se apagando na distância; ainda assim foi uma sensação ruim e de pânico que eu recordaria. Eu teria feito o máximo para evitar isso. Sua voz soou rouca nos meus ouvidos*.

— Você me deixa louco — ele sussurrou.

Eu tinha medo de perdê-lo. Não apenas a ele, mas a um novo tipo de vida, uma excitação cheia de esperanças, um novo eu, cheio de magias e capacidade de enfeitiçar. Poder. E a ideia desta perda, o sentimento horrível de pânico... eu também tinha sentido. É importante ser honesta, eu tinha experimentado isso também.

Depois que desligamos o telefone, encontrei aquela música, "The Way She Moves", e eu prestei atenção, cuidadosamente, a cada palavra, procurando entender seu significado. "Seus olhos estão nela, e você a quer. Seus olhos a têm. Ela é sua...". Decidi criar um CD para ele com as canções que eu achava que nos representavam perfeitamente. De repente, todos os tipos de música pareciam fazer sentido. Todas as letras, os filmes e tudo sobre o amor... Esta era a questão principal. Esta.

---

*O Dr. Frank Tallis escreveu um livro chamado Love sick: love as a mental illness. Ele falou que quando nos apaixonamos sentimos as mesmas coisas que acontecem quando ficamos loucos. Não dormimos, não comemos, e pensamos, obsessivamente, naquela pessoa, temos pensamentos enlouquecidos... eu li o livro. Pense nas seguintes palavras: "Estou louco por você. Você me deixa louco. Louco de amor". Podemos dizer que a linha que separa amor da loucura é bem tênue.

Conheci os pais dele. Sua mãe e o padrasto. Sandy era do tipo mignon, loira e meiga. Achei Elliot um pouco cínico, perspicaz e ligeiramente cruel. Seus comentários jocosos valiam mais do que os sentimentos dos outros. Mas eu não consegui perceber o que havia de errado com a mãe dele. Não consegui mesmo. Acho que ela o tinha abandonado quando ele ainda era bem pequeno, no entanto ela parecia estar lutando bastante para acertar. As coisas pareciam complicadas ali.

Outubro virou novembro. Nós fazíamos tudo juntos. Vestíamos nossos casacos pesados e caminhávamos até o Rose Garden e ao zoológico para namorar no gazebo. Eu ia com ele até a casa do Sr. Hooper e ficava sentada perto dos janelões e da lareira, enquanto Christian lia os romances que ele trazia da biblioteca de Seattle. O Sr. Hooper usava agasalho e chinelos. Ele não se importava muito se a trama era lenta, se a história se passava no século 18 ou se era atual, se era uma história de amor ou de guerra. Acho que o que ele gostava mesmo era de ouvir o som da voz de Christian, fato que eu entendia perfeitamente. Christian preparava sanduíche de queijo quente e chá para o Sr. Hooper.

Fomos, uma vez, todos juntos para o chalé nas montanhas de Sandy e Elliot, eu e Christian viajamos na traseira como se fôssemos crianças, comendo balas de goma e brincando com jogos. Construímos um forte na neve, nos enfiamos lá dentro e tentamos nos beijar, mas nossos lábios estavam gelados demais para que aquilo desse certo. Ele me contou como era o inverno em Copenhague, quando ele ainda era um menino e ele e seus pais alugavam patins no ringue de patinação do centro da cidade, situado, pitorescamente, em frente ao Royal Danish Theatre.

No começo de dezembro, um cara da classe de Christian chamado Jason Patricks saltou da beirada da cachoeira Snoqualmie Falls e fomos ao enterro juntos, com todos os outros alunos da sua classe, com nossas mãos apertadas fortemente. O caixão foi colocado na frente da igreja, e, embora eu não tivesse conhecido Jason, sabia que ele não estava mais vivo e que agora jazia dentro do caixão. Eu não me lembrava bem do enterro da minha mãe, mas enquanto estava ali, naquele funeral com cheiro de cera de flores, com Christian tão perto. Então, parecia que tínhamos vivenciado algo juntos, ou pelo menos presenciado algo imenso que nos uniu.

Nós nos conhecíamos há apenas alguns meses quando ele disse que me amava. Tínhamos brincado um pouco sobre isso, tínhamos usado algumas expressões de amor, mas nunca tínhamos falado abertamente aquelas palavras. "Acho que estou me apaixonando. Eu amo isto em você. Você é uma pessoa por

quem eu poderia me apaixonar". Ainda assim, eram aquelas três palavrinhas que você queria ouvir; aquelas que realmente significavam alguma coisa. Ele tinha ido me buscar na escola e estávamos no carro dele. Estacionamos perto do ginásio onde tínhamos nos conhecido. Parecia que aquele jogo de basquete tinha acontecido há tanto tempo. Christian tinha se tornado uma presença constante na minha vida, e parecia estranho pensar que houvera um tempo em que ele não fizera parte dela. Minha amiga Shakti reclamava que quase não me via mais. Todos os meus amigos reclamavam. Tentei ser aquele tipo de garota que não larga seus amigos quando arruma um namorado, mas eu acho que eu era assim, e estou falando a verdade aqui. A verdade era que eu não me importava com mais ninguém.

— Eu já disse isto para você um milhão de vezes no meu pensamento — Christian tinha dito.

Fiquei quieta. Lembrei-me de uma palavra antiga: recatada. Tive a impressão de que ele estava de joelhos segurando uma caixinha de veludo, enquanto eu aguardava vestida com uma roupa antiga. E verdade seja dita, não seria eu quem diria aquelas palavras primeiro. Por que será? O amor deve ter mais poder do que a gente imagina, pois se mesmo nos momentos mais íntimos, não queremos nos arriscar e nos expor antes que o outro...

— Amo você — ele declarou e ficou feliz de ter colocado isso pra fora, pelo menos eu acho. Repetiu aquelas palavras se sentindo aliviado, então abaixou a janela do seu lado e gritou para fora, algo que não lhe era peculiar. Eu ri e segurei seu braço.

— Christian! — falei. Notei que duas garotas mais velhas estavam nos observando como se fôssemos palhaços de circo. — Levanta essa janela! — Eu estava dando risada e me sentia tão feliz. Ele subiu a janela e eu segurei com força as mãos dele. Seus olhos estavam brilhantes. — Também amo você — declarei.

E era verdade. É isso que você tem que entender. Coisas ruins às vezes acontecem. É como ver alguma coisa maravilhosa na praia e correr em sua direção, pois parece ser algo especial e diferente, mas quando nos aproximamos vemos que é algo asqueroso e nojento. Uma seringa usada, um preservativo, um pássaro morto cheio de moscas voando em volta. Mas eu o amava. Demais.

Estávamos muito próximos naquela época. Tenho vergonha, agora, mas costumávamos usar estas palavras: almas gêmeas. É difícil admitir que eu realmente pensasse isso. Difícil também admitir que eu acreditasse que teríamos um futuro juntos, e que eu não conseguia imaginar minha vida sem

ele. Também não conseguíamos ficar perto um do outro sem nos tocar. Não parávamos de falar "eu quero você", e mais "eu quero você", porém a gente não passou disso. Ele levava as coisas com seriedade. Para alguém que tinha passado a infância numa cidade onde as mulheres faziam topless nos parques, nas tardes de verão, ele era surpreendentemente pudico. Christian era preconceituoso com as pessoas que faziam sexo de imediato. Achava que eram fracassadas, burras e não tinham moral, e eu dizia que concordava com ele, apesar de não ter certeza sobre o que pensava realmente. As coisas eram complicadas, refleti. Tudo bem, é melhor eu dizer, novamente, a verdade. Ele tinha chamado as garotas que faziam sexo de "vadias".

Naquela noite saímos com os amigos dele, Jake, a namorada dele, Olívia, e o Zach. Fomos ao Neumo's. Uma banda de que eu não me lembro o nome ia tocar lá. Dançamos. Acho que o Zach já tinha bebido algumas cervejas antes, pois ele estava solto e contando piadas idiotas. Era a primeira vez que saíamos com os amigos de Christian. Eu os conhecia e tínhamos conversado um pouco, no entanto nunca tínhamos saído juntos.

Depois do show, todo mundo estava se divertindo e dando risadas pra valer, com aquela sensação boa que fica depois de a gente ouvir música alta num lugar pequeno. Você se sente feliz. Ou deveria se sentir assim. Mas as coisas ficaram estranhas. Tentei segurar a mão de Christian, mas ele não permitiu. Ele mal falava comigo. E quando voltamos para o carro, ele deu partida com força e seu rosto estava com uma expressão tensa. Ele parecia outra pessoa.

Não falei nada, apenas segurei firme minha bolsa. Queria uma bala, mas não tive coragem de abrir o zíper para pegar uma. Queria que as coisas voltassem a ser como estavam antes, calmas, não neste momento perturbador que prenunciava o começo de uma briga.

— Você se divertiu — ele falou finalmente.

Pensei que fosse para isso que tivéssemos vindo aqui, pra gente se divertir. Fiquei imaginando qual seria o problema. Não sabia. Tentei fazer o máximo para adivinhar. Christian não bebia, portanto ele estava sóbrio. Acho que estava bravo com Zach e comigo porque eu brinquei com ele. Ele não tinha nenhum direito de me acusar de nada, mas eu não suportava a ideia de a gente brigar. Nós nunca discutíamos. De repente, eu me lembrei da vez em que fomos ao cinema. Daquela sensação angustiante e terrível de perdê-lo.

— Acho que Zach estava bêbado — falei. — Ele estava agindo como um idiota. — Mas eu não achava isso na verdade.

Christian estava quieto, e apenas os músculos do seu maxilar se moviam. Concentrei-me na paisagem lá fora. As luzes da rua, um McDonald's aberto, um ponto de ônibus onde uma velhinha estava sentada, segurando a bolsa, como eu. Já era muito tarde para alguém daquela idade estar fora de casa, e eu fiquei preocupada com ela. Observei um cara passeando com seu cachorro por um estacionamento vazio. Demos a volta pelo Lake Union. Veleiros e restaurantes movimentados. A Space Needle já estava decorada para o Natal com a árvore enfeitada no topo.

— Eu vi você olhando para aquele cara — ele falou.

Eu não tinha ideia de quem ele estava falando.

— Que cara?

— Dá um tempo, Clara. Você ficou olhando pra ele a noite inteira.

— Quem?

— No palco? Cabelos compridos? Ah, vamos lá. — Um carro tentou ultrapassar na nossa faixa, mas Christian não permitiu. O carro ficou atrás de nós indo bem devagar e com a seta ligada.

— Não sei do que você está falando. Não olhei para cara nenhum perto do palco. Pelo amor de Deus, Christian, eu fiquei ao seu lado o tempo todo. Só tinha olhos pra você. Encoste o carro, Christian. Pare e vamos conversar.

Foi o que ele fez. Ele virou para a direita na Fairview, que era a rua lateral ao lago, encostou o carro e estacionou numa faixa de cascalho em frente ao estaleiro. Eu estava apavorada, queria esclarecer logo as coisas. Isso tudo era ridículo. Se ele tivesse reclamado de Zach, eu teria entendido, mas eu nem tinha visto o cara de quem ele estava falando. Tentei me lembrar. Cara perto do palco? Havia milhões de caras perto do palco. Eu estava olhando para o palco, provavelmente. Para os músicos.

Eu não estava brava com a acusação. Pior, eu estava me sentindo muito mal com aquilo tudo. Será que ele não sabia o quanto eu gostava dele? Que ele era o único homem para quem eu queria olhar, e que ele era a coisa mais importante da minha vida? E eu disse isso a ele. Estava suplicando. Parte de mim estava suplicando e outra parte estava imaginando por que diabos eu estava suplicando. Fiquei pensando por que cargas d'água eu estaria ali, sentada na frente de um estaleiro, convencendo alguém de que eu não tinha olhado para outro, que eu, de fato, nem tinha visto.

Ele amansou.

— Me desculpe — murmurou. — Não quero perder você. — Era engraçado, mas ele era tão inseguro às vezes. Já tinha percebido isso. Ele fazia certos comentários sobre sua aparência ou suas habilidades, mas, na verdade, não tinha nenhuma razão para sentir insegurança, nenhuma. Ele era um loiro deslumbrante, um dinamarquês de olhos azuis, inteligente e agradável, e as garotas enlouqueciam com o seu sotaque. Entretanto, a pessoa que ele era e a pessoa que ele acreditava ser não se conheciam e nunca poderiam ser amigas. Isso me deixava triste. E achava que era minha tarefa, como namorada, convencê-lo de que ele era um cara fantástico. Sua insegurança parecia uma coisa pequena, tão ridícula que poderia ser superada com a minha ajuda.

— Por que você iria me perder? — perguntei.

Começamos a nos beijar. Depois de alguns instantes eu disse: "eu quero tudo com você". Então, tivemos tudo. Pela primeira vez. Depois daquela briga, dentro do carro. Um clichê.

Mas a parte mais importante dessa história, uma parte que eu nunca contei, foi que ele me sussurrou uma coisa naquele momento. "Você tem certeza de que nunca fez isto antes?" Ele já havia me feito essa pergunta anteriormente. Fiz que não, com a cabeça encostada nos seus ombros nus, mas era mentira. Não contei a ele que minha primeira vez tinha sido com Dylan, uma única e estranha vez. Não falei a verdade para ele daquela vez, e nem depois quando conversamos sobre isso. Ele nunca tinha dormido com uma garota antes, e eu sabia que isso era importante para ele. No entanto, o que eu percebi com mais evidência era que ele era do tipo ciumento. Como se as palavras estivessem impressas em letras pequenas, juntamente com as outras qualidades que uma pessoa poderia ter, por exemplo, do tipo atlético. Do tipo criativo. Do tipo que se perde com facilidade, ou que chega atrasado, ou que não gosta de comida diferente. Isso significava que você precisava se adaptar, pedir informação antes de ir a algum lugar, dizer que o show começava mais cedo do que o horário estipulado, ou escolher um lugar que só tivesse hambúrgueres, ou simplesmente não falar nada que pudesse perturbá-lo. Você nem deveria lhe dizer a verdade sobre onde esteve ou o que tinha feito. Você o protegeria das coisas com as quais ele tinha dificuldade de lidar. Ou, mais importante ainda, você se protegeria das coisas com as quais ele não sabia lidar. Você precisa gerenciar tudo isso, como alguém que trabalha em um escritório e digita, atende ao telefone, tudo ao mesmo tempo.

"Por que você iria me perder?", eu tinha perguntado. E você pode perceber melhor do que eu que a resposta estava ali, dentro daquele carro, não pode? Enquanto meu joelho se apoiava na alavanca de câmbio e meus cotovelos

se encostavam nos vidros? A resposta não era uma característica humana sem importância, algo menor ou sem valor, mas uma enorme força destruidora se movendo em todos os sentidos, juntando forças, assim como as nuvens se juntam para formar a escuridão, assim como as nuvens se juntaram exatamente ali, sobre aquele carro, sob a única lâmpada da rua e a placa que dizia: "Lake Union Conserto de Barcos. Preço e satisfação garantidos. Nós nos importamos com seu bem-estar".

Capítulo 8

Devolvi aquele livro para a biblioteca de Bishop Rock na manhã seguinte. Eu ainda tinha alguns dias antes de começar a trabalhar no Cabeça de Pombo. Fiquei andando por entre as prateleiras dos livros de ficção. Olhei alguns títulos, li algumas capas e primeiras páginas. Fiz o que pude para garantir que teria alguns livros para me distrair.

Em seguida fui às docas. O vento batia forte, os veleiros estavam balançando e o estaleiro rangia e estalava. Os barcos subiam e desciam nas ondas, e tudo parecia tão alegre, apesar de um pouco destrambelhado. O Obsession não estava ancorado em seu lugar costumeiro. Sentei na ponta de um dos ancoradouros, tirei minhas sandálias e balancei meus pés dentro da água. Não consegui ver o barco em lugar algum, mas, então, ele apareceu e veio chegando rapidamente. À medida que se aproximava, o barco foi ficando cada vez maior e eu podia visualizá-lo melhor, até que consegui enxergar os rostos de cada passageiro, e pude ouvir Finn gritar alguma coisa e os outros rirem. Então, a enorme vela veio abaixo, caindo num amontoado de panos.

Observei todo mundo sair do barco e vi Finn retornar para recolher as cordas. Havia algo familiar naquilo que me fazia sentir muito bem, então me levantei, peguei minhas sandálias pelas tiras e fui até lá. — Você vai sair novamente? — gritei.

— Ei — ele falou. O irmão dele estava em pé na ponta do barco fumando um cigarro e olhando para longe*. Ele se virou quando ouviu minha voz. — Garota tímida.

— Clara — falei.

— Finn — disse ele, embora o nome dele já estivesse ocupando milhões de cantos na minha mente. — Meu irmão Jack. Não ligue para ele, ele está tentando se demitir.

---

*Chamada de proa. A parte de trás chama-se popa. Eu sabia disso em algum lugar da minha memória, mas se tivesse que fazer uma prova sobre isso eu falharia. À esquerda, bombordo. À direita, estibordo. A navegação tem sua própria e colorida linguagem. Uma linguagem de outros tempos. Nada a ver com as palavras tecnológicas de hoje como HTML, CD-ROM, CPUs, palavras sem romance nenhum. E há, ainda, a bujarrona, a quilha e o basculante. Palavras contentes, alegres... E, é lógico, os brandais. Os brandais que suportam o mastro e impedem que ele vá de um lado pra outro. Pequenos e pouco comentados, mas a principal coisa que impede que o mastro tombe de vez. [14] Annabelle Aurora, Green pastures, Selected poems.

— Não ligue pra ele, ele é um idiota — Jack falou soltando fumaça para o ar. No entanto, dava para perceber que eles se davam muito bem. Ambos eram magros, musculosos e tinham a barba malfeita, porém o cabelo de Jack era mais comprido e mais desgrenhado e Finn tinha os olhos mais meigos. Finn pulou para fora do barco e, num instante, estava ao meu lado com sua camiseta apertada, os jeans largos e o cabelo despenteado por causa do vento.

— Vamos navegar — ele convidou. Ele também parecia tímido, mas não a ponto de não dizer o que queria. — Ele é rápido. É fantástico. — Seus olhos estavam dançando.

Acho que eu tremi ligeiramente. Devia estar frio por ali.

— Está com medo? — ele perguntou.

— Não — respondi. — Meu pai é que tem medo, não eu.

— Aquela coisa de fantasma? — ele perguntou.

— Fantasma?

— Eu achei que vocês estavam hospedados na pousada Capitão Bishop Inn. Eles adoram este tipo de coisa. Costumam enfiar esse tipo de baboseira nos turistas que ficam hospedados lá. E as pessoas acreditam. Eles até fazem folhetos. — Eu balancei minha cabeça, pois não tinha ideia do que ele estava falando. — Sabe o desfiladeiro? Costumava ter muitas embarcações a vela. Grandes navios antigos... mas, ventos fortes, canal estreito... As águas eram, são, tão traiçoeiras por lá, que a maioria dos navios navega em torno da ilha só para não ter que atravessar aquela passagem. Eles tiveram que perder alguns marujos para aprender a lição, entendeu? Então, supostamente, existem velhos marinheiros mortos assombrando as águas. Há a jovem viúva do Capitão Bishop que se jogou do alto do farol num ato de desespero. Blá-blá-blá.

— Alguns programas de televisão estiveram aqui e filmaram o farol, agora temos um bando de malucos de meia-idade esperando ver um fantasma — Jack explicou.

— Entendi o que você quer dizer — falei. — Navios fantasmas no mar turbulento? Um homem com um relógio de bolso e um telescópio? Imagens esbranquiçadas e fantasmagóricas?

— Isso mesmo — Finn respondeu.

— Não sabia disso — falei. — Meu pai detesta a água.

— Ahhh. — Finn acenou com a cabeça e balançou os ombros. — Enfim, você não acreditaria na quantidade de pessoas que pergunta sobre os navios naufragados ali. É a pergunta número um.

— Fale sobre os navios naufragados ali — falei, brincalhona.

Ele deu uma risada. Alguém gritou o nome de Jack. Era a garota da barraca de hambúrgueres aonde eu tinha ido ontem, A Enseada. Ela estava acenando para ele como uma louca.

— Nossa irmã — Finn disse.

— Vou fingir que não vi — Jack falou. — Não vou atrás daquela droga de gaivota para ela.

— Existe uma gaivota... — Finn começou a dizer. Eu acenei com a cabeça. Já conhecia aquela gaivota. — Ela afirma que detesta aquele pássaro, mas eu tenho as minhas dúvidas. Você vem?

— Não posso — respondi. — Tenho que...

— Trabalhar no farol? — Ele sorriu. — Ela contratou você?

— Começo na segunda-feira — falei. Os irmãos se entreolharam como se soubessem de algo. — O quê? Vamos. Conte, o que é?

— Talvez você devesse começar a procurar emprego — Finn falou. Jack deu uma sonora gargalhada. — Ela vai demitir você... — Ele deu uma olhada para o irmão. — Vamos dizer, na sexta-feira.

— Na próxima segunda-feira — Finn afirmou. — Ela detesta mais os turistas de fim de semana do que os que trabalham para ela.

— É verdade — Jack falou e pensou por um instante. — Posso mudar minha aposta?

Eu gemi. — De verdade? É tão ruim assim?

— Ela perseguiu um cara com o jipe — Finn falou. — Lembra-se disso?

Eles estavam morrendo de rir. Cruzei meus braços e falei: — Vou provar que vocês dois estão errados — falei decidida. Eu agradaria aquela cobra e mostraria para estes caras. — Vou ficar lá durante todo o verão.

— Nem que a vaca tussa — Jack falou. Ele tinha acabado o cigarro e virou as costas para sua irmã, que tinha desistido da gaivota e voltado para a barraca. A gaivota ainda estava sentada na mesa e parecia bem tranquila.

— Se você ficar lá durante todo o verão, prometo levar você de barco, ida e volta, até as ilhas San Juan. Um passeio particular.

— Seu bobo — Jack comentou. — Você tem que fazer uma aposta que possa vencer. Ah meu Deus, será que eu não lhe ensinei nada.

Eu estava me divertindo muito ali. Fiquei imaginando como era a vida de Finn, Jack e a irmã deles naquela ilha. Esta era a vida deles durante os verões. Eles não tinham que ficar indo de carro ao Neumo's, ou ir a restaurantes em várias partes da cidade. Sem shows nem concertos, nem gente tatuada e cheia de piercings no Total Vid. Livres do tráfego congestionado e ônibus urbanos. Sem empregos em lojas de música da moda ou lugares badalados. Apenas a praia, a água e o ar salgado, e o trabalho árduo com as mãos até ficar cansado e dormir tranquilo à noite.

— E a semana que vem? — falei. — Depois do trabalho? Depois de que eu não for demitida? Posso sair então.

— Isso é maravilhoso — Finn respondeu. — Que legal. — E deu um sorriso largo. — Muito legal.

— Só se você prometer me contar tudo sobre marinheiros naufragados — falei.

— E eu vou contar tudo o que aconteceu na primeira vez que Finn escutou a história dos marinheiros naufragados. — Jack colocou as mãos nos ombros de Finn.

— Cala a boca, idiota — Finn advertiu.

— Era na calada da noite...

— Que droga, Jack. — Finn avançou sobre o irmão, mas não o alcançou.

— Ele ficou acordado a noite inteira, morrendo de medo. — Finn avançou de novo e dessa vez agarrou Jack pela cintura e o prendeu com uma chave de braço, com os nós dos dedos encostados no seu couro cabeludo. Eu não me lembrava como os homens gostavam de contato físico e de briga corporal. Jack e Finn se moviam de modo descuidado e tinham as mãos sujas. Eles não se incomodavam com barulho alto, como o Christian. Eles não pareciam ser do tipo sensível, daqueles que a gente tem que tomar cuidado com o que faz e fala perto deles.

— Foi a camiseta branca do nosso pai que estava pendurada na cozinha, foi isso, viu? — Jack pediu arrego e o irmão o deixou em paz. Jack estava dando risada e eu me juntei a ele.

— Eu tinha 7 anos — Finn reclamou.

— Nunca ouvi ninguém, de qualquer idade, gritar daquele modo — Jack tirou sarro.

— Seu cretino — Finn respondeu. — Seu hálito parece a droga de um cinzeiro. — Mas ele não estava muito incomodado com aquela provocação feita pelo irmão. Fiquei esperando, achando que ele se sentiria humilhado ou envergonhado, porém nada disso aconteceu. Quando a gente vive perto de uma pessoa ultrassensível, estamos sempre esperando uma reação exacerbada . A gente está sempre à frente, sempre pronta a fazer o comentário certo a respeito de determinado filme ou música. Você começa a prestar atenção nas suas próprias palavras e a evitar assuntos delicados. Depois daquela noite no show, tentei nunca mais desviar meus olhos dele, e olhar, acidentalmente, outro alguém para que ele não pudesse se magoar. Filmes com namoradas que traiam os namorados o deixavam mal-humorado, então eu sempre lia a sinopse da história, antes de escolher a qual filme assistir. Acabava sugerindo tramas mais seguras de aventuras com explosões de bombas e batidas de carro. Certa vez, Evan, seu amigo, brincou com ele sobre o seu "cabelo aveludado como uma seda", e isso o deixou mal-humorado, dava pra ver que ele ficara ofendido. Muito ofendido. Mais do que o normal numa brincadeira de amigos. No final, você se cansa de estar sempre de prontidão para evitar que uma crise aconteça. Isso deixa a gente nervosa, exatamente como acontece quando os soldados voltam da guerra e se assustam com o barulho do escapamento dos carros.

Mas Jack zombava o tempo todo de Finn, e ele nem ligava. Percebi que ele aceitava as piadas e brincadeiras sem se sentir ofendido. Acho que isso era resultado de uma forte confiança em si próprio. E essa foi a primeira coisa de que eu realmente gostei acerca de Finn Bishop.

**

— Tenho uma surpresa pra você hoje à noite, Clara Bella — meu pai comentou de tardezinha. Ele estava sentado no deck com um livro aberto sobre o joelho. A maré estava subindo e eu vi as marcas de seus pés impressas na areia, agora meio cobertas pela água.

— Por que será que fiquei preocupada? — indaguei. — Não existem muitos lugares pra gente ir por aqui, a não ser se for para comer mariscos fritos

no Butch's Harbor Bar. Por sinal, a fama dele vai longe, além disso, existem panfletos espalhados por todos os cantos. Na verdade, acho que deve ser muito bom mesmo.

— Não vou falar nada — ele replicou, e parecia satisfeito consigo mesmo. Pude ver que ele ainda não tinha tomado banho, o cabelo estava sujo e a barba crescida, e estava usando o mesmo short nos últimos quatro dias. Esperava que ele não pretendesse sair assim. — Melhor colocar roupas quentes.

Pensei rapidamente em todas as possibilidades, consultei meu departamento interno de "desastres em potencial", e todos os alarmes soaram. Cheguei a imaginar velejar ao pôr do sol acompanhada de Finn e meu pai. Fiquei pensando que meu pai faria algo arriscado (ele gostava de tacadas arriscadas), tipo: enfrente seu medo e faça o que tem que fazer. O medo é um grande mentiroso. Já pensou uma noite romântica para três, mesclada com pesquisas de livros e perguntas intrometidas?

— Nós não vamos navegar com os irmãos Bishop — falei séria.

Ele arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Que bom saber que você está fazendo amigos, C.P.

— Sem comentários

— Tudo bem. Você sabe que eu não entraria naquele barco. Estou falando de outra coisa. Vamos lá. Vamos sair em, digamos, vinte minutos? Quando nos reencontramos, papai tinha tomado banho, estava usando jeans e uma camisa branca pra fora da calça e levava uma garrafa de vinho enfiada debaixo do braço. Entramos no carro, fomos em direção ao farol e estacionamos.

— Ah, não — falei.

— Vamos lá. Você vai adorar esta velha amiga.

— Ela é estranha, papai. Fico toda arrepiada.

— Isso é coisa sua, não tem nada a ver com ela.

Começamos a descer devagar a trilha íngreme. — Como você conseguiu entrar em contato com ela? Ela pelo menos tem eletricidade naquele barraco?

— Eu mandei um e-mail. Imaginei que ela ainda era viciada nisso como sempre foi. Ela vai à pousada Capitão Bishop todas as manhãs e usa o computador deles. Não pensei que fosse ter notícias dela tão cedo.

— Sorte nossa — respondi. Papai estava na minha frente e ficou brincando enquanto descia de lado. — Não vá quebrar seu tornozelo ou qualquer outra coisa. Eu nunca conseguiria carregar você de volta aqui pra cima.

— Você se esquece que já fui jogador de futebol?

— Uma única temporada.

Ele chegou lá embaixo são e salvo. Decidi que era melhor calar minha boca, porque era eu que estava escorregando e perdendo o equilíbrio. O farol estava acima de nós e a casa da guardiã (com Sylvie Genovese lá dentro, já que seu jipe estava estacionado na frente) estava iluminada e parecia aconchegante naquele penhasco. Provavelmente, ela estava nos observando e pronta para me despedir, devido à minha falta de habilidade de escalar. Meu humor, que estava bom e animado depois do passeio pelas docas naquela tarde, estava mudando rapidamente. Parte de mim queria voltar para casa e me jogar na minha própria cama, estar perto dos meus amigos, da minha vida, ou melhor dizendo, da minha velha vida. No entanto, estava aqui descendo um penhasco, com meu cabelo recém-lavado todo arrepiado por causa da umidade do ar, e a minha surpresa era um jantar com uma velha maluca que morava num barraco e tinha um banheiro do lado de fora. Era melhor a gente não se demorar muito, porque eu não sabia quanto tempo aguentaria e eu não faria xixi naquele lugar, de modo algum.

— Estou a fim de comer batata assada — papai falou. — Com manteiga. Você sabe, Pea, eu adoro manteiga. Adoro. Meu coração até incha um pouco quando penso nisso. Estou imaginando o que vamos comer. Afinal de contas, onde é a casa dela?

Desembarquei lá embaixo. Meu pai tirou as sandálias e eu também. Não tinha adiantado nada ter tomado banho antes. Que pena que não fomos ao Butch's Harbor Bar. Eu teria gostado, e até mesmo apreciado as toalhas de plástico de xadrez vermelho e branco com queimaduras de cigarros. Imaginei os mariscos fritos servidos em barcos de papel. Até mesmo vi a marca da Budweiser no fundo do bar com uma cascata que parecia se mover.

— Pode acreditar, você vai saber qual é a casa — falei com sarcasmo. Caminhamos mais um pouco. — Não, não é esta. Esta casa tem encanamento interno — repliquei.

Meu pai me deu um olhar enviesado.

— Espero que você se comporte bem — comentou.

Eu estava dois passos atrás dele, me arrastando como eu costumava fazer quando era criança e não queria ir a algum lugar.

— Quando você tem a oportunidade de jantar com uma talentosa poetisa? Ela já ganhou o National Book Award.

Ele esperou até que eu o alcançasse. — Tudo bem — assenti. Vi o barraco ao mesmo tempo em que ele. Talvez tenha mudado um pouco de ideia quando vi a casinha, do mesmo modo que a nossa mente muda quando temos mais informação.

Acho que foi porque Annabelle Aurora iluminou todo o lugar para nos receber. Velas grandes e pequenas se alinhavam por sobre o parapeito do pequeno deck, nos degraus da porta de entrada, e nos parapeitos das janelas e em toras de madeira colocadas sobre as pedras na frente da casa. Havia luzes tremulando em todos os lugares. Uma mágica de vaga-lumes.

— É lindo — sussurrei.

— Uma das tarefas mais difíceis do ser humano é saber quando ter a mente aberta — meu pai falou. — E quando não a ter.

Entendi a mensagem. Já estava esperando por isso. Annabelle Aurora surgiu na porta e deu um grande abraço em meu pai.

— Bobby. Olhe pra você! — ela falou. — Meus olhos estão tão alegres por ver você. Tão felizes. — Ela pegou minhas mãos. — Clara. Nós nos encontramos novamente.

A boca fina e apertada de Annabelle se relaxou num sorriso e os olhos dela estavam brilhantes. Ela estava usando um longo caftan de um vermelho brilhante.

— Que lindo — papai falou e tocou o tecido com os dedos.

— Índia — ela disse. — Vamos, entrem.

Lá dentro não era nada igual ao que eu tinha previsto. Tinha imaginado tigelas com comida de gato, cheiro de sopa de tomate e um sofá sujo e cheio de manchas duvidosas. Mas a casa era limpa e aconchegante, com lambris de madeira e quadros delicados, e livros empilhados que serviam como mesinhas laterais. Era uma caverna protegida e acolhedora e cheirava a alho e vinho. A vista que tínhamos, lá de dentro, era do oceano à nossa frente. O farol. E o sol se pondo no horizonte.

Eles conversaram enquanto ela preparava os mexilhões e temperava a salada feita com plantas e vegetais que tinha colhido na praia. Ela montou uma mesa pequena e a colocou no deck com uma toalha por cima.

— Que bonito — falei. O tecido era azul e macio, com vários desenhos. Parecia algo para se vestir, não um pano para servir de toalha.

— Tailândia — ela falou.

Trouxemos os pratos. Manteiga derretida para mergulhar os mexilhões, pão quentinho recém-saído do forno e a salada misteriosa. O sol se pôs e as luzes das velas iluminaram a noite como estrelas na terra. Meu pai e Annabelle conversaram sobre livros e velhos amigos, embora Annabelle se lembrasse de me incluir no papo deles. "Você sabia que seu pai quase reprovou na minha matéria?", ela me perguntou. Ou, "você já foi para Nova York no inverno? Bem, seu pai também não tinha ido". Nós rimos bastante e bebemos vinho. A salada era estranha e tinha gosto de grama, ervas e algas marinhas. Annabelle nos contou que ela vivia praticamente das coisas da terra. Ela se preocupava com a marca que deixaria nesta vida. E com o desperdício. Ela conseguia comer e sobreviver com praticamente tudo vindo do seu jardim e da praia.

— Sem mais alcaparras em potes de vidro? — meu pai perguntou. Ela se curvou e beliscou o braço dele. Observamos as velas tremularem.

— Você ficou sabendo que Daniella Morgan casou-se com aquele violinista? — ela indagou.

— Ouvi alguma coisa sobre isso — ele comentou.

— Ela estava na nossa classe — Annabelle Aurora explicou. — Seu pai a seguia como um cachorrinho de estimação. E... qual era o nome daquela outra? Summer of the gray swan? Que história! Nunca a esqueci.

— Você também não esqueceu o nome dela, sua velha safada — meu pai replicou e Annabelle deu uma risada. — Sua mente é forte como o aço.

— Ouça a nossa conversa e nossos clichês — ela falou. — Alguém deveria nos riscar com um lápis vermelho. Fiona Husted.

Meu pai abaixou os olhos.

— Ela deu um fora nele — Annabelle me contou. — E depois disso, ela se tornou bem-sucedida.

— Ela se arrependeu daquilo — ele replicou. — Não do sucesso, é claro.

— Ah!

— Eu sei que ela se arrependeu. — A voz dele soou baixinho.

— Sim, tudo bem — Annabelle Aurora falou. Ela serviu mais vinho. Pensei por um momento na minha mãe. O pensamento veio de repente, talvez tenha sido uma lembrança despertada por esta conversa, por aquele nome: Fiona Husted. Uma porta se batendo, naquela noite que ela tinha ficado meio deprimida quando Annabelle tinha vindo para o jantar. Esse tipo de histórias, talvez fosse engraçada por certo tempo, porém, depois, elas se tornavam amargas. Eu imaginei como era instável o território do amor e da insegurança, os caminhos onde uma pessoa podia, repentinamente, se sentir ameaçada em sua própria segurança. Amores antigos nunca se acabam, Christian tinha dito isso, e eu argumentei que era burrice. Nunca poderíamos ser parte de todos os cantos da vida de uma pessoa, e tínhamos que saber aceitar isso. Não valia a pena tentar saber tudo o que havia acontecido antes da gente e que poderia nos deixar inseguros. Isso seria procurar problemas. Tínhamos que aprender a separar as ameaças da vida real daquelas ameaças que só existiam na nossa imaginação.

— Ah. Tudo ficou no sórdido passado — meu pai comentou.

— Ainda assim — Annabelle replicou. — Talvez você devesse começar a viver novamente. Fiona Husted nunca se casou.

Ele estava olhando para ela, e ela para ele, e estavam se dizendo coisas que só eles entendiam. — "O amor é um emaranhado de galhos" — ele citou*.

— Foi uma época diferente da minha vida. E da sua.

— "São arranhões profundos nos braços daqueles que se demoram a passar..."

— "Daqueles que ousam passar", seu babaca. — Ela jogou o guardanapo em cima dele. Parecia que estavam flertando.

Eu ajudei Annabelle a cortar grossas fatias da torta de framboesa. Entramos, pois estava esfriando e os mosquitos estavam chegando. Annabelle começou a bocejar. Seus olhos pareciam cansados. Meu pai também notou, e tiramos a mesa e nos preparamos para ir embora. Ele foi lá fora e dobrou a mesa para ela.

---

*Annabelle Aurora, Green pastures, Selected poems

Annabelle Aurora pegou minhas mãos. As dela eram pequenas e quentes, porém ela me segurou com firmeza.

— Adrienne Rich escreveu sobre isso, sobre o que você está passando — ela comentou. — As tribos primitivas mandavam suas mulheres para longe para "entrarem em si mesmas, se introverterem, de modo a evocar seus instintos e intuições"*. Sim? Você está aqui? Pense nisso como sendo um processo natural. Você vai se encontrar quando descobrir seu instinto. Vendo e ouvindo tudo o que acontece.

— O papai lhe contou porque estamos aqui — murmurei.

— Bem, cada um de nós vai aos confins da Terra por suas próprias razões — ela falou e deu de ombros, como se isso fosse uma simples questão.

— Quais são suas razões? — perguntei.

— Lamber minhas feridas. Quando uma pessoa chega à minha idade, ela tem muitas delas, eu suponho.

Papai retornou para a sala. Annabelle soltou minhas mãos e ele lhe deu um abraço de adeus.

— Annabelle, foi maravilhoso — ele agradeceu.

E tinha sido mesmo maravilhoso. Meu pai e eu voltamos por aquela faixa de areia estreita, que tinha sobrado da maré alta. Subimos a trilha íngreme. Ele chegou lá em cima e estendeu a mão para me ajudar. O farol continuava a lançar sua luz intermitente na escuridão. As luzes da casa de Sylvie Genovese estavam apagadas. A única coisa que conseguíamos ouvir era o barulho das ondas shshshs se desenrolando na areia e o canto dos grilos cri-cri. O mar era uma escuridão sem fim, com exceção das cristas brancas das ondas reluzindo ao luar.

Ficamos em silêncio. Meu pai estava perdido em seus próprios pensamentos, e eu estava pensando nas mulheres de tribos primitivas, e uma centena de marinheiros naufragados, e fechei meus olhos, na minha cama, para os confins da Terra.

---

*Adrienne Rich, Of woman born. Eu poderia inserir uma nota de rodapé aqui, mas esta é uma das coisas que eu nunca consigo me lembrar. Rodapés, números romanos, denominadores comuns. A lata de lixo do cérebro.

Capítulo 9

Eu não era uma garota que se sentia livre e à vontade com seu próprio corpo. Eu era tímida. Quando estava de maiô, eu era bem tímida. Lembro-me de ficar assustada quando, no meio do ensino fundamental, achamos que iríamos ter que tomar banho na aula de educação física. Era boato. Tinha ideia de uma imagem tirada de um filme de prisão. Eu toda nua, exposta e encolhida, com os braços apertados para me cobrir, enquanto as outras garotas ficavam livres debaixo do chuveiro e sem medo. Eu ainda tenho pesadelos com isso, estar numa aula de educação física e não encontrar o gancho onde minhas roupas estavam penduradas. No sonho, eu sou tão magra quanto uma sobrevivente do holocausto, como se até mesmo minhas gordurinhas tivessem me largado para que eu me defendesse sozinha. É claro que eles nunca nos forçaram a tomar banho lá. Ainda assim, eu não sou uma daquelas mulheres que ficam nos vestiários das academias andando pra lá e pra cá exibindo peitos caídos e pernas cheias de celulites. Nem passa pela cabeça delas que seria uma boa ideia trocar de roupa na cabine do banheiro. No entanto, quem se importa.

Eu fiquei envergonhada da primeira vez que Dylan Ricks me beijou e me tocou. Para mim, meu corpo não era algo tão valioso assim, era algo que poderia ser adquirido com 60% de desconto, nunca o preço cheio. Eu não tinha certeza do que os homens preferiam num corpo de mulher, e pelo o que pude perceber, não era bem o material que eu tinha. Nós tínhamos que ser magras, mas parece que só as garotas queriam isso, não os meninos. Os meninos gostavam de seios grandes e belos traseiros, e as meninas magrinhas não tinham nada disso. Eu não era nem magra o bastante para ser invejada pelas garotas, nem sensual demais para ser admirada pelos garotos, então meu corpo parecia ser apenas... prático. Como uma torradeira. Uma bicicleta. Algo capaz, eu acho, de carregar meu espírito para todos os lugares. Não entendia por que era tão importante para o Dylan. Dylan dizia que eu era inibida, mas eu não era isso, é que eu tinha apenas 16 anos.

Quando eu me inclinei para beijar Christian pela primeira vez, naquelas arquibancadas, a excitação da noite me envolveu por completo e me tornou uma outra pessoa. A chegada de alguém novo na sua vida parece que também traz uma nova chance de vida. Você pode se transformar em quem quer que seja a partir daquele momento. Eu me curvei e o beijei, portanto, era assim que ele me via, não como uma garota tímida, mas ousada. Nada inibida, porém corajosa. Eu fui tudo isso para ele, e ele continuou a me ver assim. Era o que eu

acreditava que ele quisesse e que o tivesse atraído em primeiro lugar, e apesar de tudo, essa pessoa não era eu. E era essa pessoa forte que o tornava mais inseguro.

Mais tarde, cheguei a um ponto em que não sabia mais quem eu era. Não sabia qual dessas duas era eu. Não conseguia reconhecer.

Depois dessa vez no carro, não fizemos amor com muita frequência, mas quando acontecia era com tanta intensidade que me fazia sentir demais, eu era de vidro, transparente e frágil. Aquilo nos uniu ainda mais. Era algo que nós compartilhávamos um com o outro e com ninguém mais. Para mim, isso me fazia sentir como se estivesse construindo, tijolo a tijolo, nosso próprio muro de isolamento, mas não era assim que Christian enxergava. Para ele, era como se ele tivesse um objeto, um quadro ou um vaso, e de repente descobrisse que era algo raro e valioso, tão valioso que o deixava nervoso. Ele precisava protegê-lo. Precisava garantir que ninguém iria roubá-lo dele. Era algo tão perfeito que deveria ser mantido assim, com a ajuda de sua atenção constante e pequenos consertos. Quando o verão chegou, e eu comecei a trabalhar na livraria novamente, e ele fazia muitas perguntas sobre quem tinha estado na loja. Ele se preocupava com meu colega de trabalho, Mark, embora Mark fosse um universitário e tivesse namorada. Aprendi o que contar para ele.

Meu pai percebeu. Christian e ele sempre se mantiveram a certa distância um do outro, mas algumas vezes meu pai me parava no corredor e perguntava: "Que perguntas são essas, C.P.? Você está na prisão ou algo parecido? Você é uma princesa presa na torre?". Eu costumava ficar irritada com essas perguntas e ele se afastava. Com o tempo aprendi também o que não deveria dizer.

Mas se fosse apenas isso o tempo todo, apenas inseguranças e ciúmes, eu já teria terminado tudo. No entanto, não era assim o tempo todo. De jeito nenhum. Fomos nadar várias vezes durante o verão. Ele ia até a livraria quando acabava o trabalho e nós atravessávamos a rua até o Greenlake. Estendíamos nossas toalhas no ancoradouro, nossos cabelos jogados para trás, e tínhamos aquela sensação de cansaço e bem-estar que vem depois de nadar e ficar mergulhado no sol do fim da tarde. Algumas vezes nós riamos tanto que minha barriga doía. Fazíamos passeios de carro. Costumávamos tomar a balsa de ida e volta de Seattle até as ilhas, só para sentir o vento forte no convés. Eu não era uma princesa presa numa torre quando ficávamos ali, de pé, na ponta da barca observando a cidade se aproximar da gente e sentindo os braços de Christian me envolvendo por trás.

— Inesquecível — ele dizia.

— É mesmo — eu concordava.

Foi logo depois que as aulas começaram, era o último ano e meu pai tinha ido a um evento literário. Espere, acho que me lembro de qual era. Uma festa do livro na Third Place Books para certo autor... qual era mesmo o nome dele? Ele escreve romances sobre tribunais. Christian e eu estávamos sozinhos na casa. Acendemos a lareira, pedimos uma pizza e ficamos sentados no sofá com a caixa aberta sobre a mesa de centro. O fogo crepitava e estalava na lareira e deixava meu rosto quente. Usamos toalhas de papel nas costas das revistas do papai como pratos.

— Queijo no queixo — falei para Christian e apontei.

— Você é o queijo no queixo — ele falou. — Acho que você deveria usar um garfo.

— Seu bobo — falei e ele riu.

Nós nos beijamos, um beijo com gosto de molho de tomate e linguiça, e foi delicioso. Simplesmente tão delicioso quanto os beijos anteriores de suco de laranja e de sorvete. Comemos e tentamos nos lembrar das primeiras vezes que tínhamos comido pizza.

— Na pizzaria Round Table — eu disse. — Eu estava no time de beisebol e era final de temporada. Acho que tinha uns 6 anos. Eles nos deram uns troféus pequenos.

— Não consigo imaginar você fazendo esportes — ele comentou.

— Uma temporada só — falei. — Agora é sua vez.

— Nós não estamos contando todas as noites que meu pai pediu pizza em vez de fazer jantar, certo? Então... ok. Festa da classe quando eu tinha 12 anos. Com a Sra. Bonnevier, foi aquele ano que passamos na França. Ela pagou tudo com seu próprio dinheiro. Vi quando ela tirou o dinheiro da carteira e aquilo me pareceu triste.

Concordei com a cabeça e pensei.

— Meu pai dizia que costumávamos ir a um lugar chamado Pizza and Pipes quando eu era ainda um bebê. Ele, minha mãe e eu. Eles achavam o lugar engraçado. Tinha um enorme órgão de tubos da altura de dois andares no salão. O órgão não está mais lá.

— Será que eles pensavam que pizza junto com instrumentos musicais enormes iria atrair multidões? — Christian indagou.

— Exatamente. Isso mesmo. Pagliacchi Pizza. No carro com... Espere. Não é minha vez.

Christian mastigou e engoliu. Ele me olhou e seu rosto brilhava sob a luz alaranjada do fogo. Achei ele tão lindo. Ah, meu Deus, pensei. Poderia ter 100 anos e ainda iria querer ficar olhando e olhando para ele. — Com quem?

Senti um baque no estômago. Pude perceber a mudança em sua voz. Ele ainda estava sorrindo, mas eu sabia que ele estava prestes a mudar e parar de sorrir. A noite toda estaria perdida. Eu praticamente vi a placa à minha frente: "curvas perigosas adiante".

— Com meu pai. Nós comemos no banco da frente do carro enquanto voltávamos para casa de Portland. Nem me lembro mais porque estávamos lá. Acho que ele estava tentando mudar a marcha e comer ao mesmo tempo, e estava preocupado para não se envolver em um acidente.

— Achei que você fosse dizer que tinha sido com o Dylan.

— De modo algum — falei receosa. A sensação ruim continuava a aumentar e ficava cada vez pior. Sentia que eu estava me encolhendo e retorcendo por dentro.

— Bem, tenho certeza de que já fez isso. Comeu pizza, fez um monte de coisas. Afinal de contas, vocês ficaram juntos seis meses.

Claro que sim. Eu tinha comido pizza no carro com o Dylan também, uma vez. Foi depois de um jogo de futebol, e ele estava morrendo de fome, mas queria ficar sozinho. E outras vezes também, uma delas naquele mesmo sofá. Ele estava sentado exatamente onde Christian estava, e tínhamos usado as revistas como pratos. Jamais contaria isso ao Christian. Nunca mencionaria nada disso.

— Não mesmo — falei. — Dylan não gostava de pizza. Se eu tivesse comido pizza com ele, teria sido a pizza mais horrível da face da Terra. Acho que eu ia vomitar tudo. Eu teria que cobrir meus olhos com duas rodelas de linguiça só para poder olhar para ela.

Ele não riu. Ficou quieto. Tudo estava silencioso, com exceção do fogo na lareira. Uma tora crepitou e se quebrou ao meio revelando sua criptonita interior.

— Christian... — eu gemi. — Não vamos fazer isso.

— Fazer o quê?

Peguei a revista da mão dele e sentei no seu colo.

— Você é o único com quem eu quero comer pizza para o resto da minha vida — declarei. Cobri o rosto dele de beijos. — A partir de agora, pizza é a sua comida. Cereais também. Laranjas também.

Ele afastou sua boca.

— Se um dia eu tiver que comer pizza com outra pessoa que não seja você, vou recusar. Vou fazer assim. — Cerrei meus lábios com força e fingi falar através deles. — Eeeerr nãoo voouu rrrrrrr piiizzzzza!

— Pare com isso — ele retrucou.

— O quê? — falei meio suplicante.

— Não suporto a ideia da sua boca de encontro à outra que não seja a minha. Nem consigo pensar em outras coisas.

Desci do seu colo.

— É mesmo? Eu também não suporto a ideia de você tocar aquela Angelie. Ou aquela outra garota. — Mas eu estava mentindo. Eu não pensava muito nisso, nem mesmo me lembrava do nome de uma das garotas.

— Mas você o encontra o tempo todo — Christian argumentou.

— O que você quer dizer com isso? Eu nunca o vejo — falei outra mentira. Dylan estava na mesma classe que eu na aula de espanhol.

— Bem que você queria.

— Arrrrgh! — Fingi que o estrangularia. Nada. Ele ficou sentado ali coberto pelo seu mau humor. Terminamos a pizza. Deitamos lado a lado e nos beijamos, mas tudo estava tão mesclado com sofrimento e distanciamento que se tornou uma estranha e passional sobremesa. Continuei a tentar acalmá-lo. Veja, eu estava muito envolvida com ele, sentia o seu desespero. Não queria brigar nem terminar tudo. Sentia um desejo desesperado de mantê-lo perto de mim, de deixá-lo bem perto como ele queria, o amor, se é que podemos chamá-lo assim, estava ligado a essa necessidade brutal e infindável. Ficou tarde e Christian foi para casa. Observei as luzes de seu carro desaparecendo a distância. Até mesmo os faróis traseiros pareciam estar sofrendo.

Naquela noite, fiquei deitada na cama, ouvi quando o carro do meu pai entrou na garagem e ele foi escovar os dentes no banheiro. Geralmente, eu me levantaria e iria conversar com ele, porém naquela noite fingi estar dormindo. Minha cabeça, de repente, estava ocupada demais contando minhas mentiras. Eu nunca tinha sido mentirosa, mas, agora, elas fluíam com tanta facilidade da minha boca como se fosse minha segunda língua. Eu estava fluente nisso agora.

Estava naquele ponto quando a estrada faz uma curva e você acha que está perdida, mas ainda não tem certeza disso. Naquele momento, como acontece nos filmes de terror quando o casal está dentro de um carro numa noite escura, numa estrada abandonada, e eles param para namorar e, de repente, ela escuta o primeiro galho se quebrar perto deles.

Aquelas mentiras. Eu ainda não tinha percebido, mas acho que eu já estava me escondendo de Christian Nilsson.

Capítulo 10

No terceiro dia do meu novo emprego, percebi que não conseguiria sair no horário para ir dar o passeio de barco com Finn Bishop. Algumas feras não podiam ser amansadas, e Sylvie Genovese era uma delas.

Ela me mostrou tudo. Levou-me para dentro do farol, subimos as escadarias estreitas e intermináveis até o topo onde a lanterna ficava. Mas ela deixou bem claro que só poderia levar ali pessoas que soubessem se comportar e que não fossem correr riscos. — Isso não é um lugar para brincadeiras. — Ela me alertou balançando o dedo, como se eu costumasse brincar naquela sacada e me pendurasse ali como um mico de circo. Ela me ensinou a usar a caixa registradora, e quando eu cometia algum erro, ela advertia: — Você prestou atenção? O que eu falei sobre isso? — e ela me perguntou sobre o material de leitura. Que idiota, não conseguia lembrar a data exata do casamento do Capitão Bishop com Eliza Bishop. Eu sorria e conversava com os visitantes que entravam, mas eu nunca fazia tudo certo. Ou fazia o tour com muita rapidez, ou eu deixava as crianças tocarem nos objetos da loja, pois não estava prestando atenção. Eu não entendia se a ideia era receber bem as pessoas ou afastá-las dali.

Eu elogiava o cabelo dela. "Este ninho?" Eu agradava Roger. "Ah, ele é um diabinho." Eu não levava almoço. "Você tem que comer." Eu levava almoço. "Você precisa se concentrar no trabalho." Ela só ficava feliz quando voltava da pescaria, após levar seu barco ao mar, ou depois de trabalhar no jardim com Roger deitado ao sol, perto dela. Era quando eu a via sorrir. Quando ela estava sozinha ou tinha ficado sozinha. Acho que as feras não gostam muito de companhia. Era tão diferente na livraria onde eu trabalhava, na minha cidade, onde o dono, Derek, com seus olhos bondosos, sua barba e risada, sem nenhum motivo costumava fazer festas para nós e seus clientes favoritos, às quintas-feiras, depois que a loja se fechava. A Armchair Books tinha uma lareira e cartazes de bancas de livros parisienses nas paredes, e a imagem de uma poltrona pintada na vitrine.

Eu ficava feliz quando via Sylvie pegar as chaves do barco no gancho da porta, que eram presas a um chaveiro de espuma que boiava, caso caísse na água. Eu teria uma hora de paz. Se ninguém viesse e entrasse, eu tiraria a poeira das estantes do museu, que estavam cheias de caixas de parafina e instrumentos navegacionais, ou então ia repor as prateleiras, dobrar as camisetas e os

agasalhos que estavam sempre desarrumados. Eu tinha que garantir ter em estoque todos os tamanhos disponíveis em todos os estilos: com a simples imagem do farol e o nome embaixo, com o farol escrito "Bishop Rock Rocks!" em letras malucas, com a cabeça do pombo (na verdade, uma gaivota) e um pequeno farol ao fundo. Com "Farol da Ponta da Cabeça de Pombo" escrito. Eu estava satisfeita por não ter que usar uma. Essas camisetas com estampas emborrachadas eram insuportavelmente ásperas e desconfortáveis para mim.

Quando tudo estava feito, e não havia nenhum turista ali dentro, eu podia sentar no balcão e ler, que era o que eu estava tentando fazer, ao tirar o marcador do livro mais recente que eu trouxera da biblioteca de Bishop Rock. Fiquei imaginando como era o andar de cima da casa de Sylvie Genovese, onde ela morava. Às vezes eu a escutava falando ao telefone, conversando em italiano, e não podia deixar de pensar se ela também estaria ali para curar suas feridas. Eu via seu barco subindo e abaixando nas águas ali em frente, sua figura pequena manejando o motor com habilidade e o seu rosto voltado para o sol.

Era isso que eu estava fazendo, lendo e imaginando coisas sobre Sylvie, enquanto Roger montava guarda perto da porta, quando eu a escutei gritar do lado de fora. Ela estava agitada e gritando alguma coisa, e Roger saltou e começou a latir. Eu também me levantei e corri para fora para ver se ela precisava de minha ajuda. Provavelmente, ela se irritaria comigo por tentar ajudar, ou se irritaria por eu não tentar, eu pensei, mas a voz dela estava histérica demais para que eu a ignorasse.

Eu não estava preparada para o que vi.

— Papai?

Meu pai estava estirado na grama no alto do penhasco. Sua boca estava se contorcendo de dor e ele tinha galhos e folhas presas no cabelo e areia grudada no seu rosto e numa de suas pernas. Sylvie estava ajoelhada ao lado dele transpirando profusamente, sua perna também estava arranhada e sangrando um pouco. Roger latia e corria em círculos parecendo um cachorrinho de circo.

— Você sabe quem é ele? Você o conhece? — Sylvie falou naquela voz linda.

— Não sei ao certo — falei.

— Clara — ele chamou.

— O que você está fazendo? — perguntei. Uma pergunta parece algo tranquilo e razoável. Na verdade, minha voz estava saindo em tons esganiçados. Era só o que me faltava, ter problemas com Sylvie Genovese.

— Estava visitando Annabelle — ele estremeceu. — Acho que quebrei meu tornozelo.

— Ele caiu e eu tive que arrastá-lo aqui pra cima.

Senti vontade de rir, mas eu não era tão idiota. Gostaria de ter visto aquela mulher maravilhosa e delicada, carregando meu pai todo quebrado e machucado. Ele tinha areia grudada em um dos lados do rosto. Senti uma onda de histeria subir pela minha garganta, porém tentei me controlar. Bati as mãos para Roger parar de pular e latir.

— Roger — Sylvie chamou e ele ficou quieto imediatamente. O cachorrinho se sentou e ficou olhando atentamente para ela, como se fosse um aluno prestes a responder a uma pergunta cuja resposta já sabia. — Vá ao meu banheiro no andar de cima e pegue o kit de primeiros-socorros. Está debaixo do balcão — ela orientou.

Tudo bem, sou mesmo uma idiota, porque por um instante pensei que ela estava falando com o Roger, até perceber que era comigo. Corri de volta para a casa e passei pelas cordas que estavam esticadas entre os corrimões. Virei para o lado errado e entrei no quarto de Sylvie. Vi sua cama desfeita cheia de travesseiros brancos e um acolchoado branco fofo e uma colcha da cor de açafrão. Tinha livros para todos os lados e era um quarto para se amar. Seus jeans estavam jogados ao chão, juntamente com um par de calcinhas pretas. Dei meia-volta e achei o banheiro. Ele tinha um perfume gostoso e havia uma fileira de vidros e loções no balcão, e uma foto de cabeça para baixo.

Eu não tinha tempo para bisbilhotar, mas deu tempo para levantar a moldura e a colocar em pé novamente, tempo suficiente para ver a foto de Sylvie ao lado de um homem segurando uma cesta de limões em frente a uma casa alaranjada. Olhei embaixo do balcão. Uma caixa de absorventes, papel higiênico e produtos de limpeza. Espere. Uma sacolinha azul com alça. Peguei o nécessaire e abri os fechos. Bingo. Ataduras, cotonetes, iodo e toda a parafernália para emergências. Corri de volta escada abaixo.

O suéter de Sylvie Genovese estava apoiando a cabeça do meu pai. Ele estava rindo e ela também. Ela estava olhando diretamente nos olhos dele, seus dentes tão brancos em contraste com sua pele amorenada e o cabelo dele tão preto em contraste com sua própria pele. Ela arrancou um pedaço de mato que

estava preso na camisa dele. Eu parei, de repente, segurando o kit, fazendo com que Roger, que vinha correndo atrás de mim, trombasse nas minhas pernas. Sylvie ainda não tinha enrolado a tira de pano no tornozelo dele, e ainda nem tinha limpado seu próprio machucado.

Mas, naquele instante, percebi que eu sairia a tempo para o meu passeio para Friday Harbor.

**

— Estava começando a achar que você não viria mais — Finn Bishop comentou.

— Estava ocupada no trabalho — sorri. Eu tinha esperado um longo tempo até o barco chegar; finalmente eu vi a ponta do mastro surgir no céu azul brilhante e ali estava o Obssession, retornando ao ancoradouro e aumentando de tamanho à medida que se aproximava. Finn tinha ajudado os passageiros a descer estendendo sua mão, enquanto olhava para mim e sorria alegremente. Finalmente todos desembarcaram e Jack foi pegar comida no A Enseada. Estávamos sozinhos ali, isto é, se você não levar em consideração o pescador, os turistas, as gaivotas e um pelicano que estava por perto.

— Não foi demitida ainda?

— Não — falei convencida. Eu estava me sentindo convencida.

— Pronta para subir a bordo? — Ele estava com as mãos enfiadas no bolso da calça jeans e se balançava um pouco na sola dos pés.

Eu estava pronta.

— Ouvi falar que os fantasmas de marinheiros naufragados estão assombrando estas águas — falei.

— Sim, senhora. Não é bom estar num barco depois do anoitecer. Eles te agarram pelos tornozelos e te puxam para baixo enquanto tentam se salvar.

Ele pulou no barco, se curvou, pegou na minha mão e eu subi. Apesar de tudo, eu estava tremendo. Acho que foi a imagem de uma mão agarrando um tornozelo.

— Frio? — ele indagou.

— Estou bem — falei. Na verdade estava ótima. Estava começando a me sentir maravilhosa. É engraçado como é diferente a sensação de se estar no

ancoradouro versus a de estar dentro do barco, e nós ainda nem tínhamos partido. Talvez fosse a emoção do que estava por vir, a expectativa antes de partir. O barco balançava e eu percebi que precisava apoiar meus pés com firmeza para não perder o equilíbrio.

— Cuidado — Finn advertiu.

— Onde eu devo ficar? — Havia bancos perto do grande leme que Jack usava e havia o enorme deck na ponta do barco, cercado por fileiras de cordas. Não queria atrapalhar ninguém por ali.

— O melhor assento é lá na frente. Não se preocupe em ser atingida pela lança. — Ele bateu a mão na enorme grade de metal no fundo da grande vela. — Você tem que se segurar. O barco se inclina lateralmente, viu?

Ele meneou a mão.

— Você não vai cair. Ninguém jamais caiu. Olhe estas cordas salva-vidas.

Ele tocou os cabos finos que se estendiam ao longo do barco, como se fossem um tipo de grade de proteção, mas que não pareciam ser capazes de impedir que alguém, ou alguma coisa, caísse no mar. Ele esperou.

— Se você ficar com medo, pode se sentar aqui e ficar ouvindo o Jack conversar papo-furado com os clientes.

— Não estou com medo — falei. Pude observar o passo firme de Finn. Subi e passei pelas cordas e roldanas até a ponta do barco. — Aqui?

Finn acenou com a cabeça, satisfeito.

— Isso mesmo.

Conversamos um pouco. Ele perguntou de onde eu era, onde estávamos hospedados e por quanto tempo ficaríamos na ilha. Disse a ele o que perguntou, mas não o porquê. Alguma coisa me ocorreu, e acho que meu pai acharia que eu estava trapaceando, porém eu perguntei assim mesmo.

— Aquela casa onde estamos hospedados? Aquela na ponta de Possession Point?

— Sei qual é. Passamos por lá, talvez cinco ou seis vezes ao dia.

— Você sabe quem é o dono?

— Não. É alguém que foi embora há muito tempo. Está quase sempre vazia.

— Então, você não sabe dizer se o cara é um diretor de cinema?

Finn deu uma risada.

— Acho que não. Não. Nós saberíamos disso. Uma vez o primo de Kurt Cobain ficou por aqui por uns tempos e todo mundo sabia de tudo o que o cara fazia. "Ele é vegetariano". "Ele comprou cem quilos de cimento na loja de ferramentas".

— Estamos apenas tentando imaginar quem é o nosso anfitrião — expliquei. — É o nosso mistério pessoal.

— Posso descobrir pra você.

— Tudo bem. Acho que meu pai prefere continuar tentando descobrir sozinho — falei.

Ele me olhou.

— Eu também gosto de adivinhar coisas sobre alguém. Porém, é ainda mais gostoso quando a gente sabe um pouco mais. — Ele estava sentado ao meu lado com as pernas esticadas para frente. — Gostaria de saber mais — ele falou para mim. — Você entende, sobre você.

Meu estômago ficou gelado. Seu olhar era meigo, se é que a gente pode confiar num olhar. É difícil confiar nesse tipo de coisa, uma vez que eu tinha errado tão feio antes. Pensei no que a Annabelle me disse, instinto. Receei que o meu estivesse perdido no fundo do mar, junto com aqueles marinheiros naufragados, já que tinha dado tudo errado e isso me assombraria pelo resto da vida.

— Também gostaria de saber mais sobre você.

Passamos uns momentos agradáveis, em que ambos ficamos sentados, sorrindo e sem ousar dizer nada que pudesse interromper aquela tranquilidade. Então, ouvimos o ruído de sapatos no convés e um grito.

— Parem com isso, pombinhos — Jack gritou.

Finn ficou ruborizado.

— Ah, meu Deus, sinto muito. Vou matar ele — murmurou. — Jack, cala essa boca maldita — ele gritou.

— Tudo bem — dei uma risada.

— Você tem dez minutos para limpar aqueles banheiros antes da gente partir novamente — Jack falou alto.

— Eu o odeio — Finn falou. — Você é um cretino — ele gritou para o irmão.

Jack estava de bom humor. Ele abriu uma garrafa de refrigerante e tomou um longo gole.

— Ahh, não é uma cerveja, mas dá para refrescar.

— Ele está com uma namorada nova — Finn explicou. — E está impossível. Eles têm saído de barco todas as noites e só voltam às 3 horas da madrugada. Parece estar bem acordado, também.

— Parece mesmo — falei.

Jack estava tão feliz que dava para perceber. O movimento dos seus braços era alegre. A curva das suas costas também parecia feliz, quando ele se curvou e desatou a linha.

— Aquela droga de gaivota seguiu a Cleo novamente até em casa — Jack gritou para a gente. — E ela estava lá novamente em cima mesa, às 11 da manhã, como se estivesse pronta para trabalhar. A Cleo finalmente arrumou um namorado.

— Mais bonito que o último. E acho que mais inteligente também — Finn replicou. — Melhor eu me mexer — ele me disse.

— Faça o que você tem que fazer — respondi. — Eu estou bem aqui.

— Este barco não tem tanta sorte há muito tempo — Finn falou.

Ele deu um salto e se levantou. Observei seu traseiro naquele jeans apertado. Eu certamente era culpada de tudo aquilo de que o Christian havia me acusado. Admirei seu cinto apoiado nos quadris. A trança de couro enrolada no pulso. O cabelo preto desgrenhado que caía em cachos sobre seu rosto. Vi o cais se mexer para cima e para baixo, apoiei-me nas mãos e respirei o ar puro e fresco. Dali a alguns minutos, um casal de meia-idade subiu a bordo usando agasalhos combinando. Acho que já os tinha visto perto do farol. Sentaram-se nos assentos atrás do leme, e ele tirou uma foto dela com a câmera que trazia pendurada no pescoço.

Logo depois chegou outro casal, loiro, com crianças também loirinhas. Um menino e uma menina. Ela estava fazendo beicinho e o menino foi até o

leme e ficou mexendo na roda até sua mãe mandar parar. Dois caras com bonés de beisebol subiram a bordo, enquanto suas esposas ficaram para trás tirando fotos. Esperamos um pouco, mas não havia mais ninguém para embarcar nessa viagem. Finn ficou ocupado. Ele estava desenrolando os cabos do cais e os jogando de volta para o barco. Soltou umas cordas, e amarrou outras. Jack estava no controle do motor, manobrando o barco em direção ao mar alto, comunicando-se com a cabeça para Finn, que acenava de volta, quando um pequeno barco a motor cruzou na frente deles. Jack desligou as máquinas, fez um pequeno discurso sobre cuidados com segurança para os passageiros e contou algumas piadas que fez as pessoas rirem. De onde eu estava só consegui ouvir algumas palavras. O vento estava aumentando. Finn começou a içar a enorme vela. Ele agarrou a corda com as duas mãos e a puxou para baixo se agachando até o chão em um único e longo movimento que envolveu todo o seu corpo. Ele fez isso diversas vezes até que a grande vela branca começou a subir e subir e então ficou lá no alto enorme e majestosa. Eu pude perceber como foi difícil levantar aquela vela e como o Finn era forte.

O barco passou a comandar o show a partir dali. Velejamos, e ele era bem rápido e, à medida que o casco inclinava, eu me segurava firmemente, do modo que Finn tinha me ensinado, com os pés presos firmemente ao chão. A velocidade, segurar-me firmemente e a emoção da inclinação também eram coisas relaxantes. O deslize suave sobre a água, a repetição de movimentos, isso quase me deixou sonolenta. Uma segunda vela foi içada e, a partir daí, só havia movimento para frente. Velocidade tranquila. E então, a agitação, o aviso de que eles estavam "chegando", o balanço da enorme lança, os cabos deslizando pelo deck, o ruído de argolas e cordas batendo no metal, a inclinação para o outro lado, dessa vez, e, então, velejamos suave e rapidamente de novo.

— Tudo bem com você? — Finn, sempre rápido, estava ao meu lado. Ele era bem corajoso por andar assim pelo barco em movimento.

— Tudo ótimo — exclamei. — Isso é fantástico.

— Certo? — ele perguntou, respirou fundo e esticou seus braços por trás da cabeça. Não tinha ideia de como dava trabalho velejar, nem como era preciso usar a força. Dava para perceber que ele era um atleta. Não um atleta de uma única temporada, pude ver que este esporte era um modo de vida.

Uma conexão com a água, o céu e os ritmos da terra e da atmosfera. — E então, você gostaria de vir de novo?

— Claro que sim.

Finn correu. Ele trabalhava duro e eu o observei. Talvez fosse sua naturalidade, ou sua força física, mas ele tinha a aparência saudável, e parecia realmente feliz. Procurei ver se havia tensão nas linhas do seu rosto. Tentei ver se havia preocupações expressas na sua testa. Mas ele estava andando pelo barco como se fizesse parte dele, do mesmo modo que um cavaleiro monta seu cavalo, do jeito que você vê um casal de idosos que sabem como dançar juntos.

O cara com a câmera apontou o dedo e todos se levantaram e olharam, havia uma cabeça preta brilhante de um leão marinho a distância. Um barco pesqueiro passou puxando uma enorme carga de caranguejos. O sol, as ondas. A sensação de que tudo era possível. As criaturas fazendo aquilo que faziam há séculos. Era possível encontrar o instinto aqui.

Ancoramos e eu estava satisfeita. Era como se eu tivesse me alimentado de uma enorme refeição de ar fresco e sol. Deu vontade de tirar uma soneca. Acho que eu conseguiria dormir por dias. Não me sentia relaxada assim há muito tempo.

Esperei no cais até Finn terminar suas obrigações. O casal me pediu para tirar uma foto deles, e o homem me mostrou como usar sua câmera. Eles ficaram ótimos na foto usando as roupas iguais. Finn apareceu chupando uma bala de menta — deu pra sentir seu hálito doce.

— Muito obrigada — agradeci. — Isso foi maravilhoso.

—Você está livre mais tarde? — ele indagou de modo casual e tranquilo. Tudo parecia ser assim por aqui. — Vamos sair pra comer alguma coisa?

— Butch's Harbor Bar? Mexilhões fritos especiais só essa semana? — falei.

— Só essa semana, o quê! Desde os anos 1970! Excelente escolha, senhorita Clara.

Marcamos uma hora e nos despedimos. Eu me sentia sonolenta, descansada e feliz também, como se meu corpo estivesse celebrando. Não aguentava esperar pela hora de ir ao Butch's Harbor Bar. Estava tão contente e satisfeita com a normalidade da minha vida aqui que peguei o telefone. Já o tinha segurado antes, exatamente como sempre o fazia, e eu ia ligar para Shakit e lhe contar tudo o que estava acontecendo. Olhei para o telefone na palma da minha mão e parecia que minha vida toda estava centrada ali. No entanto, eu queria apenas ouvir a voz dela. Sentia tanta falta da minha melhor amiga. Tinha saudade das coisas normais que fazíamos, como ligar para sua melhor amiga e compartilhar as coisas fantásticas que podem estar acontecendo. Coloquei o

telefone de volta no meu bolso. Não podia correr esse risco. O único modo possível de eu me manter segura era se ninguém soubesse onde eu estava.

Parei para fazer algumas compras para casa e então peguei o carro de volta. Na rua da nossa casa, na Possession Point, vi meu pai andando em círculos numa bicicleta. Abaixei a janela.

— Onde você conseguiu isso? — perguntei.

— Olhe esta bicicleta. Eu a encontrei no quartinho dos fundos. Este cara deve ser um cretino bem rico. Não se deixa uma bicicleta como essa perto do ar marinho, pois ela pode enferrujar, a menos que você pretenda jogá-la fora e comprar outra, como se não custasse nada.

— Você vai começar a praticar ciclismo? — Ele parecia oscilante em cima da bicicleta. Provavelmente o tornozelo estava incomodando. — E o que aconteceu, seu tornozelo se curou miraculosamente depois daquela queda? Ele fez que não ouviu.

— Imaginei que nós dois pudéssemos usá-la para andar por aí. — Ele estava sorrindo e parecia mais feliz do que eu já tinha visto há muito tempo.

— Já entendi — falei. E entendi mesmo. Eu estava feliz e nervosa ao mesmo tempo. Meu pai não namorava muito, apesar de toda a atenção que as mulheres lhe davam. Annabelle Aurora tinha dito que ele deveria começar a viver novamente, mas eu nunca tinha pensado que ele não estava vivendo. Ele trabalhava, tinha seus amigos e, de vez em quando, saía à noite e voltava bem tarde, mas nunca me apresentou a nenhuma namorada. Acho que imaginei que ele ainda estava apaixonado pela minha mãe.

Dirigi o carro o restante do caminho e estacionei, enquanto ele pedalava a bicicleta e a encostava na varanda. Saí do carro e tranquei a porta, embora não visse a necessidade de fazer isso, pois não achava que aquele lugar fosse perigoso. Ele estava andando de modo engraçado.

— Você está bem? — indaguei.

— Essa droga de tornozelo.

— É como aquela velha canção infantil: "Cai, cai balão, aqui na minha mão".

— Engraçadinha.

— Acho que você não devia andar de bicicleta.

— Tudo bem. Eu fui um atleta.

— Durante uma única temporada — falei. — Ela disse que era casada.

Ele se virou.

— O quê?

— A Sra. Genovese.

Ele pensou um pouco sobre isso.

— Provavelmente deve ter alguma explicação — falei. Vai saber.

— Tenho certeza que sim — ele respondeu. — Porque ela concordou em sair comigo hoje à noite. — Abri o porta-malas para tirar as compras. Ele pôs as mãos no quadril e ficou olhando o mar. As mangas da camisa dele estavam enroladas para cima e eu vi os arranhões da queda.

— Pelo menos não é Fiona Husted — falei por trás dele. Eu não tinha gostado deste nome quando Annabelle o citou. Sylvie Genovese talvez fosse uma fera que meu pai conseguisse amansar, porém Fiona Husted era um ponto de interrogação.

Meu pai se voltou rapidamente e me encarou. Juro que ele estava de queixo caído. Ele parecia assustado.

— Meu Deus — ele sussurrou.

— O quê? — repliquei. Estava segurando um saco cheio de alface, bananas e iogurte num dos braços.

— Você parecia...

— Parecia o quê?

— Com sua mãe. Juro por Deus. Exatamente igual.

Não sabia como interpretar isso. Podia ser um bom sinal, não é? A não ser pelo olhar que vi no rosto dele. Aquele olhar era sofrido. Na verdade, ele deu um passo atrás. Eu não era minha mãe. Eu era eu. Queria afastar aquele momento perturbador bem rápido. O que eu tinha visto me perturbara, uma visão dos sentimentos complicados que ele nutria por ela. Foi a primeira vez que eu testemunhei isso de modo tão claro. Ou talvez tenha sido o momento quando a gente passa a ver nossos pais de um modo mais objetivo. Entreguei o saco para ele.

— Pegue. — Joguei o saco na direção dele e ele o pegou. Peguei o outro saco fechei o porta-malas. Tentei parecer natural. — Tenho um encontro hoje à noite também — contei.

— É mesmo? — Seu rosto já tinha voltado ao normal. Ele até parecia estar satisfeito e concordou com a cabeça. — Entendi.

Entramos na casa, ou melhor, ele foi mancando para dentro de casa. Foi para o banheiro e remexeu as coisas, acho que estava procurando uma cartela de aspirina.

— Essa coisa de encontro... pode deixar que eu vou com calma — falei para ele. — Não quero que você se preocupe.

— Clara, você aprendeu muito com tudo o que aconteceu... eu não me preocupo. — Ele voltou carregando dois comprimidos brancos na palma da mão. — Você aprendeu demais. Seu problema vai ser esquecer-se dessa experiência, e não ter medo de repeti-la.

Acho que ele estava certo. Tudo o que tinha acontecido com o Christian ocupara tanto espaço que era como se existisse outra pessoa dentro de mim. Eu me sentia pesada com a culpa e a responsabilidade. Com a carga das lembranças e das decisões. Queria me afastar o mais possível que pudesse de Christian, mas, apesar de tudo, eu ainda me preocupava com ele todos os dias. Eu ainda pensava nele sem parar. A culpa do que tinha acontecido fora só minha, tinha certeza disso. Mas papai estava certo, isso nunca mais aconteceria. E isso era a única coisa que me confortava.

Ele pegou um copo, encheu-o de água e tomou os comprimidos. Então se virou e estava sorrindo novamente.

— Olhe para nós — ele falou. — Quem poderia imaginar? — Eu também me sentia em plena forma. Os olhos dele estavam brilhantes e meu coração disparava só de pensar em ir de encontro a Finn no Butch's.

— Não é estranho? A gente veio para cá porque as coisas estavam horríveis... — murmurei. — Como pode tanta coisa boa vir de tanta coisa ruim?

— É a Fênix renascendo das cinzas! — papai falou como um pregador sulista.

— Estamos renascidos — falei com a voz de uma pastora sulista também.

— A-le-lu-i-a — ele falou. E então ele fez uma coisa bem diferente do que costumava fazer. Meu pai culto e com jeito de escritor, com cabelos

desalinhados e óculos escuros, levantou o braço, espalmou a mão e bateu na minha comemorando. — Toca aqui!

**

Meu pai insistiu em ir de bicicleta ao encontro com Sylvie, apesar do tornozelo machucado, portanto eu peguei o carro para ir ao Butch's. O lugar estava lotado e transbordando de gente e música, mas quando cheguei à entrada eu vi Finn sentado numa mesa acenando para mim.

— Nada como um lugar quieto e romântico — ele falou bem alto.

Para mim estava perfeito. Eu gostava dali. Música country bem alta e Butch, o dono do bar, com sua barriga enorme e barba grisalha estava atrás do balcão. As garçonetes usavam aventais vermelhos, e a comida era servida em cestas vermelhas de plástico com papel xadrez dentro. Era um lugar onde as pessoas riam e falavam alto.

Sentei na cadeira perto de Finn. Fizemos brincadeiras com o irmão dele, a irmã e a gaivota. Perguntei sobre o resto de sua família. Sua mãe era dona do barco e do restaurante desde que seu pai tinha morrido.

— Minha mãe — falei alto. — Ela morreu também. — Era uma coisa engraçada para se falar em voz alta.

Ele concordou com a cabeça. Podíamos ter falado mais sobre isso, mas não o fizemos. Comemos nosso mexilhão frito especial e bebemos coca-cola estupidamente gelada, em copos plásticos vermelhos. Cada vez que alguém entrava pela porta, principalmente um cara da nossa idade, eu fazia questão de olhar apenas para Finn. Tomei cuidado com as coisas que contei sobre a minha escola. Não mencionei o nome de ninguém que fizesse parte do meu passado, a não ser as meninas. Mas quando nossa garçonete terminou seu turno e foi substituída por um amigo de Finn, ele o apresentou a mim. Eu estava bem treinada, você entende? Então, eu não brinquei com eles logo de cara. Eu estava ciente do que estava fazendo, mas não conseguia evitar. Parecia que eu tinha feito parte de uma daquelas seitas onde as mulheres usam vestidos compridos e são proibidas de assistir à televisão. Estando no mundo aqui fora, a televisão era algo a se temer. No entanto, Finn estava simplesmente tranquilo e feliz. Então, eu brinquei com eles e lembrei-me de como era gostoso fazer isso, e as feições de Finn não se transformaram, como eu temia. Parecia possível, mas também impossível, que ele não visse ameaças em todos os lugares. Parecia possível, mas impossível, que eu fosse capaz de relaxar também.

— Terminamos? — Finn perguntou. Eu realmente gostava daqueles olhos meigos. Realmente gostava. Nunca mais ficaria atraída por alguém que não fosse bondoso. Que não fosse bom lá no seu íntimo. Alguém que fosse normalmente agradável, como meu pai diria, não do tipo que se escondia. Ter atração por qualquer outra coisa, maldade ou ignorância ou confusão, não era apenas imaturidade, mas um pouco perverso. Seria o mesmo que dizer que você era atraído por batidas de carros, fogo em prédios ou câncer. Eu tinha medo de ver a bondade de Finn (eu já tinha errado uma vez), mas eu conseguia enxergar isso nele. Havia algo descomplicado em relação a ele, e eu passei a ver que "complicado" era algo para se desconfiar.

Afastamos nossas cestas vazias. Aqueles mexilhões estavam fantásticos. Era por isso que o lugar era tão lotado. Butch estava contando uma história e deslizando cervejas pelo balcão, como a gente vê num filme de faroeste.

— Que tal um lugar mais quieto? — Finn perguntou.

— Um pouco de silêncio até que vai bem — respondi.

Fui ao banheiro para ver se não havia nada grudado nos meus dentes. Eu me olhei, mas vi uma pessoa diferente no espelho. Era engraçado porque eu me sentia a mesma pessoa, mas ao mesmo tempo fiquei imaginando quem eu era e como eu tinha chegado ali. Naquele banheiro, com a música country tocando alto do outro lado da porta e um carinha me esperando na calçada do lado de fora, eu era alguém que eu precisava conhecer.

Ele tinha colocado uma bala de menta na boca e eu também. Acho que isso significava nosso desejo de ficar mais perto um do outro. A rua parecia bem silenciosa depois do ruidoso restaurante. Finn pegou meus dedos e corremos juntos para o outro lado da rua, para perto da água. Suas mãos eram ásperas e cheias de calos causados pelas cordas. Suas mãos não eram macias e suaves como as de Christian.

— Quer dar um pulo na praia? — ele perguntou.

— Claro.

Eu não sabia aonde as pessoas iam à noite, no fim de semana por aqui. Na minha cidade iríamos a um café. Talvez a um dos parques perto dos lagos.

Ele continuou a segurar os meus dedos, e eu não me importei. Ficamos parados no alto do recife, olhando para baixo, para aquela tira de areia que se arrastava em ambas as direções. Várias fogueiras se espalhavam pela costa. Era aqui que as pessoas vinham aos fins de semana, deu para perceber. Eles se

juntavam em grupos iluminados pela luz alaranjada do fogo. Um rapaz gritou o nome de Finn e ele acenou de volta. Uma das garotas fez sinal para ele se juntar ao grupo. Havia muita risada e garrafas de cervejas para se beber sob o luar. Senti-me um pouco tímida. Acho que eu seria aquela turista que as pessoas olhariam com curiosidade.

— Sexta à noite — ele se desculpou. — Vamos para um lugar mais quieto? Podemos ver se o Jack levou o Obssession.

— Ok.

Descemos a rua principal, para um lugar que agora já era familiar para mim, o ancoradouro. O Obssession estava em seu lugar. O movimento e a batida da água soavam diferentes e mais fortes na escuridão. Alguns barcos estavam iluminados por dentro, parecendo esconderijos aconchegantes. Finn subiu no barco, estendeu a mão e me ajudou a entrar. Ele abriu uma escotilha e chamou Jack. Finn desapareceu por alguns segundos e fiquei imaginando que Jack iria aparecer segurando suas calças, com a camisa para fora, mas o barco estava vazio. Imaginei o que havia lá embaixo e como seria ficar com Finn no seu próprio e aconchegante esconderijo. Um barco parecia ser o melhor lugar secreto para alguém ter, muito melhor do que uma casinha na árvore ou um forte no meio da floresta. Aqui a gente poderia se esconder, mas também podia fugir.

— Estamos sós — Finn falou. Ele trouxe alguns cobertores grossos debaixo do braço e os colocou no deck para a gente sentar. — Você está aquecida? Eu gostaria de levá-la para um passeio, mas, na verdade, é preciso duas pessoas para manejar o barco, além do mais o idiota do meu irmão levou as chaves.

— Assim está ótimo. — Sentei e fiquei olhando o mar, onde a lua mergulhava nas ondas sob uma luz dourada. Ouvi o som distante de um rádio. As ondas batiam e se espalhavam no casco do barco. — Escondidos.

Finn sentou ao meu lado e estirou suas pernas compridas. Eu fiquei imaginando o som daquela palavra, escondidos. Será que ele pensaria que eu estava querendo dizer alguma coisa? Que isto era algo que eu fazia sempre?

— Eu adoro ficar escondido às vezes. Você também gosta? Quando ninguém sabe onde você está? — Ele não tinha entendido mal. Decidi tentar esquecer tudo aquilo, o peso e o cuidado com as palavras e atitudes. Eu diria o que queria e me libertaria das amarras.

Era estranho como me sentia à vontade. Ao mesmo tempo em que me sentia confortável ao lado de Finn, o ar entre nós estava carregado de eletricidade*.

— Não é bom sair de barco no escuro, lembra? — comentei. — Os fantasmas vão agarrar nossas pernas para tentar se salvar.

— Tem mais fantasmas em ação onde você trabalha — Finn replicou.

— Sylvie Genovese? — Sempre achei que ela parecia meio assombrada.

Finn deu uma risada.

— Eliza Bishop. Sabe, a esposa do capitão? Muita gente jura que já a viu rondando o farol. Inclusive minha mãe que não acredita nessa merda. Muitas outras pessoas. Eles escutam seu gemido e a veem no alto da torre. Ela se jogou de lá de cima depois que o marido se afogou no mar.

— Eu li sobre o assunto. Fui praticamente interrogada sobre isso. Acho melhor manter meus olhos bem abertos caso ela apareça.

— Os marinheiros lá embaixo... — Ele fez um movimento em direção às águas escuras. — Dizem que eles gemem. O que um pouco de vento e uma imaginação fértil não fazem, não é? Existe um cara, Randy Vishner, um pescador, ele afirma que os fantasmas dos afogados viraram seu barco, agarraram suas pernas e o puxaram para baixo. Porém, Randy... — E fez um movimento com a mão como se estivesse bebendo de uma garrafa.

— As coisas mudam quando o álcool toma conta do cérebro — falei.

— Isso mesmo. Assombrado pela bebida.

— Supostamente, nós também temos um fantasma perto de nós, na nossa casa — eu disse. — Em Greenlake. É um lago no meio da cidade. Uma garota foi assassinada ali pelo namorado. As pessoas costumam vê-la quando vão para a beira do lago namorar.

— Isso acaba com o clima. Desculpa a brincadeira — Finn falou.

---

*Shakit sempre dizia que nós devíamos ter um cara que nos fizesse querer ter sempre a perna depilada. Eu entendi, ali, o que ela queria dizer.

Ele segurou novamente a minha mão, e eu fiquei feliz com aquilo. Sou uma idiota, eu sei, mas toda essa conversa me deixou arrepiada. Especialmente porque estava sentada no meio da escuridão, onde o mar denso da noite parecia esconder coisas bem diferentes do que escondia o mar azul durante o dia. Havia corpos debaixo d'água e navios naufragados. Senti-me uma pilha de nervos. Aquele friozinho que sobe pela espinha, mesmo sem ter nenhum motivo. Apertei a mão dele e ele apertou a minha também.

Conversamos sobre os meus planos para agora, que eu tinha terminado o colegial, mas ainda não tinha certeza do que queria fazer. Com tudo o que aconteceu no ano passado, tinha me afastado dos meus planos. Perdi as datas das inscrições das faculdades. No entanto, só disse a Finn que eu estava aproveitando e tirando uma folga, antes de ir para a universidade. Ele mesmo tinha ido embora por dois anos, mas agora estava de volta em casa. Ele estava pensando em ficar por aqui. Adorava estar perto da sua família e cuidar dos negócios. Falamos sobre outras coisas, música, aprender a dirigir, ser filha única, adorar fritura e suco de laranja, e morder a cobertura crocante dos cupcakes. Contei a ele sobre minha professora do segundo ano, a senhorita Spelling. Como eu adorava o nome dela.

Desligaram o rádio que estava tocando a distância e tudo ficou quieto entre nós também. Finn estava olhando bem fundo nos meus olhos, como se tivesse visto alguma coisa boa lá dentro, e eu estava olhando para ele também. Seu rosto já me era familiar. Queria tanto beijá-lo, e eu senti que aquilo iria acontecer. Olhei para sua boca e tive vontade de me aproximar, mas, em vez disso, fiquei surpresa com minha própria voz.

— Queria beijar você, mas quero esperar um pouco mais e aguardar com ansiedade este beijo.

— Entendo o que você quer dizer — ele afirmou. — Sei exatamente.

Estávamos sussurrando. Foi um daqueles momentos raros e perfeitos. Ficamos sentados ali saboreando o momento, até que ele se levantou e disse:

— Vamos. Está ficando tarde.

Ele me acompanhou até meu carro e deu um beijo de boa-noite nos meus cabelos. Ele disse algo com muita suavidade.

— Garota tímida.

Eu costumava ser uma garota tímida, cuidadosa, quase quieta, mas tinha mudado bastante, a ponto de não saber mais como eu era. Tinha sido

audaciosa, atrevida, e quando as coisas pioraram e fui transformada em alguém que nem eu reconhecia, me senti perdida. Mas com aquela palavra "tímida", eu voltei a ser eu mesma novamente.

**

Meu pai ainda não tinha chegado em casa quando voltei. Tínhamos esquecido de deixar uma luz acesa, e a casa estava vazia e toda cheia de sombras. Entrei. Fiquei nervosa por estar ali sozinha. Podia ouvir o sussurro do vento atravessando o telhado e o barulho das ondas lá fora. Tirei a roupa com aquela sensação tola de que alguém estava me observando. Pensei em fantasmas e naqueles que não conseguiam se libertar. Tentei dormir, mas fiquei deitada com os olhos bem abertos. Lembrei-me daquele enorme e pesado peso de papel que estava debaixo da cama do meu pai e, por um instante, desejei que ele estivesse debaixo da minha própria cama. Eu costumava sentir isso quando era criança e tinha medo de me levantar para ir ao banheiro de noite. Costumava imaginar que os ladrões estavam no corredor, à espreita, mas agora eu estava pensando em viúvas de capitães do mar e garotas mortas.

Falei para mim mesma que estava sendo irracional e me levantei da cama. O chão estava frio sob meus pés, e a minha camiseta não me aquecia tanto do frio. Meus pés estavam nus. Minhas pernas. Fui andando pé ante pé até o corredor. Na verdade, eu estava apavorada e não queria perturbar nada nem ninguém que, porventura, estivesse por ali. Cheguei ao banheiro, e foi ali que eu gritei. Pra falar a verdade, dei um grito enorme. Foi muito, muito idiota da minha parte, era o meu pai usando sua camiseta branca e indo na mesma direção que eu, sem fazer qualquer barulho.

— Clara! — Ele se assustou.

— Ah, meu Deus. Desculpe papai. — Levei a mão ao peito.

— Eu que peço desculpas. Não tive intenção de assustar você.

— Não ouvi você chegar.

— Pelo amor de Deus, meu bem. Prometo que da próxima vez vou fazer bastante barulho.

— Acho que eu já estava um pouco assustada antes disso. — Nos olhamos atentamente no meio do corredor. Meu coração ainda estava batendo aceleradamente tum tum tum. Havia alguma coisa diferente ali. Olhei atentamente para ele na escuridão e o observei pela primeira vez. — Você está bem?

— Ela não é casada — ele disse. — Nunca foi casada. Ela só usa o "senhora" para manter as pessoas a certa distância.

— Bem, isso é bom, não é? — Ele acendeu a luz do banheiro e nós dois piscamos com a claridade repentina. Talvez fosse o choque da iluminação instantânea, mas acho que sua pele morena estava pálida.

Ele procurou a cartela de aspirina novamente, como se não se lembrasse de onde a tinha colocado.

Ele se virou para mim e me olhou. — É que...

Ele parecia estar doente. — O que foi? Você está passando mal?

— Acho que eu posso vir a amar esta mulher — ele declarou.

Eu não sabia o que dizer ou o que pensar. Lá no corredor, eu tinha ficado assustada e dado um grito, mas agora, ao ver meu pai segurando os comprimidos, com os olhos fundos e o rosto abatido, parecia que ele é que vira um fantasma.

Capítulo 11

Christian e eu éramos aquele tipo de casal a que as pessoas se referem como se fôssemos uma única pessoa. Toda vez que alguém se referia a nós, nossos nomes vinham juntos. Christian e Clara. Christian e Clara. Tínhamos passado juntos as quatro estações do ano e os feriados e iríamos passá-los juntos pela segunda vez. Teríamos nosso segundo Natal. Ele me deu um colar com dois Cs entrelaçados. Eu lhe dei uma tira de couro que ele nunca tirou do pulso enquanto estivemos juntos. Não fazia muito o seu estilo, mas, apesar disso, ele usava. Eu fiquei ao lado dele quando o Sr. Hooper ficou doente. Fomos juntos visitá-lo no hospital, e também depois, quando ele voltou para casa e continuou a usar seu agasalho e chinelo, e estava mais magro e quieto do que antes. Christian e eu fizemos planos de irmos juntos para a faculdade. Eu o apoiei depois que ele teve uma briga enorme com seu padrasto. Tínhamos uma história juntos. Aquela folha que ele tinha me dado, há algum tempo, já estava escura, se desfazendo e cheia de significados. Nós tínhamos uma rotina diária.

Rotina é a base para algumas pessoas. A comodidade torna as coisas sólidas, a certeza cria mais certeza. Para outros, no entanto, a rotina quebra a superfície com seu peso, criando uma monotonia que pressiona para baixo até que ela se estraçalhe. Você entende essas coisas, não é? A acomodação, ou a monotonia da acomodação? Porém, o que eu não entendia era o que acontecia, que a rotina causasse mais medo em uma pessoa. Porque quanto mais Christian dependia de mim e sentia que eu era a pessoa "perfeita" para ele, mais convencido ele ficava de que me perderia. E quanto mais medo de me perder ele tinha, mais paranoico ele ficava, com a certeza de que iria acontecer o que mais temia.

Que pena tudo isso. Era tão sem sentido. Eu o amava. O único que mudou foi o próprio Christian.

— Você vai usar isso?

— Acho que sim, já que o estou vestindo.

— Dá para ver o bico dos seus seios.

É difícil se defender quando a gente está morrendo de vergonha.

Já ouvi dizer que pessoas permanecem num relacionamento ruim porque uma situação ruim como esta vai acontecendo aos poucos. Dizem que um sapo pula pra fora de uma panela com água fervente. Porém, se o colocarmos numa panela e deixar o fogo aquecê-la devagar, ele vai ficar até morrer cozido.

Nós, sapos, entendemos bem disso.

— Por que você não me falou que ia à biblioteca? — ele me perguntou uma vez.

— Eu não sabia. Decidi na última hora.

— Você simplesmente decidiu enquanto passava por perto? A dez minutos do seu caminho?

— Isso não é racional, Christian. Não é uma equação matemática onde você pode achar um erro. Eu decidi e fui.

— Quando uma pessoa não fala o que planeja fazer, faz você imaginar que ela tem alguma coisa a esconder.

— Christian, escute. Você tem que parar com isso. Você vai destruir nossa relação. Todo esse ciúme, essa desconfiança, não fica bem em você. Não é algo atraente. Você está acabando com tudo.

Não foi a primeira vez que eu disse isso. Eu falava isso o tempo todo. A raiva era apenas mais uma ferramenta inútil entre todas aquelas que eu utilizava para lidar com os ciúmes de Christian. Ela estava lá, sem utilidade alguma, juntamente com a confiança, a tranquilidade, a brincadeira e a diversão. E o modo como eu deixava meus olhos abaixados, e as roupas que eu usava ou não usava mais.

— Sinto muito Clara. Você está certa. Está certa, me desculpe. Não mereço você.

Era quase fevereiro, estava bem frio, e tudo estava coberto pelo gelo, mesmo sob o sol da tarde. Eu estava feliz que Christian viesse me buscar após a escola. Eu detesto o frio. Eu o sinto dentro dos meus ossos, de um jeito que quase ninguém mais sente. O sinal tinha tocado. Havia o barulho costumeiro dos armários se fechando, o emaranhado de pessoas demorando para sair do prédio, enquanto outras se apressavam para ir embora. Eu estava indo em direção à saída principal do prédio da escola e havia alguns rapazes andando à minha frente, e entre eles estava Dylan Ricks. Um dos amigos dele, Jake

McNeal, tinha parado para amarrar os sapatos e todos pararam juntos. Foi quando Dylan me viu.

— Oi — ele me cumprimentou.

A cena toda se desenrolou repentinamente na minha cabeça. Christian estaria lá fora me esperando na calçada perto do carro dele. Ele iria reconhecer Dylan, pois eu já o havia mostrado, há muito tempo, antes que eu soubesse como ele era ciumento. Christian iria ver Dylan falando comigo, iria observar meus lábios se movendo, eu teria que olhar para Dylan e eu bem sabia o que isso significaria. Resolvi passar por Dylan sem cumprimentá-lo, como se não o tivesse visto bem ali na minha frente, o que foi uma coisa embaraçosa e idiota. Quando cheguei ao carro, percebi que tinha razão; o rosto de Christian estava fechado e tenso, e aquela tensão me deixou muito brava, de um jeito que eu nunca tinha ficado antes. Eu tinha previsto que isso iria acontecer, e quando você começa a prever coisas assim, percebe que chegou ao fim da linha. As coisas eram assim, seriam assim e continuariam a ser assim. É o lado sombrio de saber, de antemão, como ele gosta do seu café, ou que ele vai ficar estressado quando está atrasado, porque ele sempre fica estressado quando está atrasado.

— Pensei ouvir você dizer que nunca se encontrava com o Dylan. — O carro estava em marcha lenta. Christian desligou o aquecimento em um gesto nervoso, apesar de a temperatura estar baixa. — Você mentiu para mim.

E era verdade. Eu via Dylan todos os dias na aula de espanhol. Outro dia ele me emprestou uma caneta, porque a minha começou a vazar tinta. E ele me contou quando o cachorro dele morreu, porque eu gostava muito daquele cachorro.

— Você deve ter mentido sobre dormir com ele também — Christian argumentou. — Você é o tipo de pessoa que iria para a cama com ele.

Isso também era verdade.

Comecei a perceber que não importava o que eu fizesse, nem o modo como eu tentasse lidar com as coisas, eu não ganhava nunca. Não importava o que fizesse, o problema estava sempre lá. Perceber isso começou a mudar as coisas. Mas a questão era que outras coisas também mudaram. Comecei a imaginar que talvez Christian estivesse certo em desconfiar de mim. Será que eu era mesmo aquela pessoa que ele me acusava de ser? Talvez o fosse.

As mentiras aumentaram. Mais e mais. Ele achava que eu estava escondendo coisas dele, e estava mesmo. Eu precisava mentir para ele. Eu queria espaço para respirar. Eu saía com Shakti e Nick e dizia a ele que tinha saído com meu pai. Eu fazia isso o tempo todo. Comia um sanduíche de rosbife e dizia a ele que tinha comido uma salada. Nem eu acredito, mas eu realmente fazia isso. Queria esconder dele algumas partes da minha vida para ele não ver nem julgar.

Comecei a pensar bastante nas coisas da escola. Tínhamos ambos planejados ir para a Universidade de Washington para que pudéssemos ficar juntos, porém, em vez disso, eu sonhava com cidades estrangeiras que estivessem bem distantes e cheias de estranhos. Fui com meu pai conhecer uma universidade em Vancouver, no Canadá, e Christian ligou tantas vezes no meu celular que meu pai ficou furioso. Ele pegou meu telefone e o enfiou no bolso da sua jaqueta. Acho que eu nem me importei. Evitei até ficar olhando aquele bolso.

Christian sempre percebia minhas mentiras e minhas tentativas de fugir dele. Fomos visitar o Sr. Hooper. Eu li para ele um livro de contos de Chekhov que Christian tinha trazido da biblioteca. "O pedido de casamento a deixou sem jeito, pois foi tão repentino, e também porque a palavra 'esposa' fora mencionada, e pela necessidade de recusá-lo. Ela nem conseguia se lembrar do que tinha dito para Laptev, mas continuava a sentir os traços da emoção desagradável e violenta que a fez rejeitá-lo...". O Sr. Hooper caiu no sono. Seu fino cabelo branco estava levantado junto ao encosto da cadeira onde sua cabeça estava recostada, e eu me senti muito triste.

— Amo você — Christian declarou. Ele tirou o livro das minhas mãos e me beijou com suavidade.

—Também amo você — respondi, e estava sendo sincera.

— Você nunca vai me deixar, vai? — ele indagou.

— Se você for para a faculdade em Vancouver, está tudo terminado — ele afirmou.

— Por quê? Não é tão longe assim — respondi.

— Você vai ficar com outro cara lá.

— Não.

— Foi você — ele declarou — que deu em cima de mim. Você veio atrás de mim. Você se jogou em cima de mim.

— Isso é o que você pensa — eu tinha dito. A raiva era minha ferramenta favorita atualmente. Ele tinha esgotado minha paciência.

— Aquele outro cara estava te agarrando naquele dia.

— Quem?

— Você sabe quem. Nick. Eu vi tudo.

— Ele é meu amigo.

— E você dá tanta liberdade assim para os amigos? Você me beijou. Foi você que demonstrou querer sexo. Angelie nunca teria feito aquilo. Ela tem moral. Ela se respeita.

Angelie era a garota que estava com ele no jogo de basquete. Aquela com quem ele estava saindo antes de mim. Acho que namoraram um mês. Ele sempre estava falando dela. Ela tinha se tornado, de repente, uma Virgem Maria, juro.

— Então, vai em frente e fique com a Angelie — falei. — Pode ir.

— Você nem ia se importar, não é?

Suspirei.

— Claro que eu me importaria, Christian.

— Você simplesmente sairia com qualquer outro cara.

— Bem, provavelmente eu sairia, com o tempo. — Aquela frase, "com qualquer outro cara", estava me deixando irritada. Essas palavras mexiam comigo. Ele as repetia com frequência mais do que qualquer outra coisa. Mais ainda do que "eu amo você".

— Você iria contar para todo mundo o idiota que sou. — Ele tinha receio disso. Realmente tinha medo disso. Medo das pessoas saberem as coisas que ele dizia quando estávamos sozinhos.

— Não. Eu não faria isso.

— Basta você ligar para Jake Ritchee. Tenho certeza de que ele também gostaria de fazer sexo com você.

Estávamos no quarto dele. Sandy e Elliot tinham saído. Acho que tinham ido ao shopping ou a algum outro lugar. Era um fim de semana comum. A árvore do lado de fora da janela do quarto dele estava sem nenhuma folha.

Nua. A rua estava suja e cheia de folhas trazidas pelo vento. Acho que tinha caído uma pequena tempestade na noite passada. Uma das latas de lixo estava caída e revirada. Eu estava olhando para fora da janela, porque não queria ver a cara dele quando ele ficava deste modo. Suas palavras me irritavam, mas também me deixavam confusa. Virei-me da janela e olhei diretamente para ele.

— Quem é Jake Ritchee? Não conheço ninguém com esse nome.

— Sei — ele debochou. Ele parecia enojado e começou a andar em círculos pelo quarto. O espaço parecia pequeno demais e eu queria dar o fora dali.

— Nunca ouvi falar desse Jake Ritchee. Não sei de quem você está falando.

— Ele lhe deu um cartão com a droga do número do telefone dele.

Não tinha ideia do que ele estava falando. Não mesmo. Ele procurou na sua escrivaninha. Mexeu nos livros e empurrou alguns papéis. O livro Calculus Concepts caiu no chão fazendo um barulho enorme.

— Você nunca ouviu falar dele? — Sua voz estava carregada de sarcasmo. Ele me entregou um cartão comercial. Olhei para o papel e vi minha letra escrita no verso. Meu nome e número de telefone. Meu endereço de e-mail. Virei o cartão e vi "Jake Ritchee. Smith and Gray Auto."

Lembrei-me. Lembrei-me de levar o carro do meu pai para o conserto. Lembrei-me de Jake Ritchee também, usando um macacão azul, cerca de 20 anos, e que me explicou o problema com a transmissão do carro, para que eu pudesse contar ao meu pai. Eu tinha pegado um de seus cartões da bandeja do balcão, que estava ao lado de um punhado de panfletos brilhantes com propaganda de pneus radiais, para o caso de meu pai querer fazer mais alguma pergunta.

Abri minha boca para explicar, porque dar explicações era o que eu sempre fazia com o Christian, era outra ferramenta daquela caixa. Mas eu parei. Percebi algo mais ao segurar aquele cartão, uma percepção que veio tarde demais: eu estava cansada de explicar. Tinha feito parte deste jogo com ele e deixado as coisas irem longe demais, e isso era minha culpa. Mas, de repente, cheguei a um ponto em que eu não queria mais fazer isso. Nenhuma explicação seria suficiente, jamais. Se ele tinha guardado esse cartão desde aquela primeira noite, se ele escolhera enxergar nele um significado que não existia, suas verdades nunca seriam e nunca poderiam ser o que a verdade realmente representava.

Joguei o cartão sobre ele. Ele girou como um bumerangue de papel e caiu em cima do sapato de Christian. Caminhei até a porta.

— Você não vai embora — ele falou.

— Vou sim — respondi.

— Então você namorou esse cara.

— Jake Ritchee consertou o carro do meu pai.

— Sei que você gosta de caras morenos — ele declarou.

Passei por ele rapidamente e desci as escadas. A mãe de Christian tinha acabado de comprar um gato e ele escapuliu quando abri a porta. Desci até a rua e me lembrei de que Christian tinha me trazido de carro. E eu não estava com o carro do meu pai. Estava chovendo bastante, mas eu não me importei. Fui andando até o ponto de ônibus mais perto. Sabia o caminho, pois já tinha estado ali tantas vezes. Esperei cerca de vinte minutos pelo 259. Fui sentada atrás de uma velhinha que usava um chapéu vermelho de crochê. Ele tinha uma franja verde no alto e o resultado parecia um enfeite de natal.

A chuva escorria pelas enormes janelas do ônibus. O limpador de para-brisas trabalhava incessantemente. Minha calça estava molhada e eu estava com frio. Então, as palavras que Christian tinha dito começaram a fazer sentido. Comecei a perceber a realidade e fiquei chocada. Christian tinha ido até aquela oficina mecânica, Smith and Gray Auto, para ver quem era Jake Ritchee. Não havia outro modo dele saber que o mecânico era moreno.

A poltrona onde eu estava sentada tinha um rasgo e a espuma estava saindo pra fora. Os freios fizeram barulho quando o ônibus parou. Levantei-me para sair do veículo, e o piso estava escorregadio, pois estava molhado com a água trazida pelos sapatos dos passageiros. Passei pelas pessoas sentadas e envoltas em seus casacos pesados. Eu sabia uma coisa agora que não sabia antes. Sabia, mas não queria reconhecer.

Era possível que Christian fosse louco.

Capítulo 12

Então, meu pai foi mesmo um tolo por ir de bicicleta até a casa de Sylvie com o tornozelo machucado. Um tolo apaixonado. Ele passou os próximos dias gemendo de dor e se segurando nos móveis para se locomover. Achei que ele deveria procurar um médico, mas ele se recusou. Todas as noites ele bebia um pouco do uísque do nosso misterioso anfitrião. Acho que a bebida parecia diminuir sua dor e ele saia mancando pela casa toda para lavar louças e fazer outros trabalhos que eu insistia para que ele não fizesse.

Quando cheguei ao trabalho, perguntei a Sylvie se ela conhecia algum médico na ilha, e naquela mesma noite, quando estávamos eu e meu pai em casa, ouvimos uma batida na porta. Quando abri, Sylvie Genovese estava lá, com um cara mais velho, que tinha um rabo de cavalo grisalho comprido e carregava uma maleta preta de médico, exatamente igual àquelas que a gente vê nos filmes antigos. Ele não parecia um médico de verdade. Vai ver que ele era o veterinário do Roger, pensei comigo mesma, mas estava errada. Nos últimos tempos eu tinha errado bastante. Uma das coisas que eu estava aprendendo pra valer era que precisávamos saber mais sobre as pessoas, ter mais informações, antes de dizer que realmente sabíamos quem eram. Primeiras impressões podem ser traiçoeiras. Podem ser corretas e acertar na mosca, ou podem ser perigosas e causar dor e sofrimento. Só havia um jeito de saber e agora era a hora. Com o médico isso não demorou muito; Sylvie o apresentou como sendo o doutor Leroy Vicci, que tinha consultório aqui em Bishop Rock. Eles eram primos, e ele e a sua família eram parte do motivo que trouxera Sylvie para a ilha.

Doutor Vicci fez meu pai se sentar e examinou cuidadosamente seu tornozelo. Ele o girou lentamente em círculos e chegou à conclusão de que não estava quebrado. Precisaria apenas de mais gelo e menos atividade, além de um poderoso anti-inflamatório.

— Algumas vezes basta isso — doutor Vicci afirmou —, um bom anti-inflamatório para saber que você ainda está inteiro e que vai se curar.

Parecia uma metáfora. Olhei para o meu pai achando que ele pensaria a mesma coisa, mas ele não entendeu. Ele estava prestando atenção nas mãos esguias de Sylvie, que estavam apoiadas na cadeira da cozinha.

Imaginei se Sylvie e eu nos tornaríamos amigas agora, mas isso não aconteceu. Ela estava menos rabugenta comigo e não ficava escutando minhas falas quando eu dava o tour pelo farol. Às vezes, eu a via olhando para mim, prestando atenção em algum detalhe e tentando entender o quadro todo. Acho que ela era o tipo de pessoa que precisava de certo tempo para conhecer alguém também.

Por um dia perdemos o brilho e o calor do verão, as nuvens estavam baixas na praia e se moviam com rapidez, enquanto a chuva se despejava sobre nós, o tipo de chuva de verão que faz emanar os cheiros da terra. Um dia escuro significava um dia dentro de casa. A neblina cobria tudo, estava sobre o farol, sobre o galho das árvores. Imaginei o que Finn e Jack fariam num dia como esse.

Nenhuma alma apareceu no farol. Até os turistas preferiram ficar secos e protegidos dentro de suas pousadas. A chuva caía pesada, parecendo uma cortina branca, como a neve. Ela me trouxe uma xícara de chá de hortelã do jeito que eu gosto e colocou-a no balcão onde eu estava sentada. Trouxe também uma xícara para ela, enquanto Roger a seguia como um fiel escudeiro.

— Está frio demais para a gente não tomar uma xícara de chá — ela confidenciou e aqueceu as mãos em volta da xícara. Sentiu o vapor subir pelas narinas e respirou fundo o aroma.

— Obrigada — falei.

O vento ficou mais forte. Os sinos do jardim badalavam como loucos, dava para ouvir o barulho do plástico, que cobria a pilha de detritos, escapar e dançar loucamente sob o vento.

— Que tempo miserável de praia — ela comentou.

— Aposto que você gostaria de estar na sua casa — falei. Meu pai tinha me contado que ela morara na Itália quando criança, depois se mudara para o sul da Califórnia e, então, voltara novamente para a Itália. Quando falei "casa", estava me referindo a qualquer um desses lugares. Ensolarados e quentes.

— Estou em casa — ela afirmou.

E não disse mais nada. Tudo estava quieto à nossa volta. Dava para ouvir o zumbido do vento. O mar estava ficando bravo lá fora.

— Você já viu os fantasmas que dizem que existem por aqui? — perguntei. — A mulher do capitão ou qualquer outra coisa?

Sylvie me surpreendeu. Ela deu uma risada gostosa. Roger gostou, pulou e ficou dando saltos em volta das pernas dela. Ele estava sempre pronto a brincar e a acompanhar o humor da sua dona. Ela lhe deu um empurrãozinho, encostou a mão em seu traseiro e ele se sentou educadamente.

— Não acredito em fantasmas, portanto eles não acreditam em mim.

— Então você nunca a viu caminhando pelas escadarias do farol? Ela não fica na sua cozinha quando você está fazendo macarrão instantâneo com queijo?

— É para isso que um fantasma volta, de verdade? Não, somos nós mesmos que nos assombramos. Tenho certeza disso.

Sylvie me liberou mais cedo para ir para casa. Quando estava pegando minhas coisas, ela apareceu novamente, desta vez com uma enorme travessa alaranjada coberta por papel alumínio.

— Assim ele não precisa ficar andando demais — ela falou. A tigela estava quente e o cheiro era delicioso.

— E ele não precisa fazer macarrão instantâneo — expliquei. Sylvie riu. Duas vezes no mesmo dia. Isso foi um recorde.

Coloquei a tigela no assento ao meu lado, enquanto dirigia até o cais. O Obssession estava completamente fechado e sem ninguém à vista. Entretanto, o A Enseada estava aberto. A irmã de Finn estava sentada lá dentro lendo Jane Eyre, enquanto a chuva caía torrencialmente e escorria pelo toldo. A gaivota também estava lá, com a chuva caindo nas suas asas. Cleo não parecia ser do tipo de garota que gostava de ler romances como Jane Eyre. Eu tinha imaginado que ela gostasse de livros mais movimentados, de histórias de crimes, até mesmo dos livros do meu pai.

— Este Darby é uma maricas — ela comentou. — Eles fazem a gente ler essa baboseira na escola. É da aula a distância da faculdade comunitária. É um romance babaca! Não vá me dizer o contrário.

Fiquei feliz de saber que não estava, sempre, totalmente errada sobre as pessoas.

— Você gosta de livros de mistérios? Bob Oates?

— Adoro Love: the paring knife. Ele é um clássico.

— Ele é meu pai — falei orgulhosa.

— Ah, você deve estar brincando comigo — ela respondeu. — Não acredito.

Percebi imediatamente como eu tinha sido irresponsável. O que eu tinha na cabeça? Ficar me vangloriando com a irmã de Finn? Como se eu precisasse de mais encrenca? Lembrei tarde demais do que Finn me contara sobre o primo do Kurt Cobain e como todo mundo da cidade sabia de cada passo dele. Burra, burra. Tudo o que eu precisava agora era um artigo de jornal na web por meio do qual ele poderia nos encontrar.

— Você não conta pra ninguém? A privacidade é importante pra ele.

— Não, claro que não. Com certeza. Traz ele aqui qualquer hora. Vou fazer o melhor X-burguer que ele já comeu na vida.

— Pode deixar — respondi.

— Está procurando Finn? — ela indagou.

— Mais ou menos — respondi. Sim.

Ela tirou o telefone do bolso e digitou algumas teclas, e depois de alguns segundos, juro, a escotilha do Obssession se abriu, Finn esticou a cabeça para fora e gritou meu nome, acenando.

— Obrigada — disse a Cleo.

— Tranquila.

— Pode voltar para o livro do maricas — falei.

— Fala para o seu pai que ele é fantástico.

Sorri e desci o cais até o barco. Estava bem frio, ainda bem que estava usando a minha jaqueta. Enfiei as mãos nos bolsos. Finn me ajudou a subir a bordo, e então o segui, descendo alguns degraus até a cabine. Era bem aquecida, como eu havia imaginado, bancos com assentos almofadados e armários de teca formavam uma pequena cozinha. Através de uma porta estreita pude ver um beliche, e através de outra porta, um minúsculo banheiro. Estava meio bagunçado por ali, mas de um jeito agradável. Alguns casacos empilhados, um pacote de bolacha aberto em cima da pia, e algumas cartas. Um colete salva-vidas e alguns equipamentos. Duas peças de metal estavam sendo consertadas em cima de uma toalha de papel. Mapas e um rádio. Um livro aberto marcando a página. Um pocket grosso com a foto de um iceberg na capa. Que ótimo que Finn gostava de ler. E gostava de aventuras, ainda melhor.

Christian não aprovava os livros americanos. Ou quase nada que fosse americano, na verdade.

Fiquei imaginando quando iria parar de fazer comparações de tudo com as coisas que Christian fazia ou não, gostava ou não. Tinha se tornado um guia para mim, um tipo de mapa, um modo de me conduzir.

— É agradável aqui embaixo — falei.

— É um abrigo contra tempestades. Ninguém vai pro alto-mar hoje — ele falou. — Um chocolate quente?

— Hum, vou adorar.

Ele colocou uma leiteira no fogo e o preparou do modo antigo, misturando leite com chocolate. Ele preparou duas canecas fumegantes. Minha caneca tinha a inscrição "Corrida Victoria – Mauí, 2004" e na dele estava "Copa do Pacífico, 1998".

— Este barco participou dessas corridas? — Apontei as canecas. Sabia que ele era jovem demais para ter participado em alguma delas.

— Sim. Meu pai e outros caras.

Balancei a cabeça. Ele me contou uma história sobre como o pai dele partiu em seu próprio barco quando tinha apenas 22 anos. Como ele e a mãe de Finn se conheceram em Key West, na celebração que a cidade fazia todas as noites para comemorar o pôr do sol. Estávamos sentados um em frente ao outro, ele num banco e eu no outro, com nossos pés apoiados no banco oposto. Ele segurou meu pé e o apertou levemente e eu fiz o mesmo com o dele. Estávamos sorrindo. Eu estava gostando de ficar ali embaixo, naquele cantinho aquecido. Dava para ouvir a água batendo no casco do barco.

Estava relaxada olhando para aqueles olhos meigos, quando, de repente, meu telefone tilintou no meu bolso.

— Deve ser o meu pai estragando o momento — disse a Finn.

— Os pais são bons nisso.

— Acho que ele deve ter feito alguma besteira, tipo sair para dar uma caminhada com aquele tornozelo machucado, e agora deve estar sentado num tronco abandonado na praia deserta.

— Os pais são tão infantis — Finn comentou. — Acho que devíamos educá-los melhor.

Sorri, tirei o telefone do meu bolso e olhei a tela. Parei de sorrir e fiquei imediatamente paralisada. Como quando a gente breca repentinamente ou quando perde o fôlego depois de cair da barra de exercícios. Senti que não conseguia respirar. Marinheiros naufragados debaixo da água, mais fundo e mais fundo, até o momento que o peito estoura com vontade de respirar.

— Clara? — Finn se aproximou. Eu só conseguia olhar para o telefone. Já fazia algum tempo que eu não via aquele número, desde que eu tinha trocado de aparelho e tinha dado o número novo só para os amigos mais chegados. É estranho como um número pode ser tão familiar quanto a nossa própria casa, e tão cheio de significados. O número piscava e me dizia centenas de coisas. Passou rapidamente pela minha cabeça toda a nossa história, a primeira vez, a última vez. Era uma memória própria.

— Você está bem? Você está um pouco... pálida — Finn tinha colocado sua caneca de lado. Ele trocou de banco e sentou-se perto de mim.

Eu enfiei o telefone no meu bolso. Não queria que ele visse o número e tudo o que isso significa. Se ele olhasse este número, veria que pessoa horrível, feia e sem coração eu era.

— Acho que não era seu pai. — Finn tentou novamente.

— Não.

Era como se Christian tivesse surgido do lugar onde eu o havia escondido para me assombrar com sua presença. Não era justo que alguém impusesse sua presença, quando o que você mais queria era que esse alguém estivesse bem longe. Deveríamos ter o direito de nos afastar, de só permitir a presença daqueles a quem amamos. Mas, na verdade, as pessoas conseguem forçar a entrada na sua vida, quando têm vontade. Se eles pretendem que você se lembre deles pra sempre, eles conseguem. Podem ressurgir num cartão, numa ligação ou num "encontro casual"; podem se lembrar do seu aniversário ou do dia em que vocês se conheceram, mandando uma pequena mensagem. Não importa o papel que eles representem na sua nova vida, eles insistem em serem vistos, reconhecidos e lembrados. Um mandado de segurança ordenando que eles se afastem, é só um mero pedaço de papel que a gente pensa que pode ou deve nos proteger. Só nós mesmos, que vivemos este tormento, é que entendemos sua complexidade, como este tipo de documento é na verdade um convite para mais contatos, para mais laços e comunicação, mesmo que seja por meio de outras pessoas.

E, é claro, que estes não são os únicos caminhos pelos quais uma pessoa pode ficar prisioneira para sempre. Christian tinha escrito à tinta o número do seu telefone na palma da minha mão, naquela noite, há tanto tempo, mas a marca dele em mim foi permanente. O que tinha acontecido, esquecer era impossível. Nunca poderia esquecer e ele nunca seria esquecido. Mesmo se fosse uma lembrança vinda de uma música, nas cores de uma tarde de outono ou num pedaço de caco de vidro, o que tinha acontecido entre nós era para sempre. E ele tinha conseguido isso.

— Hum — Finn falou baixinho e me olhou gentilmente. — Você tem segredos. — Não era uma acusação, apenas a afirmação de um fato. Finn não usava subterfúgios. Suas palavras eram verdadeiras, como o vento e a água eram verdadeiros.

— Todo mundo tem segredos — sussurrei.

Estava pensando em mim, mas também em meu pai. Em Sylvie Genovese. Talvez em Annabelle Aurora. O carteiro. As mulheres que vendiam caramelo. Butch, o dono do Butch's Harbor Bar. Cleo. E quem sabe, Finn.

— Todo mundo? Eu não tenho segredos — Finn falou. — Sou um cara aberto. É aqui que eu trabalho e é aqui que eu moro. Isto é quem eu sou. Tudo bem, um segredo. Minha mãe uma vez nos fez assistir a um filme antigo, Ladrão de Casacas, com Cary Grant e Grace Kelly. Fiquei apaixonado por Grace Kelly. É uma coisa estranha para um garoto de 10 anos. Imaginei que era casado com ela. Só pensava nisso durante o quarto ano.

Dei um sorriso, mas meu coração estava pesado e dolorido. Aquele telefone estava queimando no meu bolso. Queria nunca mais ter que pegá-lo novamente. Christian tinha descoberto meu novo número, e foi como se ele tivesse me achado aqui, em Bishop Rock, exatamente aqui, dentro do barco, ao lado de Finn, de mãos dadas com ele. Estava nervosa e ansiosa. Christian não poderia saber onde eu estava, disse a mim mesma. Ele apenas tinha conseguido meu número de telefone. Um número poderia estar em qualquer lugar. Ele não estava naquele cômodo me olhando, mas era essa a sensação que eu tinha. Eu o sentia ali perto.

Contei a Finn sobre Christian. Ou pelo menos contei a ele que tínhamos terminado o namoro e que Christian não aceitava o fato. Disse que um policial amigo de meu pai nos tinha aconselhado a sair da cidade por uns tempos. Ele nos disse que um mandado de segurança, para que ele se mantivesse a distância, não iria adiantar nada. Só faria uma situação ruim ficar ainda mais perigosa. A questão era se afastar. "Por que não sair da cidade por uns tempos?

Ele vai acabar desistindo, se não houver contato entre eles." Contei para Finn que ninguém sabia onde eu estava. Mas não lhe contei tudo. É uma verdade pura e simples, mas um segredo é algo de que você tem vergonha.

Finn soltou um longo suspiro depois de ouvir tudo.

— Nossa! — ele exclamou.

Esperei a reação dele. Pensei que ele fosse se afastar, afinal de contas eu era um pacote complicado. Senti uma necessidade enorme de me desculpar.

— Sinto muito por tudo isso que aconteceu com você — Finn falou finalmente.

Senti um nó na garganta. Quis dizer alguma coisa, mas não tive coragem. Achei que ia chorar, do jeito que a gente faz quando alguém é gentil e demonstra bondade quando mais precisamos.

Os olhos dele estavam sérios.

— Queria dizer que, se esse cara vier por aqui, Jack e eu vamos dar bordoada nele, até que ele desista e vá embora.

Em teoria, devemos ser contra violência, e realmente o somos. Um ato de violência é a coisa pior e mais covarde que um ser humano pode cometer. E a verdade, a mais absoluta verdade é que palavras como as que Finn acabou de pronunciar... quando você se sente tão frágil e aparece alguém forte e corajoso ao seu lado, pronto a lhe proteger... mesmo que você saiba que não quer que ele faça isso, embora você saiba que ele não é esse tipo de pessoa... Bem, então, isto é o que você faz: você aperta as mãos dele, olha dentro dos seus olhos e se permite, nem que seja por apenas um momento, se sentir segura.

Levei a tigela alaranjada de Sylvie para dentro de casa. Fiquei surpresa por encontrar a velha Annabelle Aurora sentada ao lado de meu pai, tomando chá verde. Tinha um caranguejo embrulhado num jornal em cima da pia. O laptop dele estava aberto sobre a mesa, o que significava que ele andara trabalhando. Fiquei feliz por isso. Desde que ele machucara o tornozelo, e saíra com Sylvie, andava distraído demais para trabalhar. Ele ficava olhando para longe e nunca respondia certo ao que eu lhe perguntava.

— Você fez o jantar enquanto vinha para casa? — ele brincou.

— Minha chefe quis poupar você de ter mais trabalho.

Não acreditei no que aconteceu a seguir. Não mesmo. Ele ficou vermelho. Eu nunca o tinha visto corar durante toda minha vida.

— Nunca vi você corar durante toda a minha vida — Annabelle Aurora zombou.

— Ele está tão vermelho quanto o caranguejo — brinquei.

— Não estou corado. — Ele se justificou. Annabelle e eu nos olhamos e caímos na gargalhada. — É que aqui está muito quente, é isso.

— Foi um súbito aumento de temperatura — Annabelle falou. Ela estava de jeans, usava uma camisa vermelha solta e uma maravilhosa echarpe laranja. Seus olhos azuis cintilavam.

— E só o rosto dele ficou vermelho — comentei.

Ele fechou os olhos por um momento, balançou a cabeça como se buscasse paciência para lidar com nós duas. Levei a tigela, coloquei-a na frente dele e ele levantou a tampa. A comida tinha esfriado, mas apesar disso, os cheiros que emanavam da tigela eram fantásticos: cebolas, vinho, queijo e buquês de ervas.

— Surpreendente — Annabelle falou.

— Olhe isso tudo. Você tem que ficar para o jantar. — Meu pai convidou Annabelle.

— Não, Bobby, não posso. Tenho que voltar para minhas escritas. A musa impaciente...

— Isso me lembrou de uma coisa. Você leu aquele artigo do Charles Whitney? — meu pai perguntou. — A musa, o toque de inspiração... Do The New York Times?

— Papai — interrompi.

Isso levaria o dia todo. Uma palavra dele e eles entrariam numa nova discussão. Aprendi isso naquela outra noite, do jantar, mas, agora, eu não tinha tempo para isso. Meu pai deve ter percebido alguma coisa na minha voz. Ele parou de falar e me olhou.

— O que aconteceu? — ele indagou.

— Ele ligou.

Annabelle deu um suspiro. Meu pai bateu a mão com força na mesa.

— Que inferno! Tudo bem, Clara Pea, vamos trocar o número do seu telefone hoje à tarde. Ele deixou alguma mensagem?

— Nem quis escutar.

— Dá o telefone.

Peguei o telefone do meu bolso. Não queria ter que tocá-lo com as minhas mãos, queria usar um lenço de papel como se fosse uma arma tirada da cena de um crime. Meu pai apertou os botões para ouvir a mensagem, seus olhos estavam escuros e um cacho de cabelo caía sobre seu rosto. Ele estava puto da vida. Ouvi a voz de Christian, mas não entendi as palavras que ele disse, mas o ritmo, o murmúrio, ele mesmo falando há pouco tempo.

Meu pai salvou a mensagem.

— Aquela mesma baboseira de sempre. — Ele me acalmou.

Coloquei a cabeça entre as mãos. Senti uns braços à minha volta. Os braços macios e magros de Annabelle. Ela me abraçou como uma mãe. Isso era algo de que eu me lembrava e me deu vontade de chorar. Escondi meu rosto nos ombros dela. Ela era magra, mas firme. Firme como uma rocha.

— Desculpe — falei. — Sinto muito, me desculpe.

Meu pai deixou o telefone de lado e suspirou.

— Clara, eu é que peço desculpas.

Ele não tinha me entendido bem e pensou que eu estava me desculpando por ele ter ficado bravo. Mas minha desculpa, na verdade, representava mil desculpas.

Senti outros braços envolvendo a mim e a Annabelle. O abraço familiar do meu pai. Era engraçado, mas naquele momento, naquela casa da praia sem fim de Possession Point, com o vento murmurando à nossa volta, as ondas quebrando e fazendo espuma, e o cheiro delicioso da comida da Sylvie penetrando nas nossas narinas, nos sentimos como se fizéssemos parte de uma pequena família.

— Três, entre os quatro que estão aqui nesta sala, sempre precisam aprender a se perdoar — Annabelle declarou.

Afastei-me ligeiramente dela com uma pergunta no olhar. Quatro? Mas meu pai já tinha se adiantado.

— O caranguejo — ele falou e sorriu.

Capítulo 13

Quando cheguei em casa naquele dia, depois da briga sobre Jake Ritchie, Christian já tinha ligado 16 vezes.

Às vezes, as pessoas se prendem a alguma coisa, uma ideia, outra pessoa, um desejo, com uma força incrível, e se forem fantasmas desassossegados, prendem-se com uma força maior que a morte. Força de vontade é uma coisa poderosa. Força de vontade é, supostamente, uma característica boa, uma versão mais determinada e insistente da determinação e da persistência. No entanto, força de vontade e obsessão, elas estão lado a lado. Fingem ser estranhas uma à outra, porém se encontram secretamente, à meia-noite.

É assim que acontece. Você nem percebe. Você pode estar escolhendo entre um Sonho de Valsa e um Diamante Negro antes do cinema, pedindo um sanduíche de frango ou um vegetariano, ou você pode estar brincando e dando risada durante uma longa viagem de carro ou conversando durante horas ao telefone, e quando vê já está tudo se desenrolando. Na mente deles, você pertence a eles e sempre pertencerá, e suas escolhas não importam nada. Não sei dizer como evitar isso. Apesar de já ter vivido essa situação, eu realmente não sei. Uma pessoa dá certos sinais, se apegar rápido demais, ser carente, não saber ouvir um "não", ser ciumento, cercando você e sua liberdade. Entretanto, às vezes, os sinais são tão pequenos que passam despercebidos. Algumas vezes, eles passam rapidamente, parecem ser sintoma de cuidados, algo que merece aplausos. O ciúme de alguém faz você se sentir bem. Especial. Mas nem tudo é sobre você. É sobre uma mão que está pronta a lhe aprisionar. É sobre a carência deles, sufocando sua garganta.

Os sinais, afinal de contas, não são suficientes para fazer você entender o que realmente pode acontecer.

Fizemos as pazes. Fizemos as pazes de novo, mas eu sabia que já tinha decidido alguma coisa. Não sabia quando eu terminaria tudo, apenas sabia que terminaria aquele relacionamento. As coisas foram se encaixando na minha cabeça e eu já tinha resolvido tudo. A gente aguenta um monte de besteiras até chegar a um ponto em que não queremos mais suportar tudo aquilo. Parece que a decisão foi tomada sozinha, em silêncio e com firmeza. Mas o problema foi que ele percebeu que alguma coisa estava diferente. Parece que ele adivinhou o que eu ia fazer. Juro, parecia que ele sabia ler a minha mente. Assim que decidi terminar, ele começou a me perguntar se eu estava planejando romper com ele.

Talvez a sua paranoia tenha lhe favorecido com um sexto sentido emocional, assim como um animal ferido que sabe quando um coiote está por perto, ou quando a águia está voando em círculos com as garras para fora.

Estávamos no meu quarto fazendo a lição de casa e aconteceu uma coisa bem idiota. Outra coisa idiota, mas afinal de contas elas eram sempre assim, pequenas coisas que nem incomodariam a cabeça de outra pessoa. As persianas do meu quarto estavam abertas e passei em frente à janela para dar um copo de água mineral gelada para Christian. Ele estava sentado na minha cama com as pernas cruzadas e as costas apoiadas na parede.

— Você nunca fecha isso? — Ele indagou.

— Isso?

Achei que ele estava se referindo aos meus olhos. Dei uma piscadinha para ele. Estava com vontade de brincar. Tinha ficado acordada até tarde na noite anterior, estudando para uma prova do meio do semestre, e eu pensei que ele estava se referindo a isso. Talvez estivesse com cara de cansada, ou outra coisa qualquer.

— As persianas...

Pude perceber que as coisas estavam começando a ficar estranhas e senti uma onda de pânico crescer no meu peito. Ao mesmo tempo tentei entender o que estava acontecendo. Não conseguia imaginar qual era o problema com as persianas. Revirei minha mente procurando entender o que se passava, o que será que o estava incomodando, para que eu pudesse explicar e para que tudo ficasse bem novamente. E então me lembrei de outra coisa, e parei de me importar. O pânico sumiu. No seu lugar vieram a raiva e a impaciência. Eu realmente costumava ter muito medo de perdê-lo. Aquela noite, há algum tempo, quando achei que ele ia me abandonar, tinha deixado suas marcas. Porém, agora, eu desejava fortemente que ele fosse embora. Tudo tinha mudado.

— O que tem de errado com as persianas?

Mexi nos cordões e as movimentei de um lado ao outro. Juro, minha paciência tinha esgotado e acho que ela nunca mais seria a mesma.

— Você é tão irreverente. Todas as vezes que venho aqui elas estão abertas. Você nunca as fecha? Ou larga assim pra todo mundo da rua ficar olhando você se trocar?

— É isso mesmo — falei. — Você deveria ver a fila que se forma na rua perto das 10 horas da noite. Cobro até ingresso. Não, na verdade, sou eu quem paga para eles ficarem me olhando enquanto me troco.

— Não duvido nada — ele declarou. Ele estava girando o copo na palma da mão. Seus olhos estavam duros.

— Você me conhece — falei. — Qualquer oportunidade que tenho para atrair a atenção de outros caras eu não perco. Na maioria das vezes, nem espero o anoitecer. Eu me troco aqui mesmo, à luz do dia.

Desabotoei o primeiro botão da minha camisa, e então o segundo. Olhei pra fora. A rua estava calma e silenciosa. A chuva gotejava do telhado do vizinho. Uma aranha tinha construído uma teia, da calha até o parapeito da minha janela, e ela brilhava com as gotas brancas da chuva.

O copo bateu com força na parede acima da minha escrivaninha. Ele não estilhaçou, mas quebrou em três grandes pedaços. A água escorria pela parede. As folhas de papel do meu trabalho do ano passado sobre o livro Tess of the d'Ubervilles ficaram encharcadas. Estava escorrendo sobre meu livro de química, pelo meu porta-lápis e canetas e pelas pernas da mesa. Dei um grito. Foi tudo tão rápido. Estávamos ali conversando e de repente tinha água escorrendo pra todo lado, coisas estavam destruídas, vidro quebrado, e Christian de pé com um olhar apavorado.

Ele veio em minha direção com os braços abertos. Seu rosto estava contorcido e ele parecia prestes a cair no choro.

— Sai daqui! — gritei.

Então, ele começou a chorar. Um choro alto, barulhento e cheio de lágrimas. Fiquei envergonhada, horrorizada e assustada ao mesmo tempo. Vi que estava com minhas mãos estendidas em um sinal de pare.

— Não se aproxime. Vai embora.

— Você não vai terminar comigo, vai? Você vai me largar. — Ele caiu no chão, se encolheu e ficou ali parado como se não tivesse forças para se levantar.

— Christian — falei conciliatória. Ele estava com a cabeça escondida entre as mãos. Soluçando. Eu não sabia o que fazer. Há poucos segundos ele estava ali, ameaçador, e agora estava em frangalhos diante de mim. Foi tudo muito rápido e eu fiquei confusa sem entender o que tinha acontecido. Fiquei apavorada. Naquele instante, aqueles soluços eram tão assustadores quanto ver

o copo se quebrar. As emoções pareciam estar girando e formando uma grande bola, que de algum modo veio parar em minhas mãos.

— Eu sabia que você ia terminar — ele chorou.

Tentei controlar a situação. Christian parecia tão frágil e vulnerável que me ajoelhei ao seu lado e coloquei meus braços à sua volta. Ele me agarrou, chorou e pediu desculpas várias vezes. Meu coração sentiu pena, me sentia mal por ele, mas também sentia repulsa. Odiava seus braços em cima de mim. Sentia-me como se estivesse sendo soterrada debaixo de um prédio desabado.

Ficamos sentados ali durante certo tempo. Ele parou de chorar e só ouvíamos o silêncio, carregado com tudo de errado que tinha acontecido. Como quando a gente olha para trás e vê que fez algo terrível, está numa terrível enrascada e, agora, se arrepende. Se eu tivesse feito algo diferente, talvez tivesse evitado isso tudo, mas agora era tarde demais. Não há nada a fazer a não ser esperar a dor diminuir e seguir em frente novamente, embora a dor do arrependimento vá ficar com a gente por um longo tempo. Como uma ferida aberta.

— Acho que você devia ir embora — falei. Muito cuidadosamente. Ainda assim, estava com a sensação de que havia uma bomba, ali dentro de casa, prestes a explodir.

— Não conte a ninguém sobre isso, por favor? Por favor, não conte.

— Não conto.

— Fica comigo. Promete que você não vai me deixar — suplicou. Ele agarrou meus braços e olhou fundo nos meus olhos. Não queria olhar para ele, não era algo que me fazia bem.

— Tudo bem — prometi.

— Olhe pra mim. Prometa.

Eu o olhei. Detestei ter de fazer aquilo.

— Prometo — menti.

Imaginei uma coisa para me acalmar: assim que ele saísse eu passaria a trava na porta, só que nós não tínhamos nenhuma trava. Eu colocaria um móvel pesado em frente à porta, do jeito que eles faziam no cinema.

Ele me beijou e eu detestei o contato com aqueles lábios. Não os queria sobre os meus. Detestava aquele toque. Mas queria, ainda mais, que aquela bomba não detonasse. Então, eu o deixei me beijar.

Ele se levantou. Fiquei tão feliz que ele tivesse saído do meu quarto, e mais feliz ainda quando ele desceu as escadas e me deu um abraço perto da porta. Estava tão tensa que mal podia respirar. Senti um aperto dentro de mim. Finalmente ele saiu porta afora. Eu estava sorrindo e falando normalmente com ele. Acenei e não via a hora de ele se afastar para que eu pudesse fechar a porta. Esperei por um longo e infinito momento e então tranquei a porta bem devagarinho para ele não escutar.

Assim mesmo senti que o perigo ainda pairava pela casa. Escondi-me longe da janela e fiquei parada até o carro dele dar partida. Subi lentamente as escadas, fechei a porta do quarto e me sentei no chão com o telefone na minha mão. Eu tinha amado essa pessoa. Nós tínhamos deitados juntos, pele com pele, estive tão perto dele como duas pessoas jamais estiveram, e ainda assim ele era um estranho. Ele era aquele alguém de quem a gente tinha medo quando criança, um estranho. Nunca ninguém me dissera que um estranho poderia ser alguém conhecido. A luz entrava pela janela e dava para ver as manchas escuras na parede, onde a água ainda não tinha secado. A tinta dos papéis tinha borrado. Ainda bem que a tinta era preta e manchava, desse modo eu podia olhar e ver o estrago, e o vidro quebrado também. Era possível que nada disso tivesse acontecido realmente, de tão irreal. Mas a tinta tornava aquilo verdadeiro.

Daí a pouco meu pai chegou em casa carregado com sacos de supermercado. Escutei-o indo de um lado ao outro, guardando as coisas. Estava perto da hora do jantar e eu ouvi o barulho das panelas. Sabia que dali a alguns minutos ele viria me falar oi e perguntar se eu preferia arroz ou macarrão, molho branco ou vermelho. Eu precisava recolher os cacos de vidro. Não queria que ele visse aquilo. Mas, ao mesmo tempo, eu queria que ele visse. Estava ali com um problemão que era grande demais para eu solucionar sozinha. Não conseguia nem tomar a decisão de contar ou não pro meu pai. Minha cabeça estava entorpecida e tão cheia, que nada ficava claro.

Peguei os cacos de vidro e os guardei numa pasta que estava na minha mesa. Desci as escadas. Nossa casa tinha 100 anos, e a cozinha tinha armários de vidro altos que iam até o teto, e eram emoldurados por uma madeira escura. O piso era de madeira velha, dava pra ver os pregos que seguravam as tábuas. Havia uma mesa redonda pesada também, com as pernas curvadas, e uma manta africana macia que era usada como tapete e trazia cor para o cômodo.

Meu pai estava de costas para mim tirando as louças da lavadora e guardando-as no armário. Ele vestia jeans e um velho suéter cinza, seu cabelo estava solto e encaracolado, e ele usava aqueles chinelos de couro de que tanto gostava. Se eu jogasse fora os cacos de vidro agora, talvez ele nem notasse, mas ele se virou quando me ouviu entrar.

— Pelo amor de Deus, Clara, o que aconteceu?

Não adiantava nada tentar esconder alguma coisa do meu pai. Ele percebia qualquer alteração no meu rosto. Sempre foi assim. Imagine então algo tão grande, parecia que eu carregava um anúncio na testa dizendo o que tinha acontecido. Tentei abrir a boca, mas não saiu nada. Ele viu o copo quebrado, pegou a pasta das minhas mãos e a jogou no lixo.

— Vocês terminaram? — ele indagou.

— Uma briga — respondi.

— E como esse copo quebrou? C.P., isso não é nada bom. O que aconteceu. — Não foi uma pergunta e eu fiquei feliz com isso. Eu precisava que alguém me dissesse o que fazer. Geralmente detesto quando alguém me diz o que devo fazer. Todas as vezes que meu pai me manda passar o aspirador, ou limpar a garagem, ou qualquer outra coisa, eu espero até me dar vontade para fazer. Mas, naquele momento, era o que eu precisava. Diretrizes. Precisava ter certeza.

Contei tudo a ele. Nem bem comecei a contar e ele foi preparar um chá. Meu pai parecia uma velhinha quando se tratava de chá, ele achava que era importante num momento de crise. Contei tudo sobre a briga, mas também contei sobre o comportamento de Christian e o ciúme dos "outros caras", como ele controlava o que eu vestia, da vez que ele me pediu para recortar a foto de Dylan do meu álbum de formatura. Meu pai ficou tranquilo durante certo tempo, enquanto escutava meu relato, mas ele finalmente empurrou a cadeira para trás com raiva.

— C.P., esse cara é perigoso. Ele é um porra-louca.

— Papai! Christian? Você o conhece. Sabe como ele é agradável. Ele não faz mal a uma mosca. — Realmente, ele não machucaria ninguém.

— Que droga, C.P. Você já reparou quantas vezes você diz a mesma coisa sobre ele? Você escuta o que está falando? Ser agradável não é a mesma coisa que ser bom — ele argumentou. — As pessoas são "agradáveis" por milhares de razões. "Agradável" e o lado externo, o lado que as pessoas veem.

O que você quer que as pessoas vejam. Ser "bom" é do lado de dentro. E ele é uma pessoa má, Clara. Ele está fazendo você prisioneira. E você está permitindo.

— Eu sei — falei. E sabia mesmo.

— Por que você permite isso?

— Ele é um cara sofrido. Às vezes, ele é tão sofrido.

— Pessoas sofridas são pessoas poderosas, Clara. O sofrimento é uma arma. É uma arma melhor que as outras, porque não se parece com uma.

— Não quero perder o que conquistamos. Eu o amo. Era tudo tão bom. Não consigo imaginar minha vida sem ele.

— Sim, mas você pode, sim, imaginar isso. E parece libertador.

Eu detestava como ele sempre estava certo. Não sei como ele sabia tanta coisa. Era como se ele já tivesse vivido isso. Ou talvez seja inerente aos escritores. Mas, sim, era libertador. Um terrível empurra-empurra de perdas e ganhos.

— Achei... que seria pra valer, que ele era o escolhido. Não sei como desistir. Não quero perder o lado bom.

— Você já o perdeu, no minuto em que ele foi embora. O cara não escuta você... Controla você... Você fica nervosa perto dele, Clara. Eu percebo isso. Você não é trouxa. Você nunca foi trouxa, nem mesmo com o Dylan. Você deu um chute no traseiro dele quando ele fez besteira.

— Como assim? Não é a mesma coisa.

— É exatamente a mesma coisa. Um usa a força para conseguir o que quer, o outro usa a fraqueza.

Eu não disse nada. Olhei para as minhas mãos. Elas eram minhas, mas pareciam estar separadas de mim. Parecia que eu estava em pedaços. Ele estava certo. Eu estava perdida. Tinha me perdido em algum lugar numa montanha escura e sem fim, e não sabia onde eu iria me encontrar novamente.

— Você tem que fugir deste cara, Clara. Imediatamente. Ele pode ser gentil, abrir a porta para você, bajular os professores, mas eu não me importo. O que ele faz atrás de portas fechadas, quando ele pensa que ninguém está olhando, isso é perigoso. Os manipuladores perturbados e patéticos são os mais

letais. Você vai se machucar. Lembra-se daquela garota que foi assassinada em Greenlake?

Não respondi, mas estava prestando atenção. Estava toda mexida por dentro. Uma parte de mim ainda conseguia ouvir a razão e estava anotando tudo, fazendo a outra parte, a emocional, parar por um segundo e escutar.

— Jennifer Riley. Posso ver sua foto. Jovem e ainda estudante. Ele era um desses caras, Clara. Não se brinca com um louco ciumento. Ele cortou a garganta dela com uma faca. Amor verdadeiro. Almas gêmeas. Iriam ficar juntos para sempre.

— OK — eu disse.

— OK? Você tem que mandar este cara embora.

— Sim — concordei.

— Vou confiar na sua palavra, certo? — Ele me estudou com atenção.

Acenei com a cabeça.

— Tudo bem. Vamos comer agora. Vou começar a preparar algo para nós — ele falou, mas estava bem chateado. Ficou parado na porta da geladeira por um tempão, só olhando.

Brinquei com o saquinho de chá na minha xícara. Sabia o que teria que fazer, mas pude perceber, pelo olhar do meu pai durante o jantar, que ambos sabíamos que não seria tão fácil assim. Estava claro que eu estava ao lado de Christian na beirada de um parapeito de um prédio bem alto. E estava olhando para baixo. Podia ver a rua lá embaixo, bem lá embaixo com as pessoas pequenininhas, e os carros diminutos buzinando. Sentia o concreto da parede raspando minha mão e a sensação de enjoo no estômago. Fazer o que precisava fazer para sair dessa enrascada em segurança, porque sabia, certamente, que Christian iria pular.

Capítulo 14

Fui de carro com meu pai, no sábado seguinte, até Anacortes, a maior cidade da região de Bishop Rock. Passamos pelo desfiladeiro, e na viagem de volta trazia um número novo de telefone, mais uma vez. Sentia uma sensação boa com meu telefone novo no bolso, parecia que eu teria uma segunda chance. No entanto, a dúvida aterrorizante permanecia: como Christian tinha conseguido aquele número? E quanto tempo levaria para ele conseguir o novo número também? Almoçamos num café chamado Mama's Kitchen, e meu pai conversou ao telefone com o Capitão Branson, enquanto eu devorava um sanduíche de pão de centeio com peru. Era uma coisa estranha, como algo assim, tão louco e inimaginável, podia entrar na sua vida, a ponto de você escutar seu pai conversar sobre mandados de segurança enquanto você come um sanduíche de peru. As coisas mais insanas podem parecer normais quando a gente se acostuma com elas. Depois de certo tempo, a mente humana parece não achar nada anormal, quando descobre um modo de fazer tudo parecer normal novamente. Ou seja, a gente se acostuma com tudo.

— O Branson sugere que a gente mantenha aquela linha — meu pai falou quando desligou. Ele aceitou mais uma xícara de café com um aceno de cabeça, e a garçonete o serviu. — Isto é o que ele falou: "Mantenha a linha. Fique firme. Aguente o tranco". — Ele costumava falar desse jeito seco e machista. Espere aí, eu gosto disso. Meu pai olhou em volta e percebi o que ele queria. Tirei uma caneta da minha bolsa e ele fez algumas anotações num guardanapo.

— Sem mandados de segurança?

— Ele ainda acha melhor não fazer isso. O cara não fez ameaças, portanto é hora da gente agir diferente. Ele quer manter contato, e até mesmo um contato legal é uma forma de aproximação. Você atende uma ligação na quinquagésima vez, e ele sabe que vai demorar cinquenta vezes para conseguir o que ele quer. Fique longe por enquanto, até as coisas se acalmarem.

— Vamos acabar morando aqui.

— Eu gosto daqui — ele falou.

— Sei que você gosta — falei. — De quem você gosta.

— Não. Isso não é verdade. Não tem nada a ver com Sylvie. Não quero partir para essa, já decidi — ele explicou. — Mudei de opinião sobre aquela linha de telefone. Vou mantê-la. Vou ficar firme.

— Tudo bem — comentei.

Ele estava falando sério. Nas próximas duas semanas, enquanto eu me encontrava com Finn no meu tempo livre (velejando, tomando café, comendo no Butch's e sentando na praia), meu pai ficou quieto em casa. Estava trabalhando no seu livro. Ele massageava o pescoço depois de ficar muito tempo curvado sobre a tela. Pegou outro punhado de livros da biblioteca e fez uma pilha com aqueles que já tinha lido sobre uma cadeira de couro na sala. Pelo o que pude perceber, ele estava passando muito tempo sozinho. Seu tornozelo tinha sarado e ele saía para longas caminhadas na praia. Ficava sentado lá fora, tomando seu uísque à noite, mexendo no copo de um jeito lerdo. Não entendi qual era o problema. Era o tipo de solidão que podia tomar conta de você e dominar sua alma. Do tipo que precisava ser interrompida ou se tornaria algo permanente. Acho que era um tipo de depressão, ele estava pensando demais e fazendo muito pouco. Usava as mesmas roupas o tempo todo e só saía do quarto quando eu o forçava. Ele estava se tornando aquele tipo de pessoa que derruba comida na camisa, no café da manhã, e fica o dia todo com a roupa suja. Isso estava me irritando. Ele tinha me dito "você não pode ficar muito sozinha aqui". E, no entanto, era exatamente isso o que ele estava fazendo.

Sylvie tinha pegado de volta sua tigela limpa e leu o bilhete que meu pai tinha colocado dentro. Não sei o que ele dizia, mas não importava o que era, Sylvie ficou uma megera novamente. Algumas vezes ela me fazia ficar até mais tarde, apesar de não ter nada para fazer. Suas sobrancelhas estavam sempre franzidas e ela costumava pegar aquele barco e zarpar, dava para ouvir. Eu a via deslizando pelo oceano como se estivesse tentando ultrapassar alguém.

Os dois estavam me irritando. Não entendia toda aquela paixão e, agora, o afastamento. Acho que ele ainda amava minha mãe e sempre amaria. Tudo bem, mas ele estava me deixando no escuro. Viver com alguém assim é como estar numa casa com todas as janelas trancadas. Você começa a se sentir deprimida, muito embora não esteja. A gente pega mau humor, do mesmo modo que pega gripe. Esse tipo de estado de espírito é muito fácil de passar para outra pessoa. A alegria não é tão contagiante quanto o desespero.

Então, imagine como fiquei nervosa uma manhã, quando estava saindo para o trabalho, e ele estava fumando aquela droga de cigarro que pegou do cinzeiro do carro. Aquela coisa estava lá há anos. Anos. Nem acho que devia ter

alguma nicotina ou qualquer outra coisa lá dentro, mas ele estava fumando aquela bituca. Meu pai estava usando aquela camiseta horrorosa do século passado com as calças largas do pijama e estava tragando aquela coisa. Isso foi demais para mim. Comecei a gritar com ele, que retrucou que eu não tinha nada com isso. Bati a porta e fui trabalhar, que era a mesma coisa que se salvar de um navio que estava naufragando, para cair na boca de um tubarão.

Sylvie me fez contar o dinheiro do caixa três vezes, embora o resultado da soma fosse sempre o mesmo. Ela recebeu várias caixas novas de mercadorias para a loja, mas as largou no mesmo lugar que o entregador as colocou, sem nem mesmo abri-las. E ficou brava com Roger, que parece ter ficado bem ofendido, juro. Seus olhinhos estavam tristes. Deu vontade de pegá-lo no colo, porque eu entendia o que ele estava sentindo.

Decidi procurar Annabelle Aurora. Sei que iria dedurar meu pai, mas eu não tinha alternativa. Ele era responsável por mim, com certeza, mas eu também era responsável por ele. Certo ou não, as coisas eram assim.

O ar estava ótimo do lado de fora. Respirei profundamente. Havia um lindo céu azul, e o oceano estava maravilhoso como sempre, enorme e consistente, rolando para dentro e para fora, trazendo seus presentes para a costa e levando-os de volta novamente. Desci pela trilha me agarrando na vegetação marinha para me segurar, e fui descendo de um jeito desajeitado, meio de lado, com as mãos para cima como se estivesse praticando surf. Não de propósito.

Eu esperava que Annabelle estivesse em casa. Caminhei pela praia até a casa dela e fiquei feliz ao vê-la curvada sobre as plantas do seu jardim. Ela estava segurando um punhado de ervas e tinha um balde de mexilhões ao lado.

— Clara! — ela exclamou. Annabelle estava usando uma velha camiseta e jeans. Seus olhos se iluminaram. Juro que o brilho se acendeu imediatamente. Ela ficou feliz em me ver. — Onde anda seu pai, pelo amor de Deus? Ele está bravo comigo?

— Eu tinha esperança de que você soubesse de alguma coisa para me dizer — expliquei.

— Vou preparar alguma coisa. Um suco de gengibre.

Fui atrás dela e ela começou a se mover naquele espaço pequeno. Um minuto depois, estávamos lá fora, novamente, sentadas na mesinha dobrável. Ela colocou dois tomates numa tigela à nossa frente, junto com um saleiro e dois copos altos cheios de um líquido castanho.

Ela se sentou e colocou os pés na outra cadeira. O mar em frente à sua casa tinha enormes rochas, uma delas tinha o formato de uma baleia e outra, o formato triangular fino da barbatana de um tubarão. As ondas batiam nelas e formavam uma espuma branca. Tomei pequenos goles da minha bebida, que era fria, mas tinha um toque de gengibre e uma pitada de canela.

— Que delícia — exclamei.

— Que bom — ela falou. Pegou um tomate e o mordeu como se fosse uma maçã, colocou um pouco de sal sobre ele e deu outra mordida. Ela fez um sinal para eu fazer a mesma coisa, e eu fiz. Eu nem gostava muito de tomates, mas comê-los assim fazia o tomate ter um gosto diferente. Mais real. Annabelle colocou seu tomate sobre um guardanapo e cruzou as mãos. Um Buda paciente, disfarçado de senhora idosa, ou o contrário.

Ouvi o rugido e o quebrar das ondas, o shshshsh da água rolando sobre a areia. O sol estava brilhante e a areia cintilava.

— Você acredita em fantasmas? — perguntei. Engraçado como a gente consegue conversar sobre algumas coisas à luz do dia sem qualquer problema. A luz é uma grande proteção.

— Fantasmas — ela murmurou e pensou por um momento. — Acho que criamos nossos próprios fantasmas.

— Foi exatamente isso que Sylvie Genovese falou.

— Então, um dia depois que meu irmão morreu... fui até a praia, e ela estava cheia de estrelas-do-mar. Cheia. Não uma ou duas, mas centenas. — Ela apontou para um pote de vidro que continha algumas. — Nunca tinha visto algo parecido. Ele adorava estrelas-do-mar e isso me fez pensar.

— Nossa!

— Sim, de verdade. Será que dá para acreditar em coincidência? Ou que tudo na vida tem uma explicação? Meu irmão certamente diria que foi por causa da maré... mas por que você quer saber? — Ela tomou mais um gole da sua bebida.

— Parece que tem muitos fantasmas por aqui. O farol é assombrado.

— É o que dizem.

— Você não acha que isso seja possível? Que as pessoas morram e fiquem por aqui entre nós?

— Ah, eles ficam entre nós sim.

— Também acho.

Eu estava pensando em minha mãe. Estranho como eu estava pensando nela ultimamente. Ela parecia mais real e presente para mim do que há muito tempo.

— Mas em todo caso, não sou o tipo de pessoa que acredita que muitas coisas são impossíveis. Meu irmão e eu éramos diferentes. Um cientista e uma artista. Quem sabe no que acreditar? Não podemos nos acomodar nas nossas próprias crenças e acreditar que sabemos tudo.

— Acho que meu pai ainda está apaixonado por minha mãe — falei.

— É mesmo? — Ela balançou os cubos de gelo.

— Ele fica parado na cadeira o tempo todo. Ele parece não conseguir ir em frente.

Annabelle murmurou humm, e pensou sobre o que eu tinha dito.

— Amor — Ela me olhou com aqueles olhos azuis. — Não é surpreendente como uma simples palavra pode trazer tanta confusão e complicação? Ela atrai tantas outras coisas, não é? Como o marisco grudado nas rochas... medo, culpa. Carência. Não dá mais nem para ver a rocha. Imagino que o amor na sua forma mais pura, limpa, é uma coisa rara.

— Você está querendo dizer que ele não está mais apaixonado pela minha mãe?

— Só estou dizendo que deve ser difícil para ele estar aqui, tão perto do mar. Você pode imaginar como isso está sendo difícil? Mas a gente faz um mundo de coisas, não é? Nós nos posicionamos nos piores lugares para poder viajar por eles. E nem percebemos isso. É uma necessidade que temos. Necessidade interna...

Nem ouvi o final do que ela estava falando. Alguma coisa não estava bem explicada, a parte de ele estar perto do mar. Não entendi o que ela quis dizer. Será que foi a viagem que meu pai fez à praia depois que a minha mãe morreu? Será que é sobre isso que ela estava falando? No entanto, percebi algo nas palavras dela. Como se ela tivesse puxado o fio de uma meada. O alarme de coisas sendo desenroladas. O mar. Minha mãe e meu pai. Alguma coisa a mais também. Fiona Husted? A própria Annabelle? Uma lembrança que não é uma

lembrança, mas algo que você viu numa fotografia e pensa que se lembra, mas provavelmente não.

Interrompi seu devaneio filosófico.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que existe um significado, mesmo quando não percebemos qual é. O desejo de colocar as coisas à nossa frente para, finalmente, descobrir como deixá-las para trás...

Ela não entendeu o que eu estava perguntando.

— Não. O mar. O que tem o mar? Por que é difícil para ele estar aqui?

Annabelle parou. Ela ia começar a falar e mudou de ideia. Ela me olhou e respirou fundo. Um ah! Esse tipo de surpresa dolorida que a gente tem quando vê que está sangrando.

— Por que seria difícil? — perguntei novamente. Um alarme estava soando dentro de mim. Ela sabia de alguma coisa, e era um mundo novo, bem além da ilha na qual eu vivia. Não queria saber, mas precisava. Tem uma parte de você que percebe quando chegou a hora.

— Clara — ela falou e o brilho dos seus olhos tinha se apagado. Parecia triste e derrotada.

— Conta...

— Não — ela respondeu. — Sou uma velha e nem sempre lembro as coisas com clareza.

Eu sabia que isso não era verdade, que eu podia lhe perguntar qualquer coisa e ela me responderia. Aposto que se eu perguntasse o nome das plantas ali por perto, as propriedades medicinais do gengibre, qual o vencedor do National Book Award de 1976, ela saberia.

— Por favor — supliquei.

— Não, Clara — ela replicou. Ela era velha e tão delicada que seus pulsos podiam ser quebrados como gravetos, mas dava para perceber, também, que ela era firme como uma rocha.

Sentei ali, olhei para ela e ela me encarou. Éramos duas forças se enfrentando.

— Por que você está aqui? — perguntei.

— Vim para cá num verão, depois de me divorciar do meu marido, após 35 anos de casamento. Era mais digno aqui do que na cidade. A vegetação marinha não mente, nem o ouriço-do-mar, nem o pepino-do-mar. Estou velha demais para lidar com qualquer coisa que não seja verdadeira. Meus amigos acham que estou louca. Minhas filhas não perdoaram, elas já vieram para cá várias vezes tentando me levar de volta. As pessoas gostam da sua liberdade mais do que de qualquer outra coisa.

— Annabelle. — Tentei novamente.

— Não, Clara.

— Você disse que acreditava na verdade.

— Eu adoro seu pai, e essa verdade é dele.

Afastei-me da mesa, queria ir embora dali. Esta mulher idosa sabia coisas sobre meu pai das quais eu não fazia ideia. Talvez até mesmo coisas sobre mim. Pensei que estivéssemos aqui para escapar de Christian, no entanto, achei que devia ter outra razão. Precisava ir para casa e perguntar ao meu pai que diabos estava acontecendo.

— Preciso ir embora — declarei.

— Sinto muito, Clara. Sinto muito mesmo. — Annabelle se justificou.

Porém, quando ela estendeu a mão para se despedir, eu lhe dei as costas. Saí daquela casinha onde Annabelle tinha encontrado sua verdade.

Quando cheguei ao carro, minha mente estava correndo em círculos, que era uma das coisas que ela sabia fazer melhor. Àquela altura, eu já havia criado várias histórias, desculpas e motivos para o que tinha acontecido, para me acalmar. Tudo bem, Annabelle sabia de alguma coisa, mas havia milhões de possibilidades de que aquilo não afetasse minha vida. Talvez meu pai e minha mãe tivessem se conhecido à beira-mar. Ele tinha tido um caso amoroso há muito tempo, e talvez algum acontecimento trágico o fizera temer a água. Devia ser por isso que ele evitava tocar no assunto. O pai de Shakti esteve envolvido em alguns protestos políticos violentos na Índia e ele não gostava de falar sobre aquilo. E esse fato não afetava o dia a dia de Shakti. Era um assunto pessoal do pai dela.

A sensação que eu tinha era de que algo enorme pressionava meu peito, uma sensação crescente de pânico, acho que o problema é comigo. Depois do que acontecera com o Christian, eu me sentia frágil, devia ser isso. Comecei a ver tragédia em todo lugar. Eu ficava parada numa esquina para atravessar a

rua e tinha certeza de que seria atropelada por um carro. Também, em outros momentos, tinha certeza de que meu pai estava com câncer. Ou que o fogo da lareira iria se espalhar e nos incendiar. O terror estava acionado dentro de mim como se fosse um alarme de carro que não parava de tocar na rua, e continuava disparado, mesmo depois que o perigo havia passado.

É fácil a gente se apavorar, não é? Parece que somos especialistas nisso.

Comi uma barra de chocolate Snickers que meu pai tinha deixado no carro, girei a chave, e esses dois atos corriqueiros trouxeram de volta a sensação de normalidade. O farol ainda era o farol, a estrada ainda era a estrada, minhas mãos seguravam a direção e tinha uma embalagem vazia e amassada de chocolate ao meu lado, e tudo estava tão normal que nada poderia dar errado. Decidi não voltar para casa e confrontar meu pai, que pensaria que eu enlouqueci. Grande coisa. Annabelle sabia por que ele tinha medo da água, e daí?

Fiquei mais calma e fui para o estaleiro de Bishop Rock. O Obssession estava ancorado, com seu mastro alto e majestoso. Acenei para Cleo, aspirando o cheiro reconfortante do oceano e do cais, e dos X-burgers da Cleo. Senti-me segura ao pisar naquele cais de madeira e ao ouvir o barulho das gaivotas mergulhando e fazendo arcos.

Finn colocou a mão na boca e gritou: — Clara!

Os passageiros ainda estavam a bordo e alguns deles deram risadas.

— Pombinhos apaixonados. — Jack cantarolou e jogou a corda para Finn, enquanto pulava para fora. Era como observar acrobatas com seus passos firmes e rápidos.

Senti uma calma imediatamente, apesar das coisas estranhas que tinham se passado na casa de Annabelle Aurora. Percebi que isso também era verdadeiro, mesmo com meu passado e com os súbitos ataques de pânico que ele causava, ficar aqui era tranquilizador. A eternidade da água, a arte milenar daquelas enormes velas brancas, as rochas antigas; os irmãos Bishop e a história da família deles que tinha dado nome a essa ilha. E a firmeza do toque de Finn, o jeito irreverente de Jack, a gaivota de Cleo que não ia embora e ficava ali dia após dia.

Finn ajudou os passageiros a desembarcarem, estendendo a mão para cada um. Quando ele terminou, correu em minha direção. Toda vez que o via era a mesma coisa. Ele estava sempre igual. Sempre bem-humorado, com um sorriso largo e os olhos tímidos. Ele não se transformava em alguém diferente.

Não tinha percebido como era bom quando as coisas eram sempre iguais. Você pode não acreditar, mas é verdade. Havia certa proteção no ritmo das coisas, das estações, das marés e dos barcos que entravam e saíam, das pessoas que eram estáveis e mantinham as mãos firmes no leme.

Acho que isso é segurança. Confiar que as coisas seriam sempre iguais. E quem diria que eu ficaria agradecida pelas coisas serem sempre iguais? Ele passou seus braços à minha volta. Ele nunca tinha me dado um abraço tão longo e apertado antes. Finn tinha um cheiro de ar fresco, e eu adorei. Talvez estivéssemos sentindo a mesma coisa, ou talvez fosse porque era tão bom vê-lo novamente. Essa pode ser uma boa definição da palavra amor: é tão bom ver você.

— Tive uma ideia excelente — contei.

Olhei para a boca dele, que era linda.

— Imagino que é a mesma ideia que eu tive — ele replicou.

— Você acha... — Fui interrompida por um beijo. Um beijo muito, muito doce. Um beijo delicioso e perfeito que tinha gosto de pêssego e de tarde de verão.

O beijo terminou, mas seus braços continuaram em volta da minha cintura. Fiquei tão feliz.

— Acho que tivemos a mesma ideia — murmurei.

Nós nos olhamos e sorrimos como se tivéssemos acabado de descobrir algo maravilhoso, que ninguém havia descoberto antes. Parecia ser o nosso lindo segredo.

— Você acha que deveríamos contar a alguém sobre isso? — ele leu meu pensamento.

— De jeito nenhum — respondi.

— Ei, olhe vocês dois aí, seus pombinhos — Jack brincou.

Se eu já tinha conseguido me desvencilhar das dúvidas resultantes da visita à Annabelle, minha tarde com o Finn completou o trabalho. Tentar desvendar um problema é uma jornada que pode ser longa e cansativa, como quando meu pai e eu chegamos à Austrália, depois de uma viagem demorada e de esperas cansativas em aeroportos. A gente chega lá. Exaustos e em dúvida sobre os motivos que levaram você a partir, mas chega lá. Você chega a uma

conclusão, como quando chegamos a um hotel e deitamos numa cama com lençóis maravilhosos. Às vezes, os lençóis não são tão maravilhosos assim, mas a chegada é um alívio tão grande que não importa muito se o lençol é áspero. A gente já fica feliz só em chegar.

Depois daquele beijo, nem sentia mais aquela pequena voz lá dentro que me causava ansiedade e me alertava de que algo estava errado. Eu estava feliz. Tão feliz que sentia que merecia aquela felicidade "normal". Queria o melhor para aquela felicidade, do mesmo modo que a gente quer o melhor para alguém que ama, e "normal" era o melhor que se podia desejar.

Então, fiz algo normal. Acho que fiz isso para contrariar o anormal. Foi um tipo de desafio. Falam que a gente não deve ceder aos terroristas, mas devemos continuar a viver como sempre.

Liguei para Shakti.

Sim, eu liguei e fiz de propósito. Estava estourando de alegria, e todas as vezes que isso tinha acontecido na minha vida eu ligara para a minha melhor amiga. Eu fazia isso desde o sexto ano. Dessa vez, eu a fiz prometer, jurar não contar nada a ninguém, e então contei tudo. Contei onde estávamos e o que tinha acontecido desde que tinha partido. "Você deveria ter me contado!", ela disse. "Eu nunca teria contado ao Christian onde você estava!" — e eu sabia disso. Tinha certeza. E fiquei tão feliz de ter contado a verdade, pois não me sentia bem por esconder alguma coisa dela. Agora ela sabia de tudo e parecia que a minha vida antiga e a nova estavam reunidas novamente, como deveriam estar.

Normais.

Capítulo 15

Romper com Christian não foi tão fácil como deveria ser. Nem mesmo para mim. Havia coisas nele de que eu sentiria falta. Sua voz, por exemplo, tenho certeza de que nunca vou encontrar ninguém com uma voz daquela, tão melodiosa que parecia música nos meus ouvidos. Mas ele disse coisas terríveis com aquela voz. Sua beleza, se bem que uma pessoa pode se tornar horrorosa. Sua aparência verdadeira pode mudar quando seus atos são repugnantes. O jeito que ele me fazia sentir, aquela força e atração. Mas também começava a me envergonhar dessas coisas. Ele conseguia fazer com que eu me sentisse horrorosa e ao mesmo tempo linda, pequena e ao mesmo tempo grande, e tão azarada quanto sortuda.

Terminar um namoro era algo no qual a gente tinha que pensar bastante. Era um círculo de fogo que a gente tinha que decidir atravessar. Eu, finalmente, cansei de ficar parada ali, temendo enfrentar, cansada demais para seguir em frente e me queimar; finalmente parecia melhor do que esperar para ser queimada.

— Você terminou tudo, C.P.? — meu pai perguntou. Era a mesma coisa que Shakti me perguntava todos os dias, agora que ela sabia que eu pretendia terminar com Christian. Ela tinha parado de fazer insinuações delicadas e perguntas tipo: "Por acaso te incomoda quando ele..." ou "eu já percebi que o Christian sempre..." Ao invés disso, ela me atacava com força total. Ela falava comigo como um treinador de artes marciais. "Você esperou demais, campeã. Você tem que ir lá e acabar com ele. Um soco direto, sem hesitação. Você tem que acabar com ele, campeã." Era engraçado ouvir isso vindo dela. Dá para perceber porque eu gostava tanto da minha amiga.

— Vou fazer isso, papai.

— Se você ficar esperando pelo momento certo, ele vai colocar uma faca na sua garganta.

Devo confessar que era difícil entender realmente o significado dessas palavras. Eu estava resistindo bravamente a acreditar que corria algum risco verdadeiro. Tudo parecia dramático demais, como um programa vagabundo na televisão. Era o tipo de coisa que acontecia se você assistia só a novelas, talvez, não se você lesse livros, fosse à escola e tivesse uma vida normal. Partes de mim, grandes partes, acreditavam que meu pai estava exagerando, que ele

estava indo longe demais. Tentei me convencer de que o que meu pai dizia poderia ser verdade, mas era como se eu estivesse tentando fabricar o medo. As vezes em que eu realmente tive medo, como no dia da briga sobre Jake Ritchee, o dia em que Christian atirou o copo, eu entorpeci o meu cérebro, com compaixão e compreensão, o que funcionou para mim como as drogas e o álcool fazem com as outras pessoas. Eu entendia Christian e tinha pena dele. Ele estava com medo. A empatia afastava o medo, e verdade seja dita, precisamos do nosso medo. Principalmente quando ele está tentando nos dizer alguma coisa que não queremos ouvir.

No entanto a questão é que as pessoas continuam a ser quem são. Continuam a fazer o que sempre fizeram, e esta é uma grande ajuda quando estamos tentando romper.

Eu estava no hipermercado Fred Meyer, comprando uma cartolina para um trabalho de avaliação de inglês do último ano. Era a parte visual da minha apresentação. Aproveitei a oportunidade e também coloquei no carrinho um sanduíche, um rímel e uma loção que estava na liquidação. E coisas para o cartaz. Estava passeando pelo corredor de música, só para ver se tinha algo que me interessaria.

Olhei para o alto e lá estava Christian. Foi um daqueles momentos em que, por um instante, me perguntei de onde o conhecia, e é claro, o reconhecimento foi imediato.

— Clara! — ele exclamou. — Você está aqui.

— O que você está fazendo aqui? — Pensei que ele estivesse na casa do amigo dele, Evan, para um trabalho de grupo.

— Terminamos tudo.

Meu coração deu um salto. Por um instante pensei que ele estava se referindo a nós dois. Foi estranho como me senti mal quando ouvi isso vindo dele. Porém, logo percebi que ele estava se referindo ao trabalho da escola. Ele estava olhando o que eu tinha dentro do carrinho, como se tivesse algo incriminador ali dentro. O quê? Preservativos? Uma calcinha de rendas pretas? Algo que não fosse um sanduíche de rosbife e uma caixa de lápis de cor?

Então, percebi tudo que estava acontecendo. Da última vez que tínhamos conversado eu disse que planejava vir aqui depois da aula.

Ele estava me vigiando, estava verificando se eu tinha ido mesmo aonde planejara ir. Tenho certeza disso.

— Você está me vigiando — eu disse e não conseguia acreditar. Não conseguia mesmo. Eu já o tinha visto olhar no meu telefone antes. Na verdade, eu o vi segurando meu telefone. Cheguei a imaginar se ele olhava os meus e-mails. Uma vez, eu tinha saído do meu quarto e, quando voltei, a tela do meu computador tinha mudado. Mas, agora, ele vinha atrás de mim no hipermercado. Isso era bem pior do que se ele estivesse me vigiando no Starbucks ou em algum restaurante. Mas era nessa droga de Fred Meyer, onde vendiam veneno de jardim, tubos de meias e ponta de estoque de roupas de marca.

— Você disse que viria aqui depois da aula.

— E aqui estou.

Estávamos parados na fileira de CDs, perto dos vídeos e das câmeras guardadas em vitrines de vidro. Um funcionário do hipermercado estava nos vigiando. Eu costumava adorar os ombros e a boca de Christian, e o jeito como o cabelo dele caía pelo rosto. Engraçado, mas eu já nem percebia mais seu sotaque.

— O que você está comprando?

— Estou indo ao departamento de ferramentas comprar uma corda para me enforcar, porque não aguento mais essa perseguição — desabafei. Foi uma coisa horrível de se dizer. Terrível, mas não pude evitar. — Não quero mais, Christian, está tudo terminado. Acabou.

Ele ficou ali parado me olhando. Estava usando uma camisa xadrez que eu havia lhe dado no último Natal. Eu adorava aquela camisa e a tinha desabotoado inúmeras vezes. — Clara, você não pode fazer isso. Não, por favor.

— Está tudo terminado — afirmei.

Ele estava perto da ala de decoração de festas, onde o tempo passa docemente entre o Halloween e o Natal, do Natal para o Dia dos Namorados, do Dia dos Namorados para a Páscoa. Christian se virou e saiu correndo. Observei as portas automáticas se fecharem atrás dele. Vi quando se abriram novamente e uma mulher entrou com uma criança pequena dentro do carrinho. Olhei para o funcionário do Fred Meyer com seu colete amarelo. Ele era mais ou menos da minha idade, muito magro, com óculos e pele rosada. Ele sacudiu os ombros para mim, como se dissesse: "É assim mesmo", embora eu achasse que essas cenas só existissem naqueles filmes de arte independente. Estava tocando

uma música animada dos anos 1980, de um grupo chamado Culture Club. "Karma Chameleon".

Eu tinha conseguido. Tinha atravessado o círculo de fogo e terminado tudo com Christian. Queria sentir alívio, mas, ao invés disso, o que eu senti foi uma mistura de emoções no meu peito e um aperto na garganta que me impedia de engolir. Pensei em chamar Shakti, ou meu pai, mas estava atordoada demais. Minhas mãos estavam tremendo. Fui até o departamento de artigos domésticos, caminhei entre os corredores de lençóis e enfiei minhas mãos numa pilha de colchas de algodão frias.

Imediatamente me senti diferente. No começo, ele ficou em silêncio por um dia inteiro e eu fiquei assustada. Meu pai fez sopa e Shakti se ofereceu para ficar comigo, mas eu recusei. Nick também. Ele disse que me gravou um CD cheio de músicas de separação do seu iPod. Annie prometeu me levar às compras naquele fim de semana, para comprar sapatos para uma vida nova. Porém, eu não conseguia pensar nem em sopa, nem em música ou sapatos. Só conseguia ouvir aquele enorme silêncio e imaginar o que estava acontecendo. Estava preocupada com Christian, cheguei a pensar em mandar uma mensagem para os amigos dele e perguntar se ele estava bem, mas sabia que não deveria fazer isso. De repente, parecia que ele estava a milhares de quilômetros de distância, como um astronauta cujo cabo da nave foi cortado e ele ficou flutuando sabe-se lá Deus onde.

Dois dias depois ele deu notícias. Estava esperando que ele ligasse, rezando para todos os santos que ele estivesse bem. No entanto, assim que ele ligou, imediatamente desejei que ele fosse embora e se afastasse de mim. É possível gostar de alguém e querer que ele fique longe. Você quer se preocupar a uma distância segura.

Atendi ao telefone, e ele estava chorando. Suplicando. Usei minha voz mais conciliadora e falei tudo novamente. Ele desligou na minha cara e ligou de volta furioso. Tive que terminar com ele muitas outras vezes. Ele mandava e-mails pedindo desculpas e prometendo mudar, fazendo acusações e lembrando-me que tínhamos prometido um ao outro que nosso amor seria para sempre. Expliquei minhas razões várias e várias vezes. Já estava parecendo uma daquelas pessoas que trabalham nas lojas. "Obrigado por ligar para Vibe, meu nome é Missy, posso lhe ajudar?". Como se fosse uma sentença única, eles nem ligavam mais para o que estavam falando. Começou a incomodar ver o nome dele na minha caixa de entrada ou no meu telefone. Era algo que perturbava tanto quanto um motorzinho de dentista.

— Não acho que uma pessoa tenha que ser forçada para continuar numa relação — Shakti comentou. Ela estava sentada na nossa mesa da cozinha, comendo uma das pizzas caseiras do meu pai.

— Você não tem que justificar a sua escolha também. Você não quer mais e pronto. Acabou. Não precisa mais nada — meu pai comentou.

— Ele está certo — Shakti concordou.

— Ela está certa — ele respondeu e os dois sorriram um para o outro.

Meu pai adorava a Shakti. Segundo ele, ela era uma "pessoa responsável e sem frescuras". Ela também gostava do jeito dele, mas agora, os dois formavam um par de desprogramadores de lavagem cerebral, se refestelando enquanto os membros do culto se retorciam.

— Não podemos mudar de assunto? Estou cansada desse — eu disse.

— Não se você continuar conversando com aquele rapaz — meu pai falou e se inclinou para trás com a cadeira. Ele tinha comido metade da pizza sozinho.

— Isto é uma emergência — Shakti explicou.

Mais sorrisos cúmplices e acenos de cabeças.

— Não atenda aos telefonemas dele. Fique longe do maldito computador. E, pelo amor de Deus, prometa que não vai vê-lo nunca mais.

— Tudo bem — falei.

— Ela não prometeu — Shakti falou para meu pai.

— Percebi isso — ele falou, e seu sorriso se apagou. Sua voz estava ficando estressada e passou as mãos pelos cabelos em sinal de frustração. — Isso não é uma brincadeira, Clara. Não estamos fazendo um joguinho aqui. Você não pode dar espaço para este safado.

— Eu prometo.

— Se você não fizer isso, eu vou fazer.

— Não, papai. Já falei que não.

O telefone fixo tocou. Meu pai empurrou a cadeira com força e apertou o botão para responder e imediatamente puxou o botão de desligar. Não sabemos de quem era a ligação que ele cortou tão bruscamente, talvez fosse um de seus

amigos. Talvez alguém do telemarketing pedindo dinheiro para as escolas de Seattle. Talvez fosse Christian, mas ele deu seu recado.

Disse para Christian não me ligar mais, mas ele continuou ligando. Ele mandava cinco e-mails e eu os ignorava, no entanto, quando chegava lá pelo número seis , eu achava tudo tão triste e patético que me dava dó e eu tinha que responder. Pensei que as coisas terminariam bem se eu fizesse tudo direitinho. Eu estava acostumada a controlá-lo, sabia como focar meus olhos nele quando saíamos juntos, sabia que quando o elogiava ele esquecia os ciúmes. Sabia exatamente como jogar com minha própria ingenuidade e meu desejo por ele. Era manipulador, eu sabia, mas não seria manipuladora pelo resto da minha vida. Entretanto, isso parecia crucial ao lidar com Christian. Pessoas que namoravam diabéticos provavelmente tinham que aprender a dar injeções, e pessoas que saiam com epiléticos tinham que saber reconhecer quando um ataque estava se aproximando. Eu tinha que fazer tudo isso do meu próprio modo, dar injeções de segurança e ficar atenta a possíveis ataques. Eu era sua enfermeira emocional, gerenciava as crises. Talvez conseguisse que a gente superasse tudo isso e ficássemos inteiros. Talvez em frangalhos, mas inteiros.

Era minha responsabilidade, e o mínimo que eu poderia fazer. Eu tinha provocado isso.

"Já faz duas semanas que você me deixou. Se você realmente quer o melhor para mim, saiba que o melhor seria você voltar. Eu trataria você melhor do que qualquer outra pessoa que você jamais encontrou. Dou minha palavra. Sei por que agi assim. Fui horrível com você. Porém, sou uma pessoa diferente agora, juro. Por favor, me dê outra chance. Quero ir ao parque com você e nadar no ancoradouro como costumávamos fazer, lembra-se? Quero enrolar você no meu cachecol no inverno, e depois desenrolá-lo até descobrir seu rosto e beijá-la. Lembra quando compramos aquelas cerejas na barraca? Você é tão perfeita. Nós dois juntos somos perfeitos. Por favor, nós merecemos outra chance."

E então, despejava muita raiva.

"Você dizia que me amava, mas não era verdade. Você vai esquecer tudo, quando encontrar outro cara. Você tem a facilidade de seguir em frente e esquecer as pessoas e o que elas significaram, mas eu não. Você não pode largar as pessoas para trás deste modo. Isso não era amor. Isso não é alma gêmea. Sinto muito que você não queira acreditar que eu melhorei e que posso mudar. Você enfiou uma estaca no meu coração. Sou o único que realmente se importa e que sofre com tudo isso."

E depois:

"Eu esperaria uma eternidade por você. Esperarei. Sei que nunca vou encontrar alguém tão perfeito para mim quanto você..."

Meu pai tinha dito que o único modo de acabar com isso era o silêncio completo da minha parte, mas o silêncio só aumentava as coisas. No entanto, como poderia explicar o equilíbrio delicado disso tudo? Como sua capacidade de estar bem ou não dependia de mim, dependia de como eu respondia? Quando eu não o fazia, seus e-mails se tornavam ansiosos e terrivelmente longos. Pedi a ele para não me escrever nem ligar, dizendo que seria melhor para nós dois. Apoiei-me no fato de que isso seria melhor para ele, e que me magoava ter notícias dele o tempo todo. O meu carinho parecia acalmá-lo. Assim como minha própria "dor", que era bem diferente daquela que estava demonstrando para ele. Cheguei a dizer que o amaria para sempre, que o amor estava se esvaindo dentro de mim, como o sangue de uma ferida. A verdade é que eu joguei com meu sofrimento, quando ele deixou de ser sofrimento para se tornar um desejo desesperado de liberdade. Estava sufocada. Parecia um daqueles casais que participam de um concurso de dança e que não podem parar. Eles caem nos braços um do outro terrivelmente cansados, enquanto dia e noite se alternam do lado de fora do salão.

Ele implorava para me ver. Uma vez eu quis tanto vê-lo que escapei de casa no meio da noite. Nós nos encontramos no parque, nos beijamos e nos abraçamos como dois loucos. Voltei para casa me sentindo satisfeita, completa e em perigo. Tinha marcas de grama por todo o meu corpo quando acordei e me vi, na luz do dia. Quando eu ia encontrá-lo, parecia que meu carro não andava, eu ficava acelerando mentalmente e suplicando que os semáforos estivessem liberados. Cada minuto perdido doía. Mas, agora, eu só sentia aquela força que me atraía. O oposto do desejo, a obrigação misturada com o terror.

Ele precisava entender o que tinha acontecido, ele se desculpou. Só mais um encontro, só mais uma vez, é pedir demais? Depois de tudo que representamos um para o outro? Encontrarmo-nos frente a frente para dizer adeus?

Depois de tudo o que tinha acontecido, eu ainda acreditava nele. Achava que aquela seria a última vez. Eu realmente acreditava nisso. Fui muito ingênua, uma característica tão enraizada dentro de mim que nem eu mesma percebia.

Disse ao meu pai que estava saindo para me encontrar com Nick e Akello para ir ao cinema, e ele dizia que era bom para mim, sair com meus amigos. Tentei disfarçar para ele não perceber a mentira nos meus olhos. Estava com sorte, porque ele estava recebendo seus amigos Teddy e Liza para o jantar, um

casal de escritores que ele conhecia. Ele se curvou para mexer um molho delicado e por isso não percebeu.

Na ida de carro, tentei imaginar o que estava fazendo de errado. Lembrei-me da garota de Greenlake, tentei imaginar que era o meu rosto, porém não sentia um medo de verdade. Sentia um desconforto. Estava nervosa por me encontrar com Christian novamente. Sentia o peso e a exaustão daquelas semanas, mas não acho que era medo. Eu era apenas uma enfermeira exausta, trabalhando há semanas, sem nenhuma folga, sem nem mesmo tempo para lavar o uniforme e já estava de volta ao trabalho. Outra situação para controlar. Uma vez mais e eu estaria mais perto da liberdade.

Ingenuidade. Pura estupidez. Mas a verdade é que quando a gente não é capaz de cometer uma maldade ou uma loucura, não imagina que existam pessoas capazes de cometê-las.

Estava escuro e o painel do carro estava aceso e brilhante como uma nave espacial. Sabe quando você segue em frente e enxerga alguma coisa que lembra algo? Você fica com a esperança de descobrir o que é, e então se lembra do resto. O painel do carro. Acho que eu tinha sonhado. O restante veio a seguir, estava dentro de um carro e tentava fugir. Tinha sido apavorante e ele estava me perseguindo. Meu coração batia acelerado. Era um daqueles sonhos terríveis e reais, quando o coração parece que dispara durante o sono. Eu estava do lado de fora também, correndo ao longo das margens de um lago escuro e embarreado. Deslizei na lama e era praticamente impossível ficar de pé.

É estranho quando você acorda com a luz do dia e enxerga o terror fazendo parte dos seus sonhos.

Capítulo 16

— Achei isso — meu pai falou e jogou uma coisa na mesa quando entrei na casa da praia depois de ter visitado Annabelle. Fui ver o que era. Um cartão de natal com uma foto, uma moldura de papel decorada com azevinho dourado. Era um jovem casal com um bebê pequeno. Um casal realmente lindo. O bebê usava um vestido de veludo vermelho. A mulher tinha longos cabelos loiros e usava uma saia preta com um sorriso perfeito. Abri o cartão e li. "Adam. Achei que você gostaria de ver o que eu finalmente conquistei. Saudades de você. Amy."

— Nosso produtor de cinema tinha uma história romântica complicada — meu pai concluiu. Ele estava com roupas limpas e fiquei feliz com isso. Tinha alguma coisa cozinhando no fogão. Pelo cheiro era um molho de tomate.

— Fantástico — falei. Não estava com vontade de brincar.

— Amy. Acho que essa Amy não terminou a faculdade e desapontou o nosso Adam — ele comentou. — E agora ela aparece com um bebê...

Passei por ele e fui para o meu quarto. Joguei a bolsa na cama. Estava com vontade de ficar sozinha, eu e o beijo de Finn. As coisas estavam seguindo em frente. Queria que a felicidade tivesse um lugar próprio, um vale de flores e colinas verdejantes, e luz do sol, sem nenhuma nuvem se aproximando.

— Qual o problema com você? — Escutei ele perguntar lá da sala.

A irritação afastou imediatamente aquela sensação boa. Sensações boas vão embora tão de repente.

— Ótimo. Agora você está melhor e eu sou aquela com problemas?

— Se você vai usar esse tom para falar comigo, é melhor você ficar onde está — ele falou. — É melhor você começar a preencher suas inscrições para a faculdade, que eu acho que você esqueceu. Não vamos ficar aqui para sempre. — Escutei ele andar pela cozinha. Ouvi a cortiça de uma garrafa de vinho saltar fora. Cruzei os braços e olhei para fora da janela. A irritação estava virando raiva e eu não queria isso. Queria ficar alegre mais tempo. Na verdade, as nuvens da vida real estavam deslizando pelo céu, juntamente com a chegada da noite; elas chegariam rápidas e então despencariam como fantasmas, baixas e

brancas, à espreita. O farol já estava envolto pela neblina. Só dava para ver sua ponta, e logo, espere, agora, a luz se acenderia e começaria a girar.

Afastei-me da janela e saí do meu quarto. Na cozinha, meu pai estava de costas para mim. Ele parecia alguém experiente e desconhecido. Um homem que guardava seus próprios segredos. Não sei por que, mas saber disso o tornou um completo estranho para mim.

— O que aconteceu entre você, a mamãe e o mar? — perguntei.

Ele virou o corpo com tanta força que a tampa da panela, que estava no balcão, caiu no chão com um estrondo, juntamente com a colher de pau que esparramou molho vermelho pelo chão.

Ele ficou boquiaberto, mas não falou nada.

— Eu me encontrei com Annabelle hoje. Ela disse que deve ser difícil pra você ficar aqui.

Ele continuou a me encarar.

— Droga — ele murmurou e passou a mão pelo cabelo. — Droga.

— Por que deve ser difícil pra você ficar aqui?

Ele pensou e balançou a cabeça para frente e para trás.

— É que... sua mãe adorava a água. Passamos nossa lua de mel...

Era tão óbvio que ele estava mentindo. Ele não sabia o que dizer e parecia estar desesperado e sem fôlego, como se estivesse procurando as chaves do carro. — Tem a ver com a Fiona Husted? — Soou como uma acusação, e eu nem sei por que falei isso. Aquele nome simplesmente me parecia familiar, como se eu já o houvesse escutado antes, mas tinha a sensação de que não tinha sido uma coisa boa. Talvez tenha escutado este nome há muito tempo, quando eu deveria estar dormindo. Enquanto estava acordada na minha cama com colcha cor-de-rosa e cavalinhos de brinquedo, e as palavras se esgueiraram pela ventilação que circulava em nossa casa velha.

— Pelo amor de Deus, Clara — ele falou.

— O que aconteceu? O quê?

— Clara, pare com isso. Não aconteceu nada.

Seu rosto estava vermelho. Seus olhos pareciam os de um animal assustado, como os de um guaxinim que uma vez a gente pegou comendo as

uvas da parreira do meu pai. Nós o vimos no clarão da varanda que tínhamos acendido, de repente. Os olhos do meu pai estavam assim. Pegos de surpresa.

— Você teve um caso com a Fiona Husted. Minha mãe ficou tão chateada que ficou doente?

— Ninguém tem um aneurisma por causa disso, pelo amor de Deus. — E deu um passo em minha direção. — Clara, vamos. Pare com isso.

— Espere. Você foi embora, ela ficou doente e você não estava lá. Você estava com outra mulher.

— Eu estava lá. E fiz tudo o que pude. Todo mundo fez. Eles disseram no hospital que não havia mais nada a ser feito.

Sua voz estava presa na garganta. Ele cobriu os olhos com as mãos. — Meu Deus, por favor.

— Desculpe — falei. — Papai, me desculpe.

— Deixe isso pra lá, Clara.

A pequena chama azul sob o molho ainda estava acesa. O molho vermelho começou a ferver e a subir, ameaçando se derramar pelos lados. Ele agarrou o cabo da panela e a tirou do fogão, queimando a mão.

— Merda! — Ele escancarou a torneira e enfiou a mão debaixo da água fria.

— Você está bem? — perguntei.

Ele nem respondeu, apenas ficou mexendo a mão vagarosamente debaixo da água. Calcei de volta meus sapatos e tirei meu casaco do armário. Sai pela porta do deck, desci os degraus e fui para a praia. Não tinha mais nada para falar com ele naquele momento.

O sol estava se pondo. Havia faixas cor-de-rosa pintadas no céu, como se um artista as houvesse pintado. Elas não durariam muito. A praia ficava bem fria à noite. Fui caminhando em direção à cidade, pra bem longe do farol e do barraco de Annabelle. Se eu continuasse andando pra aquele lado, iria chegar perto das docas onde o Obssession estava, e da casinha que Finn tinha me mostrado, onde ele morava com sua família.

Olhei para baixo; meus olhos encontraram pedacinhos de concha, pedras e algas marinhas que eu poderia pegar para guardar. Eu não entendia o que estava acontecendo. Meu pai sempre tinha sido franco e presente na minha

vida. Ele esteve ao meu lado todas as vezes que precisei, e eu estive ao lado dele também. Éramos companheiros, mas alguma coisa tinha mudado agora, uma linha divisória tinha sido traçada. Eu era a areia e podia ver onde a praia começava e terminava. Mas ele era o mar e estava em constante movimento, para lugares que eu não conhecia e não conseguia imaginar.

Ainda assim, tinha parte de mim que ele não conhecia, certo? Então, não havia razão para a coisa não funcionar do outro lado também. Fiquei imaginando se era mais fácil para os pais esconder seus segredos dos filhos ou os filhos esconderem segredos dos pais. Segredo de um pai parece uma traição, enquanto meu próprio segredo era simplesmente uma parte da vida e do crescimento. Eu deveria ser independente, porém ele deveria estar disponível. Parecia egoísmo ele querer ter vida própria, ao passo que, para mim, ter a minha própria vida era a ordem natural das coisas.

Pensei nas filhas de Annabelle Aurora. Elas deviam ter sentido isso também, quando ela se mudou para o outro lado do país, para longe delas, nesta praia. Continuei a andar até que ficou muito frio. Até eu perceber que nós reclamamos por nossos pais agirem como a gente, e talvez nós sejamos piores do que eles.

Voltei para casa. Pensei ter chegado a alguma conclusão, que iria esquecer tudo aquilo. Meu pai poderia ter seus segredos, já que eram tão importantes para ele. Tudo bem. Mas então vi que o seu carro não estava estacionado lá. Dentro de casa aquela panela estava de volta no fogão, e o fogo queimava baixinho. O molho tinha secado e tinha virado uma crosta preta. Ele quase tinha botado fogo na casa.

O cartão de natal do nosso anfitrião ainda estava sobre a mesa da cozinha, onde eu o tinha colocado. Queria que minha mãe tivesse feito algo assim, mandar um cartão depois de todos esses anos para nos dizer como estava e onde estava. Engraçado, na minha cabeça ela sempre foi minha mãe, e não mamãe, como se a gente ainda não se conhecesse muito bem e não tivéssemos tanta intimidade.

Deus, sei que ela não iria querer isso. Era bom pensar que, se dependesse dela, ela nunca teria partido tão cedo. Isso me dava uma sensação estranha de segurança, como se seus braços ainda estivessem à minha volta. Tenho certeza de que ela gostaria de estar sempre ao meu lado, de saber qual era minha música favorita, como eu detestava etiquetas de roupa ásperas e pimentões verdes, e que minha alergia piorava quando a poeira levantava. É isso que uma mãe sempre quer, não é? Você percebe, minha mãe e eu tínhamos um

relacionamento complicado. Fiquei imaginando o que ela me diria agora. Era estranho como, ultimamente, eu sentia a presença dela mais perto.

A casa estava silenciosa demais. Pensei em começar a preparar o jantar novamente, para que ele estivesse pronto quando meu pai voltasse, mas decidi que não estava com tanta fome. Comi uma tigela de cereais, só para dizer que comi alguma coisa, e o barulho do leite caindo soou alto demais, assim como a colher batendo no fundo da tigela e o som da minha mente remoendo os pensamentos.

Às vezes, você deveria permitir que as pessoas que você ama se afastassem de você. Sem precisar ir atrás delas para resgatá-las e trazê-las de volta ao seu próprio lugar. Provavelmente, elas estariam felizes e seguras como Annabelle Aurora. E então, outras vezes, era possível que elas estivessem perdidas no mar. Então, seria seu dever entrar num barco e procurar por elas, mesmo que as ondas estivessem bravas e o vento estivesse uivando os protestos dos mortos.

Meu pai não voltou para casa naquela noite. Pelo menos, não até o amanhecer, um pouco antes do meu despertador tocar. Eu sabia, porque não dormi direito, já que tive aquele sono leve das pessoas que estão preocupadas, em que parte da sua mente se lembra dos sonhos vagamente. Acordei quando ouvi o barulho do carro e o ranger dos pneus. Ele estava tentando não fazer barulho e eu sabia como era isso. Eu já tinha escapado durante a noite para me encontrar com Christian e entendia o andar silencioso e o girar macio das maçanetas.

Deixei meu pai dormindo e fui trabalhar. Fiquei surpresa ao ver Roger passeando tranquilamente na frente da casa, cheirando e cavando, com o seu lindo traseiro para cima e o nariz enfiado num buraco que ele mesmo tinha feito.

— Roger! — chamei e ele olhou para cima. Parecia que eu o tinha pegado em flagrante, com a boca na botija. Qualquer um que diga que os cachorros não têm sentimento humano está errado. Dá para ver a culpa, vergonha, desapontamento e esperança estampados na suas carinhas peludas. Eles sentem tudo, só faltam falar.

— O que você está fazendo aqui fora? — perguntei.

Gostaria de ter ouvido que resposta ele me daria. Acho que os cachorros também mentiriam se soubessem falar. Mas Roger estava espantado demais para se safar dessa. Ele ficou ali parado como um ladrão pego em flagrante.

Eu o peguei no colo e o levei para dentro. Estava um cheiro de manteiga e baunilha no ar. Era um cheiro conhecido que eu demorei para reconhecer. Então, percebi. Eram torradas fritas no ovo e na manteiga. Sylvie desceu as escadas quando ouviu a porta.

— Ah! — ela exclamou. Ela estava usando uma blusa macia cor de lavanda que eu nunca tinha visto antes e a mesma expressão de espanto que Roger tinha quando o encontrei.

— Roger estava lá fora — expliquei.

— Ah, não! Eu nem vi que ele escapou — ela falou.

Claro, porque o amor ou o sexo, ou sei lá mais o que, fazem a gente não se importar com as pessoas que estão à nossa volta. Amor e sexo são tão poderosos que deixam a gente insensível para todo o mundo lá fora. Eu sabia disso. Enfiei meu nariz no pelo de Roger e senti que ele tinha o cheiro da grama, um perfume fresco de terra.

— Que sorte que ele não foi pra longe — falei e o coloquei no chão.

Ele começou a pular em volta das pernas de Sylvie, mas ela não o pegou.

— O que você quer que eu faça aqui hoje? — perguntei. Minha voz estava áspera.

— O de sempre, Clara. — Sylvie abriu a caixa registradora com as chavinhas.

— Tudo bem — falei. — Ótimo.

— Você está brava comigo — ela comentou.

E ela estava certa, acho que sim. Não sei exatamente o porquê. Sentei atrás do caixa. Sylvie agora tinha se tornado alguém em quem meu pai confiava, alguém que poderia ser importante para ele, e eu ainda não sabia como deveria reagir a isso. Meus sentimentos estavam confusos. Estavam todos misturados, e era demais para eu poder entendê-los.

No entanto, não tive tempo de pensar sobre tudo isso, porque naquele momento um casal surgiu na porta, um homem com aparência de intelectual, com a barba branca, e uma mulher pequena que parecia um pardalzinho. Eles sussurravam como a gente faz em lugares silenciosos, como se fossem despertar alguém com a própria voz. Eles pediram para ver o farol e, em vez de mandá-los embora, ou dizer que o farol não estava aberto para visitação pública, Sylvie

jogou as chaves na minha direção. Ela me entregou três pares de luvas, para os visitantes usarem lá dentro para proteger o cobre polido que circundava os andares superiores.

— Vá — ela disse.

Acho que o fato de ela dormir com meu pai me garantiu mais responsabilidade no trabalho. Espero ter um aumento também.

Eu nunca tinha aberto a portinha do farol sozinha antes e tive dificuldades com a chave. Finalmente entramos e olhamos para cima, para a longa e curva escada de metal. Os degraus circulavam em volta de uma coluna de concreto que abrigava o mecanismo do farol. Há muito tempo, o mecanismo costumava girar em volta da lâmpada, de modo que o feixe de luz parecia acender e apagar.

Estava gelado lá em cima, e Sylvie tinha razão em não deixar as pessoas subirem lá geralmente. Primeiro, era uma longa e íngreme subida sobre degraus estreitos. Então, quando a gente finalmente chegava ao andar mais alto, onde o farol ficava, vinha o choque de ver onde estávamos. A lâmpada ficava bem ao centro, e nós ficamos no deck em volta. Em volta desse deck estava a velha redoma de cristal de onde podíamos avistar a paisagem lá fora, e o vidro funcionava como uma lente gigante, tornando a luz visível a quilômetros de distância. Isso significava que quando a gente ficava parado ali e olhava pelo vidro, víamos apenas a queda profunda nas rochas lá embaixo. Havia uma vasta faixa do oceano, os recifes e uma vista incrível em volta, mas era impossível não notar a altura em que estávamos. A primeira vez que eu subi com Sylvie, meu estômago despencou e meu coração se contraiu com a sensação de perigo. Eu sabia que aquele vidro antigo estava naquele lugar há muito tempo. Sabia que não poderia despencar dali de cima. Porém, obviamente, algumas partes dentro da gente não acreditavam fielmente nisso.

Claro que nunca deixávamos alguém pisar no lado de fora do deck, onde os corajosos guardiões (agora um serviço especializado) costumavam se equilibrar para limpar aquele vidro. Foi deste deck que a adorável senhora Bishop pulou para a morte.

Nossos pés faziam ruído a cada passo, como se fosse uma longa e rítmica caminhada. No caminho para cima, o casal (que se apresentou como Hal e Sharon) parou para admirar as janelas compridas e retangulares, embora achei que isso foi uma desculpa para eles recuperarem o fôlego. Era lindo lá, apesar do frio e do silêncio, as paredes brancas feitas de grandes pedras retangulares, os painéis da janela, os andares superiores feitos de mogno e cobre no alto.

Fazia a gente se lembrar de torres medievais e fortalezas antigas, lugares próprios para você se proteger, com as paredes altas e retas.

Expliquei que costumava haver quatro guardiões que se revezavam no trabalho. Contei ao casal o que Sylvie havia me contado, e o que eu tinha lido debaixo do edredom branco do meu quarto: que as luzes costumavam ser acesas com parafina em vez de uma lâmpada, como acontecia agora; que um sino tocava em momentos de perigo, ao contrário da sirene de nevoeiro utilizada hoje em dia. Tudo era automático agora, falei, enquanto chegávamos aos andares mais altos, e as mãos enluvadas de Sharon tocaram os corrimões de cobre por segurança, enquanto Hal pigarreou ao ver, pela primeira vez, a altura da queda.

Hal tirou algumas fotos, mas Sharon estava mais do que pronta para descer os degraus de volta, e eu não a culpava. Sentia-me da mesma forma. Percebi que não me importaria se Sylvie quisesse continuar a fazer esse trabalho. Era maravilhoso aqui em cima, onde você podia tocar o céu e ficar acima do mar, mas o silêncio era tão grande que se ouvia milhares de histórias sendo contadas ao mesmo tempo. Horas intermináveis de espera desesperada. Tempestades, pânico e ondas violentas arrebentando na costa. Sinos tocando e gritos. A escotilha de cobre do deck superior se abrindo. Os ventos rugindo ou silenciosos, quem saberia dizer, de quando a Sra. Bishop segurou suas saias e subiu naquele parapeito.

Talvez seja essa a sensação da presença de fantasmas à luz do dia.

Tranquei a porta quando saí, tenho certeza que fiz isso. O casal entrou na loja e comprou um globo de neve e duas camisetas infantis para seus netos, e Sylvie os atendeu. Hal colocou uma nota de dez dólares na minha mão e me agradeceu por ser uma "superguia turística". Sylvie se levantou e me deixou sozinha no centro de visitantes. Escutei o barulho de louças lá em cima, acho que ela estava colocando a casa em ordem. Tirei a poeira e organizei as coisas na loja e me sentei para ler um dos livros da prateleira sobre o Capitão Bishop. Ele tinha enfrentado mais do que uma tempestade antes do naufrágio do Glory. Seus homens testemunharam sobre sua liderança, e dizia-se que Eliza era uma mulher difícil. Ela era "briguenta" quando ele estava em casa, mas ficava deprimida quando ele ia embora. As mulheres dos marinheiros se revezavam para ficar com ela depois que ele partia, trazendo comida que ela nem provava.

Sylvie estava parada na porta e me assustou. Fechei o livro. Ela estava trazendo duas xícaras de chá, novamente. Tinha trocado aquela blusa e estava usando a mesma camisa azul de trabalho que eu já tinha visto milhares de vezes.

Não estava muito a fim de tomar chá. Estava um dia ensolarado, apesar de não sentir o calor ali perto do mar, mas dava para adivinhar que seria um dia quente. O sol estava entrando pelas janelas do centro de visitantes, e fiquei feliz por estar usando um vestidinho leve e sandálias. Apesar disso aceitei a xícara e agradeci. Não tinha certeza de que a considerasse uma inimiga.

— Você trancou o farol?

— Sim — respondi.

— Clara. — Ela estava encostada no balcão tomando uns goles de chá. Roger estava deitado ao sol, parecendo meigo e bem comportado com o queixo descansando nas suas patas.

Esperei. Olhei minhas mãos. Vi as linhas que cruzavam minha palma e fiquei imaginando o que elas representavam. Minha linha da vida era uma bagunça. Uma "cigana" me falou, durante uma festa de carnaval na escola, e embora a cigana fosse minha professora de álgebra, a Sra. Yacovich, isso ainda me incomodava.

— Sei que você está preocupada com seu pai — ela falou finalmente.

Agora ela esperou. A verdade é que eu a deixei pensar que estava preocupada com ele. Mas na verdade não estava, não mesmo. Quanto a Sylvie Genovese, entretanto, acho que ela estava preocupada comigo.

— Sim — falei.

— Quero dizer uma coisa — ela falou.

O difícil era que a voz dela era tão linda, aquele sotaque italiano rico e melodioso fazia a gente se lembrar de violoncelos tocando, diferente do sotaque forte e rítmico de Christian. Ela raramente usava contrações, "está bem" e "não é" nunca eram "tá bem" e "né", isso demonstrava o cuidado de alguém ainda não acostumado com a língua e com coisas novas. Além do mais, ela também era linda. Aqueles olhos escuros. A verdade é que eles formavam um lindo casal.

— Tudo bem — respondi.

— Eu não costumo falar essas coisas. Não gosto que as pessoas pensem que sou fraca.

Ela deu uma risada, mas eu simplesmente a olhei. Aqueles cabelos compridos. Minha mãe tinha cabelo castanho. Nas fotos, ela sempre estava com

o cabelo preso num rabo de cavalo ou preso pra trás com uma presilha. Seu cabelo liso nunca seria capaz de competir com o de Sylvie.

— Ele está seguro comigo, certo? Eu entendo de corações despedaçados. Sei ajudar alguém que está totalmente perdido, porque eu já me perdi.

— Bem, talvez você devesse se cuidar. — Meu pai me mataria se me ouvisse dizer isso, mas foi algo que eu aprendi com Christian, e era isso. — Uma pessoa que está se afogando pode se agarrar em você e você acabar se afogando junto.

— Sim. Mas seu pai não está se afogando.

Agora eu estava puta da vida. Eu fiquei muito feliz que ela parecesse saber mais sobre ele do que eu, que havia passado os últimos dezessete anos da minha vida ao lado do cara.

— É bom saber — retruquei.

— Existe uma diferença entre se afogar e lutar com... — Ela movimentou um de seus braços num círculo sobre a cabeça. — Aquele tipo de braçada.

— Borboleta.

— Sim, isso mesmo — ela falou como se eu tivesse acabado de inventar a palavra e ela decidiu concordar. Ficamos sentadas ali em frente uma da outra, com um sentimento ruim pairando entre a gente. Ela suspirou. — Vou sair um pouco de barco — ela falou.

Sylvie desistiu de falar comigo. Eu não queria ficar ouvindo sua bajulação, embora eu achasse que merecesse.

— Divirta-se — falei.

Detestei o tom da minha voz quando falei isso.

Comprei um sanduíche depois do trabalho e embrulhei uma parte do pão num guardanapo. Vi Cleo no meu caminho para o Obssession e parei.

— Trouxe um presente para sua gaivota — anunciei.

— Ah, meu Deus, não a paparique demais — ela falou quando mostrei o pãozinho. — Saí ontem à noite para pegar um livro no meu carro e adivinha quem estava sentada na varanda da frente? Na varanda da frente? Estava parada ali como se estivesse no ponto de ônibus.

— Você é a namorada gaivota dele.

— Kkkkkkkk. Ah, meu Deus, nem fale isso. Eu apenas dou a comida. Só a comida. — Ela deu uma olhada no pássaro.

— Você acredita que ele é bem inteligente? Você pode não acreditar, mas ele tem sua marca preferida de chips. Ele gosta de Doritos. Ele até sabe abrir o saco. Se você der um saquinho de Ruffles, pode esquecer. Fandangos? Não. Ele só pega os sacos velhos de Doritos. Eu fiz uma tentativa e percebi que ele realmente escolhe o que quer comer.

— Humm — falei. — Acho então que pão com maionese não vai lhe agradar.

— Não, ele gosta de pão. Não é bom para ele comer só junk food. — ela explicou. — Ei, Clara?

— Sim?

— Você devia vir jantar com a gente. Minha mãe vai adorar conhecer você. Ela não entende porque Finn está tão feliz ultimamente. Mas eu sei o porquê — ela comentou.

— Talvez eu devesse esperar por um convite de Finn — respondi.

— Ele tem a cabeça nas nuvens. Ei, Finn! — Ela gritou. Na verdade ela saiu do A Enseada e gritou e assobiou daquele jeito que as pessoas fazem com os dedos. Finn estava curvado sobre os cabos do barco, olhou para cima e acenou, então pulou para fora e veio na nossa direção.

— Que legal este assobio. Sempre quis fazer isso.

Mas Cleo nem estava ouvindo.

— Convidei Clara para jantar lá em casa, tudo bem?

— Ótimo. — Ele replicou e entrelaçou seus dedos aos meus. — Você vai ficar meio tonta com a nossa família maluca. — Mas ele estava sorrindo. Ele era tranquilo, daquele tipo que a gente fica junto de pijama, assiste a filmes e come pipoca. Quando a vida não tem nada de complicado.

Então, naquela noite, eu fui à casa de Finn. Eu já sabia onde era, pois ele já tinha me mostrado a pequena casa de tábuas brancas, não muito longe do cais. Por dentro era uma casa simples, lambris de madeira e o tipo de sofá que afunda e fica difícil de levantar. Uma cadeira de vime, uma mesinha de centro cheia de livros, uma cesta cheia de conchinhas e um abajur feito de tronco de madeira, além de uma cortina creme esvoaçante. Havia uma enorme tela numa

das paredes, uma pintura abstrata com diferentes tons de azul. Fiquei parada observando-a, imaginando que talvez fosse a curva do Possession Point.

— Eu gosto disso — disse a Finn. Estava prestando atenção em tudo, neste lugar onde ele cresceu. Cleo, com uma blusa floral e jeans, estava procurando uma música para tocar.

— Sim? — A mão dele se apoiou levemente no meu quadril.

— Foi ele que pintou — Cleo falou.

Um momento mais tarde uma voz grave começou a cantar uma música doce e melancólica.

— Você que pintou?

Ele sacudiu os ombros, tímido.

— Foi por acaso — ele explicou.

— Foi por acaso. — Cleo o imitou. — Um Picasso da nova era. O garoto tem talento. — Cleo o agarrou pelos ombros e o sacudiu, e nesse momento a mãe deles abriu a porta e entrou, carregando uma sacola de supermercado apoiada no quadril. Ela tinha cabelo comprido, usava jeans e uma jaqueta de brim com uma regata por baixo e um cinto largo. Ela tinha olhos bem definidos e as maçãs do rosto também. Ela parecia uma Cleo mais velha, alguém que sabia o que queria. Fiquei surpresa quando ela me deu um grande sorriso e me apontou com a mão livre.

— Você. Estou feliz em conhecê-la — ela disse.

— Clara, minha mãe. Mamãe, Clara. — Finn nos apresentou.

— Ness — ela falou. — De Vanessa, não do lago.

— Sim, mas às vezes ela é um monstro — Cleo declarou.

Ness pegou um maço de couve de dentro da sacola e o jogou para cima dela, mas errou o alvo e a couve rolou para debaixo da televisão.

— Vão brigar lá fora, crianças mal-educadas — Finn falou enquanto abaixava para recolher a couve, e ficou olhando o vegetal. — Você não sabe que eu detesto estas coisas?

— Cleo adora — Ness explicou.

— Não é verdade — Cleo retrucou.

— Você sempre gostou de couve.

— Nunca. — Cleo foi atrás da mãe, na cozinha.

— Por que eu compro então? — Ness perguntou. — Eu também não suporto isso.

Ficamos sozinhos por um minuto, e Finn se curvou e me deu um beijo no rosto.

— Você está na minha casa.

— Estou na sua casa — concordei. — Eu gosto de estar na sua casa. Parece que eu já vim aqui um milhão de vezes. — Isso também era verdade. Lembro-me da primeira vez que fui à casa de Christian, e até mesmo quando fui à casa de Harrison Dail. Você pode sentir a personalidade do outro quando visita a casa deles. Pode ser estranha e esquisita, pode cheirar xixi e cocô de cachorro ou ter cheiro de desinfetante, ou ter uma cadeira de balanço que dá arrepios. A gente pode ver se é uma família de superatletas ou uma família nojenta com muitos bichos, e você sabe, imediatamente, se adapta-se a ela ou não. Você sabe se quer se sentar e comer ali, ou se deseja, secretamente, ter levado seus próprios talheres. Pode ser limpa demais e dar medo de derrubar alguma bebida. A casa de Shakti era diferente da nossa, com tapetes indianos pendurados na parede e mobília de madeira entalhada, mas eu me sentia à vontade ali e tinha vontade de ficar. Foi o mesmo que me aconteceu na casa de Finn. Não sei por que, mas me sentia à vontade.

A mãe de Finn tinha uma enorme coleção de música e ele me mostrou vários CDs e tocou alguns para eu conhecer. Ness e Cleo ficaram gritando e dando outras sugestões até que o jantar ficou pronto. A mãe dele preparou frango à parmegiana e uma salada, e nos sentamos à mesa redonda da cozinha. Cleo trouxe dois castiçais grossos de madeira, acendeu as velas e diminuiu as luzes. O cachorro deles, Shane, acordou de uma longa soneca e ficou sentado debaixo da mesa. Brindamos com nossas taças, e Jack chegou em casa para trocar de roupa, roubando alguns pãezinhos quando foi embora novamente.

Resolvi ir ao banheiro, e nem sei por que fiz isso, mas eu olhei dentro do armário. Algumas vezes a gente tem vontade de bisbilhotar o banheiro de alguém, é como se estivéssemos "googlando" alguém. Lá dentro tinha a variedade normal de Band-Aids e remédios para resfriado, mas tinha também uma fileira de frascos plásticos amarelados com tampa branca, que eram remédios de receita para Thomas Bishop, o pai de Finn. Ele já tinha morrido há alguns anos, e eu acho que Ness não conseguira jogar os frascos fora.

Senti-me mal quando fechei aquela porta. Estava me divertindo muito junto deles, mas esta família tinha passado momentos difíceis que eu nem conseguia imaginar. Um pai emagrecendo a cada dia que se passava, a pele empalidecendo pelo câncer e os quartos de hospital com as divisórias de cortinas. Eu tinha vislumbrado um dos momentos mais íntimos deles, apesar de ainda ser uma estranha.

Lavei minhas mãos e usei um das toalhas azuis que estavam dobradas cuidadosamente sobre o balcão.

Lembrei então.

Hospital.

As palavras do meu pai. "Eles falaram no hospital que não havia mais nada a fazer."

Senti a confusão começar a se formar na minha mente. Será que ele tinha se enganado? Ou fui eu? Sempre me falaram que minha mãe tinha morrido em casa. Será que a levaram para o hospital assim mesmo? Será que era o procedimento correto? Na minha imaginação, eu não a tinha visto dentro de uma ambulância, num hospital, com pessoas de jaleco. Só tinha imaginado o que eu me lembrava da nossa velha casa. Uma terrível lembrança dela caída no chão da sala e sendo levada escada abaixo. Nunca tinha ouvido falar que ela fora levada para um hospital. Ele estava mentindo para mim? Porque é isso que significa quando as pessoas mudam suas histórias, não é?

Fiquei assustada. Estava ali no banheiro dos Bishops, mas pensava em meu pai, porque parecia que ele estava se afastando de mim cada vez mais, e eu precisava de todo o apoio que pudesse conseguir. Precisava entender o que era real, do que eu tinha que ter medo ou não.

Finn e eu lavamos a louça, já que Ness e Cleo cozinharam. Cleo saiu para encontrar uns amigos e Ness foi para seu quarto assistir a um filme. Lavamos os pratos sob a luz de velas, com Finn mergulhando os braços na espuma da água e eu segurando uma toalha.

— Você tem uma família maravilhosa — elogiei.

— Estamos enredados um no outro, certo? Acho que Cleo nunca vai sair de casa.

— Vocês passaram muita coisa juntos... é por isso — falei. Tive um momento Disney na minha cabeça, que se juntássemos a metade da família dele, com a metade da minha, seríamos a família perfeita.

— Nós cuidamos uns dos outros — ele afirmou.

— Certo. É isso mesmo — falei.

Ele esvaziou a água da pia, tirou a toalha de mim e secou suas mãos. E me puxou para perto dele e o seu rosto estava muito suave sob a luz do candelabro. Seus olhos me revelaram quem ele era por dentro, e eu queria ficar ali para sempre, pois me sentia segura. Não sei se é isso o que toda garota quer, mas era o que eu queria. Aquela sensação de estar apoiada firmemente em alguém e saber que, no caso de qualquer tempestade que viesse e levantasse os telhados, os braços dele estariam lá para me proteger.

Meu telefone tocou naquele momento. Escutei ele zumbir de dentro da minha bolsa na sala de estar, tentando ser escutado.

— Seu telefone — Finn falou sem tirar os olhos de mim.

— Telefone idiota. Detesto este telefone. — Falei sem afastar meus olhos do dele.

Ele me beijou então, e foi lento e delicioso, e sua boca tinha o mesmo sabor que a minha. Senti o toque do desejo e ele se apoiou com força no meu corpo até o beijo terminar e ele se afastar.

— Uau — ele exclamou.

— Uau — concordei.

Ele beijou minha testa.

— Você não tem que checar seu telefone? Vai que seu pai machucou o outro tornozelo ou qualquer outra coisa?

Dei uma risada.

— Provavelmente — concordei.

Fui até a sala, desapontada por aquele momento na cozinha ter terminado e desejei continuar eternamente nos braços dele. Não é certo como alguns momentos duram tão pouco. São tão breves e, no entanto, a gente fica na miserável aula de matemática por 50 minutos, que são os mais longos da sua vida. Fica horas na fila do departamento de trânsito, horas no dentista. Mas um beijo doce termina rapidamente.

Procurava na minha bolsa e não conseguia achar a droga do telefone. Finalmente o encontrei.

Os dedos de Finn tocaram minha cintura e eu abri o telefone. Fui uma idiota por ter ficado surpresa. Todas as vezes que isso acontecia, eu ficava em estado de choque.

Fechei com força o aparelho.

— Meu Deus.

— Clara?

— Meu Deus, é ele.

— Fique calma, Clara.

— É ele. Ele já descobriu o telefone de novo.

— Ele não sabe onde você está. Você está segura.

O telefone tilintou bem ali na minha mão. Era ele chamando novamente, e eu deixei cair o aparelho no chão. Sentia a respiração ofegante, como se me faltasse o ar.

— Deixa que eu responda — Finn falou. — Deixe que eu lido com esse idiota.

—Não! — exclamei. — Não, não faça isso. — Tentei respirar. Juro por Deus, que parecia que ele estava ali, ao nosso lado, enquanto nos beijávamos. Como se ele tivesse sentido aquela traição a quilômetros de distância.

— Isso é loucura — Finn argumentou.

Como explicar isto para alguém que não vivenciou a situação? Que você ainda sente aquela responsabilidade, aquela culpa? Eu estava afastada desta loucura há semanas, estava na praia onde a nossa mente fica mais limpa e percebi que Finn estava certo. Isso era uma loucura, e o modo como eu reagia era ainda pior. Porque quando aparecia aquele número de telefone, eu sabia que era ele digitando o meu número e ficava num estado de pânico e desespero tão grande que era como se não tivesse ido embora. Você cai no meio daquilo tudo, daquela loucura, como se tivesse encontrado um velho amigo que não via há tempos.

— Não atenda! — Agarrei o braço de Finn quando ele tentou alcançar o telefone.

— Só vou desligar, tudo bem?

— Tudo bem — concordei.

E foi o que ele fez. Depois disso eu enfiei o aparelho debaixo daquele sofá velho e lhe contei toda a história.

Capítulo 17

Estacionei o carro do meu pai na entrada da casa de Christian. É estranho como a nossa mente, às vezes, prega peças, quando parece que somos duas pessoas diferentes, agindo e sentindo de dois modos, porque, até então, eu ainda não estava sentindo medo, mas mesmo assim guardei as chaves do carro no bolso da minha jaqueta, em vez de dentro da bolsa, caso precisasse partir apressada. Parte de mim era ingênua e parte de mim estava usando a esperteza da vida. Embora pareça que a autoproteção possa nos abandonar, acho que ela está sempre por perto. Você não presta atenção por milhares de razões diferentes, por não assumir seu próprio medo e por negar os problemas, pela burrice e pelo coração mole, mas ela está de prontidão, alertando você. Você pode virar suas costas para ela, mas a autoproteção nunca abandona você. Nunca.

Fiquei tocando aquelas chaves com a ponta dos meus dedos dentro do bolso da jaqueta. Podia sentir o frio do metal na minha mão agora, neste minuto, como se meus dedos tivessem memória própria. Dava segurança saber onde elas estavam. Imagino que é o mesmo tipo de segurança falsa que as pessoas têm quando carregam um spray de pimenta no chaveiro, ou usam uma tranca na porta, ou fazem algo supersticioso, como bater na madeira três vezes, realmente, essas coisas não protegem ninguém contra a vontade poderosa de outro alguém.

Eu tinha perguntado a Christian se seus pais estariam em casa, e ele disse que sim. No entanto, havia apenas um dos carros estacionados na rua. A frente da casa parecia vazia, tinha apenas um punhado de folhas sendo arrastadas pelo vento e se espalhando pelo chão. A casa estava escura. Minha mente ainda estava funcionando dos dois modos, talvez Christian nem estivesse lá, ele devia ter me dado um bolo e eu teria que voltar para casa, e então, como se eu estivesse assistindo ao noticiário das 11 horas, fiquei imaginando ele deitado numa poça de sangue.

As chaves estavam no meu bolso. Ótimo. Bati na porta. Havia uma nova decoração floral pendurada ali, folhas secas com um cheiro fraco de mistura de flores. Meu estômago estava enjoado e, então, percebi que não queria vê-lo nunca mais. Nem por um segundo. Sentia-me livre ali fora, no ar fresco e frio, as árvores sussurrando a chegada da primavera e minhas mãos dentro do bolso. Lá dentro se escondia o peso sombrio da emoção. Nada que ele dissesse

mudaria minha cabeça. Como eu já disse, ele parecia sempre saber o que eu estava pensando, e adivinhava os segredos que eu não ousava falar. Porém, ao mesmo tempo, ele se recusava a entender o que eu lhe dizia diretamente, o que eu lhe escrevi várias e várias vezes, coisas sobre as quais não tinha nenhuma dúvida. Enfrentar alguém tão cheio de esperança era horrível. Sentia-me cruel.

Ele devia estar me observando da janela da sala, porque a porta se abriu imediatamente. — Pensei que você fosse mudar de ideia — ele falou.

Minha garganta deu um nó e imediatamente me deu vontade de chorar. Eu estava tão preocupada com as emoções dele que me esqueci de levar as minhas em consideração. Era uma enxurrada de emoções, uma tempestade que me arrastaria para o mar, porque, para mim, ele ainda era o mesmo. Ainda me sentia atraída pelo que havia de bom nele. Mas ele estava diferente, o rosto estava mais magro e seus olhos estavam fundos, como se estivessem distantes e perto de mim, ao mesmo tempo.

— Provavelmente você não vai entrar — ele afirmou.

— Vou entrar — falei.

Minha voz estava trêmula pelo desejo de chorar, e senti que ia perder o controle. Era como se estivesse lendo um roteiro, e não dizendo as coisas que tinha vontade.

Ele fechou a porta às minhas costas.

— Vamos subir. Meus pais devem chegar a qualquer momento.

— Pensei que eles estivessem em casa — eu disse, mas o acompanhei escada acima. Sempre tocando as chaves com as pontas dos meus dedos. — Onde eles estão?

— Eles estão transportando algumas coisas para o chalé. — A segunda casa deles, uma construção pequena nas margens de um rio turbulento. Lembrei-me de uma vez em que Christian e eu fomos para lá sozinhos. Passamos uma tarde fantástica deitados no sofá em frente à lareira e depois voltamos para casa. Estava tão perto dele nesta época, nunca poderia imaginar o que aconteceria entre nós.

— Fica a umas duas horas de distância — lembrei.

— Parece que você está com medo de ficar aqui sozinha comigo — ele falou e fechou a porta do quarto. Aquele bater da porta me deu uma sensação que eu nunca havia sentido antes, como se estivesse aprisionada numa caixa

forte, como se as portas do elevador se fechassem e você estivesse sozinha com um homem estranho e tivesse um mau pressentimento. Fiquei atenta a onde eu estava no quarto, e onde a porta estava, procurando uma saída caso precisasse. O outro lado do meu cérebro estava assumindo o controle. Eu não queria que ele se interpusesse entre mim e a porta, não queria ser encurralada num canto. Ele se sentou na beirada da cama e estendeu a mão em minha direção.

— Senti tanto a sua falta.

Não peguei a mão dele.

— Christian... — eu falei séria. "Não vamos por esse caminho. As coisas estão diferentes agora."

— Você não vai nem segurar a minha mão?

Queria tanto abrir aquela porta.

— Você nem vai me tocar?

Pude sentir sua ansiedade aumentando e começando, pouco a pouco, a se infiltrar dentro daquele quarto fechado, como se fosse um gás venenoso num filme de terror. Senti que estava sufocando.

— Christian, você disse que queria me ver. Disse que queria por um ponto final em tudo. — Eu podia ouvir a súplica na minha voz.

— Você acha que nós podemos terminar tudo? Você acha que isso é algo que podemos deixar para trás? Vamos lá, você sabe que pertencemos um ao outro. Você sabe disso.

Agora era ele que estava suplicando. Fui enganada, mas era burrice minha. Por que, por que eu tinha acreditado que seria apenas mais essa vez, a última vez? Tinha sido uma esperança mórbida, a mesma que ele demonstrava agora. Suas mãos estavam largadas no colo e seus braços estavam posicionados de um jeito estranho. Deu para ver alguns arranhões por baixo da manga, como se ele tivesse sido atacado por um gato.

— Sinto muito que você esteja sofrendo — falei e fiquei parada perto da porta. Estava começando a me sentir irreal. Estava analisando tudo, pedaço a pedaço. Seu quarto que eu conhecia tão bem, a cama onde tínhamos deitado juntos, os lençóis de flanela marrom. A estante de livros, onde o CD player e os alto-falantes estavam, um pôster com uma daquelas cabines telefônicas de Londres, uma caneca do campeonato mundial de hockey no gelo, que seu pai verdadeiro tinha lhe dado, e um cinzeiro de golfe da época que seu padrasto o

levava aos campeonatos. Um porta-retratos com a minha foto, que eu dera a ele no último Natal. Eu estava ali, olhando para mim mesma. E debaixo da cama, uma corda, enrolada como se fosse um oito, e presa com um barbante. Uma corda?

— Sofrendo? Sofrendo? Você não faz nem ideia. Isso está me matando. Você está me matando. Você entrou na minha vida e a mudou. Mudança é para sempre. Você representa tudo para mim, e agora quer ir embora? — Ele começou a chorar, a soluçar. — Você não imagina o que está fazendo. — Ele ficou balançando o corpo para frente e para trás.

— Christian... — chamei. — Por favor, não faça isso. Levanta a cabeça.

— Eu falei pra você, eu posso mudar. Do jeito que você quiser. Qualquer jeito. — Seus ombros estavam chacoalhando. Ele estava soluçando muito. Gemendo. Pus meus braços em volta dele. Eu estava me levantando e ele se sentou. Agarrou meus braços e pude sentir suas lágrimas através da minha camisa.

— Você vai ficar bem. — O acalmei. — Vai ficar tudo bem.

— Eu vou ficar bem? — Ele me empurrou pra longe dele. — Você já deve estar se sentindo melhor, não está? Já deve ter partido para outra. Já deve estar dormindo com outro cara.

Tudo bem. Isso já era demais. Dei um passo atrás. As coisas, provavelmente, sairiam do controle. Eu já estava descontrolada agora.

— Claro que não — retruquei.

— Tá bom.

Seu rosto parecia encovado, é o único modo que consigo descrevê-lo. Seu olhar era febril e parecia vazio, como se houvesse um fogo ardendo na entrada de uma caverna escura e vazia.

— Você disse que me amava. Acho que esta palavra não significa o mesmo pra você do que pra mim.

— Significa sim — falei, e minha voz saiu rouca.

— E quanto à nossa casa? — Tínhamos escolhido uma casa para comprar algum dia, bem em frente ao Greenlake. — E quanto a irmos juntos para Copenhague?

— Christian — supliquei.

— Isso tudo não significava nada. Porque você só está interessada em transar com outros caras. É isso que você quer. — E o rosto dele foi ficando cada vez mais vermelho.

— Não — respondi.

Ele se levantou, foi até a janela e se virou para me olhar.

— Você quer transar com outros caras.

— Christian, pare com isso — ordenei.

— Não é verdade?

Queria sair fugindo dali. Queria correr para fora! Uma voz dentro de mim gritava: "Vai para fora agora!"

— Eu vou só...

— Você quer ir embora?

Minha mão já estava na maçaneta da porta.

— Não — falei. — Não vou embora. Vou sair um pouco e já volto.

Minha voz parecia a de alguém conversando com um bandido que está com a arma apontada para a cabeça de um refém. — Vamos dar um tempo e daqui a pouco eu volto.

O som que veio dele... parecia o som de um animal ferido. O rugido saiu da sua garganta como um grito "Sua desgraçada!", e ele cobriu a cabeça com as mãos. Christian enfiou as unhas no rosto, arranhando a pele e deixando marcas vermelhas, longas e horríveis. As mesmas que eu havia visto nos braços dele. Ele mesmo estava destruindo sua própria carne.

— Vou... só vou... — Agarrei a alça da maçaneta e escancarei a porta. Comecei a ir para o corredor, mas ele começou a gritar e eu saí correndo dali. Ele estava deitado no chão e eu estava próxima à escada. De repente, as mãos deles se fecharam em torno do meu tornozelo. Por um instante, ele me agarrou com tanta força que eu quase perdi o equilíbrio. O sapato escorregou do meu pé e eu me desequilibrei e quase caí, mas consegui me libertar — ou foi ele que me deixou escapar? Eu não sei.

— Vá em frente e vá embora, sua cadela! Vá em frente! Vai!

Minhas pernas estavam bambas, meus braços, meu corpo inteiro tremia. Desci correndo as escadas e só olhei para cima por um segundo. Ele estava no

alto encostado no corrimão, com a boca aberta e gritando sem parar. Posso lhe garantir que, naquele momento, eu não escutei aquele lindo sotaque, nem enxerguei aqueles olhos lindos. Ele não parecia humano.

Chaves do carro. Ande. Olhei para cima novamente, a tempo de vê-lo se levantar e subir no parapeito. Ele estava erguendo o corpo para cima, apoiando as palmas das mãos no corrimão.

Escancarei a porta da frente e desci pela entrada dos carros. Minha mão tremia tanto que eu nem conseguia colocar a chave na ignição. Cada pedacinho do meu corpo estava chacoalhando. Estava com tanto, tanto frio, e tremia tanto ao tentar ligar o carro e travar as portas ao mesmo tempo. A rua já estava escura naquela hora. Tranquei as portas, mas não tinha certeza se ele havia pulado do alto da escada, ou se estava procurando as chaves do seu próprio carro para vir atrás de mim.

Um carro buzinou e eu não entendi por quê. Foi então que percebi que estava com os faróis apagados. Olhando pelo espelho retrovisor, todos os carros me pareciam iguais. Talvez ele estivesse lá atrás, misturado aos outros veículos. Estava trêmula e meu coração batia tão forte que parecia querer sair pela boca, e senti uma coisa estranha acontecer, como se estivesse me olhando de fora e vendo essa pessoa que ora era eu, ora não era. Estava apavorada, com medo que ele estivesse atrás de mim, seguindo meu carro. Não quis ir para casa, pois ele saberia onde me encontrar. Com certeza, ele estaria esperando por mim na entrada de casa, ou em qualquer lugar que eu fosse. Então, resolvi continuar dirigindo sem destino e peguei ruas que não conhecia, só para poder despistá-lo. Vi a entrada da via expressa e entrei, começando a ir para a I-90 leste. O tempo todo eu estava apavorada que ele pudesse estar atrás de mim, mesmo mais tarde, quando acabei entrando numa cidadezinha a 40 quilômetros de distância, chamada North Bend. Havia muitas árvores, uma montanha enorme pairando a distância. Não tinha ideia de onde estava.

Encostei o carro na primeira oportunidade que tive, mas não sabia o que fazer. Não parava de ver as pernas dele subindo naquele corrimão. Aqueles ferimentos horríveis, ele se arranhando no rosto, e então me lembrei da corda, que ele guardava enrolada debaixo da sua cama. Eu nunca a tinha visto ali antes. Fiquei imaginado Christian segurando a corda. Precisava chamar alguém. Os pais dele, mas eu não tinha o telefone deles. Se eles foram para o chalé, provavelmente ficariam lá durante todo o fim de semana. Não importava o que Christian dissera. O que ele tinha dito mesmo? Abri meu telefone. Não tinha sinal. Eu não sabia onde estava, e estava tão escuro e ventava tanto por ali, bem mais do que lá em casa. As árvores eram escuras e enormes.

Dirigi em direção à cidade, pelo menos para onde eu achava que era a cidade. Não havia perigo, havia? Eu estava segura mesmo sem saber aonde tinha ido parar? Ele não tinha como saber onde eu estava, mas eu ainda temia que ele pudesse estar atrás de mim. Precisava de um telefone urgentemente. A parte de mim que estivera me guiando antes, agora me dizia o que fazer. Um telefone, rápido. Será que não existiam mais telefones públicos?

A cidade era pequena e antiga. Uma velha cidade de lenhadores, com um velho teatro e um comprido sinal luminoso. Uma sapataria, uma farmácia, e um lugar que vendia munição para armas, sim, eu estava bem distante da cidade grande. Eu tinha dirigido por um bom tempo. Todas as luzes da cidadezinha estavam apagadas e as ruas completamente paradas. Vi um posto de gasolina no final do quarteirão, com uma cabine telefônica no canto externo do pátio. Parecia uma dádiva de Deus. E a luz da rua estava acesa.

Peguei um punhado de moedas na minha carteira, e até elas pareciam irreais. Estava numa cidadezinha qualquer, segurando um punhado de moedas. Eu estava com tanto frio, e tremendo tanto, que as moedinhas balançavam na minha mão. Não conseguia entender o valor delas, o que eram centavos e quais não eram?

Entrei na cabine telefônica, e as árvores estavam balançando e os galhos caindo. Um deles caiu no capô do carro. Estava usando só um pé de sapato e, enquanto caminhava, sentia o asfalto áspero através da minha meia. Nunca tinha usado um telefone público antes, e tentei ler as instruções, mas não entendi nada. Então percebi que para fazer a ligação que eu pretendia realizar, nem precisaria de moedas. Peguei o fone vermelho e grudento, apertei os frios botões prateados quadrados. Lembro-me de sentir a frieza daqueles botões.

Os números 9-1-1 pareciam gigantescos, como uma decisão. Era algo enorme e eu nunca poderia voltar atrás. E Christian nunca mais se recuperaria, porque todo mundo saberia o que havia se passado entre nós. Ele sempre teve medo de que as pessoas ficassem sabendo o que ele tinha feito. E eu também era tão envergonhada quanto ele. Agora, eu estava abrindo todas as portas e janelas e pedindo ajuda para quem pudesse me socorrer. Não existe privacidade numa crise. Ao discar esses números, eu estava revelando mais do que eu jamais revelaria novamente, quer sobre ele ou sobre mim mesma.

Não lembro o que disse, ou da voz do outro lado do telefone, ou a magnitude do que eu estava fazendo. Talvez ele estivesse bem, não é? Uma ambulância iria até a casa dele, com a sirene tocando, e todos os vizinhos viriam para fora ver o que tinha acontecido. Talvez ele estivesse simplesmente sentado no sofá da sala, e me odiaria para sempre por eu ter falado coisas dele para

outras pessoas. Seu comportamento era o maior segredo. Ele nunca entenderia por que eu apertara aqueles botões. Porém, não conseguia esquecer a escada, nem os arranhões, aquela corda, aquele desespero.

Eu falei, eu acho que falei, e então eu desliguei. Achei que iria vomitar. A ambulância iria até a casa dele. Haveria luzes vermelhas piscando na frente da casa dele. Alguém iria bater na porta e levá-lo contra vontade para um hospital. Ele estaria apavorado, irritado, confuso e sem saber o que fazer. Estaria completamente sozinho, e descobririam que ele era louco. Christian seria levado numa ambulância e ficaria sentado sozinho numa sala cheia de caixas de luvas de borrachas, e seringas de injeção, iriam medir sua pressão arterial e fazer perguntas, e um psiquiatra conversaria com ele. E tudo isso porque ele me amava e eu era responsável por ele me amar assim.

Liguei para meu pai. Eu estava com o carro dele, então ele veio me pegar com nosso vizinho, Russ Mathews, que era professor da faculdade. A esposa dele também era, e eles tinham um filho que morava em algum lugar da Califórnia. Russ era gentil e falante, mas, naquela noite, ele estava quieto. Ele deixou meu pai, acenou para mim e deu dois tapinhas nas costas dele. E eu percebi que Russ, a sua mulher e talvez até seu filho na Califórnia soubessem do meu segredo e de Christian, e saberiam o que eu tinha feito.

Meu pai não falou nada, apenas segurou minha mão.

Descemos a rua e ele comentou — Loja de munição? — quando passamos em frente. Como se fosse difícil acreditar que houvesse lojas como essa espalhadas pelo país, como se ele não acreditasse que estávamos numa cidadezinha com este tipo de lojas.

Ele me enrolou num cobertor quando chegamos em casa, me trouxe meias quentes e eu tive que arrancar o cobertor apressada para vomitar.

Voltei e ele me cobriu com o cobertor novamente. É claro que ele fez chá. Queria cobrir minha cara com a coberta, queria me esconder ali para sempre e nunca mais pôr a cara para fora.

— O que vai acontecer com ele? — Eu estava com medo de saber. Tinha medo de que eles deixassem Christian solto, e também ficava apavorada em pensar que pudessem trancafiá-lo em algum lugar. Não tinha ideia de onde ele estava, nem o que estava acontecendo com ele. E ele ainda era aquele cara por quem eu tinha me apaixonado. Que tinha me trazido quatro garrafas de água tônica quando fiquei enjoada, certa vez, porque ele não sabia o que fazer. O cara que adorava sentir o ar gelado que anunciava a neve.

— Acho que vão levá-lo para Harborview — meu pai explicou. — Vou ligar para lá e descobrir o que está acontecendo.

Ele pegou a enorme lista telefônica do armário da cozinha, um livro grosso de páginas amarelas que parecia ter respostas para tudo. Foi até o escritório, fechou a porta e eu fiquei onde estava, com a coberta sobre meu rosto. A tremedeira tinha passado, mas eu ainda estava me sentindo mal com todo aquele horror. Ainda não me sentia eu mesma, nem sabia onde o meu eu estava. Essas eram minhas mãos sobre a coberta. Lembrei-me do meu sapato, uma sapatilha marrom, que ficou para trás, no hall da escada da casa de Christian. Queria pegá-la de volta, queria tanto que ela estivesse aqui comigo, onde era o seu lugar. Ficava mal só em pensar que uma parte de mim estivera naquela casa, como se eu tivesse sido feita prisioneira.

Meu pai retornou e parecia cansado. Passou as mãos pelo cabelo e eu vi o grisalho por baixo. Ele estava segurando os óculos com uma mão.

— Tudo bem — eu falei. — Conta o que você descobriu.

— Aqueles estúpidos — ele falou. — Deixaram que ele fosse embora.

Comecei a chorar.

— Por quê? Por que eles o deixaram ir embora?

— Disseram que ele não era um perigo para si mesmo. Alguém, por acaso, tenta pular o maldito parapeito do alto de uma escada só porque está com pressa? Arranha-se daquele modo? Uma pessoa precisa apontar uma arma para a própria cabeça ou a de outra pessoa para que seja considerado perigoso? Meu Deus!

Meu pai foi para a cozinha, e eu escutei a água escorrendo, o barulho de panelas batendo, e uma colher raspando na xícara.

Ele voltou.

— Precisamos de mais um pouco de chá.

Ele me deu uma caneca e ficou com a outra. Água quente, uísque e mel. Ele costumava fazer isso para mim quando eu estava doente e não conseguia dormir. Senti o líquido quente me relaxar.

— Se aquele maluco chegar perto de você, vou mandar prendê-lo — meu pai falou. — Só para você saber.

Ele deixou a luz do corredor acesa quando foi para a cama, como costumava fazer quando eu era pequena. Tentei dormir, mas não consegui. Christian estava solto por aí, e eu não sabia onde ele estava. Imaginei que ele estivesse sentado na minha calçada, bem em frente a minha casa. Imaginei Christian com a corda no pescoço. Imaginei ele subindo, pé ante pé, a nossa escada.

Sentei na cama, segurei meu travesseiro e fiquei observando o farol dos carros que passavam pela rua, o brilho deles atravessava as persianas da minha janela.

Ouvi uma voz do lado de fora e dei um pulo da cama. Meu coração estava disparado. Alguém tinha gritado, e eu rastejei até a janela para espiar, como se Christian pudesse escutar meus passos. Abri ligeiramente as venezianas e olhei pelas frestas. Vi nosso vizinho, o Sr. Willows, que estava no seu jardim de roupão procurando seu gato Misty. A rua, minha rua, onde o carteiro entregava nossa correspondência, onde eu varria as folhas, onde aprendi a dirigir e onde caminhava na minha volta da escola, parecia um lugar silencioso e perigoso durante a noite. Tentei respirar fundo. Não sabia aonde ir para me sentir segura.

Mesmo durante o dia, a nossa rua nunca mais seria a mesma, nenhuma rua seria. Tudo tinha mudado e ficaria assim para sempre, pois é isso que acontece quando o medo se instala.

Capítulo 18

Contei o resto da história para Finn. Tudinho. Que meu pai contou tudo para a mãe de Christian. Que Christian foi andando, a pé, os 20 quilômetros do hospital até a casa dele, logo depois que foi liberado. Que a mãe dele falou que ele ficava arranhando a pele com as unhas. Que encontraram aquela corda e se preocuparam que ele tivesse tendências suicidas e que ela o observava o tempo todo e estava tentando que ele fosse "ver alguém".

Fiquei sabendo que ele largou seu emprego com o Sr. Hooper. Imaginei o velhinho sozinho, com os livros velhos da prateleira, sem nada novo e interessante trazido da biblioteca de Seattle, esperando a chegada dele. Provavelmente ele estava lá, usando o abrigo e os chinelos. Só de pensar nisso eu fico triste.

Não tive notícia de Christian por algum tempo. Meu telefone estava quieto, não havia e-mails, nem mensagens de texto. Duas semanas mais tarde, as mensagens recomeçaram. Meu pai ligou para o Capitão Branson, e seguimos o seu conselho. Não deveria responder, a não ser mandar um e-mail dizendo para não me procurar mais. E então, algum tempo depois, aquele "alguém" que Christian estava vendo, me procurou. Um tal de doutor Harrelson. Ele me disse que Christian estava sofrendo de uma obsessão, e eu era o objeto dessa obsessão. Eu deveria fazer o máximo para me afastar dele. Não entendi por que ele me procurou, ou o motivo da sua ligação, até Wayne Branson explicar para o meu pai que um profissional de saúde mental tem o "dever de alertar" se uma pessoa está em possível perigo por causa de seu paciente.

Nos meses seguintes, me arrastei durante as aulas do meu último ano de escola. Todo mundo falava sobre a festa de formatura, a colação de grau e em que universidades tinham entrado. E eu só conseguia pensar naquela corda. Ficava imaginando quando o próximo e-mail chegaria, ou uma ligação dos pais dele dizendo que Christian fora encontrado enforcado numa das vigas do salão da área de lazer. Certo dia, a Sra. Kingslet pediu para eu ficar um pouco depois da aula e tentou conversar comigo sobre o que estava acontecendo. Minhas notas estavam caindo e eu estava sempre cansada. Os papéis de entrada nas universidades estavam chegando pelo correio, faculdades aqui de perto e de longe, mas eu perdi todas as datas de inscrição. Era impossível pensar no futuro enquanto tentava e tentava não afundar no presente e no passado.

Colei grau junto com a minha classe. Meu pai estava na plateia junto com nossos amigos Gigi e Lee, que me conheciam desde bebê, mas que eu não via com frequência. Estava imersa num mar de becas púrpuras, chapéus de formatura e flashes de câmeras fotográficas, e só conseguia olhar a multidão e pensar que ele poderia estar em algum lugar me observando. Não parava de lembrar-me daqueles filmes em preto e branco do presidente Kennedy e de Jackeline, andando naquele carro. E de como eles não tinham ideia de que havia um atirador prestes a atirar neles.

Então, no dia seguinte, Christian apareceu na frente da nossa casa, exatamente quando meu pai estava chegando. Ele viu Christian assim que estacionou o carro. Meu pai ficou tão bravo que quase se descontrolou. Ele desceu, foi em direção a Christian e gritou para ele ir embora e ficar longe da gente. Depois que Christian saiu, meu pai ligou para o padrasto dele. "Não quero mais contato nenhum", ele disse. "Não quero mais informações sobre a saúde mental dele. Não quero mais nada." Em seguida, naquele mesmo dia, ele encontrou essa casa em Bishop Rock. Ele queria que a gente fosse embora imediatamente. A gente vê uma coisa estranha nos olhos da pessoa, ele me disse. E percebe que nada mais importa.

— Deus do céu, Clara — Finn exclamou. Ele estava segurando as minhas mãos enquanto sentávamos no sofá macio da casa dele.

Era difícil dizer isso, mas eu precisava, então falei, num sussurro.

— Eu entendo se você nunca mais quiser me ver.

— Clara, o que você quer dizer? Por que está falando isso? — E me olhou firme. Ele realmente não entendeu o que eu estava dizendo.

— Como você pode me querer depois de tudo o que fiz? — As palavras pareciam pedras e espinhos arranhando minha garganta. — Sei que as pessoas falam que não tenho culpa, mas eu tenho. Pensei que você fosse capaz de entender isso.

— Desculpe, mas eu não entendo. Isso não foi sua culpa.

— Foi sim. Eu sei o que as pessoas realmente pensam. O que eu penso. Por que você não fez isso? Por que você não fez aquilo? Por que você não deu um basta nisso?

Finn se levantou.

— Vamos dar um passeio. Que tal a praia? Você trouxe um casaco?

— Sem casaco.

— Não se preocupe, vamos pegar um da Cleo.

Ele procurou rapidamente no armário, pegou sua própria jaqueta e uma coberta da prateleira de cima e me jogou a jaqueta de brim preto da Cleo com "Manny's Tavern" escrito nas costas. Debaixo das letras havia uma caveira com os ossos cruzados.

— Cleo adora piratas — ele comentou. — Ela até que poderia ser um se tivesse o pássaro certo.

O timing foi perfeito, porque, quando abrimos a porta, a gaivota estava parada ali no gramado da frente. Eu não teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos.

— Ela poderia servir — eu disse.

— Qualquer pirata pode ter um papagaio, mas uma gaivota... — Finn falou e segurou minha mão.

Caminhamos alguns quarteirões em direção ao oceano. Ainda bem que estava usando a jaqueta de Cleo. Estava bem frio na praia, e a noite estava silenciosa, a não ser pelo ritmo vagaroso das ondas. Pisamos cuidadosamente sobre as pedras e os restos de madeira. Caminhamos pela areia dura e ficamos olhando o mar. Apenas uma ou outra luzinha vermelha de algum barco reluzia na escuridão do oceano, acendendo e apagando, naquela escuridão sem fim.

— Você sabe — Finn falou. — Eu me culpei quando meu pai ficou doente.

— Ele teve câncer. Você não teve culpa nenhuma.

— Eu sei. Mas ainda assim, sinto essa culpa. Talvez não tenha causado a doença, mas poderia ter ajudado a vida dele de tantos modos, e não fiz. Fui bem malcriado para ele, sabe? A gente não imagina o impacto que temos nas pessoas que amamos.

— Mas eu causei tudo isso. — Eu sabia disso. — Eu podia não ter ido atrás dele aquela noite. Se ele tivesse ficado com aquela outra garota...

— Não teria sido nada diferente.

— Eu provoquei o desejo e a necessidade dele. Eu gostava dessa sensação, entende? Eu criei essa necessidade, essa coisa grande. Foi tudo demais.

Finn parou de caminhar e me abraçou. Ele me olhou fundo nos olhos.

— Clara — ele murmurou. — Escuta.

A gente lê todo tipo de livro e vê filmes sobre um homem que é obcecado e devotado, que tem um foco único, como a luz e a intensidade de um farol. É Heathcliff com a Catherine. É um vampiro com uma paixão mais forte que a morte. Nós desejamos receber esse tipo de foco vindo de outra pessoa. Daríamos tudo para sermos "amados" assim. Mas esse foco não é símbolo de uma devoção perfeita, é apenas a escuridão, e os fantasmas atormentados da escuridão. É estranho, não é, ver uma pessoa com as feridas emocionais abertas, suas necessidades expostas, como no romance? Nós suspiramos por isso, não sei por que, mas quando o conseguimos, é como se uma faca estivesse encostada no nosso pescoço, nas margens do Greenlake. É um poder não desejado, do qual queremos nos livrar. Um poder que se transforma, finalmente, em impotência. De repente, bem ali, na praia com Finn Bishop, aprendi que o amor verdadeiro não é aquele que prende, sufoca, envolvendo os dois numa dança macabra. Não, ele deixa você livre para pisar em chão firme, e para o outro poder fazer o mesmo, com bastante espaço entre vocês dois.

— Preste atenção — Finn falou. — Você pode acreditar no que quiser. Mas eu posso querer você, precisar de você e não agir assim. Eu nunca agiria deste modo, não importa o que você fizesse. O que você está imaginando? Isso tudo tem a ver com o vazio dentro dele, não com o que você tem dentro de si. Concorda?

Ele me deu um abraço e meu nariz ficou apertado no seu peito, sentindo o nylon da sua jaqueta. Respirei fundo para sentir seu perfume.

— Não é arriscado ser você mesma — Finn argumentou. — Não comigo.

**

O jipe de Sylvie estava estacionado na frente da nossa casa quando eu voltei. As luzes estavam mais baixas. Meu pai tinha acendido velas, e eles estavam sentados juntos no sofá, sob a luz amarela tremulante. Ele parecia estar muito bem, certamente. Os dois me olharam como se eu estivesse acostumada a chegar em casa e vê-los sentados juntos e perto um do outro no sofá. Dois copos de vinho estavam sobre a mesa, e só tinha um restinho do líquido vermelho no fundo.

— Clara. Você está de volta.

— Estava na casa do Finn. — Joguei minhas chaves na mesa, mas não tive a intenção de ser grosseira. Elas deslizaram pela superfície lisa e caíram do outro lado.

— Você se lembra da Sylvie. — Foi uma burrice dizer isso e ele percebeu. — Que idiotice a minha — ele se desculpou.

— Oi, Clara — Sylvie falou.

— Roger ficou sozinho em casa? — perguntei. Soou como uma acusação, e eu sabia que Roger não precisava de babá.

— Sempre achei que eles deveriam fazer um "remake" daquele filme com cachorros — meu pai falou. — Esqueceram de mim. Com os cachorros levando a melhor e vencendo os bandidos. Espalhando ração esmigalhada pelo chão? Usando tigelas de cachorro nos pés? Eu ia ganhar mais dinheiro do que com todos os meus livros juntos.

— E claro, com aquela cena hilária quando os ladrões pisam no... — eu acrescentei.

— Eles caem — meu pai interrompeu.

— Melhor ainda — falei.

Sylvie sorriu, olhando para as mãos. Eu estava triunfante, exibindo nossa brincadeira costumeira. Ainda assim, havia algo falso naquilo tudo, me exibindo com ele. Especialmente porque nós não estávamos tão próximos nos últimos tempos, seu mau humor sempre interferindo, como alguma coisa grande nos separando, como se houvesse um convidado bem gordo sentado entre nós, usando shorts e camiseta regata. Feio e dispersivo.

— Vou dormir — falei.

Escovei meus dentes e me deitei nos lençóis frescos. Estava muito cansada. Minha confissão tinha me deixado exausta, como se tivesse nadado por quilômetros e, agora, eu não conseguia nadar mais. Estava cansada demais para pensar em meu pai, minha mãe num hospital ou não, ou até mesmo sobre papai e Sylvie sentados no sofá, e fazendo sabe-se lá o quê. Aos poucos fui mergulhando no sono.

Estava à deriva, e isso poderia ser um daqueles momentos quando você está parte neste mundo e parte no mundo do inconsciente. Apesar de não acreditar nessas coisas, juro por Deus que eu ouvi aquela música. Aquela

música. A nossa música: "The Way She Moves" do Slow Change. "Seus olhos a estão mirando, a ela, a ela…"

Saí da cama. Será que estou ficando louca? Ele tinha encontrado meu número de telefone rápido demais... de onde estava vindo este som? Abri minha porta para ver se a música vinha da televisão, que ficava dentro de uma estante na sala. Ela raramente ficava ligada desde que nos mudamos. Mas só ouvi o murmúrio das vozes de papai e Sylvie, e a risada suave dela. Fechei a porta de novo.

Eu ainda conseguia ouvir a música. Estava acordada e a ouvia. Abri minha janela e juro que a música estava vindo das dunas, de algum lugar bem distante, mas ela flutuava e girava com o vento, e eu não sabia diferenciar o que eram os sons da noite, e o que não eram.

Percebi então que não tinha ouvido a mensagem de Christian, e de repente senti uma necessidade urgente de saber o que ele dizia. Aquela voz, agora com um sotaque rico e gelado. "Não acredito que você pensou que tinha que fugir de mim", ele falou. "Você tinha que sair da cidade? Você sabe que eu nunca machucaria você. Isso seria a última coisa que eu iria querer".

Christian sabia onde eu estava.

Fechei o telefone com força. Sei que era bobagem, mas o escondi dentro do armário, atrás das caixas marcadas "Roupas de inverno" do nosso anfitrião. Joguei por cima uma das jaquetas do dono da casa e fechei a porta. Eu sentia a presença dele, como se alguém estivesse respirando na minha nuca.

Não ouvia mais a música. Talvez Christian estivesse em algum lugar ali perto, ouvindo a melodia de dentro do seu carro. Na mente dele, essa música nos uniria novamente, olhos nos olhos, corpo a corpo. Provavelmente, ele estava estacionado na estrada da praia, com as janelas abaixadas. Mas eu nunca teria certeza.

Capítulo 19

— Desculpe se eu assustei você — Sylvie falou.

— Eu é que peço desculpas — falei. Sylvie tinha falado meu nome e eu dei um pulo, derrubando duas canetas do balcão. Eu estava nervosa. Sentia a presença de Christian por perto, como as almas daqueles que amamos ficam pairando logo depois que eles morreram. Pelo menos é o que dizem.

— Você está cansada — ela falou.

— Não dormi muito bem à noite passada. — Nem ela, mas não falei nada. — Estou com muita coisa na minha cabeça.

Naquela manhã tentei falar com Shakti, mas ninguém atendeu. Tentei várias vezes. Não acredito que ela contou para o Christian onde eu estava, será? Claro que não. Mas ela era a única pessoa que sabia onde eu estava, certo? O Capitão Branson não ia contar nada para o Christian. Talvez eu estivesse mesmo ficando maluca. Ele podia até saber que saí da cidade, mas não saberia pra qual cidade eu fui. Alguma outra pessoa devia estar ouvindo aquela música. Deve ter sido coisa da minha cabeça.

Eu não sabia mais o que era real ou não, o que tinha acontecido ou não, o que ainda poderia acontecer, ou talvez nunca acontecesse.

Uma vez fui com meu pai para uma leitura que Stephen King faria. E depois eles deram uma pequena festa, uma reunião íntima. Ele era provavelmente o escritor mais famoso que eu já tinha conhecido. Algumas pessoas estavam em volta dele, e uma mulher, que segurava uma bebida, perguntou para ele: "o que você considera a coisa mais aterrorizante?". Provavelmente, ele já ouvira aquela pergunta um milhão de vezes antes. Alguém do grupo respondeu: "seu filho ser assassinado". Mas ele balançou a cabeça.

"Não. Entrar no quarto do seu filho e descobrir que ele desapareceu."

Sylvie caminhou até a janela, cruzou os braços e ficou olhando para fora. Ela parecia o meu pai, ele também ficava parado daquele jeito. Dava para entender por que eles se gostavam. Ambos eram uma mistura profunda de pensamentos e sentimentos. Paixão, embora eu estremecesse só de ouvir essa palavra.

— Sei que você não gosta muito de mim — ela declarou.

Olhei para baixo, suas palavras me chocaram. Geralmente escondemos nossos joguinhos, motivações atrás de tons e gestos, falando a verdade apenas pelas costas da pessoa. Mas ali estava Sylvie, falando a verdade bem na minha cara.

— Talvez seja muita coisa para assimilar no momento. Foi tudo rápido demais pra você e pra ele.

— Foi muito rápido apenas para você — ela afirmou e se virou para me olhar novamente. Suas palavras não expressavam raiva, apenas a confirmação de um fato. — Ele tem vivido o luto por muito tempo, e eu também. Talvez ambos estejamos preparados para abandonar isso.

— Você também perdeu alguém? — perguntei. Lembrei-me do homem naquela foto, com a cesta de limões e a casa laranja.

— Um bebê — ela confidenciou.

As palavras dela me espantaram. Tanto que, de repente, ela parecia uma pessoa diferente.

— Sinto muito Sylvie — falei.

— Estava com um homem e ia ter o filho dele, mas ele não queria. Não costumo contar essa história para ninguém, pelo menos não a história toda. Eu fugi para ter o filho sozinha. Queria salvá-lo, e então corri para bem longe, para uma cidadezinha muito, muito pequenininha, San Gemini. Ele não me encontraria lá e eu salvaria meu bebê, você entende? Resolvi fazer tudo sozinha, mas estava muito distante de tudo. O bebê começou a nascer prematuramente. Uma vizinha veio me ajudar, mas não havia nenhum hospital por perto. Não tinha levado isso em consideração, compreende? Não imaginava que as coisas pudessem dar tão errado assim.

— Sinto muito — falei novamente.

— Nós tentamos segurar uma tempestade com as mãos, mas não somos tão fortes.

Concordei com a cabeça. Entendia bem o que ela estava falando.

— Estou começando a pensar que existem dois tipos de pessoas — ela falou.

Esperei.

— Aquelas que se perdoam facilmente, mas não conseguem perdoar os outros.

— E? — perguntei.

— Aquelas que perdoam os outros facilmente, mas não conseguem se perdoar.

**

Tivemos muitos visitantes aquele dia. Um ônibus cheio de pessoas da terceira idade. Mostrei a eles tudo em volta e depois tirei uma foto em frente do farol com todos juntos. Então, um trailer velho e grande chegou com a placa "Capitão Ed". Um homem barbudo saiu com uma câmera pendurada no pescoço e visitou o museu todo, juntamente com uma família que tinha acabado de chegar com duas crianças pequenas. As crianças corriam de um lado ao outro no gramado em frente, gritavam e tocavam em tudo na loja de presentes, e Roger subiu correndo para fugir delas. A mãe só gritava: "Quietos! Quietos!". Fiquei imaginando o Roger cobrindo a carinha com suas patas.

Finalmente, chegou a hora de fechar e eu queria dizer adeus para Sylvie. Ela tinha se aberto comigo, e eu também teria confidenciado minhas coisas a ela, mas não consegui encontrá-la. Ela tinha saído de barco, percebi, apesar de não conseguir vê-la em nenhum lugar na água. Pensei em deixar um bilhete, mas achei que não fazia sentido. "Obrigada por me contar sobre seu bebê morto...". Tranquei tudo e fui embora.

Liguei novamente para Shakti quando cheguei ao carro. Ninguém atendia. Por que ela não estava atendendo ao telefone? Deveria haver um milhão de motivos que não tinham nada a ver com Christian e eu. Você pode ter uma crise na sua vida, algo bem grande, e se esquece de que isso não é tão importante assim para as outras pessoas. Elas estão dando continuidade às suas vidas indo ao shopping, comprando sapatos, indo à manicure e ao McDonald's, enquanto sua vida está desmoronando.

Fui até o ancoradouro e estacionei. Sabia que Finn ainda estaria velejando, então decidi comer um sanduíche no Portside Café. Estava quase chegando ao restaurante quando notei a bicicleta do meu pai amarrada num poste bem do lado de fora. Fiquei surpresa ao ver a bicicleta ali, geralmente ele não saía quando estava escrevendo. Ainda assim, era uma boa surpresa. Ele ia gostar de me ver, eu acho. Ele devia estar lá dentro sentado numa mesa, lendo alguma coisa. Ele ia me oferecer um petisco ou iríamos pedir outra coisa. Precisava contar a ele sobre Christian, e poderíamos conversar também sobre o

que Sylvie me contou. Ou talvez pudéssemos finalmente pôr um ponto final naquele estranhamento que pairava entre nós nas últimas semanas.

Abri a porta, passei pelas prateleiras de jornais e vasos de plantas e entrei no café, que era uma mistura de mesas e assentos reservados, com conversa alta e ruído dos talheres nos pratos, cheiro de carne e cebolas fritas. Olhei em volta e vi a namorada de Jack sentada numa mesa com duas amigas, rindo bastante, e um cara que eu reconheci. Ele também guardava seu barco no estaleiro, acho que o nome dele era Jim ou John. E então vi meu pai. Annabelle Aurora estava sentada na frente dele. Tinha uma pilha de livros na mesa, como se ele tivesse acabado de sair da biblioteca.

Comecei a ir ao encontro deles e então parei. Eles pareciam estar discutindo. Annabelle estava inclinada para frente, com a mão apoiada na mesa como se estivesse defendendo um ponto de vista. Ele estava encostado na cadeira, como costumava fazer quando ficava furioso. As vozes deles se destacaram entre as outras. "Você não sabe... dele". "Você não pode... dela". Alguém deu uma risada alta e as vozes se misturaram, e então voltaram novamente. "É a história dela também, Bobby". A voz de Annabelle era firme, como se estivesse no comando de sua sala de aula.

Voltei em direção às plantas e à banca de jornal. A recepcionista perguntou se eu precisava de uma mesa, e só consegui balançar a cabeça e continuar andando até sair dali. Porque eu pude ver que meu pai não estava mais com cara de bravo, mas agora ele parecia um homem derrotado. Seu rosto murchou e ele parecia ter envelhecido alguns anos. Todo aquele charme, que era a sua melhor característica, parecia ter se esvaído dele. Estava pálido e abatido. Acho que foi aquela palavra, "história", penso eu. Ele parecia ter sido atingido em cheio por aquela palavra, e ver a Annabelle tocar o rosto dele com tanto carinho me incomodou e eu queria dar o fora dali.

Estava tremendo e queria ficar bem longe deles. Eu tinha ouvido as palavras de Annabelle através do ruído dos pratos e das vozes, e não entendi o que elas significavam. Não sabia o que estava acontecendo com meu pai e comigo. Mas eu desejaria voltar três semanas, ou três meses, ou dois anos atrás e começar tudo de novo.

A mudança, eu quase podia senti-la como algo real. Tínhamos cruzado um território onde coisas escondidas tinham se avolumado demais para continuarem escondidas. Tudo bem, então era verdade. Havia alguma coisa importante sobre meu pai e minha mãe que eu não sabia. "É a história dela também". Annabelle estava se referindo a mim. Havia alguma coisa que ela não entendia, no entanto, e eu não queria saber o que ele estava escondendo de

mim. Veja, eu não sou nem nunca fui o tipo de pessoa que quer ser informada que só tem três meses de vida. Eu não gosto de assistir a telejornais à noite, nem aqueles documentários sobre o aquecimento global. Nem histórias sobre uma garota que teve a garganta cortada por seu namorado às margens do Greenlake.

Atravessei a rua e me afastei do restaurante. Liguei para Shakti novamente e ninguém respondeu.

Estava com fome e pedi um X-burger com batatas fritas da Cleo e me sentei numa das mesas de piquenique, fazendo companhia para Gulliver. No entanto, não conseguia me livrar da sensação horripilante de que Christian estivesse ali por perto. Eu sabia que era burrice minha, ele não tinha como saber em que cidadezinha eu estava, havia milhares e milhares de lugares para onde eu poderia ter ido. Apesar disso, eu continuava olhando para trás e checando dos lados. Com certeza, toda essa confusão com meu pai não estava ajudando em nada, especialmente com o fantasma da minha mãe rondando à nossa volta. Tanto faz. Eu estava apreensiva, era aquela energia nervosa, a sensação de arrepio que vem quando alguma coisa está prestes a acontecer. Porém, eu já tinha sentido isso centenas de vezes antes, e Christian não estava ali. Enquanto eu dirigia e olhava no meu espelho retrovisor, ou quando estava no corredor da escola. E, no fim das contas, o carro dele não estava atrás do meu, nem ele estava me esperando ao lado do meu armário.

Finn e Jack e seus passageiros finalmente chegaram. Logo depois, Finn desceu o ancoradouro com as mãos enfiadas nos bolsos da sua bermuda, um sorriso largo e um boné sobre o cabelo desgrenhado. Uma sensação de alegria substituiu imediatamente a sensação de terror que eu estava sentindo. Uma coisa boa, uma pessoa boa, o amor, podem afastar as coisas ruins. Podem deixar de lado um momento ruim ou anos ruins.

Gostava tanto de tudo isso por aqui e do cheiro de Finn, que parecia o cheiro do ar livre. Seu cabelo estava quente pelo sol.

— Humm — falei. — Você.

— Você — ele disse.

— Ah, meu Deus, não me beije; acabei de comer um sanduíche.

— Adoro sanduíche — ele exclamou.

Ele se sentou ao meu lado no banco e eu lhe ofereci minha cesta de fritas. Ele colocou uma na boca. Gulliver ignorou a comida. Na verdade, ele estava olhando a distância, como se tudo por ali o estivesse cansando.

— Senti falta de você o dia inteiro — Finn falou. — Desde antes de eu me levantar da cama.

— Eu também — falei. — Foi a mais longa das manhãs.

— Como estava a fera hoje? — Ele pegou outra batatinha e colocou na minha boca.

— Sylvie? — Não achei certo falar sobre o que tínhamos conversado. Sobre o que Sylvie tinha me contado. Era muito íntimo para se falar em voz alta enquanto tomávamos diet coke num copinho plástico. — Ela estava bem, porém, tivemos um bando de crianças levadas que mexiam em tudo.

— Não diga. No barco acontece a mesma coisa. Os pais ficam bebendo vinho e olhando o pôr do sol e nem se importam com a bagunça que a crianças fazem. Na verdade, tenho que tomar conta de um barco de 70 pés, prestar atenção nas barcas, nas lanchas, lidar com as velas e pajear os monstrinhos para que eles não se afoguem. Não tem problema. Teve notícias do seu namorado maluco?

— Ainda não — respondi.

— Você contou para o seu pai?

— Ainda não tive chance.

— Eu o vi hoje. Ele estava andando de bicicleta. Acenei para ele e ele respondeu. Por falar nisso, minha mãe gostou de você.

— E eu gostei muito dela. Da família inteira...

Ele segurou minhas mãos e me olhou sério.

— Você já pensou em continuar aqui depois que o verão terminar? Você já se formou, não precisaria voltar.

— Nunca pensei nisso como uma opção. Tem a questão da escola, você entende? Tenho que decidir sobre uma faculdade.

— Enquanto você se decide sobre uma faculdade.

Ele estava esfregando seus dedos nos meus e nossas mãos estavam entrelaçadas. Havia um espaço tranquilo entre nós e eu fiquei ali, cheia de esperanças, dei um passo em direção a esse espaço, beijei-o e ele retribuiu o beijo, e foi maravilhoso, por isso não entendi a sensação de mal-estar que tomou conta de mim. Era como se Christian estivesse ali, me olhando beijar outra

pessoa. Lembrei de uma vez quando estávamos sentados na beira da água, em Seattle, numa mesa no Ivar's, comendo peixe e batatas fritas e molho, num dia gelado, enquanto olhávamos os navios e as balsas cruzando a baía. Podia ver sua respiração. Minhas mãos estavam nos bolsos de Christian e ele tinha enrolado seu cachecol em volta dos nossos pescoços e nos prendeu.

Chequei o outro lado da rua esperando vê-lo ali com os braços cruzados em fúria. Ou pior ainda, cobrindo o rosto com as mãos.

— Olhe que burro é esse pássaro — Finn falou. — Todas essas batatas fritas dando sopa e ele só fica olhando Cleo ler o livro dela.

— Talvez ele esteja esperando um convite. Ele é bem mais educado do que o resto das gaivotas.

— Ou talvez ele simplesmente não goste das batatinhas esturricadas que ficaram no fundo — Finn falou e começou a alinhar as batatinhas que sobraram, aquelas mais secas que o pássaro havia rejeitado. Eu sorri. Finn estava fazendo um coração com elas e disse para o Gulliver que ele era um cara de sorte. Nem toda gaivota tinha sua comida transformada em arte. E isso porque ele era um pássaro dedicado e inteligente. Ele não precisaria se humilhar e procurar no lixo.

O coração estava terminado. — De volta ao trabalho — Finn falou. — Tem um monte de turistas hoje.

— Eu sei. Quer fazer alguma coisa hoje à noite?

Ele me abraçou pela cintura e me puxou para perto dele. — Detesto dizer isso, mas eu não posso. Tenho passeios ao entardecer a semana inteira e um "charter" particular de uma empresa hoje à noite. Mas você pode participar do passeio amanhã à noite. Vai ser simples, é o tour tradicional de verão da pousada Capitão Bishop. Eles fazem esse passeio uma vez por mês.

— Tudo bem — aceitei.

— Você liga mais tarde? — ele perguntou.

— Sim — respondi.

Ficamos de mãos dadas e começamos a ir em direção ao final do estaleiro onde o Obssession ficava. Dei uma olhada por trás dos ombros. — Veja — falei e apontei em direção à nossa mesa. Gulliver estava comendo o coração.

— Ei, de nada. Foi um prazer — Finn gritou para ele e eu ri. Se alguém olhasse para a gente agora, isso é o que teriam visto. Nossas mãos juntas e o jeito natural de como nos comportávamos um com o outro. Eles teriam visto minha cabeça se curvar para perto de Finn com alegria, enquanto eu dava risadas. Pareceria que eu já tinha partido pra outra, completamente.

**

Papai não havia chegado quando voltei naquela tarde. O computador dele estava na mesa da cozinha, aberto, mas desligado. Senti um cansaço enorme, como se fosse uma velha de 100 anos, igual às velhas tartarugas marinhas e árvores que ficam em pé por centenas de anos. Entrei debaixo dos meus lençóis brancos fresquinhos, pus o travesseiro sobre minha cabeça e desliguei o mundo lá fora.

Quando acordei, o quarto estava escuro e eu fiquei confusa sobre que horas eram e demorou um instante para as coisas se encaixarem na minha cabeça. Ouvi a televisão ligada e, como mencionei antes, meu pai raramente assisti à televisão. Acho que era algum programa sobre a natureza, com o barulho de pássaros na floresta tropical e dos grilos cantando.

Às vezes, uma soneca faz a gente se sentir pior. Saí da cama e minha cabeça estava zonza e embaralhada.

— Bom dia, flor do dia — meu pai falou. Ele não estava usando óculos, portanto, não viu o lagarto que subia naquele galho. Ele vestia as calças do pijama e sua velha camiseta da campanha do Al Gore de 2000. Eu já o tinha visto sem óculos milhões de vezes, mas ainda assim seu rosto ficava diferente, como uma sala onde mudaram os móveis de lugar.

— Que horas são?

— Pouco depois das 9 horas. Você estava cansada. Pedi uma pizza. — Ele mostrou a geladeira. As luzes da televisão tremularam sobre seu rosto.

— Por acaso estamos economizando energia por aqui? — A sala estava escura e do lado de fora da janela estava mais escuro ainda, só dava para ver a linha rosada do horizonte rompendo a muralha de cinza e se tornando rapidamente negra.

Meu pai acendeu a luz da mesinha ao lado dele. Nós dois piscamos por causa da repentina claridade.

— Não tem necessidade — disse ele.

Ele desligou a luz novamente e foi um alívio. Fui até a geladeira e peguei um pedaço de pizza coberta com plástico numa travessa.

— Humm... adoro pizza fria.

— Seu telefone estava tocando na sua bolsa — ele comentou. — Achei que seu mordomo fosse atender.

— Ah, certo — falei. — Meu mordomo é do tipo silencioso. Ele não diz uma palavra há anos.

Ainda não estava bem acordada, pois eu estava comendo aquela pizza em pé, ao lado da geladeira e brincando sem pensar em nada. Então, eu realmente acordei, porque eu percebi a importância daquela chamada. Podia ser Shakti. Podia ser Christian. Podia ser Finn, embora ainda fosse cedo para ele ter terminado seu trabalho no cais.

— Odeio telefones — declarei.

— Era melhor quando as pessoas não se comunicavam tanto — meu pai comentou. Um inseto nojento estava transando com outro inseto nojento na televisão. — Quando tudo que uma pessoa sentia não era despejado em cima das outras pessoas.

— Obrigada por mencionar isso — falei. Meu telefone estava piscando com o sinal de mensagem urgente. — Merda.

— O quê? — ele falou e se virou no sofá para me olhar. Levantei uma mão pedindo desculpas.

Era Shakti. Escutei a mensagem: "Clara, sou eu. Uma coisa horrível aconteceu. Fico mal só de pensar nisso. Christian ligou aqui quando eu estava fora... e ele falou com a minha mãe. Eu tinha contado para ela, você entende, sobre você... não o porquê, nem nada sobre ele. E ele foi tão agradável com ela, pediu informação... sinto muito, muito mesmo". Ela começou a chorar e eu percebi que ela estava com dificuldade para falar. "Me liga quando puder..."

— Não — murmurei. — Não!

— Clara?

Meu pai largou o controle remoto e veio para perto de mim. Entreguei o telefone para ele e ele escutou a mensagem.

— Clara — ele falou. — Clara! Por quê? Por que você contou para ela?

— Ela não contou para ele. Foi a mãe dela... — Estava com vontade de chorar. Ah, meu Deus. Como fui idiota.

— Meu Deus — meu pai disse e passou a mão pela testa. — Ele pode estar aqui agora!

— Estou tão cansada... — falei.

— Somos reféns. Não aguento mais ser um refém, certo? Isso acaba agora.

Ele bateu o telefone na mesa e abriu um dos armários da cozinha, decidindo o que fazer e fechou a porta com tanta força que ela bateu. Ele se sentou no sofá, clicou nos canais até chegar novamente ao documentário da vida animal. Ele suspirou e pegou minha mão.

— Ah que merda, meu bem.

Não falei nada, apenas segurei a mão dele.

— Temos que ter um plano, Clara. Ele pode vir aqui. Ele já pode estar aqui. Tenho que entrar em contato com o Branson amanhã.

— Desculpe — falei arrependida.

— Você precisa parar de se desculpar e começar a ficar com raiva também, Clara Pea. Sua culpa é uma mentira.

Não sentia que era uma mentira. Minha culpa era tão grande que parecia ter vida própria. Sentia até seu coração bater. Sentei ao lado dele no sofá, encolhi meus joelhos e os agarrei com os braços. A noite chega sob a abóboda celeste, e um mundo escondido se revela... Ficamos olhando sapos e macacos de olhos reluzentes. Olhei para meu pai, observei seu perfil e vi seus olhos suavizarem novamente.

— Vi você no Portside — falei. — Com Annabelle. Eu ia até a mesa de vocês, mas percebi que vocês estavam discutindo.

Ele continuou a olhar para a TV. Seu rosto refletia as cores das luzes da televisão, amarelo, depois verde e branco.

— Nós estávamos — ele confirmou.

— Eu a ouvi falar algo sobre "é a história dela também".

Tinha tanta coisa suspensa no ar entre nós. Percebi que ele iria revelar o que quer que fosse que estivesse suspenso no ar e tudo iria se despedaçar no chão, e eu não estava pronta para isso.

— Pensei que talvez vocês estivessem discutindo sobre seu novo livro ou alguma outra coisa. — eu falei.

— É isso mesmo. — Seu rosto estava novamente com aquele olhar envelhecido que eu tinha visto no restaurante. Não parecia ser a mesma pessoa que agora a pouco estava batendo as portas e gavetas. — Isso mesmo. Minha editora. A história é dela também. A gente discutiu mesmo. Estou tentando decidir se vou concordar ou não.

O programa sobre a floresta já tinha terminado. "A seguir, tubarões mortais!". Ficamos sentados ali e assistimos os enormes corpos pré-históricos se esgueirando em águas profundas. Encontros fatais entre seres humanos e grandes tubarões brancos. Vimos o que acontece quando duas criaturas perigosas se encontram num mesmo lugar, no mesmo momento predestinado.

**

Bem, eu não consegui dormir depois daquela soneca, obviamente. Papai foi para a cama, mas eu fiquei acordada conversando com Finn e assisti a um filme idiota pela metade. Já era tarde quando meu telefone tocou. Ele zumbiu e vibrou em cima da superfície lisa da mesa como um pequeno controle remoto de carro. Shakti. Não fiquei com vontade de responder, até o nome dela estava carregado com as pesadas responsabilidades da amizade. Mas Shakti tinha ficado acordada comigo uma vez, a noite inteira, me ajudando a colorir um enorme mapa da Grécia antiga para um trabalho que eu tinha que entregar no dia seguinte. Ela fora muito séria tentando me ajudar, para que eu entregasse um bom trabalho. Também me emprestava sua jaqueta favorita, quando eu precisava, aquela nova que qualquer outra pessoa seria bem egoísta e não emprestaria. No dia das mães ela me trouxe flores. Quem iria pensar nisso? Ela era esse tipo de pessoa.

— Ah, Clara, sinto muito. Fiquei fora o dia inteiro porque minha avó, Shia, teve um tipo de derrame. Ela está bem agora, já está em casa, mas eu não tinha como ligar. Estou tão mal com tudo isso. Minha mãe foi tão burra e ela também está se sentindo super mal. Ela não para de falar: "ele era um rapaz tão encantador. Eu não sabia. Não sabia.". Ele ligou, naturalmente, perguntando se você estava por aqui. Eu deveria ter dito a verdade a ela há muito tempo, mas você sabe como ela fica histérica com qualquer coisa. Fui tão irresponsável.

Fiquei tão feliz por ter notícias suas que eu disse para a mamãe: "ah, tive notícias de Clara, ela está em Bishop Rock!". E minha mãe falou "pensei que ela tivesse ido para a Europa", e eu respondi "não. Eles alugaram uma casa na praia" — Shakti começou a chorar.

— Foi um acidente — falei.

— Sinto tanto — ela estava soluçando. Eu olhei pra fora, para o mar negro do outro lado das janelas. Uma camada de neblina cobria o chão.

— Você não quis prejudicar ninguém.

— Lembra quando ele checou a quilometragem do seu carro?

— Me esqueci disso.

— Se alguma coisa acontecer com você...

— Nada vai acontecer. Meu pai está aqui e eu vou tomar cuidado. — Shakti parou de chorar, mas dava para ouvir seus suspiros. Ela parecia exausta, pois também tinha tido um dia ruim. — Vamos tentar dormir um pouco.

— A idiota da minha mãe.

— Tudo bem — falei.

— Não disse nada a ela no começo, porque sabia que ela ia ficar apavorada. Não adianta nada tentar proteger alguém.

A conversa com Shakti me desestabilizou. A casa às escuras também. Porém, eu sabia que se acendesse as luzes seria pior. Alguém poderia enxergar aqui dentro, enquanto eu não poderia ver o que se passava lá fora. Percebi que o medo e a culpa são duas emoções fáceis e baratas, sempre prontas e disponíveis, o arroz com feijão entre os pratos mais saborosos do planeta, e que não eram difíceis de preparar, como a coragem, determinação ou arrependimento.

Estava prestando muita atenção a qualquer ruído, e quando você presta muita atenção, provavelmente vai escutar alguma coisa. Um avião passou sobre nossas cabeças, o chão deu estalos. Silêncio e, então, o distante, mas insistente zumbido do motor de um carro. Nos cinemas, alguma pessoa idiota sempre vai lá fora quando escuta um barulho e está com medo. Mas eu abri a porta da frente e saí de casa porque eu não queria mais sentir medo. E ir lá fora foi um ato de confrontação, foi o surgimento da raiva que meu pai disse que eu precisava sentir. Desci a trilha através da grossa camada de neblina. Ouvi o

gemido baixo da sirene do Cabeça de Pombo, pude ver o arco de luz do farol piscando.

Sim, um motor. E agora o balanço dos faróis do carro. Que merda, o nevoeiro estava forte demais para ver o carro.

— Você está aí? — gritei. — Está me vendo agora?

Minha própria voz saiu estridente na amplidão da noite. Então, percebi: estava lá fora vestindo apenas minha camiseta e shorts, numa cidadezinha distante da minha e com a vegetação úmida da praia molhando meus pés. Meu pai estava dormindo lá dentro, na casa do nosso anfitrião misterioso.

Parecia que a fúria estava se desprendendo do centro do meu peito. Senti que odiava Christian. Odiava. Por tudo o que ele tinha feito com meu pai e comigo, e por tudo que ele tinha feito conosco. Eu o tinha amado, me preocupado com ele, e ele tinha sido tão importante para mim, mas agora ele não ia embora e o ódio encheu minha alma.

— Quem dera eu nunca o tivesse conhecido.

Ninguém apareceu de dentro da névoa para responder.

— Você — falei entre dentes. — Foi você quem me traiu.

Capítulo 20

— Eu já disse, Clara. Quando você levar as pessoas ao farol, você tem que trancar a porta quando sair. Você foi a última a sair, você e aquele casal.

— Desculpe, Sylvie. — Roger estava deitado ali com o queixo apoiado nas patinhas, enquanto eu era repreendida. Acho que não iríamos ter nenhum bate-papo pessoal e íntimo hoje, também não iria ganhar nenhuma xícara de chá.

— Isto é minha responsabilidade. Acho que você não está entendendo. — Seus olhos escuros olharam firmemente os meus.

— Sylvie. — Ela já estava falando há cinco minutos. Eu tinha deixado a porta destrancada, certo. Eu errei.

— Não é seguro. Alguém pode se machucar.

— Entendi. — Um tom de irritação surgiu na minha voz. Estava errada, eu sei, mas fiquei irritada.

— Você não entende. Alguém se escondeu lá esta manhã. Acho que ele dormiu lá dentro. Eu o ouvi sair e se afastar em direção às pedras. Roger começou a latir...

Senti um aperto no peito.

— Clara? Você está bem? Você precisa aprender a aceitar uma bronca quando for necessário. Clara?

— Sim. Quem era ele?

— Um garoto, Clara. Um desses rapazes de escola que gostam de beber na praia. É isso que estou tentando explicar a você. Eles fazem festas na praia, bebem e bagunçam tudo por aqui. O que poderia acontecer se algum deles subisse até o topo do farol? Se ele saísse para o deck superior, bêbado, já pensou? Já encontrei garrafas vazias de cerveja pelo chão. Até mesmo uma camisinha! Idiotas.

— Você viu ele?

— Não importa. Ele foi embora. A polícia não pode prender alguém que não está mais aqui. Ele evaporou como fumaça. Tivemos sorte, percebe? Foi por pouco.

— Os jovens sempre ficam por ali — Finn comentou. — Pode ter sido qualquer um, Clara.

— Você está certo — falei.

— Talvez, para ele, basta saber onde você está. Isso não significa que ele esteja aqui.

No entanto, não acreditei em nada disso. Bem lá no fundo, eu sabia. Só posso dizer que eu sentia a presença dele. Como a gente percebe quando alguém nos espia. Do jeito que você sabe quando a pessoa que você ama vai chegar, ou que são eles do outro lado do telefone. Sua família, alguém que você ama, amava... você funciona num outro plano além desse. É o plano que os animais entendem, os cachorros que sentem a doença, os gatos que fogem antes da tempestade e os coiotes que ficam loucos com a lua cheia. Talvez seja um plano onde existam espíritos também. Onde estrelas-do-mar cobrem a praia e a gente ouve as janelas baterem, mesmo sem vento.

Na verdade não sei explicar bem isso. Só posso dizer que não pretendia voltar para casa depois do trabalho naquele dia. Liguei para meu pai, que me falou que estava esperando notícias do Capitão Branson. Falei que estaria de volta depois do passeio ao pôr do sol com o Finn. Fiquei na biblioteca e comi meu lanche lá mesmo, do mesmo jeito que aconteceu quando estava no sétimo ano e todas as garotas brigaram. Sempre que eu me sentia sozinha, a biblioteca era o meu lugar favorito. Sentei num canto, no fundo da biblioteca de Bishop Rock, me escondendo sob a proteção das estantes de biografias, histórias de gente que tinha vivido muito mais do que eu jamais viveria, pessoas que superaram obstáculos. Dava para ver a porta de onde eu estava. Era isso que os caras da máfia costumavam fazer, lembrei que vi isso num filme. Eles sentavam-se onde poderiam ver quem entrava.

A tarde foi terminando. Peguei meu suéter do braço da cadeira e o coloquei nas minhas costas. Saí da biblioteca e fui para a marina.

— Você não acha que vai passar frio? — Finn perguntou quando cheguei. — Ainda estou com o casaco de Cleo.

— Ótimo — respondi.

— Esse passeio é meio idiota — ele comentou —, só para você saber. É um tour que a pousada Capitão Bishop faz todos os meses. Mas você pode ficar com Jack e comigo.

Peguei um assento num banquinho perto da direção. Jack me jogou uma coberta.

— Antes que esses malucos peguem todas — ele explicou.

Ele estava cheio de energia naquela noite, e mais uma vez percebi como os irmãos Bishop eram parecidos, e ao mesmo tempo não eram. A camiseta branca amarrotada de Jack estava metade pra fora dos jeans escuros, o cabelo despenteado e a barba por fazer fazia a gente pensar em lençóis desarrumados e beijos molhados e um toque que era firme, mas ligeiramente descuidado. As roupas de Finn não eram muito diferentes, uma camisa de brim enrugada, com fechos de metal, uma calça jeans e cinto de couro; sem barbear e despenteado também. Porém, os olhos estavam levemente sonolentos, e uma boca que só falava palavras bem pensadas.

Vi quando a perua da pousada chegou ao estacionamento do cais. Os passageiros abaixaram as cabeças e desceram os degraus da van, se juntando como crianças num passeio da escola. O motorista estacionou o veículo e ficou lá para fumar um cigarro. Dava para ver seu braço se apoiando na janela e a fumaça subindo como uma forma visível de alívio. Acho que ele estava feliz de ficar livre da sua carga.

A líder do grupo tinha cabelo vermelho-púrpura, de um tom que não existe na natureza. O cabelo tinha um corte curto e emoldurava seu rosto redondo e cheio de energia. Ela gesticulava, conversava e falava ao mesmo tempo, e carregava uma bolsa enorme. Atrás dela havia um grupo de cerca de 15 pessoas, de todos os tipos, mas a maioria era gente de meia-idade. Uma mulher com o cabelo grisalho e cheio de cachos, usando um agasalho violeta de plush, segurava a mão de um homem atarracado que usava um cinto enorme com uma imponente fivela. Outra mulher com o cabelo grisalho, longo e liso, até a cintura, do tipo que se usava nos anos 1970, caminhava ao lado de uma amiga que parecia uma hippie do passado. Ela usava uma saia marrom de algodão orgânico, porém calçava sandálias extremamente caras. Um homem alto e magro com um suéter grosso levava um caderno. Duas garotas da minha idade, com moletons da escola Bellevue, estavam agarradas dando risadinhas.

— Lá vêm eles — falei para Jack. Finn já estava na rampa, pronto a ajudá-los subir a bordo. — Que tipo de passeio é esse mesmo?

— Meu Deus! — Jack balançou a cabeça sorrindo escancaradamente. — É o pessoal da pousada do Capitão Bishop. Primeiro eles fazem um tour pelo hotel que, supostamente, é assombrado. Visitam um quarto, as acomodações dos velhos empregados da cozinha. Então, eles vão até a casa de William Harvard. Você conhece?

— Não — respondi.

— Ele foi uma das primeiras pessoas a realmente viver aqui, há muitos e muitos anos. É um tipo de chalé, lá em cima, perto das árvores na parte norte da ilha. Assim que a gente sai do Desfiladeiro da Desilusão. Pra resumir a história, ele foi morto e escalpelado por uns índios. As pessoas o veem pairando por lá, movendo as coisas de lugar. — Jack deu uma gargalhada. — Depois disso, eles trazem todo mundo aqui, nós subimos e descemos a costa e tentamos aterrorizar o pessoal.

— Parece que vocês gostam mesmo de fantasmas por aqui — concluí.

— Gostar? Negócios... — Ele fez aquele gesto esfregando o polegar e o indicador indicando dinheiro. — Desde que isso apareceu no jornal Evening Seattle...

— Nada disso é verdade?

— Ah, as coisas realmente aconteceram, isso é verdade. Agora, quem sabe se as pessoas veem essas bobagens ou não? Eu não me importo, é o que eu sempre digo. Você acredita no que quiser, crenças não machucam ninguém. Espere, isso é uma burrice. Crenças machucam as pessoas o tempo todo. Humm, vamos lá, e a religião?

— O racismo? Todos os ismos?

— Sim. Mas vá em frente e acredite em fantasmas, ok? É uma crença inofensiva, que não prejudica ninguém. Essas pessoas não jogam bombas.

Ficamos observando a chegada delas no cais, e a possibilidade dessas pessoas serem perigosas me deu vontade de dar risada. Um deles estava tentando colocar filme na máquina enquanto andava.

— Você nunca viu fantasmas antes? — Tentei fazer uma brincadeira, mas eu realmente queria saber. — Na água? No farol? Na sua própria casa?

— Às vezes encontramos nossa máquina de lavar roupa no meio do quintal, mas é sempre depois da centrifugação.

Dei um sorriso.

— Divirto-me toda vez que eu vejo isso, me lembra um moleque que bebeu demais e acorda sem saber onde está. — O grupo se aproximou. A mulher com agasalho de plush apertou a jaqueta para se aquecer. — Eles vão congelar o traseiro — Jack falou. — OK, tá na hora de bancar o capitão.

Todo mundo subiu a bordo e pegou assento nos bancos almofadados e na proa do barco. Finn desamarrou as cordas e Jack nos conduziu para fora do porto com o motor ligado. O sol estava se pondo, e o céu tinha tons alaranjados. Finn discursou sobre segurança e, então, à medida que nos afastávamos da terra, ele suspendeu as velas. Agarrou a corda com as duas mãos e a puxou para baixo com força até ficar de joelhos. A ponta do lençol branco quase tocava o céu, você podia jurar, se levantando com ruídos e tinidos dos anéis de metal batendo no mastro. Jack estava certo, o dia quente de verão desapareceu assim que a terra se afastou, e o ar imediatamente se tornou gelado.

A guia de cabelo vermelho, Beth Louise, esperou até que estivéssemos velejando para começar a falar. Ela ficou em pé ao lado do leme, permitindo que Jack pudesse visualizar as águas com segurança. Jack e Finn tinham seu próprio meio de comunicação, uma linguagem não verbal de acenos breves, gestos e decisões que permitiam que seguissem em frente com o trabalho.

— Primeiramente, vocês devem saber que a lenda entre os marinheiros é que dá azar ter uma mulher a bordo do navio... — Beth Louise falou e todo mundo deu uma risadinha.

— Tudo bem que dê azar — Jack brincou e os passageiros riram.

— E a morte de um marinheiro, no mar, sempre será vingada, mesmo que seja do outro lado.

Uma das garotas da escola Bellevue deu uma risadinha. Tive vontade de rir também. Finn estava de volta e deve ter percebido minha boca se contorcer. Ele deu um chute leve no meu sapato e arregalou os olhos. Como que, a propósito, o sol desapareceu. O casal mais idoso, que usava roupas iguais, se aproximou mais um do outro e ele segurou a mão dela.

— Você imagina, não imagina, por que as cidadezinhas costeiras e os faróis sempre têm fantasmas? Porque é ali que os mares violentos se encontram com a costa turbulenta, onde navios, cheios de homens, partem deixando as pessoas amadas para trás, testemunhas das tempestades, perdas, e do naufrágio e destruição. Existem centenas de marinheiros bem aqui, bem abaixo de nós nestas águas. Este foi um grande canal marítimo na época dos navios altos, e os

ventos fortes daqui tornavam a passagem mortal. Muitos barcos desapareceram. O SS Highport, o Williamson e o Queen Victoria, só para citar alguns. Não é de se admirar que exista tanta atividade paranormal por aqui. Perdas trágicas e grande medo significam espíritos perturbados.

Beth Louise parou. Não dava para evitar, você tinha que olhar aquelas águas e ficar imaginando.

— As embarcações a vela, bem, vamos voltar para este assunto, porque exatamente agora estamos sobre o ponto de um trágico naufrágio que aconteceu em 1º de abril de 1921, o naufrágio do SS Governor, em que as vidas perdidas não foram de homens do mar, mas sim de uma família. A família Washbourne. Harry e Lucy estavam dormindo numa das cabines e suas duas filhas pequenas estavam na outra. Imagine a noite escura, as águas profundas e o frio intenso, muito intenso. A família estava dormindo profundamente no momento que o capitão do SS Governor confundiu as luzes do barco West Hartland com as luzes do porto, no continente, e avançou em frente até que a proa do West Hartland bateu neles, abriu uma fenda no navio e dividiu a cabine da família Washbourne bem ao meio.

— Ah, meu Deus — a mulher de cabelo comprido falou. A amiga dela cobriu a boca com a mão. Não estava mais com vontade de brincar. A voz de Beth Louise era calma e não dramática. Nada disso parecia besteira. Este foi um evento trágico e real, e a voz dela refletia isso. Até mesmo Beth Louise não era tão tola como pareceu inicialmente.

— A tripulação correu rapidamente para ajudá-los, mas as menininhas ficaram presas, era impossível resgatá-las. A água estava subindo rapidamente, e logo estava cobrindo tudo. Harry foi levado à tona e Lucy, a mãe das meninas que agora estava histérica, foi carregada para cima contra sua vontade. A tripulação lutou para levar, o mais depressa o possível, o restante dos passageiros do navio, que, agora, afundava com rapidez, para o West Hartland. Porém, enquanto eles estavam distraídos no resgate, Lucy se livrou dos seus salvadores e correu para ficar com suas filhas. Ela nunca mais foi vista. O navio afundou em vinte minutos.

Beth Louise estava sombria. Agora as meninas de Bellevue estavam de mãos dadas. O céu estava escuro e uma lua minguante estava pendurada lá no alto. Aquelas ondas escuras pareciam tão, tão frias.

— Dizem que Lucy assombra esta área — Beth Louise falou. — Ela já foi vista inúmeras vezes por marinheiros, pescadores e gente daqui mesmo. O guardião do farol de Cabeça de Pombo daquela época, James Shaw,

testemunhou o acidente. Recentemente, membros da guarda costeira americana fizeram relatórios afirmando terem visto uma mulher de camisola branca pairando por aqui e no farol, aparecendo e desaparecendo. Como se buscasse alguma coisa.

O Obssession deslizava pelas águas, e então Jack gritou "vamos lá!" para o Finn e ouvimos o ruído do estrondo e das velas, enquanto o barco virava para ficar paralelo à costa. Dava para ver o farol à frente e, à medida que se aproximava mais e mais da costa, ele parecia uma visão fantasmagórica, como um cenário para aquela história. Suas altas colunas brancas contavam outra história agora, a de Lucy Washbourne, e outra, a de James Shaw. Sei que era bobagem, mas me arrepiei toda. A história toda era uma baboseira, mas ela foi uma mãe de verdade e suas filhas eram reais. Quando o barco passou lentamente em frente ao farol, lembrei-me de Sylvie lá dentro. Imaginei o que ela e Roger estariam fazendo naquele exato momento. A casa parecia às escuras, e eu pensei na perda pessoal de Sylvie e sobre perdas de modo geral. O que ela faz com a gente. O que até mesmo a expectativa da perda pode fazer.

— E agora vamos falar daquele que é talvez o espírito mais famoso de Bishop Rock, o de Eliza Bishop. O marido dela, Capitão Bishop, foi um dos primeiros líderes da região. Seu navio, Glory, foi atingido por uma súbita tempestade bem ali em frente à terra que tem o nome do pai dele. Foi um vento terrível. A chuva caía pesada e as ondas cobriram o barco; o barco pesado com toda aquela água se inclinou em direção ao mar. Homens desesperados corriam para todos os lados, se agarrando e escorregando pelas tábuas íngremes, gritando. Muitos moradores da cidade assistiram ao terrível naufrágio das janelas do velho salão da prefeitura, que já não existe mais. A própria Eliza correu no meio da tempestade e foi até o salão. Ela viu o navio afundar, e era óbvio que ninguém sairia daquele acidente com vida. Ela pôde ver os homens, e seu marido entre eles, batendo os braços, mas incapazes de se salvarem no meio daquelas águas turbulentas e fora de alcance. Eliza correu de volta até o farol. O guardião tentou impedi-la de subir os degraus que levavam ao andar superior, mas ela saiu para o deck e se jogou nas rochas lá embaixo.

— Ah, meu Deus — exclamou o homem com a enorme fivela.

— Há anos ela é vista no farol, e o fantasma do navio Glory também é visto com frequência, navegando por essas águas, sem ninguém a bordo.

Jack e Finn manobraram novamente, o movimento e o barulho das velas assustaram a mulher das caras sandálias hippies e ela deu um pulo, e em seguida riu de si mesma. Beth Louise ficou quieta e ninguém mais falou também. Parecia que tínhamos que respeitar o local. Eliza e o Capitão Bishop

foram pessoas que viveram e amaram e dormiam juntos na sua cama confortável e segura. As ondas pareciam prateadas com o brilho da lua descendo sobre elas.

Jack girou o barco de volta para o porto, e parece que a atmosfera alegre voltou. Logo estaríamos de volta para a segurança do porto. As pessoas estavam brincando e alguém perguntou aos irmãos Bishop se eles já tinham visto algum fantasma por ali. Jack brincou dizendo que não, que ele não tinha visto nenhum fantasma, mas que uma vez ele viu a Virgem Maria numa concha de madrepérolas.

Tentei me engajar na brincadeira, para ver se melhorava meu astral, mas eu me sentia carregada. A tristeza, a paixão e a tragédia de outras pessoas, nós sentíamos atração por tudo isso, parecia que eram românticos, sonhadores e sinistramente fascinantes. Nós criávamos histórias sobre eles. A gente esquecia, então, que uma garota, uma garota de verdade, poderia ficar às margens do Greenlake com o coração pulsando na garganta e os sapatos enfiados na lama. Você poderia esquecer que a Sra. Bishop pensou que sua vida tinha terminado. Você poderia pensar que o medo de verdade, o perigo verdadeiro, era uma coisa bem distante. Romântico, sonhador e tetricamente fascinante, mas não real, mesmo quando você o sentia, e o telefone vibrava no seu bolso como naquele momento.

Três ligações de Christian e uma do meu pai.

Finn saltou do barco e segurou meu rosto com as mãos.

— Não prestei atenção em nada daquilo, porque o tempo todo eu só conseguia pensar em como você estava linda sob a luz do luar — ele declarou.

Eu sorri.

— Dá um beijo porque é melhor eu voltar para casa — falei.

Ele me beijou. Seu rosto estava frio encostado no meu.

— Obrigado por aguentar tudo aquilo só para ficar ao meu lado — ele falou.

Fingi que também achei aquilo tudo uma baboseira. Não queria confessar como tinha ficado perturbada. — Então, Sr. Finn. O que você acha de tudo isso? Se existem fantasmas, por que eles existem?

Ele deu um beijinho na ponta do meu nariz.

— São pessoas que não conseguem seguir em frente?

— No entanto, sinto pena deles. Eles são atormentados...

— Sim — ele falou. — Mas eles apavoram as pessoas por causa disso. Egoístas.

— É uma metáfora — eu falei.

Mas Finn não se importava com metáforas. Ele me deu outro beijo.

— Quer que eu vá com você até o carro?

Bem que eu queria, mas neguei com a cabeça. Não queria que ele percebesse que o escuro me assustava, assim como o som da água batendo nos pilares do cais, e a madeira velha gemendo e rangendo quando se movia.

— Vejo você amanhã?

— Ótimo — ele concordou.

Fui embora e virei para acenar. Queria ir correndo até meu carro, mas ele estava olhando e seria embaraçoso. Mas era o que eu desejava. Tudo dentro de mim estava me apressando. Destranquei rapidamente o carro, entrei e tranquei todas as portas. A rua estava vazia e silenciosa, com exceção do barulho que vinha do Butch's Harbor Bar quando um casal abriu a porta para entrar. A direção e o assento estavam frios também. Liguei o motor, aumentei o aquecedor e dirigi rapidamente para casa, com meu telefone no bolso da jaqueta de Cleo, com aquelas mensagens de Christian perto demais do meu corpo.

Atravessei a cidade descendo a estrada circular da praia que ladeava a costa. Olhei no meu espelho retrovisor para ver se tinha alguém me seguindo, mas a escuridão se estendia atrás de mim. Vi a casa, nossa casa, situada na ponta da Possession Point, e uma luz amarelada brilhava nas janelas. À medida que me aproximava, um jipe passou por mim. Era Sylvie voltando para casa.

Parei na entrada. Estava saindo fumaça da nossa chaminé. Meu pai tinha acendido a lareira. Um ambiente íntimo, que poderia ser irritante, mas não era. Pensar no calor e no aconchego de casa era um grande alívio, um lugar para me proteger, mas eu ainda não tinha conseguido chegar. A distância entre o carro e a segurança do interior da casa ainda era longa, com um enorme espaço escuro aqui fora, com a vegetação marinha sem fim, tão alta que era possível alguém se esconder atrás dela, com as rochas negras empilhadas e o monte de toras de madeira bem do lado de fora da janela.

Desliguei o motor e olhei em volta antes de sair, e quase corri até a porta da frente. Abri e fechei a porta com força atrás de mim, em segurança. Estava sem ar, sentia o peso no meu peito. Parecia que eu estava afogando, e acho que deve ser essa a sensação.

— Meu Deus — eu falei e encostei a mão no meu peito, como se estivesse sendo perseguida e agora tivesse me salvado. Olhei em volta. O fogo ainda estava aceso e a madeira estalando, mas as labaredas bruxuleavam e diminuíam lentamente. Acho que isso significava que eles tiveram uma longa noite juntos. Havia velas nos candelabros da mesa. A cera derretida e as velas tinham queimado até ficarem uns toquinhos.

Meu pai estava no banheiro. Escutei ele mexer lá dentro. Então, ele saiu, me olhou e seu rosto estava estranho. Seus olhos pareciam inchados. Fiquei feliz de vê-lo, precisava contar uma coisa para ele.

— Ele me ligou de novo. Sei que ele está aqui.

— Vamos na segunda-feira, Clara. Tem um tribunal em Anacortes. Vamos conseguir um mandado de segurança assim que as portas se abrirem. No entanto, tem algo que precisamos conversar agora.

Eu não disse nada. Ainda estava com as costas apoiadas na porta da frente. Entendi uma coisa.

— Não importa qual seja o segredo que você vai me contar, você já falou para a Sylvie, não falou?

— Venha e sente aqui.

Parecia uma deslealdade muito grande ele ter contado para ela antes. Não importava o que era, ele era o meu pai e isso tinha a ver comigo. Não me senti mais segura ali. Lá dentro, lá fora, nenhum lugar parecia seguro.

— Não quero saber seu grande segredo.

— Clara Pea.

— Não me chame assim.

— Eu devia ter te contado isso há muito tempo, mas não consegui.

Ficamos ali parados. No cinema, você sempre vê as pessoas se sentando para ouvir uma notícia bombástica. As pessoas sempre falam isso também, elas insistem para você se sentar antes que a bomba estoure. Mas é mais difícil escapar dali se estiver sentada. Estando de pé é mais fácil na hora de fugir.

— Sua mãe...

— Não quero saber.

— Menti para você. Tenho centenas de boas razões para justificar isso, mas isso não muda o fato de que eu nunca lhe contei a verdade.

— Não preciso saber a verdade.

— Clara, por favor. — Não queria que ele falasse nada, mas ele precisava contar. Dava para perceber. As palavras o pressionavam por dentro há tanto tempo, tanto tempo... como a vergonha também faz. As palavras finalmente precisavam ser ditas, elas estavam pressionando para sair. Ele estava acostumado a criar palavras com as pontas dos dedos todos os dias, em páginas que eram lidas por milhares de pessoas, mas estas palavras secretas permaneceram lá dentro, onde não era o lugar delas, crescendo e aumentando de tamanho, até ficarem maiores do que ele.

— O problema é seu — disse.

— Ela não morreu de aneurisma — ele confessou.

— Não — falei e balancei a cabeça. Estava me sentindo enjoada. Continuei a negar com a cabeça. Não queria ouvir o que meu pai estava dizendo. Não queria saber a verdade.

— Viajamos no final de semana para uma casa de praia. Perto daqui, não aqui.

— Você foi para uma casa de praia quando ela morreu, para se recuperar do choque.

Ele começou a andar de um lado a outro. Passava a mão constantemente pelo cabelo.

— Estávamos tendo dificuldades no nosso relacionamento. Eu tinha... tinha me envolvido com... uma mulher. Com mulheres. Rachel...

Um soluço escapou de sua garganta e ele engoliu fundo. Ele estava lutando para conter as lágrimas. Dava pra sentir minha tristeza crescendo dentro de mim e ameaçando transbordar.

— Ela descobriu. Descobriu tudo. Deu tudo errado, só eu sei. Pensava que eu era o "gostosão", entende? Meu livro... o primeiro livro. O Senhor Poderoso.

Ele cobriu os olhos com as mãos, soltou a respiração e sacudiu a cabeça.

— Ela sempre teve dificuldades, era deprimida e frágil. Eu estava cansado. Sentia que ela estava me puxando pra baixo... e ela sabia. Ela tinha que saber, pois a gente brigava o tempo todo... Aquele fim de semana era para ser nossa última tentativa de fazer nosso casamento ir em frente... Que fim de semana, hein... Nós estávamos sentados tomando uma bebida, bem, eu estava bebendo alguma coisa e de repente senti que não queria mais tentar, que estava cansado daquilo tudo. E eu falei para ela, "Quero me separar".

— Não — sussurrei. — Não fale nada. — A angústia tomou conta do meu peito e comecei a chorar. Olhei para o chão, para as tábuas de madeira que se encaixavam umas nas outras. Meu peito parecia que ia estourar. — Por favor — falei.

Ele estava lutando consigo mesmo.

— Ela ficou parada sob o umbral da porta. Ficou ali, simplesmente parada, e depois saiu em desabalada carreira. Pensei que ela estivesse indo embora, que estivesse se afastando por um tempo. No entanto, ela entrou num barco. Acompanhei pela janela. O barco estava ancorado bem na frente da casa, na praia. Um barco pequeno. Ela o arrastou para a água...

Cobri meus ouvidos com as mãos. Estava chorando descontroladamente e balançava a cabeça sem querer acreditar em tudo o que estava ouvindo, mas, ao mesmo tempo, parecia que eu tinha algo gravado na memória, como se já soubesse disso há muito tempo e estivesse escutando tudo novamente. A nova verdade estava me estraçalhando por dentro, e ainda assim era uma sensação que eu já conhecia também. Um fato horrível, uma verdade feia que estava se elevando vagarosamente e se revelando novamente, anos mais tarde, por detrás de uma máscara.

— Ela entrou naquele barco. — Ele deu um gemido de dor. Um ahhh de puro sofrimento. — Meu Deus. — A voz dele estava rouca. — Fui atrás dela, mas ela já tinha ligado o barco e eu ouvi o barulho do motor. O barco estava indo embora... e eu fui atrás dela, dentro da água. Vestido. Corri e as ondas batiam na minha cabeça e minhas roupas ficaram pesadas debaixo da água, e eu continuei gritando e gritando para ela parar, mas o barco continuou a avançar. Estava bem longe, mas ainda dava para vê-lo. Ele subia e descia das ondas, eu gritava o nome dela e estava engolindo água, foi então que vi ela se levantar e saltar pelo lado.

Ele começou a soluçar e colocou a mão no rosto.

— Rachel, meu Deus.

— Não.

Vi o barco na minha mente, castigado pelas ondas violentas. A mulher que era minha mãe, não se importando com mais nada. E me vi na minha própria cama em casa, com uma babá assistindo à TV. Ela entrou naquele barco consciente e não se importou com mais nada.

Meu pai limpou as lágrimas com as pontas dos dedos, respirou fundo e soltou a respiração.

— Eu errei. O que eu fiz foi errado. Clara, eu sei disso. Sinto muito.

Eu estava soluçando e me sentia separada do meu corpo e da minha vida e não sabia mais o que era real e o que não era, porque eu não entendia mais quem ela era, ou quem ele era, ou o que nossa vida tinha sido, portanto, eu nem tinha certeza mais quem eu era e o que tinha acontecido comigo. Senti tudo dentro de mim girar, e meu pai chegou mais perto para me abraçar. Só que eu não queria ficar perto dele, mas ao mesmo tempo isso era tudo o que eu queria, porque, na verdade, nós só tínhamos um ao outro. Ele era a minha família e eu a dele, e minha mãe tinha sido parte das nossas vidas. Ele estava respirando com dificuldade e eu sentia seus braços me apertando, e aquilo que aconteceu com Christian parecia tão distante, mas também mais perto do que nunca. Apesar dos meus soluços incessantes, eu compreendia, agora, porque meu pai tinha insistido para que a gente fugisse. Talvez meu medo não tenha sido real, mas o dele era, tão real quanto a água encharcando as roupas dele, os seus gritos e o barco distante demais para ele alcançar. O medo era o maior dos mentirosos, ele tinha dito. Mas acredito que, algumas vezes, o medo também contava a verdade.

A voz dele soou frágil e parecia vir de um lugar bem distante.

— Tinha que ter sido honesto com ela — ele confessou. — Mas até que ponto eu teria que ir? Será que eu deveria ter segurado a vida dela em minhas mãos?

Ficamos ali abraçados e ele me ninou como se eu ainda fosse uma criança. A casa estava silenciosa, com exceção do tique-taque do relógio. Qual era a obrigação dele? Era o que ele precisava saber e eu não tinha resposta. Nenhuma. Choramos juntos e nos apoiamos um no outro porque éramos dois marinheiros sozinhos num barco, em alto-mar. Estávamos exaustos. Tínhamos nos afastado da porta, estávamos dentro daquela casa, e, apesar de tudo, era bem melhor do que estar do lado de fora.

— Mas por que viemos para cá? — perguntei. — Por que viemos para beira-mar?

Ele segurou meus braços e me olhou.

— Não sei.

Ele sussurrou essas palavras. Eu olhei de volta nos olhos dele e percebi que o estava vendo, que o estava enxergando pela primeira vez. Por inteiro, não o homem brincalhão, não o autor, não o pai, mas o homem. Ele se parecia muito comigo. — Talvez seja por isso mesmo — ele explicou. — Talvez por causa deste lugar.

Claro que eu não dormi. Fico imaginando que lugar é esse que fica entre nossos sonhos e a realidade. Estava nauseada com a tristeza. Enjoada com o que ele tentara esconder de mim e com a culpa dela. Passei a noite com as imagens rodando pela minha cabeça, braços e pernas se agitando na água, atormentados pelo egoísmo. As obrigações que deveríamos ter em relação aos outros, misturadas com aquelas que não deveríamos nunca, jamais, sentir.

Capítulo 21

"Muitas crianças", Christian tinha falado.

"Ah, é mesmo? Você vai ter muitas?"

"Todas vão ser parecidas com você."

"Ótimo. Vão ter meu nariz."

Ele enfiou os dedos pelos meus cabelos e ficou segurando uma mecha. Estávamos deitados novamente na coberta perto do velho Denny Hall do campus da Universidade de Washington. Era verão. Sua pele estava quente em contato com a minha, onde nossas pernas se tocavam, e seu hálito tinha um cheiro doce como o do suco que estávamos dividindo. Seus lábios estavam grudentos quando ele me beijou. Nós nos beijamos novamente porque era meio engraçado sentir aquela coisa grudenta. Não dava pra eu não me derreter olhando para aqueles olhos que me fitavam com tanto amor. Tentei devolver esse calor para ele. Este tipo de amor que parece uma promessa, e então fiz uma verdadeira.

"Prometa que você vai sempre estar ao meu lado", ele falou.

"Neste lugar? Você vai ter que me arranjar comida. As pessoas terão que vir me visitar."

"Aqui." Ele levantou o rosto demonstrando que era ali, nos olhos dele, ao lado dele, onde quer que estivéssemos. "Prometa que você vai ficar."

"Isso é fácil", falei. "Eu prometo, claro que prometo."

"Sempre. Vai ficar para sempre?"

"Sempre."

Reconhecemos uma promessa como se fosse uma lei pessoal e consideramos as pessoas que não as cumprem criminosos da vida íntima. Pensamos nisso automaticamente. É uma daquelas verdades que existem pura e simplesmente: quebrar uma promessa é uma coisa ruim, muito ruim. Uma promessa pode ser leve como palavras sussurradas ou solenes como um voto de casamento, mas nós a enxergamos como algo puro e intocável, e isso não poderia ser diferente. Mas se uma promessa é uma lei pessoal, um contrato, então ela deveria ser elaborada em letras pequenas, com regras e condições,

com promessas dentro de promessas, e quer a gente goste ou não, deveria ser alguma coisa que pudéssemos resgatar, que devêssemos resgatar, caso essas regras fossem violadas. E se uma promessa fosse feita com cuidado, ela deveria ser aceita com mais atenção ainda, e com o contrato inerente de que ela é condicional. Porque fazemos essa promessa de boa-fé, debaixo de uma árvore no verão, ou numa igreja ou no escuro, de mãos dadas. E então chega o outono e o inverno e o ciúme sombrio, ou a depressão infindável, ou um milhão de outras flechas envenenadas, e tornam você prisioneiro dessa promessa. Promessas dentro de promessas já foram quebradas, mas é complicado demais para um coração indomável aceitar esse fato. Traição é uma via de mão dupla.

Quando eu pulei da cama na manhã seguinte, meu pai estava sentado no deck dos fundos da casa segurando uma xícara de café e admirando o oceano. Meu Deus, ele parecia tão cansado. Sei que a gente envelhece à medida que a vida passa, mas olhando para ele agora, tenho certeza de que ele envelheceu instantaneamente da noite para o dia. Dava para perceber isso, as pequenas e as grandes coisas, ele tinha procurado 925 lugares para estacionar o carro e teve 42 resfriados; tinha consumido 120 jantares e tinha tropeçado em 7 ou 8 raízes de árvores e ficara 360 noites sem dormir. Ele tinha perdido contato com 12 amigos e desligou o telefone na cara de 56 agentes de telemarketing e se atrasou e ficou preso no tráfego 400 vezes. E teve muitos dissabores, tantos que não dá para contar, ficou com o coração partido, perdeu um pai, sofreu infinitamente uma tragédia, e, agora, parecia que tudo isso estava cobrando seu preço, enquanto ele estava ali, sentado, segurando uma xícara.

Dei um tchau. A casa ainda tinha o cheiro da fumaça da lareira acesa na noite anterior. Não estava com vontade de conversar nem de ficar em casa, precisava sair, mesmo que isso significasse que eu encontraria Christian. Não parava de pensar na minha mãe e na história que tinha sido a minha história durante quase minha vida inteira, mas que só agora se tornara verdadeira. E eu não sabia o que fazer com isso.

Parei o carro no estacionamento do farol. Sentia aquela ousadia e coragem que vem antes de a gente desabar. A falsa coragem de dizer "eu não me importo". Se Christian estava me vigiando, se ele aparecesse ali, naquele momento, eu iria acabar com ele e falar tudo o que eu sentia. Vá em frente e tente me magoar, porque eu não estava mais sentindo nada, era o que eu me dizia. Como se minha mão estivesse mergulhada na neve e eu sentisse, inicialmente, o frio agudo e a dor pungente, mas, depois, sentisse apenas o calor e nada mais.

Entretanto, estaria mentindo se não olhasse para os lados à procura dele, enquanto tentava descer pelas rochas até a praia e a casa de Annabelle Aurora. Tinha ouvido o telefone vibrar na mesinha de cabeceira durante os momentos em que me virava na cama sem parar, e ele estava tocando novamente dentro da minha bolsa. Não sabia se era Christian, ou Shakti, ou até mesmo Finn, mas nem olhei.

Dava para perceber que as nuvens não se afastariam e que não veríamos o céu azul de verão naquele dia. Parecia que as nuvens tinham vindo para ficar. Estava frio lá embaixo, perto da água. O céu escuro deixava tudo cinzento; a água estava cinza e até mesmo a praia e as casas pareciam sombrias. Estávamos acostumados a este tipo de tempo no noroeste, o jeito como o cinza se firma e muda tudo em volta. Nosso clima era temperamental. Nós aceitávamos e vivíamos com isso pelas mesmas razões que as pessoas vivem com alguém temperamental: quando ficava bom, era bom pra valer.

Mas, naquele momento, tudo estava cinza. Gelado. A água não parecia convidativa, mas sim melancólica e irritadiça. O vento até aumentou um pouco de intensidade, elevando as ondas e curvando a vegetação marinha. Caminhei mais depressa e apertei meu suéter em volta de mim.

Annabelle Aurora. Bati na porta e ela apareceu usando um quimono esquisito, sem maquiagem, com o cabelo grisalho despenteado e com a aparência cansada e perturbada. Ela colocou a mão no cabelo quando me viu, e percebi imediatamente que ela devia ter sido uma pessoa bem vaidosa no passado (ou ainda era), alguém que cuidava da própria aparência.

— Clara — ela falou. — Não estava esperando ninguém...

— Posso entrar?

— Claro. — Ela deu um passo ao lado. — Vou me trocar...

— Eu não ligo — respondi.

— Tudo bem. Vou preparar um pouco de chá.

Sentei no sofá e fiquei observando o vento fustigar lá fora enquanto ela se movimentava pela cozinha. Ela voltou com duas xícaras descombinadas, sentou-se ao meu lado e dobrou o quimono para cobrir os joelhos.

— Você conhecia os dois. Você conhecia minha mãe — falei.

— Vocês dois conversaram — ela afirmou. Seus olhos eram azuis como safiras.

— Por que você sabia o que tinha acontecido? Todo mundo sabia menos eu?

— Nós éramos íntimos naquela época — ela explicou. — E bem antes daquilo também. E ele precisava contar para alguém. Acho que ele contou para a família dela. Sua avó, seu tio. Eles mal se falavam.

— Vocês eram amigos íntimos — falei.

— Sim.

Fiquei imaginando o grau de intimidade entre eles. Há muitos anos ela não devia ser tão velha. E a intimidade não era tão surpreendente assim.

— Você conheceu a minha mãe.

— Conheci. Não muito bem. Eu a encontrava quando ia à cidade. Eu a vi brevemente, antes deles se casarem. Eu fui ao casamento.

— Ela era uma pessoa deprimida? — Minha voz quase não saía e começou a tremer. Estava frágil.

— Às vezes. Dava para sentir como ela era delicada. Tinha os pulsos tão pequenos... — Ela fez um círculo com o dedão e o indicador. — Ele gostava do jeito dela, eu acho. Isso fazia com que ele se sentisse... importante. Não apenas no tamanho físico, entende? Mas no seu íntimo.

Talvez eu soubesse como ele se sentira. Eu também tinha me sentido importante e poderosa com o Christian. — O que aconteceu, então? Se ele gostava tanto dela?

Ela pensou um instante e falou gentilmente: — Talvez ele tenha parado de se sentir importante. Talvez ele simplesmente tenha se sentido, não sei, sobrecarregado.

— Nunca pensei nela deste modo.

Eu só a via nas fotografias, as fotos em preto e branco dela e do meu pai parados numa ponte sei lá onde. Estava chovendo e os olhos dela estão fechados, mas o rosto está voltado para cima como se ela estivesse gostando da chuva e sentindo a presença dele ao mesmo tempo. Parecia uma foto alegre.

— Ela não era o tempo todo deste jeito. Uma pessoa nunca é de um jeito só. Ela dava risadas, e tinha uma risada gostosa e um olhar profundo e sabia fotografar.

— Sabia disso.

— Uma excelente cozinheira. Uma vez, quando eu estava visitando, ela fez um suflê de queijo e ele murchou, pareceu que ela ia chorar. A mesa estava posta com arranjos coloridos e pães caseiros... ela ficou furiosa consigo mesma e jogou umas caixas de cereal em cima da mesa com força. Acho que aveia também. Colocou tigelas e um litro de leite. Ele queria que ela relaxasse e risse do ocorrido e falou que o que importava era a companhia. Ele parecia amá-la muito, Clara. Você devia saber disso.

— O que ele fez foi errado.

— Sim.

— O que ela fez foi errado.

— Muito.

— Por que ela fez aquilo, Annabelle?

— Algumas coisas não têm resposta — Annabelle respondeu.

A tristeza começou a crescer dentro de mim, a subir pela minha garganta, pelos meus olhos e irrompeu como uma onda reprimida que estivesse esperando até agora para arrebentar. Doía demais.

— Ah, Clara — Annabelle falou e me abraçou. Chorei nos seus ombros porque era um ombro feminino, um ombro de mãe. Solucei ali mesmo. — Clara — ela falou.

— Ela não amava... — Não conseguia falar, mas eu precisava saber. — Eu? Ela não me amava?

— Querida.

Não conseguia respirar. A aflição tomou conta de mim.

— Não o bastante? — Não disse a palavra "eu" de novo.

— Algumas vezes, nada parece ser o bastante para algumas pessoas. Nada. — Ela segurou meus braços e me olhou firmemente nos olhos. — Você sabe disso. Você teve essa experiência.

Ela segurou minhas mãos. A velha Annabelle Aurora, com seu relacionamento estranho e desconhecido comigo, meu pai, minha família. Ainda assim, eu sentia sua presença ali para me apoiar. Sua firmeza. Até mesmo seu amor. Talvez tenha sido isso que ela dera ao meu pai.

— Por que ele não me contou? — Eu precisava saber. Ela devia saber qual a razão.

— Talvez ele achasse que você não suportaria saber o que você soube agora — ela declarou.

**

— Finn está tentando falar com você — Cleo disse. Ela estava mastigando a ponta de um canudinho enfiado num copo de refrigerante. — Ficou preocupado quando você não apareceu hoje à tarde. Eles não vão velejar esta noite, está ventando demais. Ele foi até a pizzaria comer alguma coisa, e depois ia para casa. Nossa, menina, você tá com uma cara horrível, sem ofensa.

— Hoje foi um daqueles... — Não sabia o que dizer. — Dias. Acho que vou tentar alcançá-lo.

— Boa ideia — ela falou. — Pizzaria do Vince, ali na esquina, tá?

No entanto, fiquei ali parada e olhei para a gaivota Gulliver, que olhava para longe como se estivesse tentando descobrir o sentido da vida.

— Meu perseguidor — Cleo falou sobre Gulliver. — Ah, que merda, sou mesmo uma idiota. Sinto muito.

— Pelo visto você já está sabendo — eu disse, e não soube como me sentir em relação a isso. Senti algo se revolver dentro de mim. Acho que era raiva, afinal de contas era a minha vida pessoal. Meu problema.

— Querida, acho que ele contou para todo mundo da rua para que eles ficassem de olho, caso esse idiota aparecesse. Finn cuida daqueles que ama.

A raiva foi embora no mesmo instante. Você podia gostar demais de alguém para manter um segredo, mas também podia gostar bastante para contá-lo.

— Tenho que ir agora — disse.

Queria muito encontrar Finn. O cais estava uma balburdia de barulhos, aros de metal da vela batendo nos mastros, o balançar dos amortecedores dos barcos de encontro à doca, o assobio estridente do vento. Queria me apressar também. O vento me fez querer me apressar. Só havia algumas pessoas ali fora e quase não tinha ninguém dentro da pizzaria do Vince, com exceção das pessoas que trabalhavam lá e de Finn, que estava sentado num dos reservados. Era assim que as pessoas se comportavam numa tempestade, eu acho. Elas

ficavam em casa. A garçonete do Vince estava sentada num banquinho assistindo à televisão que ficava elevada. Era alguma reportagem sobre o tempo. Tinha uma repórter segurando o microfone com a mão e o cabelo voando. Finn estava segurando o telefone e escrevendo uma mensagem. Eu o surpreendi — ele me olhou e deu um grande sorriso.

— Acabei de te mandar um texto.

— Que bom — respondi.

— Clara? Você está bem?

— Aconteceu muita coisa.

— Tudo bem. Espere um pouco. — Ele saiu do banco, foi até a garçonete e conversou com ela. Ela se levantou e foi para os fundos. Finn retornou.

— Pedi para embalarem, tudo bem?

— Tudo bem. — Ele colocou seus braços em volta dos meus ombros e ficamos ali na pizzaria com as toalhas de plástico vermelho. Recostei minha cabeça no peito dele.

Ficamos assim alguns instantes, até Finn dizer: — Vamos.

Fui com ele até o balcão, onde ele pagou a conta e pegou a caixa da pizza. Fomos pra fora juntos, com meu braço enfiado no dele. O vento tinha aumentado e meu cabelo soprou no meu rosto.

— Está frio demais aqui fora — Finn falou. — Quer ir para minha casa?

Queria ficar sozinha com ele. Não estava com vontade de ser educada e conversar com mães, irmãos ou vizinhos que pudéssemos encontrar.

— Meu carro? — falei.

— Quer ficar sozinha — Finn admitiu. Ele entendeu.

Fiz que sim com a cabeça. Fui até onde tinha estacionado o carro, destranquei as portas, e depois que entramos as tranquei de novo.

— Já te falei que este é meu restaurante favorito? — Finn falou. Pusemos nossos bancos para trás e ele equilibrou a caixa entre nós. — Quer jantar?

— Vá em frente.

Ele colocou um pedaço num guardanapo. E me lembrei daquela vez com Christian, em frente à lareira da minha casa. "Vamos tentar lembrar todas as vezes que já comemos pizza?"

"Todas às vezes?"

"Todas."

Christian estava sorrindo. E então falei despreocupada, "Pagliacchi Pizza. No carro, com... espere. Agora não é minha vez."

Lembrei como seu rosto tinha se transformado. Como ele passou de maravilhoso para alguma coisa horrível que eu queria ficar distante. "Não suporto a ideia de pensar em sua boca beijando outra pessoa. Sem nem pensar em outras coisas."

— Está sem fome? — Finn perguntou.

— Cansada — falei. — Demais.

Ele dobrou o resto do seu pedaço e o colocou na boca, colocou a caixa no banco de trás, e me puxou para perto dele.

— Acho que vou deixar para mais tarde. Venha aqui.

Arrumei-me no banco.

— É complicado.

— Ah, você está bem? Olhe só, nos ajeitamos.

Ele colocou sua mão no meu rosto e me puxou suavemente de encontro ao seu peito, para que eu pudesse descansar ali. Ele fez cafuné nos meus cabelos, do jeito que a gente faz para um bebê dormir. Não queria conversar e contar o que eu descobri sobre a minha mãe. Não queria falar nada. Pensei que meu pai estivesse certo então, que, às vezes, existem palavras demais e sentimentos demais para serem extravasados. Só queria ficar ali quietinha com o Finn. Era bem melhor do que uma montanha de sentimentos falados.

Observei as árvores balançando com o vento. Algumas gotas grossas de chuva caíram no para-brisa e no capô do carro.

Lembrei-me de outro carro, numa outra noite.

"Não quero perder você".

"Porque você iria me perder?"

— Clara? — Finn sussurrou. — Sei que estamos apenas nos conhecendo, e não devemos dizer coisas importantes, sei que existem regras e coisa e tal... acho que estou falando coisas sem sentido.

Não disse nada. Fiquei com a minha cabeça quieta sentindo seu peito se elevar e abaixar com o peso da respiração. — Mas sabe o que mais? Coisas ruins acontecem também, e ultimamente, eu ando pensando em como tudo é frágil. Desde que meu pai morreu, como as coisas andam depressa, com que rapidez tudo pode mudar, e eu não estou a fim de entrar num jogo babaca e seguir um monte de regras mais, ok? Quero que você saiba que qualquer que seja a palavra mais apropriada para o amor agora... é essa palavra que eu quero dizer para você.

Sorri com o rosto enfiado no peito dele.

— Eu não me importo com a palavra, e quero dizer o mesmo para você também — declarei.

Ele me beijou e eu correspondi, e foi uma estranha mistura de sensações de tristeza e alegria, passado e presente, e a vida acontecendo sem palavras para explicá-la. Apenas isso, de forma grandiosa. Nós nos mexemos e eu o encarei, e ele me segurou, e nos beijamos por um longo tempo, e ele afastou o colarinho da minha camisa um pouco, para que meu ombro ficasse nu e ele pudesse beijá-lo também, como se fosse algo precioso. Desabotoei sua camisa e encostei meu rosto no peito dele, e isso foi tudo o que fizemos. Se tivesse alguém nos observando naquele momento, ele teria visto meus ombros nus, sua boca tocando minha pele, e nada mais. Poderia parecer que sim, mas não houve nada mais.

Depois de certo tempo, nos separamos. Era melhor ficar desejando mais do que fazer muito.

— Posso ir até sua casa mais tarde? — Finn pediu. — Talvez depois que vocês jantarem?

— Vai ser ótimo — eu disse e falei sério. Não suportava a ideia de pensar que eu e papai iríamos ficar sozinhos a noite inteira com toda essa história entre nós.

— Você deveria ficar aconchegada na sua casa. Vai ser uma noite bem ruim.

— Talvez você devesse ficar aconchegado também.

— Marinheiros já estão acostumados com tempo ruim — ele falou.

— Olhe como está ficando escuro — eu disse.

Nós nos afastamos e eu levei Finn para casa. Quando saímos, o estacionamento da marina estava vazio. Não vi nenhum outro carro ali. Acho que ele esteve vazio o tempo todo, mas o amor pode envolver a gente. Pode ser difícil, então, enxergar longe.

Capítulo 22

Assim que Finn fechou a porta do carro, eu senti uma ponta de inquietação se esgueirando dentro de mim. Olhei em volta, mas tudo estava normal na rua de Finn. A fileira de caixas de correspondência estava alinhada como soldadinhos de chumbo, o vento forte fustigando as glicínias do vizinho e despetalando as flores brancas. Será que vi alguma coisa se movendo? Não, era apenas um cachorro correndo de volta para casa, quando a chuva começou a despencar e cair pesada no teto do carro, no asfalto e nas tampas das latas de lixo.

O céu tinha ficado tão escuro, com as nuvens densas, que as luzes do carro do meu pai se acenderam automaticamente. Os pingos de chuva eram grossos e insistentes. Então, veio um dilúvio e eu tive que dirigir vagarosamente pela cidade e ir para casa. O estrondo da chuva parou e, por um momento, as nuvens clarearam e dava pra ver um pequeno raio de sol, mas que, rapidamente, foi embora. As nuvens negras continuavam a se aproximar, se agrupando e cobrindo o céu uma vez mais, como uma resoluta migração de nuvens sobre a terra plana.

Estava dirigindo pelas dunas agora. As sombras das nuvens passeavam sobre a vegetação. Uma coisa pesada se instalou no meu peito, como se fosse uma tonelada de mágoa. Pavor e, talvez, entendimento. A gente normalmente não sente o destino mudar, mas ele se movia sim, exatamente como essas nuvens, e de um jeito tão definitivo quanto elas. Também era denso como aquelas nuvens. Cheio de algo que precisava se libertar. Fiquei imaginando se Jennifer Riley também sentira isso, quando estava lá nas margens lamacentas do Greenlake. Será que meu pai sentiu isso naquela noite em que ele e minha mãe estavam naquela casa da praia? Será que ele sentiu isso quando ficou lá segurando sua bebida? Será que ele percebeu algo pelo modo como ela estava, os seus olhos ou o jeito como seu quadril encostava-se ao umbral da porta? Ou ele só reconheceu tudo isso mais tarde?

Vi nossa casa na ponta de Possession Point, com todas as luzes apagadas. Estacionei na entrada de cascalhos e desliguei o motor. A casa parecia quieta, vazia. Caminhei rapidamente até a porta da frente, que estava trancada. Minha mão tremia segurando a chave e, assim que entrei, fechei a porta e a tranquei atrás de mim. Parecia idiotice, mas meu coração estava disparado. Imaginei, também, se minha mãe não tinha entendido o destino, mas o sentira se

movendo dentro dela, ao alcance da sua mão, pronto para satisfazer seu desejo. Será que ela sentiu aquilo crescer dentro de si como uma fúria bem-vinda, uma libertação do ciúme e de muita dor, enquanto ele estava ali, sentado, tomando seu uísque. Só de pensar nisso, até mesmo de imaginar o cheiro daquele uísque, fazia meu estômago revirar de náusea.

Chamei meu pai, mas não tinha ninguém em casa. Olhei pela janela, pela lateral da casa perto do deck dos fundos, onde ele guardava sua bicicleta e vi que ele tinha saído. O vento estava assobiando forte. Tudo estava se curvando com a força daquele vento, a vegetação se curvava fortemente e as ondas se inclinavam e a chuva caía em diagonal, à medida que aumentava de intensidade. Fechei as venezianas. Parece loucura, mas eu fui pela casa fechando tudo que podia. Janelas, cortinas e portas dos armários. Uma gaveta do banheiro com o aparelho de barbear do meu pai lá dentro. O armário que tinha a televisão.

Peguei meu telefone de dentro da bolsa e deixei a bolsa bem fechada também. Ia ligar para o meu pai. Não importava onde ele estivesse, eu precisava dele ali comigo. Não queria ficar sozinha naquela casa com aquele vento cortante soprando lá fora. Nunca tive medo de ficar sozinha, nunca. Mas havia um tamborilar da inevitabilidade crescendo dentro de mim, e a presença dele poderia afastar tudo isso, pensei. Alguma coisa precisava interromper essa sensação. Uma pessoa, uma conversa, chaves sendo jogadas em cima de uma mesa, algumas palavras comuns, a preparação do jantar.

Liguei para ele, mas seu telefone só chamava e ouvi a voz dele pedindo que deixasse uma mensagem. Desliguei. Tentei me acalmar falando pra mim mesma que eu estava sendo boba, apesar de saber que não estava sendo boba, e foi quando o telefone começou a tocar bem ali na minha mão e era ele. Era Christian.

Joguei o telefone no sofá, debaixo das almofadas. Senti uma pontada de pânico. Abri minha bolsa novamente, peguei as chaves do carro e as coloquei no meu bolso, exatamente como tinha feito naquele outro dia, na última vez que o tinha visto. Podia ouvir o toque do telefone por baixo das almofadas, e então, subitamente, ele parou. Não sabia o que fazer, precisava fazer algo, mas eu não tinha ideia do que fazer.

Fui até o quarto do meu pai, olhei debaixo da cama e peguei o peso de papel que ele guardava lá. Era bem pesado para o seu tamanho e tinha o formato de uma máquina de escrever, irregular e intrincada, com as teclas imóveis e silenciosas. Levei a peça para a sala e a coloquei sobre a mesinha, na minha frente.

Estava me preocupando por nada. Isso acontecia. Às vezes a gente cria alguma coisa grande na nossa mente que simplesmente não existe. Christian tinha feito isso, e o que ele tinha criado era tão real para ele que era como se existisse realmente. Você pode começar a ver fantasmas. Como a gente pode saber a diferença? Como você pode reconhecer o medo que só existe dentro de você do medo que existe lá fora? Como você poderia ouvir o que era de verdade quando o vento estava golpeando e a chuva caindo pesada, com aqueles fantasmas inquietos se levantando dos mares?

Capítulo 23

Sentei ali no sofá, abracei meus joelhos e fiquei olhando o céu se tornar levemente rosa e laranja no horizonte antes de escurecer. O telefone tocou novamente, debaixo das almofadas. Sabia que devia ser o Finn, mas podia não ser. Não podia parar para ver, porque eu precisava ficar atenta e ouvir tudo à minha volta. O telefone parou de tocar. Fiquei sentada bem quieta ouvindo os ruídos da noite, o oceano, o vento, a chuva, até o ranger da casa, para saber se ele estava vindo.

Então, o ouvi a distância, aquele carro. O carro era um que eu conhecia bem; o som do motor também. Um motor de carro nunca tem um som igual a outro motor, do mesmo modo como o barulho de uma porta ao bater é diferente de outra, ou mesmo os passos de certo alguém, que eu decidi não esperar para ver. Olhei pra fora da janela quando escutei o motor. Vi os faróis e o perfil do motorista. E eu conhecia bem aqueles faróis e aquele perfil.

— Ah, meu Deus — disse em voz alta. Minha voz soou tão forte e tão frágil naquela sala. — Meu Deus — murmurei.

Ele tinha fechado aquela porta no quarto dele, e eu tinha ficado presa naquele canto. Lembrei daquilo e não quis ser encurralada novamente.

As chaves estavam no meu bolso, mas elas não iam adiantar nada. O peso de papel estava na mesa, mas não ia adiantar também. Eles eram armas pequenas e tolas, objetos sem sentidos que não ofereciam nenhuma proteção. Vi as luzes do carro iluminarem a entrada e clarearem a sala, do mesmo modo como o feixe de luz do farol lançava seu clarão. Fui até a porta que levava ao deck dos fundos e a abri, as venezianas balançaram quando as afastei e fui para o lado de fora. Então, lembrei-me de que ele poderia ouvir meus passos nas tábuas de madeira do deck. Ouvi quando ele bateu na porta e chamou meu nome, e então fugi. Disparei pelas dunas em direção à praia e comecei a correr e, ainda assim, podia ouvi-lo gritar meu nome.

A chuva ensopou minha blusa num instante. Ela ficou grudada na minha pele, meu cabelo ficou encharcado e a chuva escorria pelo meu rosto sem parar. Tropecei em pedaços de madeira e pedras até chegar naquele ponto da praia onde a areia era dura e voltei a correr, corri até perceber que ele poderia me visualizar com facilidade ali. Ele daria a volta por trás da casa e veria a porta aberta. Talvez ele entrasse no lugar onde nós tínhamos vivido, invadindo nosso

espaço íntimo, forçando sua entrada onde ele não era convidado. Ele voltaria para o carro e dirigiria pela estrada bem acima de onde eu estava e assim poderia ver minha camisa branca em contraste com a escuridão.

Corri de volta para perto da vegetação, para um amontoado de rochas e me deitei sobre uma pedra enorme, escondida da estrada, sentindo a dureza da ardósia em contato com minhas roupas molhadas, e a frieza da rocha, áspera com areia, no meu rosto. Meu coração estava disparado. Meu telefone ainda estava debaixo daquela almofada do sofá. Achei que estava louca. Parecia que não estava em meu próprio corpo. Foi igual àquela outra noite, quando eu estava dirigindo e vi a loja de munição de armas e a cabine telefônica, e eu estava numa cidadezinha onde outras pessoas moravam, não eu. Agarrei aquela rocha, e a chuva encharcou meu jeans agora, e eu esperei. Não sei nem bem o que eu esperei. Talvez pelo momento exato, por um sinal interno de que tinha chegado o momento certo, e então subi em direção à estrada e a atravessei para ficar o mais longe possível do caminho que ele pudesse tomar.

Corri. Meu peito estava queimando da corrida. Respirava com dificuldade. Rezei para ver meu pai voltando de bicicleta pela estrada, mas então percebi que isso era uma bobagem. Não acredito que meu pai pudesse me salvar, pedalando uma bicicleta desengonçada, assim como aqueles policiais montados em bicicletas ou cavalos, e que não parecem capazes de deter nem um cidadão embriagado. Além disso , não pensava que meu pai sairia de bicicleta no meio deste temporal, com essa chuva e vento incessante. Que tolice a minha. Ele seria inteligente e ficaria abrigado onde quer que estivesse, até que alguém lhe desse uma carona de volta. Talvez da casa de Sylvie, se é que ele estava lá mesmo.

Era lá que ele estava, tinha certeza.

De repente aquilo soou como a resposta certa, embora já estivesse indo naquela direção há bastante tempo. O farol. O lugar mais seguro agora, eu sabia, o lugar mais seguro em qualquer tempestade, era aquela coluna de pedra e a casa do seu guardião, Sylvie e meu pai, e Roger, com os tapetes aconchegantes, xícaras de chá e a presença do meu pai, que não deixaria nada de ruim me acontecer.

Só que ele tinha permitido que algo de ruim acontecesse. Ele não conseguiu, ou não pôde evitá-lo.

A estrada estava vazia, não havia nenhum carro à vista, nem o de Sylvie, nem o de Christian, passando lentamente por aquela chuva. Só eu estava ali agora, caminhando, porque não aguentava mais correr. Vendo as luzes das

casas surgirem na escuridão, o vento assobiando, o barulho das ondas arrebentando violentamente nas rochas, e um barulho vindo de longe, provavelmente uma porta sem dobradiças batendo descontroladamente.

Não conseguia ver o farol apagado daquela distância, mas, então, o enxerguei, porque os sensores devem ter sido ativados e o farol se acendeu e começou a se mover no céu. Fui em sua direção. Tinha um longo caminho à frente, já que eu não tinha nem carro, nem bicicleta, e estava ensopada e começando a tremer. Um carro se aproximou e eu me escondi, e ele seguiu em frente. Era um carro que eu não conhecia. Um gato miou um daqueles horríveis miados, um uivo. Senti aquele uivar dentro de mim, se prendendo lá dentro com meu próprio grito. Levantei-me e continuei a andar, então comecei a correr novamente, porque eu não suportava mais a chuva, aquela noite horrível, aquela estrada, e o som dos meus próprios passos no asfalto.

Subi correndo a trilha curva até o farol. O estacionamento do centro de visitantes estava vazio, mas sim, o jipe de Sylvie estava lá e a bicicleta do meu pai estava encostada no portão. Luzes amarelas iluminavam o andar de cima e, como pano de fundo, lá estava aquele enorme e giratório feixe de luz.

Prendi minha respiração agradecida por ter chegado ali. Meu pai ficaria chocado de me ver parada na varanda, ensopada até os ossos e apavorada. Curvei-me, apoiei minhas mãos nas coxas e deixei o fogo que me queimava o peito diminuir. Parecia algo louco e irreal, os faróis vindo da porta dos fundos eram do carro de Christian. Era real, não era? Era. O vento era mais forte aqui no alto do que lá na estrada. Ele tinha passado de um assobio para um lamento alto em forma de redemoinho, e meus dentes estavam rangendo uns nos outros, e eu me sentia tão distante que não teria tempo de me locomover e chegar até a porta da frente. Então, fiquei ali parada respirando fundo, com minhas mãos no joelho.

Mas eu já estava ali, e então descansei um momento. E num pequeno espaço de tempo Christian surgiu à minha frente. Ele estava ali, de costas para o farol.

— Clara! — Christian chamou e sua voz sumiu no vento e foi levada para longe.

— Não — falei. — Não.

Ele também estava ensopado. A camisa listrada de algodão, seu jeans e seu cabelo grudado na cabeça. Seu rosto estava muito mais magro do que eu recordava. Sua voz era familiar. Ele também era familiar, e ainda estava usando

aquela tira de couro que eu tinha lhe dado no Natal. Isso é que era estranho. Eu ainda o conhecia.

— Pare. Pare por um minuto!

— Fique longe de mim, Christian.

— Você não tem que ter medo de nada, Clara! Você precisa saber isso. Eu nunca machucaria você.

A chuva caía incessante. Comecei a chorar.

— Por favor, por que você não me deixa em paz?

— Você precisa saber que eu nunca machucaria você!

— Você veio aqui para me dizer isso? Você me seguiu até aqui só por isso?

— Não acredito que você achasse que precisaria fugir de mim! Você precisava se esconder de mim? De mim? Você pensa que eu sou um monstro?

Ele se aproximou mais.

— Não! — gritei. — Papai! — berrei. Meu pai iria me escutar. Eu não podia estar em perigo com meu pai a apenas alguns passos de distância, no andar de cima daquela casa, onde a luz amarela estava acesa. A porta iria se escancarar e a polícia chegaria. — Papai!

Minha voz foi levada pelo vento também. Ela foi para o alto e para bem longe daquele penhasco em direção ao mar.

— Você não tem nada para ter medo. Sou eu! Sou só eu!

— Por que você me seguiu? — Eu estava soluçando. Meu rosto estava molhado das lágrimas e da chuva, e meu nariz estava escorrendo.

— Queria falar com você, Clara. Falar. Você não queria falar comigo! Preciso que você saiba que eu nunca lhe faria nenhum mal. Eu só queria explicar!

— Não quero suas explicações, você não percebe? Não quero saber de nada. Você pode precisar dar explicações, mas eu não quero ouvi-las.

Ele não estava prestando atenção, como sempre. Sua necessidade era sempre maior do que o meu desejo, sempre: mesmo ali, parados no alto do

penhasco, sua necessidade era mais importante que a minha, como uma mão tapando minha boca.

Eu deveria sair correndo, pensei. Com toda aquela chuva, meu pai não estava me escutando, mas eu sabia que ele estava ali pertinho. Se pelo menos eu conseguisse chegar até aquela porta. Mas Christian estava na minha frente, e eu o conhecia, apesar de tudo. Seus braços estavam estendidos e suas mãos estavam viradas para cima numa súplica e dava para ver que não tinha nenhuma faca reluzente ali.

Ele me viu amolecer naquele instante. Ele viu isso.

— Clara. — Ele suplicou e deu um passo em minha direção. — Amo você. Nunca lhe faria mal algum. É isso que eu quero que você saiba. Isso é tudo.

— Tudo bem. Agora eu sei. Pode ir embora.

— Eu amei você, e sempre amarei. Pelo amor de Deus, Clara. Tínhamos tantas coisas em comum. Por que você quis jogar tudo fora sem me dar ao menos uma chance?

Era sempre a mesma coisa, não era? Se você ouvisse uma das palavras dele, ele dava de volta mais mil. Se você desse a ele uma das suas próprias palavras, ele suplicaria por um milhão. Era uma carência sem fim, um buraco sem fundo. Era o que o Capitão Branson dissera sobre não manter contato, não era? Porque uma simples palavra podia simplesmente acender o fogo, e um contato como esse era gasolina pura.

— Por favor, pare.

— Quero que você saiba que eu mudei. Não sou mais a mesma pessoa. Aprendi muito. Uma pessoa pode aprender com seus próprios erros! Eu estava errado. O modo como a tratei estava errado.

Ele se aproximou ainda mais e estendeu os braços suplicando. Se ele quisesse, poderia me tocar. Eu mal conseguia respirar.

— Preciso ir.

— Clara. Eu mudei, OK? Queria que você soubesse.

A chuva escorria pelo rosto dele. O jeito dele era tão familiar. O ritmo de suas palavras. Ele estava tão perto que eu podia sentir sua respiração. Sua respiração era tão familiar.

— Se você mudou mesmo, então vai entender porque precisa ir embora.

— Para de chorar, pelo amor de Deus, e me ouça.

O que estava acontecendo nos distanciava mais e mais.

— Não quero ver você nunca mais.

Houve uma pausa, e a luz do farol caiu sobre nós e ele cobriu os olhos com as mãos, e eu também. Naquele momento senti uma esperança idiota, uma esperança de que ele me escutaria, que essa loucura acabaria, que ele voltaria para o seu carro e iria embora. Isso mostra como eu estava enganada, enlouquecida com a minha ingenuidade e com a esperança que as coisas voltassem ao normal, e enlouquecida no meu desejo de estar ao lado de pessoas sãs. Eu ainda acreditava no bom senso. Com a sua presença ali, ele estava provando o contrário, mas eu não conseguia enxergar isso. Ainda tinha esperança de que ele fosse embora, ainda acreditava num final feliz.

E então, como num clique, ele se transformou. Vi isso refletido no rosto dele. Às vezes, uma pessoa leva um milhão de anos para enxergar, mas finalmente chega a hora. Eu o enxerguei com clareza naquele momento e ele me enxergou claramente também. Percebi que minha esperança idiota e os padrões que o faziam ser daquele jeito não iriam mudar nunca. Mas eu poderia. Eu poderia mudar. Eu poderia ver.

— Por causa daquele marinheiro? O senhor pizza? O senhor me-agarra-no-carro-também?

Saí correndo e ele agarrou meu braço, e eu percebi que não teria chance de chegar até a porta e bater tão alto que eles me ouvissem lá de cima. Corri para o único outro caminho que eu conhecia, a trilha para a praia, aquela encosta íngreme pelo penhasco onde meu pai tinha torcido o tornozelo. Tropecei, escorreguei e deslizei com o traseiro, e tenho que admitir que nunca me sentira tão amedrontada e tão ciente do perigo como naquele momento. Completamente apavorada, Deus do céu, um medo que tomava conta de tudo, enfurecido com a feiura e a força do que via. Vi que ele não estava carregando uma faca, mas tinha suas próprias mãos. Arranhei-me toda na descida, ralando a pele das minhas mãos e dos joelhos e podia vê-lo acima de mim, com o feixe de luz circulando em volta dele e cegando-o.

Cheguei até o chão e corri. Ouvi gritar meu nome e dizer que sentia muito, a expressão "sinto muito" foi levada pelo vento para longe.

Eu sabia que ele estava se aproximando. Ouvi seus passos, ouvi-o correr, pelo menos pensei ouvir. Ouvi passos pesados na madeira que me faziam lembrar de sua aproximação, Christian me alçando. Eu não percebi de quem eram os passos, que eram os passos preocupados do coronel aposentado Gerard Yancy de pijama listrados e chinelos, no deck da sua casa de praia, para onde o vento tinha carregado nossas vozes. Pensei que Christian tivesse me alcançado, e eu não conseguia ver nada por causa da chuva no meu rosto, o cabelo molhado nos meus olhos e outras visões que rolavam à minha frente como a tempestade.

Não consegui chegar até o casebre de Annabelle, nem conseguiria chegar até a porta da casa mais próxima, disso tinha certeza. A voz de Christian caía sobre mim, com a clareza trazida pela velocidade e a direção do vento, e eu fiz o que eu tinha que fazer. Iria onde ele não pudesse me alcançar. Agarrei o barco a remo e os dois remos de madeira que estavam enfiados na areia, e que pertenciam ao coronel Gerard Yancy, só que eu não sabia que eles pertenciam a ele. Uma força se levantou dentro de mim, como naquelas imagens que você vê nos livros infantis de monstros marinhos levantando suas cabeças do fundo do mar. Peguei o remo de madeira, senti sua tinta verde desbotada descascar na minha mão e o joguei para dentro do barco. Empurrei-o pela areia até a beira d'água.

Empurrei o barco para longe para pegar as ondas, e então entrei na água, ainda calçando meus sapatos. Estava me mexendo movida pelo pânico. Havia outra voz gritando agora, a do Coronel Gerard Yancy, embora eu não conseguisse escutar o que ele estava dizendo com o vento fustigando meus ouvidos. Tinha que escapar dali, era só isso que eu sabia, e não havia outra saída além dessa.

Lutei para prender os remos nos aros, mas minhas mãos tremiam tanto que eu desisti, e coloquei os remos na água assim mesmo, e comecei a remar forte. Puxei com tanta força e pânico que percebi os músculos dos meus ombros se estirarem. Um pensamento cruzou minha mente: estava salvando a minha vida, enquanto minha mãe destruíra a dela.

As ondas batiam com violência no casco do barco, jogando água para dentro. O mar estava me levando cada vez mais pra longe e eu pude ver a costa ficando cada vez menor. Minha respiração vinha com tanta dificuldade que eu tive que parar para tentar respirar um pouco e limpar a água que caia no meu rosto, e quando fiz isso, vi na praia a imagem do Coronel Gerard Yancy ainda de pijamas e vi outra pessoa também, Christian. Ele não tinha me seguido,

afinal de contas, mas ainda estava no alto do penhasco, na beira do precipício perto do farol.

Alguma coisa mudou dentro de mim naquele instante, eu sabia o que estava prestes a acontecer. Sabia o que Christian faria. O mar estava carregando meu barco para dentro, as ondas batiam sobre ele, e eu senti o desespero tomar conta de mim, senti a confusão no meio daquela tempestade, não sabia mais quem eu era, se meu pai ou minha mãe. Parei de remar. Percebi que fora o medo que me levara até ali. Christian e eu tínhamos ficado juntos no nosso barco, num mar de sentimentos e eu tinha embarcado, e estava disposta a desistir de mim mesma e a me entregar para as ondas que estavam me levando para longe. Eu tinha permitido que ele me dominasse, e me controlasse como sempre quis. Como meu pai também tinha sido dominado desde aquela época e nos anos que se seguiram.

Permitimos que isso acontecesse.

O barco se levantou e caiu espalhando água, e um dos remos desapareceu no mar. Tentei alcançá-lo, mas não consegui. Comecei a chorar quando vi o pedaço de madeira ir embora. Solucei desesperada e dei um gemido alto como aquele gato. Como aquela mãe e suas filhas, no mal fadado navio West Hartland, seu desespero, o desespero da minha mãe, do meu pai, o meu próprio. A água estava tomando conta do barco, vindo em grandes ondas e batendo do lado. Eu chorei e tentei tirar a água pra fora com minhas próprias mãos, mas era demais para mim.

Pude ver, através da chuva, Gerard Yancy começar a correr, mas depois não o vi mais. Ele era baixinho. O vento assobiava e o barco era levado por aquelas ondas violentas, e cada vez mais entrava água para dentro, e eu me lembrei da minha mãe se levantando e saltando do barco. Pensei em Christian subindo naquele corrimão de escada e em Eliza Bishop subindo a escadaria do farol. Estava de joelhos, tirando a água com minhas mãos. Estava chorando e tentando me segurar do outro lado do barco, tentando me salvar, até que me curvei demais, o barco balançou e virou. De repente, eu estava debaixo d'água, com minhas roupas pesadas me puxando para baixo. Minha cabeça estava mergulhada e eu não ouvia nada a não ser bolhas e a profundeza molhada, e meu nariz queimando com a pressão e o frio.

Movimentei-me feito louca e senti o barco perto dos meus dedos. Tentei me levantar para respirar, mas acabei engolindo mais água. Subi novamente. Não estava pensando direito, meu corpo estava apenas tentando sobreviver. Lutei com o peso das minhas roupas e das ondas arrebentando no meu rosto, foi então que eu vi o alaranjado de um colete salva-vidas flutuando ali perto.

Daquele tipo de colete feito de espuma e uma tira preta para amarrar em volta da cintura. Eu o peguei e o segurei, mas não era o suficiente para me manter acima da água, só evitava que eu afundasse.

Chutei, lutei e me segurei naquele pedaço idiota de espuma e tentei não pensar na minha mãe se afundando, como ela conseguira não lutar e tentar encontrar alguma coisa no que se segurar. E então, depois de apenas um instante, escutei o rumor de alguma coisa, algo que surgia e desaparecia, como a água entrando nos meus ouvidos. O estrondo e o afogar de um motor que ficava cada vez mais perto.

Sabia que aquele homem na praia tinha começado a correr, mas não sabia do resto. Não sabia o que tinha acontecido com Christian. Não sabia que Finn tinha me ligado, tinha ido até nossa casa e visto a porta aberta. Ele tinha ido até o farol e encontrara Gerard Yancy esmurrando a porta e gritando sem parar. "Uma garota, um barco". Finn não esperou que meu pai e Sylvie aparecessem, em vez disso, ele pisou no acelerador e foi em alta velocidade até o Obssession, quando notou que Jack tinha levado a droga da chave pendurada no pescoço.

Entendi, que Jack e Finn tinham finalmente tirado o barco do cais e tinham vindo me salvar. E também que a guarda costeira tinha sido chamada, logo depois que o Coronel chegara ao farol. Então, isso significava que o que eu escutei, aquele barulho de motor, eram Sylvie e meu pai correndo na minha direção naquele barquinho dela, e isso significava que fora Sylvie quem desligara o motor perto de onde eu estava agarrada naquele colete salva-vidas. Sylvie e meu pai, que estavam naquele barco temido, no temido mar aberto, me resgataram. Entendi também que Sylvie precisava de outra chance para salvar um filho, e meu pai precisava de outra chance para salvar alguém que ele amava.

Ele estava soluçando enquanto me abraçava, e Sylvie me cobriu com um cobertor, e eu estava tremendo e me agarrei a eles. Estava me segurando naqueles que se importavam tanto comigo que saíram ao mar para me resgatar, e se apoiaram naquilo que era mais importante.

Sylvie pegou meu rosto com suas mãos.

— Acho que agora você vai querer ter o dia livre amanhã — ela falou tranquilamente e então me deu um beijo na testa com muito carinho, pouco antes de ligar aquele motor de novo e nos trazer para casa.

Capítulo 24

Se minha vida fosse um filme, isso é o que teria acontecido: Christian teria subido as escadarias do farol e se jogado lá de cima por sobre o parapeito, igual à Eliza Bishop. Ou teria se atirado sobre as pedras do penhasco, caindo morto e estraçalhado no fundo. Mas não foi isso o que aconteceu. Ele não me matou, nem se matou. Ainda assim, aquela noite, no barco, eu tivera certeza de que ele faria isso, certeza de que ele se mataria, já que acreditava que ele não seria capaz de me prejudicar. Mas nunca saberia isso ao certo, não é? Embora a gente se sinta melhor por pensar assim, não podemos prever as ações de outra pessoa, não mesmo. Outra pessoa é, no fundo do seu coração, desconhecida. E se não podemos conhecer uma pessoa o suficiente, para adivinhar do que ela é capaz, certamente não a conhecemos o suficiente para dominá-la, controlar seu comportamento, lutar, manipular, adular, cuidar ou acalmá-la para fazer o que deve ser feito ou não.

As pessoas sempre farão o que quiserem. O segredo é admitir que não temos controle sobre esse fato.

Christian fugiu assim que meu pai saiu correndo da casa. Ele correu para seu carro, chorando. Meu pai chamou a polícia, furioso. Um policial iria até a casa dele para adverti-lo que ficasse longe de mim. Até mesmo meu pai tinha certeza de que nós nunca mais teríamos notícias dele. No entanto, dois dias mais tarde Christian mandou uma mensagem perguntando se eu estava bem. Como se uma mensagem de texto fosse um modo menor e menos ofensivo de se aproximar de mim. Como eu não prestei atenção a isso, nem reclamei, isso diminuiu sua vontade de aproximação.

Fomos para a cidade no dia seguinte e conseguimos o mandado de segurança.

Capítulo 25

— Clara Pea, você vai ficar furiosa — meu pai falou.

Seus óculos estavam pendurados na ponta de seu nariz. O laptop estava aberto à sua frente, em cima da mesa da casa da praia. Do lado de fora, o dia estava coberto de azul, amplo e cheio de esperanças.

— O quê? — perguntei.

— Descobri o que o nosso misterioso anfitrião faz.

— Você roubou! Você procurou na internet!

— Sinto muito. — Ele não parecia estar sentindo muito, ele parecia bem satisfeito. Ele colocou a xícara com força sobre a mesa. — Você não vai acreditar nisso — ele começou a rir. — Você não vai acreditar o que ele faz.

— Tudo bem, o quê?

— Advinha.

Ah, meu Deus. Isso vai demorar um tempão. Meu pai adorava esses joguinhos.

— Produtor de cinema.

— Não.

— Vamos lá, papai. Existe um milhão de profissões. Um milhão.

Ele esperou.

Merda.

Tudo bem. Não importa.

— Ator. — Ele ainda estava com aquele sorrisinho no rosto. — Ator famoso.

Ele deu uma grande risada há, há, há! E bateu a mão na mesa.

— Isso tá ficando injusto agora, porque você está se divertindo às minhas custas.

— Clara Pea, você está choramingando.

Ele estava certo. Fiquei de braços cruzados.

— Ah, tudo bem — ele falou. Ele se levantou e empurrou a cadeira. Foi até a cozinha e abriu uma das gavetas. Ergueu uma faca. Uma das incríveis ferramentas de cozinha do nosso anfitrião misterioso. Cabo preto e lâmina afiada. Cortava maçãs como se fosse manteiga.

— Uma faca. — Ótimo. Agora, vamos brincar de adivinhação.

Ele levantou outra faca.

— Outra faca — eu falei. Ele levantou outra, e a essa altura meu pai estava rindo como um louco, e eu apoiei minhas mãos nos quadris. — Tudo bem! Um atirador de facas. — Silêncio. — Um artista de circo.

— O Senhor Afiado — ele falou e bateu palma todo feliz. Aquelas palavras não significavam nada para mim.

— Não faço a mínima ideia — falei.

— Senhor Afiado? — Ele me olhou incrédulo por eu não saber do que ele estava falando.

Balancei a cabeça.

— É coisa de gente velha, obviamente.

— Vendedor de faca a domicílio. Tesouras também. Meus pais ganharam um conjunto de presente de casamento, que durou a vida inteira deles. A vida inteira.

— Nosso anfitrião misterioso vende facas de porta em porta?

— Gerente geral agora. Começou por baixo. O território da costa oeste é todo dele. Califórnia. Certamente, vendeu uma porrada de facas, meu amigo. Uma porrada de facas.

— Você está brincando — eu falei. Fiquei desapontada. Já não sentia mais que a casa fosse algo especial. Não como quando a gente pensava que ele era um grande produtor de cinema.

— Clara Bean Oates, o quê? Você está desapontada. — Ele abaixou as facas.

— Bem, um pouco.

— Não!

— Não?

— Seria óbvio demais, pipoquinha. Um produtor de cinema seria o esperado. — Ele sacudiu a mão como se afastasse aquela ideia sem graça. — Vendedor de facas. — Ele sacudiu a cabeça confirmando. — Começou por baixo, de um meio humilde. Comprou um lugar como esse nessa península incrível. É a verdade, Pea. Honestamente. Uma conquista real, não uma fantasia idiota. É isso.

— Humm.

— Pea. — Ele suspirou como se achasse que eu não tinha conserto, e me olhou seriamente. — Não podemos ficar tão envolvidos nos nossos próprios equívocos a ponto de perder a beleza simples da verdade.

**

— Estou preocupado com uma coisa — Finn falou.

Estávamos sentados na mesa, na nossa mesa do lado de fora do A Enseada, no final do cais, do lado mais perto da terra.

— O que foi?

Estávamos de mãos dadas e ele as acariciava com o polegar.

— Que depois do que aconteceu, você fique com medo da água.

Era verdade. Ao pensar na água, lembrei-me repentinamente do peso das minhas roupas e de engolir a água que as ondas jogavam no meu rosto. Do frio que senti deitada no barco de Sylvie. A tremedeira. Eu fechava meus olhos e ainda via aquele remo indo embora.

— Nossos corpos são mais de 70% de água — falei.

— Assim mesmo. — Finn parecia perturbado. — Minha vida é 98% água.

Olhei para o oceano, as ondas ondulando para dentro e para fora, o oceano era o mesmo oceano de bilhões de anos. Certamente existiam fantasmas ali, mas havia fantasmas também naquele chalé fora da cidade, na casa de William Harvard, e havia fantasmas também na pousada do Capitão Bishop, e fantasmas nas margens do Greenlake, e até mesmo nas nossas casas. Havia fantasmas também naquela cabine telefônica de onde eu liguei para salvarem Christian, e fantasmas na quadra onde nos conhecemos. Pensei em mim,

deslizando e escorregando por aquela trilha no penhasco, ouvindo meu nome carregado pelo vento.

— Acho que eu deveria ter medo da terra também.

Finn pensou um pouco sobre isto.

— Você teria que ter medo do seu carro.

Ele estava certo.

— Do farol — eu falei.

— Até mesmo daqui. Desta mesa.

Ele estava certo quanto a isso também. Fomos vigiados daqui. Seria difícil encontrar um lugar onde as lembranças não existissem. Teríamos que nos mudar para um país estrangeiro. Lembrei-me de Sylvie, mas nem isso pareceu ajudar muito.

— Mas eu amo essa mesa — falei.

— Amo essa mesa também — ele disse.

— Então, como vamos fazer para ajeitar tudo? Como vamos lidar com tudo isso? As lembranças boas e as ruins e tudo o que se passara enquanto isso? O passado, o presente e os fantasmas e os vivos? — Olhei para Finn. E realmente precisava encontrar uma resposta.

— Você está perguntando para a pessoa errada — ele falou.

Ainda assim, enquanto eu me sentava ali, acompanhada da presença carinhosa de Finn, do calor do sol nas minhas costas, e da gaivota Gulliver parada ali perto, me sentia completa. A água cintilava melancolicamente, milhões de minúsculos diamantes nas pontinhas das ondas, e aquele cheiro, aquele cheiro fantástico do mar; quando eu respirei fundo, senti imediatamente minha alegria voltar.

— Vou continuar adorando a água — falei.

— Que bom — ele falou. — Porque há algum tempo, eu apostei uma viagem até as ilhas San Juan, caso você continuasse trabalhando com a Sylvie Genovese. E, muito bem, Clara Oates, acho que você vai ganhar a aposta.

Fui visitar Annabelle Aurora. Desci aquela trilha que, sob luz do sol, era apenas uma trilha. Também passei em frente da casa do Coronel Gerard Yancy e vi o barco de cabeça para baixo perto do seu deck traseiro, com um dos remos enfiado na areia. Fui em frente até o casebre de Annabelle e não sei por que ela tinha assumido esse papel na minha vida, uma mulher que sabia das coisas, uma mulher que ficava ao meu lado, mas também se afastava, caso isso fosse necessário. Estávamos ligadas uma a outra, é isso. Era a única pessoa em quem meu pai confiava, como se fosse da família, da minha família também, é claro.

Ela estava usando um caftan, como sempre, de um amarelo brilhante como uma manga, e uma longa echarpe amarela com franjas nas pontas. Seu cabelo grisalho se curvava no queixo. Ela pegou minhas mãos.

— Você foi até o fim do mundo, também, pelos seus próprios motivos. Sou tão agradecida por não perdermos você — ela falou.

— Annabelle, quando encontrei Christian pela primeira vez, eu sabia. Sentia que algo importante estava para acontecer. Algo que deveria acontecer. O amor. Joguei-me de cabeça. Não, pior ainda, eu mesma fui atrás dessa paixão. Nunca tinha tido tanta certeza de alguma coisa.

— Amor ou necessidade? Amor ou desejo? Amor ou fantasmas visitando você no presente? Bem que eu falei, nem sempre o amor é algo puro.

— Mas eu estava tão errada.

— Talvez isso tivesse mesmo que acontecer.

— Mas olhe o que aconteceu!

— Só porque as coisas acabaram mal, não significa que elas não deveriam acontecer.

— Meu pai está certo então. O destino tem um senso de humor cruel.

— Destino. — Ela deu de ombros. Pra ela tanto fazia. — Somos nós que o fazemos, não é? Que colocamos as coisas no nosso caminho para depois tentar descobrir como nos descartar delas? Isso é sempre confundido com amor. Mas talvez tivesse um propósito, não? Olhe o que você sabe agora.

— Você já me disse alguma coisa sobre instinto. Sobre ir embora para tentar encontrá-lo — falei. — Sobre aprender a escutar e a ver.

Ela concordou com a cabeça.

— Aquela noite, no penhasco. Eu entendi. Vi tudo com clareza. E logo em seguida deixei de ver. Quero dizer, eu vi o que nós fizemos e o que aconteceu entre nós, o que sempre tinha acontecido entre nós, mas entendi mal. Sabia que ele poderia me matar ou se jogar naquele penhasco. Não importa o que ele disse, eu senti a verdade naquilo. Mas ele não sentiu nada. Ele não compreendeu nenhuma dessas coisas.

Ela segurou minha mão e fomos sentar lá fora, na mesinha do deck. Sentamos. As gaivotas gritavam no céu, e a sirene comprida de um navio soou a distância.

— Ah, não estava me referindo àquele rapaz — ela disse. — Ouvir e ver não tem nada a ver com prever o que uma pessoa vai fazer. Ah, se pudéssemos fazer isso, a vida seria bem mais fácil, não seria?

Concordei com a cabeça.

— Seria.

— O instinto de saber ver e ouvir não tem nada a ver com ele! Não é sobre o destino! Não é sobre forças misteriosas! É sobre você, Clara. É você confiar nas coisas que sente, prestar atenção aos alertas que ouve. É compreender seus fantasmas. É sobre você não dizer para si mesma que não sabe o que de fato já sabe.

— Tudo bem — assenti. — Entendo. — Acho que entendia.

— Mas, pelo amor de Deus, não ouça tudo o que eu digo. Sou uma velha no meio do nada, numa casa que nem banheiro tem.

E, então, isso foi tudo que falamos sobre Christian Nilsson. Annabelle preparou um refresco para nós, e ficamos bebericando enquanto ela falava das plantas comestíveis da praia. A alface-do-mar e o aspargo marítimo. A alga marinha.

— Você pode se alimentar — ela falou — com tudo que tem bem aqui.

Os últimos dias de verão voaram, exatamente como acontece quando a gente quer que eles durem mais. Passei o restante do mês trabalhando, indo à biblioteca e namorando Finn. Shakti e a irmã dela vieram para cá e passaram um fim de semana conosco. Meu pai digitou como um louco e lia livros imensos, e trouxe Sylvie para dentro das nossas vidas. Dava para perceber a química entre eles, uma mistura estranha de energia efervescente e uma conexão natural que funcionava muito bem. Ela veio uma noite e preparou um jantar maravilhoso, enormes travessas fumegantes de macarrão com molho de

pimentão vermelho, e já tinha ido para casa para ficar com Roger, quando meu pai me chamou antes de eu ir dormir.

— O verão está terminando, Pea — ele falou.

— Eu sei — respondi. Estava percebendo onde ele estava querendo chegar. Eu via o fim de tudo em qualquer canto que olhasse, na loja de presentes do farol, no meu quarto branco da casa de praia e no tec tec dos dedos do meu pai nas teclas do seu computador.

— Precisamos conversar — ele declarou.

E foi o que fizemos. Eu tinha chegado a algumas conclusões e precisava dizer a ele.

Sentei-me perto dele, no sofá.

— Decidi algumas coisas — ele falou.

Dei uma risada.

— Eu...

— O quê?

— Eu ia, justamente, dizer a mesma coisa.

— É mesmo? — Ele pareceu nervoso.

— Estava com medo de lhe falar. — eu disse.

— Clara, não quero voltar — ele falou abruptamente. — Sei que nossa vida está lá, nossa casa, seus amigos... podemos manter a casa, se você quiser. Podemos fazer isso. Você é adulta agora... você pode morar lá sozinha. Mas eu quero ficar aqui.

— Ah, meu Deus, papai. Também não quero voltar. Não sabia como lhe dizer isso, você ficava falando o tempo todo em voltar para casa...

— Porque eu achava que você sentia falta. Sei que você tem Finn, e todo o resto, mas você tem uma vida inteira lá...

— Candidatei-me para um emprego na biblioteca. Você sabe como eu costumava adorar trabalhar na biblioteca. Pelo menos até eu decidir o que quero fazer. Em que faculdade quero estudar. E achei um lugar...

— Um lugar? — ele parou.

— Um quarto. Não ria, fica em cima da loja de caramelos. — Esperei para ver o que ele diria. Era essa parte que eu temia contar. — Eu poderia pagar com meu salário.

Seus olhos de repente se encheram de lágrimas. Os meus também. E então, elas transbordaram e escorreram pelo meu rosto. — Pea. — Ele parecia surpreso, mas era aquele tipo de surpresa que ele já estava esperando. Sua voz tremeu. — Você está saindo do ninho.

— Aquele lugar tem cheiro de manteiga derretida. — Ele riu, nós dois rimos, mas agora as lágrimas estavam descendo pelo rosto dele também. — Vou ficar enjoada com aquele cheiro. Vou visitar você todos os dias — falei.

— Pea, estou tão orgulhoso de você.

— De verdade?

Ele balançou a cabeça, incrédulo.

— Estamos aqui.

— Sim, estamos aqui.

Ele apenas me olhou. Éramos dois idiotas chorões. Ele limpou os olhos com as mãos e fungou. — Meu Deus — ele falou e ficamos nos olhando. Tudo o que tínhamos passado estava ali ao nosso lado. — Pea. — Ele apertou minha mão com força. — Tem uma coisa... — As palavras soaram pequenas e entrecortadas, um sussurro. — Será que um dia você vai ser capaz de me perdoar?

— Será que você vai ser capaz de perdoar a si mesmo? — sussurrei de volta.

— Vamos trabalhar isso, nós dois — ele afirmou.

— Bastam apenas algumas viagens a mais de ida e volta sobre o desfiladeiro — concluí.

O Obssession era grande demais para Finn navegar sozinho até as ilhas San Juan. Então, Finn pegou outro barco da família dele, o Freebird. Ah, meu Deus, o dia estava maravilhoso, o céu tão claro que meu coração se expandiu. Finn me deu instruções e eu soltei a corda que deixava a vela subir e se encher de vento. Sempre tinha sonhado com um lugar real e certo, e era assim que eu me sentia olhando para aquele céu e aquele mar, que se estendiam além do que meus olhos podiam enxergar.

— É todo nosso — Finn gritou e levantou os braços para cima.

— Estamos com sorte — gritei de volta.

Nossas lembranças e os acontecimentos da nossa vida são coisas desorganizadas, gostaria de colocá-los em ordem e fechar essa porta, ou fazer o contrário para que eles ficassem conosco para sempre. Você gostaria de apagar a lembrança de um punho se fechando no seu tornozelo, de uma corda embaixo da cama, dos vidros de remédio do seu pai e da porta que sua mãe bateu com força depois de uma noite regada a vinho e ciúmes. O que você quer, realmente, manter por perto é a sensação daquele primeiro beijo, da folha caída de uma árvore e a sensação de ser você mesma; você quer se lembrar do seu pai na sua última viagem de barco, da calma da sua mãe embalando você. Da voz dela. Mas as imagens são confusas e se misturam todas. Elas assombram como fantasmas, se misturam como convidados numa festa, com culpa e esperança, elas se juntam e vão embora. Elas se curvam e colidem, mesmo quando você ancora e a vela balança num lindo dia de setembro. Mesmo quando o barco balança levemente.

No entanto, quando isso acontece, você percebe que tudo ainda está junto de você. Tudo. Você se lembra. A recordação e aquele vento são as coisas que empurram você para frente.

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=122800260

ESTE LIVRO É UMA DIGITALIZAÇÃO FEITA DE LEITOR PARA LEITOR.

NÃO POSSUI FINS LUCRATIVOS.

Prestigie o autor comprando o livro ;)